

# O GUANABARA.



Quando no dia 1.º de dezembro de mil oitocentos e quarenta e nove alguns homens corajosos publicaram o primeiro numero desta Revista, mui longe estavam de esperar que ella chegasse ao seu terceiro tomo. Foi um ensaio, uma tentativa, como muitas outras que a tinham precedido: Deos porém abençoou a sua obra, e elle, que lê no fundo dos corações, conheceu que nenhum outro pensamento, senão o de promover o desenvolvimento intellectual do paiz, guiava a taes homens.

Sabem os nossos leitores a terrivel crise que teve de atravessar o *Guanabara* durante o anno climaterico e nefasto de 1850. Sua publicação foi interrompida, e só em junho de 1851 é que pode mostrar-se ao publico, provando-lhe que seus redactores não tinham desanimado, e que, á semelhança dos Israelitas, caminhavam através do deserto para a terra da promessa, dirigidos por uma columna luminosa. Algumas irregularidades porém se notaram, apesar da boa vontade e dos heroicos esforços dos seus destros palinuros; entre alguns numeros houveram grandes intervallos, que faziam espalhar o sinistro boato da sua morte. Enganavam-se os que assim pensavam, e por sem duvida não tinham a ventura de conhecer de perto a homens, á quem os laços d'amizade e gratidão nos privam de fazer o elogio. Esses homens eram nimiamente occupados; novos Atlantes, suportavam sobre os seus hombros o Olympo das letras patrias; tinham resolvido o problema da ubiquidade, mas ainda assim faltava-lhes o tempo para escreverem com assiduidade para esta Revista. O publico, nem sempre justo, retirou-lhe quasi que totalmente o seu auxilio, cerrando os ouvidos ás razões allegadas pela redacção; o *Guanabara* vacilou sobre o seu pedestal, sua ruina era certa, quando uma voz PODEROSA fez-se ouvir, e o lazaro da imprensa levantou-se do seu sepulchro envolto no sudario da immortalidade! Graças a essa GENEROSA E AUGUSTA PROTECÇÃO, o *Guanabara* tem a sua existencia segura: os mais brilhantes talentos illustrarão suas columnas, e a myrrha da intelligencia ser-lhe-ha trazida de todos os angulos do imperio. Era porém preciso quem recebesse os tributos que a piedade

litteraria levava ao templo, que velasse sobre o seu asseio, que fosse n'uma palavra seu ostiario; então o nosso obscuro nome foi pronunciado, e nós recebemos com ufania o lugar que se nos assignava.

Em Setembro do anno passado os leitores desta Revista viram a um neophyto das letras, conscripto do grande exercito da imprensa, associado á grandes illustrações do paiz. Era uma grande honra que se nos fazia; ella porém não nos deslumbrou: sabiamos o posto que nos tocava, e procurámos desempenhal-o tal, como nol-o permittiam nossas forças. Recebemos as oblações, que nos eram mandadas, e as depositámos sobre as aras, cuja guarda nos era confiada. Auxiliado pelo reconhecido zêlo e solicitude do nosso digno edictor fizemos sahir todos os numeros com a mais escrupulosa pontualidade. Não ha mais razão de queixa: o *Guanabara* está em dia; e se nos fosse permittidó, diríamos que se ha falta de variedade em seus artigos, é esta originada pela actual e momentanea esterilidade da nossa litteratura. O genio está de incubação; grandes obras se preparam; mas o movimento litterario é escasso, e diremos quasi mesquinho. Já uma vez dissemos— a época é de transição: quando o thermometro subir, mais interessante será a nossa Revista.

— Temos as mais bem fundadas esperanças que o anno de 1855 ser-nos-ha benigno; pois que além dos elementos com que sempre contamos, algumas novas e valiosas collaborações nos estão promettidas por pessoas, que de nós exigem que occultemos seus nomes, com um sigillo quasi sacramental. Cumpre respeitar suas vontades por dever e até por interesse. Alguns lidadores pelo contrario estão resolidos a entrar n'arena com viseira alçada: nossos leitores conhecel-os-hão em breve, e tomem o nosso silencio ácerca dos seus nomes como uma agradável surpresa que lhes preparamos.

Seguindo o nosso programma, aperfeiçoal-o-hemos quanto nos fôr possível, não fazendo novas promessas com receio de faltar a ellas. O *Guanabara* deseja antes ser julgado pelos seus actos, do que pelas suas palavras: sentado á sombra d'uma arvore mais gigantesca do que o cedro do Libano tem fé no futuro, e aguarda o triumpho das suas idéas.

O Conego *Dr. Pinheiro.*



# OUTRO FRAGMENTO.



## VISÃO I.

Em seu mensor dormir o envolve em sonhos  
Noute mais densa, mais medonha noute  
Que noute de tormenta! Em torno atroa-lhe  
Estrepito medonho, indefinível,  
Qual de peleja batalhada entre homens,  
Onde de mil canhões, de mil bombardas  
Se mistura o estampido com o estrondo  
De brancas armas, com o fragor dos carros,  
Que vão por entre os batalhões rodando,  
Com o féro som do relinchar dos brutos,  
Com a gemebunda voz dos moribundos,  
E com o rabido écho de assassinos!  
Em tanta, lhe é de certo, inusitado  
Confusão, mui difícil, o ribombo  
Discriminar qual seja. E treme em sonhos!  
Por elle não, mas só pelos que morrem,  
Que elle morrer não teme! Sem que assome  
Astro, que a amilta, enceta luz etherea  
De luzir no horizonte; qual nos pólos  
A aurora boreal soe de brilhante  
Sua luz derramar, mesclada em sombras  
E o mystico clarão, que exige o Olimpo,  
S'ergue de amplo horizonte em torno ao globo  
A, no zenith d'então, fechar seu circulo;  
Qual lago circular, que o sol mirrara,  
Cuja bacia, como um prato, o sólo  
Se enverga, sobre o centro amontoado,  
Ficando rebaixado pelas orlas;  
Que ao receber dos céos a chuva em copia,

## GUANABARA.

Das inundadas margens, para o centro,  
 Crescem as aguas a cobrir-lhe a c'roa;  
 Taes se agigantam do horizonte as nuvens  
 Para a face dos céos roubar aos homens.

De diaphano o ar, por entre os atomos,  
 De quedos mares sobre a vitrea face  
 Tão puro azul os céos cahir deixavam,  
 Que entre dous céos as auras simulavam  
 Correr na vastidão do espaço immenso.

De rosea côr a terra apavonou-se;  
 E o celeste clarão, que os céos abarca,  
 Medrando em seu fulgor, tão presto galga  
 Em rapida ascensão, que em leve tempo,  
 A toda a luz do sol, sem seus queimores,  
 Venceu. Tanto excedia ao sol em brilho.  
 E um dia já mais claro do que o dia,  
 Que o sol á terra manda, a terra esmalta.

Da sacra luz dos céos santo diluculo  
 Esse dia immortal fôra... quem sabe?!  
 Si em Paços do Senhor crepusculo houvera!

O' Luz suprema, que no immenso dia  
 Da primeira, divina maravilha,  
 Cahiste em turbilhões da voz, que os seres  
 Entornava copiosa em seus mysterios;  
 O' Ar suave e puro, quando docil  
 Em sublimes torrentes recebeste  
 O luminoso, fluido oceano,  
 Para testemunhar, de espanto cheio,  
 Os milagres, que alar-se iam no vacuo;  
 O' Terra, que brotavas portentosa  
 D'entre a gleba e a mica, a argila e o talco,  
 No recente existir, gratos prodigios,  
 Que o vegetal imperio assoberbavam,  
 Quando á uma só palavra transformado  
 O nada em ser, ornava a natureza!

Eras mais bella, ó Luz, que esta tão bella?  
 Eras mais puro, ó Ar, que este tão puro?  
 Era mais grata, ó Terra? não... quem sabe?  
 Só Deos, que os anjos ante os seus arcanos  
 Tremem venerabundos distendendo  
 Debaixo de seus pés azas de fogo.

No meio dessa luz, que em tanta gloria  
 Suprema emanação do Êmpyreo baixa;  
 Soltando um dubio som, que não teterrimo  
 Pavor não cala n'alma, sem que nuvem,  
 Que oscilla preenhe d'horrida borrasca,  
 O dispare, no espaço rola altissimo  
 Trovão mysterioso, e tal, que delle  
 Nos céos dirieis o rodar do carro  
 Do Sempiterno Rei, que alados tiram  
 Veloces Cherubins, com igneas azas  
 Em seu solto adejar; de igual que troa  
 O som desse rolar! Ouviu-lhe o estrondo  
 A terra, e estremeceu... de medo, ou jubilo?

Ora ao longo do mar, qual si potencia  
 Filha do Inferno, de terrivel Mago,  
 Pelas leis de diabolicos mysterios,  
 Ao derrocar de penhas presidisse,  
 Ao desabar de nemorosas serras;  
 Montanhas sobre valles se aplainaram  
 E um prado immenso se ostentou na terra...

Em tanta vastidão, de vasto que era,  
 A vista d'homem não lhe achára meta  
 Em tão longe horizonte, onde curvado  
 Sobre o verde do campo o azul da esphera,  
 Atavam-se em cisura os dous extremos;  
 E limitava o amplo desse circulo  
 A' lynceos, claros olhos, que afanados  
 Teimassem rastreando rareal-o,  
 Que cederam do pleito de corridos  
 Quanto mais porfiosos se ostentassem.

Simultanea ao trovão, prodigio novo  
Pela face do globo, sem crestal-o,  
Qual lampejo, ondulou celica flamma,  
Turbilhonando em luminosos vortices,  
E ardeu de pólo a pólo, e ao céu volveu-se !

No crysol do Senhor purificada  
Pela chamma do-céo, se esmeraldava  
A terra, que a sorrir-se ornamentou-se  
De pompas vegetaes, que a apavonaram,  
Como no Eden a terra endeosada  
Antes que o crime lhe abrolhasse a fronte !

Sorrindo ao novo aspecto d'universo  
A terra de seu gremio germinava  
Magas até então não vistas galas !

O penetrante espinho, o crespo abrolho,  
A parasita planta, herva nociva,  
Venenoso reptil, e a féra indomita  
Peceram então, e as arvores todas  
Com seus fructos soberbas se envergaram !

Neste ridente, portentoso prado,  
Todos os homens das nações da terra,  
Com ar solemne, com aspecto de anjos  
Começaram d'entrar com firme passo.  
De uma tal reunião pejou-se o prado,  
E hem-dirieis que as nações do mundo  
O seu ultimo homem aqui mandaram !

Graves matronas, pudibundas virgens,  
De seu alvitre, aqui concordes todas,  
Cortaram logo suas bellas tranças,  
E com ar senhoril, modesto, e bello  
Depòr as foram n'um só ponto dado.  
Os paes bateram de prazer as palmas,  
E os irmãos e os filhos, e os consortes  
Sacros hymnos unisonos cantaram !

Tomaram os varões as tranças todas,  
 E com ellas tecendo um throno ingente  
 Grave matrona de divino porte  
 Fizeram se assentar no ápice delle !  
 Entre meio de tanto ajuntamento  
 Unico tremulava em hasta d'ouro  
 Sacrosanto de paz pendão virgineo,  
 Lirio suave, que beijavam auras  
 Onde do Christo a Cruz aurea fulgia.

Ou todos eram ricos, nobres todos,  
 Ou todos pobres, e plebeos: mas eram  
 Concordes todos em cabaes virtudes !

Presidindo a matrona a tantos homens,  
 Servidos foram de frugal banquete,  
 Banquete de familia ; qual nos lares  
 De respeitavel pae, aos filhos caros.  
 Partiram-se as nações, findo o convivio,  
 Em grave passo, regular na marcha,  
 E com dupla harmonia, em seus transportes  
 Echoava nos céos este hymno augusto.

#### HYMNO DAS NAÇÕES.

Nossas filhas, irmãs e as esposas,  
 Immolaram com a propria mão  
 Seus encantos, que muito prezavam  
 Nos altares da santa Razão.

Des de agora na face da terra  
 Não ha mais do que uma só nação,  
 E as leis porque todas se regem  
 São dictames da santa Razão.

Gloria á Deos, e prazeres á ti,  
 O' do mundo feliz cidadão !  
 E' chegado o feliz quinto Imperio,  
 O Imperio da santa Razão.

---

## O BRASIL E O ANNUARIO DOS DOUS MUNDOS.

Voilà comme on écrit l'histoire.

E' admiravel a maneira porque somos julgados na Europa, ainda por aquelles, que deveram ser mais circumspectos em razão do eminente posto, que occupam no jornalismo. Os factos os mais innocentes da nossa historia são envenenados, e o nosso character, as tendencias do nosso governo descriptos de modo inteiramente falso. Nenhum dos leitores ignora que a *Revista dos Dous Mundos*, publicação de summo interesse e para a qual escrevem mui doudas pennas, costuma mimosear os seus assignantes com um volume contendo a historia politica e diplomatica de todas as nações do globo no curso d'um anno, sendo conhecida esta collecção pelo nome de—*Annuario dos Dous Mundos*—. Como era de esperar, tivemos o nosso lugar neste vasto repertorio e é contra algumas das suas proposições que julgamos do nosso dever protestar solemnemente.

Depois de narrar com exactidão os acontecimentos, que levaram ao poder o Senhor Marquez de Paraná, a politica de conciliação por elle inaugurada, passa o chronista a fallar dos negocios do Rio da Prata, ácerca dos quaes, seja-nos permittido dizel-o, nem sempre guardou as raias da verdade, revelando as suas palavras grande indisposição contra nós.

Chamamos a attenção dos nossos compatriotas para o seguinte paragraho:  
« A anarchia da republica d'Uruguay é uma ameaça permanente para as  
« suas provincias do sul, maximè para a do Rio Grande, limitrophe do  
« Estado Oriental. Infelizmente o interesse que manifesta o Brasil pelos  
« negocios orientaes parece muitas vezes exceder os limites de que é devido  
« á sua propria segurança. Suas intervenções tem a apparencia, senão  
« d'um ensaio de incorporação destas provincias, ao menos d'um acto  
« d'alta *suserania*, que tende a tomar um character normal. »

Para demonstrar proposições tão inexactas o autor vê-se na necessidade de adulterar os factos dando physionomia diversa ás nossas relações internacionaes com as republicas do Prata. Pinta-nos como arrancando pela força os tratados de 12 de Outubro de 1851, faltando com malicia ao subsidio pecuniario, que tinhamos promettido para que o Estado Oriental

se pudesse organizar regularmente, favorecendo por intermedio do nosso ministro, o Sr. Paranhos, as scenas sediciosas de 18 de julho, que serviram de prefacio á abdição do Sr. Giró, e finalmente a chegada á Montevidéo do Sr. Amaral, como um novo Menschikoff.

Todos os que seguiram com attenção a marcha dos acontecimentos, que tiveram ultimamente lugar nas margens do Prata, sabem o que ha de falso em semelhantes asserções, e devem ficar estupefactos vendo o *aplomb* com que se assassina a verdade. E' impossivel mostrar-se mais generosidade, maior abnegação do que mostrou o Brazil na lueta travada com o *tigre de Palermo*, protegendo com todo o seu poder, com o immenso prestigio da monarchia a populações fracas e exauridas por uma longa guerra civil. Nosso dinheiro nos procurou alliados, a nossa esquadra e o nosso exercito se cobriram de louros em *Tonstero* e em *Moron*, obtendo o que as duas maiores nações do mundo tinham em vão desejado. E abusamos da victoria depois de tão grande triumpho? Ninguem de boa fé o dirá. O tratado de limites, que então celebrámos, é baseado sobre o principio do *uti possidetis*, apressamo-nos em retirar as nossas tropas, e até recusamos recuperar nossas bandeiras que a fatalidade, ou a impericia haviam entregue ao inimigo em Ituzaingo. Fizemos mais: a Republica Oriental se achava nos ultimos apuros financeiros, e o Brazil lhe franqueou seus cofres: a ordem publica não estava consolidada, os *blancos* e os *colorados* se disputavam o poder, e sem nos ingerirmos nas questões internas promettemos nossa assistencia ao presidente, legal. Quem assim procede é ambicioso? Mas diz o escriptor a quem respondemos:— o Brazil deixou cahir o Sr. Giró, que implorava o seu auxilio e foi dar a sua protecção ao Sr. coronel Flores, chefe dos insurgentes. Para responder cabalmente a este topico, ser-nos-ia preciso fazer a historia do que se passou em Montevidéo depois da submissão d'Oribe, e da queda de Rosas, cuja historia não é desconhecida ao illustre autor do *Anuario*, que sem duvida leu os debates do nosso parlamento e sabe quanta luz derramaram sobre esta materia os importantes discursos do nobre presidente do conselho de ministros. A materia, a nosso vêr, se acha exhausta e nada mais fariamos do que repetir o que tão bem se disse.

A occupação de Montevidéo por uma divisão do nosso exercito, que tanto parece incommodar ao escriptor francez, foi reclamada em virtude dos tratados pelo governo oriental e approvada pelas camaras. Não entramos ali como denominadores e sim como amigos e auxiliares da ordem, que sem nós era impossivel fazer observar. Pagamos aos nossos soldados como se estivessem em qualquer das nossas provincias, e em nada são elles pesados aos nossos vizinhos. Não é um protectorado que queiramos estabe-

lecer, não são tão pouco vistas conquistadoras; porque se tal ambicionássemos outro seria o nosso proceder. O *Annuario* se quizesse ser justo, e despisse por um momento a aversão, que párece consagrar-nos, veria no seu proprio paiz exemplo daquillo mesmo, que tanto condemna no nosso. Os exercitos francezes occupam Roma e Athenas e o vosso governo protesta á face da Europa que não exerce sobre os Estados da Igreja nem sobre a Grecia o menor protectorado, e que semelhante facto é unicamente filho das circumstancias especiaes, em que esses paizes se acham collocados. Pensamos que o direito que tendes de ser acreditados nos é tambem extensivo.

Não podendo o *Annuario* recusar os seus elogios a linguagem e verdadeiramente nobre, que caracteriza a circular do Snr. visconde de Abaethé, de 19 de janeiro de 1854, busca attenuar a favoravel impressão que tal documento produziu nos circulos politicos e diplomaticos fazendo uma sophistica distincção, e attribuindo ao governo imperial dous systemas um ostensivo e outro occulto: dest'arte ao passo que proclama os sãos principios do direito internacional lança mão da intriga e das machinações tenebrosas para fazer triumphar seus planos d'avassalar as republicas visinhas. Ha tão pouca lealdade em semelhante accusação, que julgamos mais acertado entregal-a ao desprezo.

Não lhe escapou a famosa questão da livre navegação do Amazonas e para ser coherente com a boa vontade, que nos testemunha em todo o seu trabalho, diz-nos que a França e a Inglaterra reprovam a politica que a tal respeito temos adoptado, e nos ameaça com a insolita pretensão dos Estados-Unidos, formando quasi votos para que ella seja levada á effeito. Responderemos a isso com o verso italiano

Tra la spiga e la man qual muro e messo.

Termina a sua diatribe dizendo que a nossa historia contemporanea é um composto de esforços intelligentes e de grande inercia, de ambições e fraquezas. Repellido com toda a energia de que somos capaz semelhante corollario dizemos que o Brazil é um dos paizes que desde a sua independencia mais tem caminhado na estrada da civilização, e que nestes ultimos annos seus progressos tem sido tão espantosos que poucas nações o pódem igualar, sobretudo se quizermos attender as difficuldades quasi insuperaveis com que tem de lutar, difficuldades provenientes de causas, que não examinaremos aqui, mas que serão totalmente anniquiladas pela dedicação de seus filhos, e mais que tudo pela graça ineffavel que do céo recebeu na pessoa do seu IMPERADOR.

Conego, Dr. Pinheiro.

## INSTITUTO IMPERIAL DOS MENINOS CÉGOS.



Impellido pelo sentimento de gratidão, fomos levar ao illustrado Snr. Dr. F. Sigaud os nossos profalcos de respeito, e pela primeira vez ter o prazer de conhecel-o individualmente, e mais que muito aprecial-o de perto, e ligar seu nome illustre á estimavel pessoa, que ainda não conheciamos. O annuncio de nossa presença foi acolhido com promptidão, e sem nenhuma demora appareceu-nos o illustre humanitario, como que muitissimo satisfeito da nossa inesperada visita; e ao depois das trocas de palavras e sentimentos de urbanidade, depois mesmo da nossa variada conversação, o illustrado humanitario convidou-nos a vêr o importante estabelecimento que elle digna e philanthropicamente dirige. Seguimos o honrado ancião, e por toda a parte que lançavamos nossas vistas, viamos a curiosidade e asseio á par do interesse que a humanidade inspira a um coração bem formado, como possui o illustrado Snr. Dr. Sigaud. Em uma das salas do formoso edificio, vieram a nós a Exma. esposa do honrado humanitario, trazendo em um braço uma Senhora cega, e pela mão uma menina de 6 annos, pouco mais, tambem cega; disse-nos ser aquella Senhora filha sua, e aquella innocentinha, uma sua educanda. Ahi e logo contado-nos as boas prendas da interessante menina D. Anna Rodrigues de Farias, pediu-lhe que fosse escrever e lêr para nos obsequiar, o que fez sem nenhum constrangimento; e ao depois que fosse ao piano tocar alguma cousa para nos lisongear. Findo este acto, o illustre medico, já acompanhado de toda essa communhão de infelizes, a quem a cegueira lhes privou dos encantos da vista, se dirigiu para a sala de visita, onde elles tomaram seus lugares. Convidou-nos para vêrmos o mais do estabelecimento, e o jardim destinado para o recreio dos cégos, e quando na volta á casa nos explicava o Snr. Dr. Sigaud o modo dos divertimentos dos seus protegidos, ouvimos com espantosa emoção as vozes celestes de um côro de anjos, que ao som de um armonium, cantavam — *Dominum salvum fac imperatorem, etc.*

O lugar e as variadas sensações, que a musica e o canto em nós iam produzindo, levou-nos á casa mais rapido possivel: e qual não foi o

nosso espanto ao vermos o grupo mais interessante, o espectáculo mais sublime que poderíamos presenciar! Seis crianças perfeitamente cegas, aos lados da interessante filha do Snr. Dr. Sigaud (céga) cantando, alegres como que nada sentissem do seu infortunio, e cada qual se esforçava a desprender sons apropriados á harmonisar o canto. Uma lagrima nos arrancou dos olhos a presença dessas creaturinhas cegas, por sua resignação. Era sem duvida a primeira vez que viamos um quadro tão pathetico, como aquelle que tínhamos ante os olhos. Extasiado, olhavamos para o venerando Snr. Dr. Sigaud e para a sua virtuosa Esposa, como os enviados do céu, á esta terra, e nos não fartavamos de contemplar a todos com profundo respeito e com admiração mesmo, por vêr até que ponto os sentimentos de humanidade, de bem fazer o homem no infortunio, suaviza-lhe os dias, ou por outra dá-lhe satisfação pelo ultrage que lhe fez a natureza. Em seguida, canta mais o interessante côro, um cantico sagrado em verso portuguez, composto pelo illustrado Snr. Conego Dr. Fernandes Pinheiro.

Era preciso tambem mostrar-nos que a instrucção musical do instituto dos meninos cegos, era mais ampla e para o que tocaram em commum a interessante D. Anna Rodrigues de Farias com sua mestra a Exma. Snra. D. Adelia Maria Luiza Sigaud. Esta Snra. cheia de amabilidade entreteu-nos por algum tempo tocando no harmonium os *Puritanos*, pedaços do *Ernani*, do *Trovador* e outras peças de igual merito. Findo isto passámos a sala dos exercicios, e presenciámos os cegos escreverem e lerem com a maior facilidade possivel, e mesmo andarem sem guia.

A candura com que são tratados; o interesse que os dignos directores tomam pela sorte desses desgraçados, os sentimentos verdadeiramente christão com que dirigem os filhos do infortunio o Snr. Dr. Sigaud e sua virtuosa Esposa, estão ácima de todo o elogio. Nós que tudo presenciámos com respeitosa curiosidade, faltariamos a um dever senão revelassemos ao paiz o merito inqualificavel do estabelecimento, talvez o mais importante para a humanidade, que possui o imperio do Brazil.

*Dr. Mello Moraes.*



# VIAGEM NO MEU GABINETE.



As viagens de exploração scientifica pelos campos e sertões do Brasil, são em geral pouco procuradas pelo publico, que hoje ambiciona distrahir-se em vez de dedicar-se a serios estudos. Talvez fosse melhor para instruir o povo sobre cousas que ignora, e que dizem respeito ao paiz, trilhar a senda dos escriptores De Maistre, e Alphonso Karr, publicando viagens á imitação de — *Voyage autour de ma Chambre, autour de mon jardin* — Um litterato portuguez escreveu o quadro historico de sua terra, sahindo da cidade do Porto com direcção á villa do Conde; delineou factos pouco conhecidos no seu opusculo modestamente intitulado: *Um passeio de littera*. Hoje que todos pôdem contar de suas viagens, por mais acanhadinhas que sejam, animo-me a soltar algumas palavras ácerca da exploração do Brasil que encetei em poucas horas, sem locomotiva, deitado em uma poltrona coberta de livros e folhetos no fundo de meu gabinete de estudo. Um escriptor que tem prestado serviços ao Brasil, o coronel de Labeaumelle, que costumava escrever, comer e dormir deitado em uma rêde de dendezeiro, nunca experimentou as alternativas de illusão e desencantamento que provei em tão rapidas horas: não foi o palpito do temerario gaúcho que quiz, montado em avestruz, visitar as varzeas da Cisplatina, nem as emoções de uma exploração em canôa nas immediações das catadupas do Paulo Affonso; foi um vivo sentimento, um clarão de alegria, seguido da mais aniquiladora decepção.

---

Realisou-se a viagem sem roteiro nem mappas; a desconfiança ou preconceito que sinto contra as que costumamos consultar, faz-me repellir tão vantajoso auxilio. Viajei á carga cerrada com livros e consegui folhear as obras inglezas e francezas que mais conceito merecem no que dizem do Brasil.

A illusão foi viva, e ephemera a decepção cruel, e permanece ainda em toda sua terrivel aniquilação. Triste é alistar erros; tirando dos livros publicados sobre o Brasil, por escriptores estrangeiros, o que encerram de ver-

dadeiro, sensato e util, pôde-se facilmente compôr um volume dos erros, das criticas exageradas e dos ridiculos equivoccos que se encontram mesmo nas obras as mais acreditadas.

Desde o Thevet, que pintou um quadro fantastico da bahia Guanabará até a viagem de Rienhoff em 1640, poucas investigações se acham desfiguradas. A' medida que os estrangeiros aportam ás praias do Brasil e frequentam os portos franquiciados ao commercio, então surgem as obras de Mawe, Grant, Lindley, Koster, Walsh, Kidder, Graham, as quaes succedem em tempo mais recente Blanchet, Dórbigny, Gardner, Jacquemont, Warden. Dellesert Joan e Burmeist.

No seculo passado Cook e depois Banon trataram menos mal a cidade do Rio de Janeiro; a historieta dos ramos e ramalhetes de flôres que das janellas foram lançadas ao capitão inglez recorda os limões de cheiro do fallecido entrudo. O poeta cavalleiro Parny regalou-se de dansar, de namorar com D. Thereza e de passeiar pelas barracas da feira da Gloria. Mr. de Mandave, que esteve em 1756 com o famoso general Lally no Rio de Janeiro, presenciou a expulsão dos Jesuitas de seus conventos e falla bem do paiz sem excesso nem erros. Os escriptores e viajantes do seculo passado conservaram a polidez aristocratica; por vezes indifferentes, nunca grosseiros.

Ficava reservado aos viajantes do nosso seculo o soltar erros e grosserias. A' frente se apresnta Mr. Grant, que divide o Brasil em 14 provincias, dando-lhes os nomes de provincias do Rio das Velhas, de Tamaracá, de Ponte Seguro, appellidos que nunca a metropole portugueza lembrou-se de dar ás antigas capitánias. Outro viajante inglez assevera que em 1809 a população do Rio de Janeiro contava tres mil brancos só e quarenta mil pretos, sem se lembrar que com a chegada do Snr. Rei D. João VI e a vinda dos portuguezes, logo ella subiu á mais de vinte cinco mil brancos. Mais generoso foi o Padre Walsh, aliás muito injusto para o Brasil, quando inventou que havia em 1830 no Rio de Janeiro quatorze mil francezes estabelecidos. O escriptor prussiano, que escreveu na Revista Britannica de 1829 um artigo sobre o Brasil, declara que no Rio de Janeiro bebia-se unicamente o leite das amas pretas. Os que se lembram qual era o espirito do illustrado Evaristo Ferreira da Veiga ainda conservam saudades da jocosa resposta que veio em um dos numeros da *Aurora Fluminense*. Menos feliz foi o principe Adalberto da Prussia, quando sonhou que de Botafogo até ao Paço de S. Christovão as praças e ruas achavam-se plantadas de arvores. Estava sem duvida o principe adornecido, ou quiz lançar um epigramma contra as camaras municipaes.

Os monumentos, ou edificios publicos ficam muito compromettidos com os geographos e escriptores europeos: o Cauchas teima em collocar a Candelaria em cima do Corcovado. D'Orbigny tambem leva para o mesmo Corcovado a Igreja de Nossa Senhora da Gloria; o Dickinson se encolerisa para manter o *a* em vez de *o* e repete ilha das Cabras e não das Cobras. O official da esquadra napolitana vê o tumulo do almirante Dugay-Trouin em cima da Igreja de Nossa Senhora da Boa-Viagem, e o convento de Santa Thereza em cima do Morro da Gloria.

Cada um pôde, como a gralha da fabula, enfeitar-se com pennas alheias, e vêr, segundo a imaginação, castellos onde figuram tristes choupanas; porém o que não se perdôa é inventar gratuitamente grosseiras proposições. Onde aprendeu o Dr. Ivan que a lingua portugueza era um *patois*, um vasconso e em que parte d'África andou para asseverar que os feijões pretos era uma comida propria para manter na pelle a côr negra. Sem duvida acreditamos que o champagne do Hotel Pharoux exaltasse a cabeça do medico da legação franceza; felizmente o Dr. Ivan regressou da China melhor de juizo; pois a segunda edição de sua viagem não relata as asneiras da primeira.

O professor Burmeister é o ultimo que escreveu sobre o Brasil; a sua obra faz-me esquecer das de Southey, de John Luccock, da historia de James Henderson e mesmo do Constancio; o professor examina os terrenos, as pedras, os morros e os valles, acha tudo o que provém da natureza no melhor estado possivel como outr'ora achou seu bom patricio o Dr. Pangloss; porém as obras dos homens lhe parecem todas incompletas. Segundo a sua observação, não ha no Brasil um edificio publico concluido; o provisorio domina todo, nada se acaba.

E' lastimoso o quadro que o Jacquemont fez da moralidade brasileira; custa a crêr que o Chavanes inventasse tantos improperios, se não foi o que escreveu sobre o Brasil inspirado pelo genio da mystificação. Os erros e as asneiras constituem uma molestia das mais contagiosas, o mal pega logo, e se propaga aos geographos de maior consciencia e luzes. Mentelle, Gouthrie, Balbi, Maltebrun não são isentos de erros nas descrições que deram do Brasil; Milliet de St. Adolphe costuma voltar em muitos artigos as costas á verdade, e todavia o seu dicionario foi corrigido por Caetano Lopes de Moura. No artigo Marambaia, o Milliet disse que era povoada pelos Indios Tupis. Responda o commendador Joaquim Breves, actual proprietario da ilha!

Quando lord North sustentou a guerra de Inglaterra contra a inde-

pendencia dos Estados-Unidos do Norte-America perante o parlamento, cahiu nos mais palpaveis erros ácerca da geographia das antigas colonias inglezas. Muitas vezes o mesmo espirito cegou certos ministros em França por occasião de fallarem na tribuna das cousas da America do Sul. Porém!... aqui vêm o livro do Beauchamp, com suas palavras allisonantes e suas pinturas gigantescas das matas do Brasil!... aqui vêm montado sobre um monstruoso Jacaré o caçador inglez, que percorreu todas as provincias do Norte para caçar mutuns, jacús e colliangús! Paremos, e até logo a visita das matas e dos guaraz!...

*Dr. Sigaud.*



# BIBLIOGRAPHIA.



## VICENTINA

**ROMANCE DO SNR. DR. J. M. DE MACEDO.**



O romance é d'origem moderna ; veio substituir as novellas e as historias, que tanto delectavam a nossos paes. E' uma leitura agradavel, e diriamos quasi um alimento de facil digestão proporcionado a estomagos fracos. Por seu intermedio pôde-se moralisar e instruir o povo fazendo-lhe chegar o conhecimento de algumas verdades metaphysicas, que aliás escapariam á sua comprehensão. Si o theatro foi justamente chamado a escola dos costumes, o romance é a moral em acção : o romancista tem ainda mais poder do que o dramaturgo ; este só falla a alguns centenaes de pessoas, cujas posses e occupações lhes permitem de frequentar os espectaculos, e aquelle dirige-se á numerosa classe dos que sabem lér. Penetra no palacio e pousa sobre o esplendido bufete do rico e do nobre, sobre a meza de trabalho do litterato alcatifada de livros, folhetos e jornaes, dando a imagem perfeita do cahos, ou então penetra no alvergue do pobre, do artesão, e vae suavisar-lhe os amargores do trabalho recreando a sua intelligencia, e infiltrando nella os principios de moral e de sã philosophia, que devem servir-lhe de norma na escabrosa vereda da vida. O rico pôde possuir obras de luxo para ornar suas estantes senão para illustrar o seu espirito ; o litterato estará á par da sciencia sacrificando á compra de livros o minguido residuo das suas economias, ou então pondo em contribuição seus collegas bibliomaniacos ; mas o homem do povo, o homem do trabalho não tem meios, nem tempo para consagrar ao estudo, não pôde lér esses volumes, que encerram, como em um sarcóphago, o saber humano, entretanto sua alma precisa alimen-

tar-se assim como seu corpo; tem também seus direitos; suas necessidades; e trahindo nas mais pequenas evoluções a sua origem divina voga á velas cheias para as regiões do pensamento em cata de idéas. Para satisfazer á este anhelos a Religião lhe apresenta o cathechismo, e a philosophia de mãos dadas com a poesia o romance.

Mas para que o romance produza os beneficios, que acabamos de enumerar, cumpre que elle saiba guardar as regras, que lhe são traçadas, que seja como uma colmêa de saboroso mel e não uma taça de deleterio veneno. O povo em sua candida simplicidade busca nelle instruir-se deleitando-se: e quão negro não é o crime daquelle, que abusando do seu espirito, das graças da linguagem, e das seducções da poesia propaga idéas funestas, que plantam a descrença n'alma, fazendo murchar uma por uma as flôres da esperança, ou então tomando-se ainda mais culpavel santifica o vicio emprestando-lhe as côres da virtude! *Paulo e Virginia*, de Bernardin de S. Pierre, *René e Atala*, de Chateaubriand estão no primeiro caso, *o Conde de Monte Christo*, de Alexandre Dumas, e os *Sete Peccados Mortaes*, de Eugenio Sue pertencem á segunda classe.

Quem não lamentará comnosco a rapida decadencia dessa litteratura romantica, que mostrando-se em seu berço tão casta e tão pura, precipitou-se nos abysmos da impiedade julgando correr após o ideal e o vaporoso!

Deixemos esta materia para objecto d'um artigo especial e occupemo-nos com o romance do nosso nobre amigo e collega o Sr. Dr. Macedo.

*Vicentina*, é o titulo dessa composição, que julgamos conhecida pela mór parte dos nossos leitores, e que foi o anno passado publicada nas columnas da *Marmota Fluminense*. As occupações, e os estudos á que habitualmente dedicámos os nossos lazeres nos tinham privado do prazer d'avaluar por nós mesmos do merito d'uma obra, da qual ouviamos fazer os maiores elogios pelos mais competentes e imparciaes juizes. Vexado porém de confessar constantemente a nossa ignorancia á tal respeito no circulo dos nossos amigos, assentámos em vêr o romance, cuja leitura se nos recommendava; e uma noite abrimos o livro, e não o fechámos senão onde findavam as ultimas palavras do autor. Não era possivel parar depois de ter começado; o somno voou para longe de nós; e a nossa attenção magnitizada pelo amavel collega pendia da sua penna como pende dos seus labios todas as vezes que nós é dado o ineffavel prazer de ouvi-lo.

O plano é simples e de summa moralidade: é uma lição dada ás moças para que aprendam a preservar-se dessas serpentes, que se introduzem por entre as flôres, que sussurram aos seus ouvidos palavras fementidas, que abusam do juramento para immolal-as nas aras da volupia dando-lhes em troca da sua credulidade a miseria e o opprobrio!... *Vicentina* é mais

infeliz do que culpada; foi victima d'uma horrivel trama; Frederico é um monstro e o crime de Fabiana não ha termos na linguagem humana em que possa ser traduzido. Mas seus paes, que por um sentimento de vaidade expunham ás seducções do mundo essa mimosa planta, que apenas desabrochava e que devera ser cautelosamente guardada nas estufas do amor materno, seus paes são os unicos culpados; mas tambem bem caro pagaram a sua imprevidencia! Oh! quanto é bella, a pintura que o nosso illustre amigo põe na boca do Dr. Benedicto, dos bailes e das sociedades brilhantes e estrepitosas! Oçamol-o por um pouco... « Que cegueira! uma menina « de dez, ou doze annos, que vive no lar domestico alegre, expansiva, e « brincando, anjo ainda no seio dessa celestial ignorancia, que prova que « ella é ainda mais do céu do que da terra, mais de Deos que dos homens, « é levada ao baile e quando volta já medita o resto da noite, já seisma na « manhã seguinte, já observa como a ollham, já calcula quando falla, já « combina as palavras, que lhe dizem; em uma palavra, já córa. Oh! para « que tão cêdo fazer pisar na terra a innocente pomba, que ainda, vôa « perto do céu!.. »

De proposito fizemos fallar o Snr. Dr. Macedo, a quem ninguem accusará de retrogrado, antes é reconhecido geralmente como um dos mais genuinos representantes do progresso. Si fossemos nós que enunciássemos taes idéas, além de não terem ellas a magia do seu inimitavel estylo, seriamos taxado de impertinente, e dir-se-ia que pregavamos um sermão de quaresma! Tal é a vantagem da poesia! *Lectorem detectando, pariterque monendo.*

O caracter do Dr. Benedicto é maravilhosamente traçado: é o typo da honradez nunca desmentida; é o anjo tutelar da familia de Christiano. Elle prevê as intrigas e as traições de Fabiana e Frederico; e sabe neutralis-as no momento opportuno. As ultimas scenas em que o velho medico vê-se obrigado a fazer uso dos segredos, que devia a sua nobre profissão, para salvar uma innocente menina, que era arrastada por um malvado aos pés dos altares são sublimes: e bastariam por si só para grangear-lhe grande renome si por outros titulos já o não possuísse. O amor materno, que quasi purificava Lucrecia Borgia debaixo do pincel de Victor Hugo sanctifica a perfida Fabiana no romance do nosso distincto patricio. O arrependimento desta contrasta com o enlurecimento do seu cómplice Frederico.

Com que talento serviu-se o Snr. Dr. Macedo do maravilhoso! A habitadora da *ermida arruinada* é um ente mysterioso; mas a sua appareição em casa de Christiano na vespera de S. João, não espanta aos leitores, que já se acham predispostos para esta scena, e produz salutar effeito sobre o animo dos circumstantes pelas palavras que á cada um delles dirige.

Onde porém o genio do nosso collega se revela com todas as suas galas é nas descripções, que lhe são tão naturaes, que todos julgar-se-iam capazes de fazel-as. Tente porém qualquer, e verá a difficuldade que nisso acha. A scena da moagem, e a conversa de Christina, a galante menina da ermida, com as senhoras que a cercavam, são d'uma candura inexprimivel.

O dialogo de ordinario tão enfadonho em quasi todos os romancistas, que obriga-nos a voltar muitas paginas, é vivo e animado. Nenhuma circumstancia póde ser omittida, e os episodios se ligam de tal modo com a acção principal, que a realçam, embelesando-a.

Em resumo: a *Vicentina* do nosso amigo e collega é uma composição, que lhe faz muita honra: um romance cuja leitura recommendamos ás nossas jovens compatriotas como um poderoso antidoto contra o veneno corrosivo da sociedade em que vivemos. E' além disto um serviço feito a litteratura brasileira; naturalisando entre nós o verdadeiro romance; o romance moral e instructivo; familiarisando-nos com as nossas scenas campestres; ensinando-nos finalmente a apreciar o que temos. O collega deve saber que não somos lisongeiro; aceite pois os nossos cumprimentos como partindo do coração.



## ALBUM D'ARMIA

OU

### GEMIDOS SOBRE O TUMULO D'UMA BRASILEIRA.



Temos diante dos olhos um volume de poesias acompanhadas de musica devidas, aquellas ao nosso prestante collega, o Snr. José Albano Cordeiro, e esta a diversos autores. Sobre a ultima parte nada diremos, por sermos nella completamente leigo, e apezar da nossa inopia na primeira, comtudo cono ácerca de religião, politica e poesia todos fallam, emitiremos tambem o nosso juizo.

Um nobre pensamento presidiu a concepção do *Album d' Armia*; seu autor acabava de perder a esposa adorada, a companheira que escolhera para fazerem juntos a peregrinação por este valle de provas á que chamamos mundo. Sua alma ferida na parte mais sensível exhalou amargos, pungentes queixumes, que tr-se-iam perdido n'amplidão do espaço, como acontece ao commum dos homens. O poeta porém é um ser privilegiado, elle ri e chora ao som da harpa; é sua socia nos prazeres e nas dôres. Como o coração trasbordára de tristeza, os sons da sua harpa foram tristes e melancolicos.

Seus gemidos são calmos; sua dôr é resignada, porque o nosso amigo é um poeta christão: vê na morte o começo da eternidade, e nutre esperança de juntar-se um dia áquella, que tanto amou na terra. A versificação é simples e melodiosa como convém ao assumpto; é no nosso fraco entender um bello trecho de poesia elegiaca, digno de ser cantado pelas jovens pianistas nessas horas de inexplicavel melancolia, em que a nossa alma desgostosa do mundo parece suspirar pela sua patria celeste, de que guarda fraca, mas doce reminiscencia.

Conego Dr. Pinheiro.



## NOTICIAS DIVERSAS.

---

Sabem os nossos leitores que se acha nesta côrte o grande vate brasileiro, o Snr. Dr. Domingos José Gonsalves de Magalhães, que depois de tão longa ausencia volta ao seu paiz natal trazendo-lhe o mais precioso de todos os thesouros na sua magestosa epopéa da *Confederação dos Tamoyos*. Pouco conhecemos de tão insigne obra; mas pelos fragmentos que temos lido formamos a mais subida idéa do seu todo: sendo ainda corroborado este nosso juizo pelo testemunho de pessoas habilitadissimas, a quem prestamos inteiro credito. Só o nome do Snr. Dr. Magalhães recommenda o seu poema: o autor *dos Suspiros Poeticos e Saudades* não podia escrever um livro vulgar: esperamos com anciedade a sua publicação, que consta-nos não poderá tardar.

---

Verdadeiramente o anno de 1855 começa sob os melhores auspícios; acabavamos de cumprimentar o Snr. Dr. Magalhães; eis que nos chega outro grande poeta. O Snr. A. Feliciano de Castilho, assás conhecido pelas suas primorosas composições entre as quaes occupam, no nosso humilde entender, o primeiro lugar *os Ciumes do Bardo e a Noite do Castello*, se acha entre nós. Bem vindo seja ás nossas hospitaleiras plagas o Ossian Lusitano, e possa a nossa virgem natureza inspirar ao cantor da Primavera novos e immortaes hymnos.

---

Temos a satisfação de annunciar aos nossos leitores que o nosso distincto amigo e collega o Snr. Dr. Sigaud, presta-se, por bondade sua, a coadjuvar-nos na redacção desta Revista, fornecendo-nos uma serie d'artigos sobre o Brasil, cujo specimen hoje publicamos. O illustre medico, a quem uma longa residencia no nosso paiz, que acaba adoptar por patria, habilita a conhecê-lo perfeitamente, dispõe-se a profligar os erros com que alguns viajantes tem maculado suas obras, aliás recommendaveis. A' propria experiencia junta o nosso amigo um accurado estudo da historia e geogra-

phia brasileiras; a observação imparcial dos nossos usos e costumes, combinando tudo com a graça e espirito, que tanto distinguem as produções da sua douta penna. A colloboração do autor *du Climat et des maladies du Brésil*, tomará mais interessantes e variadas as paginas do *Guanabara*.

---

Temos igualmente de congratularmo-nos com os leitores por outra importante aquisição. O Snr. Dr. Mello Moraes, accedendo a um convite, que tivemos a honra de dirigir-lhe, prometeu-nos contribuir com o contingente das suas luzes para enriquecer as columnas d'uma Revista, que, collocada debaixo dos Imperiaes Auspicios, occupa o primeiro lugar entre os jornaes litterarios de todo o imperio. Realizando immediatamente as suas promessas enviou-nos alguns valiosos trabalhos entre os quaes distingue-se a *Physiologia Pathologica da Loucura*, cuja publicação será encetada no proximo numero. O nome do Snr. Dr. Mello Moraes é por tal fórma conhecido, que dispensa-nos qualquer elogio, que lhe poderemos fazer: seus escriptos correm pelas mãos de todos e são devidamente apreciados pelos que se interessam pelas letras patrias. O *Guanabara* lisongea-se com a esperança de que S. S. lhe dê preferencia para a inserção dos seus luminosas composições. A redacção agradece-lhe a bondade com que acquiesceu ao seu pedido, e considera-o como um dos extremos campeões das idéas de civilisação e progresso, que inscreveu no frontespicio do seu programma.

---

Por falta de espaço deixamos de publicar neste numero um excellente trabalho do Exm. Snr. Conselheiro Candido Baptista d'Oliveira, relativo ás sciencias mathematicas, que verá a luz mui proximamente. A' proposito do Snr. Candido Baptista não podemos deixar de testemunhar a nossa gratidão pela assidua collaboração, que se tem dignado prestar-nos, communicando-nos os productos da sua alta intelligencia. Quando um tão conspicuo varão, como S. Ex., consagra as suas horas vagas a escrever para o publico, honra certamente a profissão do jornalista. Oxalá, que o seu nobre exemplo possa ter muitos imitadores!

---

Está terminada a impressão do segundo volume do poema da— *Independencia do Brasil* — composto pelo nosso particular amigo o Snr. Anto-

nio Gonsalves Teixeira e Sousa. E' uma epopéa, cujo assumpto inteiramente nacional deve interessar a todos os brasileiros, a quem recommendamos a sua leitura. O autor não é um homem desconhecido; é um poeta de grande talento, que tem adquirido uma reputação á custa d'arduas fadigas: filho das suas proprias obras, á si unicamente deve o que hoje é. Sabemos que ha quem pretenda analysar a obra; e envidaremos os nossos esforços para que seja essa analyse publicada nas nossas columnas. Si ousassemos exprimir um voto que procurassem todos, os que pódem, animar o illustre poeta para que não seja este o seu *derradeiro, ultimo canto*.



# ANALYSE MATHEMATICA

## THEORIA DAS SERIES ELEMENTARES.



### I

Damos a denominação de serie elementar ao desenvolvimento de que é susceptível cada uma das funcções definidas, sob as seguintes formas:

1.<sup>a</sup>—  $(a+x)^n$ ; 2.<sup>a</sup>—  $a^x$ ; 3.<sup>a</sup>—  $\text{Log.}(a+x)$ ; 4.<sup>a</sup>—  $\text{Sen.}x$ ; 5.<sup>a</sup>—  $\text{Cos.}x$ ; em ordem ás potencias ascendentes da quantidade que nellas se suppõe variavel ( $x$ ).

Sendo o conhecimento prévio destas series indispensavel, para entrar-se no estudo da analyse infinitesimal, quando esta parte (sem duvida a mais transcendente, e difficil) da analyse mathematica é tratada pelo unico methodo racional, e rigoroso, que comporta essa criação sublime do genio de Newton; a saber, o methodo dos limites: julgamos fazer um serviço util á aquelles que se dedicam á cultura das sciencias exactas, apresentando em resumido quadro o desenvolvimento das referidas series, deduzidas de um só principio elementar, simples, e fecundo, o dos coefficients indeterminados.

Não é somente para servir de pródrômo ao estudo da analyse transcendental, que se fará proveitoso este nosso trabalho: porquanto nas variadas applicações do calculo litteral são aquellas series empregadas á cada passo; para resolver com especialidade numerosos problemas de utilidade pratica, na theoria das probabilidades, operações financeiras, etc.

Não occultaremos aqui que já Mr. Lacroix teve, e realizou o mesmo pensamento na introduccão do seu precioso tratado de analyse infinitesimal; mas por um processo laborioso, complicado, e menos comprehensivel para os principiantes.

Representando por  $f(a+x)$  qualquer das funcções acima indicadas, sob uma fórmula geral, poder-se-ha suppor que tenha sempre lugar a equação seguinte:

$$(1) \quad f(a+x) = f(a) + Ax + Bx^2 + Cx^3 + \&$$

Trata-se de achar os valores dos coefficients indeterminados (A, B, C, &), independentes de (x), para que seja satisfeita a equação (1), em cada uma das fórmulas definidas representadas pelo symbolo generico  $f(a+x)$ .

O primeiro termo da serie deve ser evidentemente representado em geral pelo symbolo  $f(a)$ , valor particular da funcção proposta, quando se faz nella  $x=0$ .

Das cinco differentes fórmulas definidas que representamos por  $f(a+x)$ , tem a primeira  $(a+x)^m$  a denominação de funcção algebraica: sendo as outras fórmulas conhecidas pela denominação geral de funcções transcendentales.

Começaremos o nosso trabalho analytico, tratando da funcção  $(a+x)^m$ , particularmente designada pelo nome de Binomio de Newton; cujo desenvolvimento tem na analyse mathematica a mesma importancia, belleza, e celebridade, que na geometria elementar caracterisam o famoso theorema do quadrado da hypotenusa de Pythagoras.

## II

Na funcção  $(a+x)^m$  faça-se, por mais simplicidade,  $a=1$ ; e supponha-se que (m) representa um numero inteiro, e positivo. Ter-se-ha a equação (1) transformada na seguinte:

$$(2) \quad (1+x)^m = 1 + Ax + Bx^2 + Cx^3 + \&$$

Multiplicando successivamente o binomio  $(1+x)$  por si mesmo, obtem-se o desenvolvimento da funcção  $(1+x)^m$  nos casos particulares, em que é  $m=0$ ;  $m=1$ ;  $m=2$ ;  $m=3$ ; &: a saber:

$$(M) \quad \left\{ \begin{array}{l} (1+x)^0 = 1 \\ (1+x)^1 = 1+x \\ (1+x)^2 = 1+2x+x^2 \\ (1+x)^3 = 1+3x+3x^2+x^3 \\ \dots \end{array} \right.$$

Estes desenvolvimentos conhecidos da funcção  $(1+x)^m$  fazem ver:

1.º Que os coefficients, indeterminados da serie (2) devem ter um factor (m), para que na hypothese de ser  $m=0$ , se desvançam todos os termos, excepto o primeiro: 2.º que os coefficients do terceiro termo em diante deverão ter um factor (m-1), para que na hypothese de ser  $m=1$ , todos os termos da serie se desvançam, excepto os dous primeiros: 3.º que os coefficients do quarto termo em diante deverão ter o factor (m-2), para que na hypothese de ser  $m=2$ , todos os termos da serie se desvançam, excepto os tres primeiros: &.

Daqui se conclue, que á equação (2) pôde dar-se a fôrma seguinte.

$$(3) \quad (1+x)^m = 1 + A'mx + B'm(m-1)x^2 + C'm(m-1)(m-2)x^3 + \&$$

Resta sómente achar os valores definitivos dos factores indeterminados (A', B', C', &): e isto se conseguirá comparando os desenvolvimentos conhecidos (M) com os resultados da serie (3), substituindo nesta os respectivos valores de (m): a saber:

$$m = 0 \dots 1 = 1$$

$m = 1 \dots 1 + x = 1 + A'.1.x$ : donde se tira  $(A'-1)x = 0$ ; e por conseguinte, para qualquer valor de (x), será  $A' - 1 = 0$ ; e  $A' = 1$

$$m = 2 \dots 1 + 2x + x^2 = 1 + A'.2.x + B'.2(2-1)x^2: \text{ donde vem } (A'-1)2x + (2B'-1)x^2 = 0.$$

Para que esta equação seja sempre satisfeita, tendo (x) um valor qualquer deverá ser  $A' - 1 = 0$ ; e  $2B' - 1 = 0$ : donde se tira  $A' = 1$ ; e  $B' = \frac{1}{2}$ .

$$m = 3 \dots 1 + 3x + 3x^2 + x^3 = 1 + A'.3.x + B'.3(3-1)x^2 + C'.3(3-1)(3-2)x^3; \text{ e ter-se-ha } (A' - 1)3x + (2B' - 1)3x^2 + (2.3C' - 1)x^3 = 0:$$

por conseguinte .  $A' - 1 = 0$ ;  $2B' - 1 = 0$ ;  $2.3C' - 1 = 0$ ; donde se tira . . . . .  $A' = 1$  ;  $B' = \frac{1}{2}$  ;  $C' = \frac{1}{2.3}$ .

Destes resultados conclue-se, que em geral para um dado valor de (m), cada um dos factores (A', B', C', &) é igual a uma fracção, cujo numerador é a unidade, tendo por denominador o producto dos numeros naturaes, desde 1 até o algarismo, que representa o numero dos termos precedentes, na serie que exprime o desenvolvimento da funcção.

A equaçã (3) tomará por tanto a seguinte fôrma definitiva

$$(4) \quad (1+x)^m = 1 + \frac{m}{1}x + \frac{m(m-1)}{1 \cdot 2}x^2 + \frac{m(m-1)(m-2)}{1 \cdot 2 \cdot 3}x^3 + \&$$

Devendo esta equação ter lugar para qualquer valor de (x), ella subsistirá pondo ali por (x) a fracção  $(\frac{x}{a})$ : e virá

$$(5) \quad (a+x)^m = a^m + \frac{m}{1}a^{m-1}x + \frac{m(m-1)}{1 \cdot 2}a^{m-2}x^2 + \frac{m(m-1)(m-2)}{1 \cdot 2 \cdot 3}a^{m-3}x^3 + \&$$

E' este o theorema conhecido pelo nome de Binomio de Newton.

Supponha-se agora que o expoente da funcção proposta é numero inteiro e negativo: a equação (2) tomará a seguinte fôrma

$$(5) \quad (1+x)^{-m} = \frac{1}{(1+x)^m} = 1 + Ax + Bx^2 + Cx^3 + \& : \text{ e por conseguinte}$$

$$1 = (1 + Ax + Bx^2 + Cx^3 + \&)(1+x)^m$$

Pondo nesta equação em lugar do factor  $(1+x)^m$  o seu desenvolvimento já conhecido pela equação (4): executando depois a multiplicação indicada;

chegar-se-ha á seguinte equação de condição, na qual os coefficients de cada uma potencia de  $(x)$  se acham dispostos em linha vertical.

$$V = A \begin{vmatrix} x + B \\ + m \end{vmatrix} \begin{vmatrix} x^2 + C \\ + mA \\ + m \left(\frac{m-1}{2}\right) \end{vmatrix} \begin{vmatrix} x^3 + \& \\ + mB \\ + m^{(m-1)A} \\ + m \left(\frac{m-1}{2}\right) \left(\frac{m-2}{3}\right) \end{vmatrix}$$

Para que esta equação tenha lugar independentemente do valor de  $(x)$ , deverá ter-se

$$A + m = 0 ; \quad B + mA + m \left(\frac{m-1}{2}\right) = 0 ;$$

$$C + mB + m \left(\frac{m-1}{2}\right) A + m \left(\frac{m-1}{2}\right) \left(\frac{m-2}{3}\right) = 0 ; \text{ e por conseguinte}$$

$$A = -m ; \quad B = m \left(\frac{m+1}{2}\right) ; \quad C = -m \left(\frac{m+1}{2}\right) \left(\frac{m+2}{3}\right) ; \quad \&$$

substituindo os valores achados de  $(A, B, C, \&)$  na equação (5) virá

$$(1 + x^{-m} = 1 - mx + m \left(\frac{m+1}{2}\right)x^2 - m \left(\frac{m+1}{2}\right) \left(\frac{m+2}{3}\right)x^3 + \&$$

isto é, o mesmo resultado que daria o desenvolvimento da função  $(1+x)^m$ , pondo na equação (4)  $(-m)$  em lugar de  $(m)$ .

Se o expoente da função proposta é fraccionario, da forma  $\frac{m}{p}$ , sendo o numerador e o denominador desta fracção numeros inteiros; a equação (2) se transformará na seguinte:

$$(6) \quad (1+x)^{\frac{m}{p}} = 1 + Ax + Bx^2 + Cx^3 + \& : \text{ ou} \\ (1+x)^m = (1 + Ax + Bx^2 + Cx^3 + \&)p$$

Substituindo no primeiro membro desta equação o desenvolvimento já conhecido da função  $(1+x)^m$ ; e desenvolvendo a potencia  $(p)$  do polynomio  $(1 + Ax + \&)$  no segundo membro pela serie da equação (4); sendo considerada a somma dos termos affectos de  $(x)$  como o segundo termo de um binomio: ter-se-ha a seguinte equação de condição, sob uma forma analogá do caso precedente.

$$0 = Ap \begin{vmatrix} x + Bp \\ - m \end{vmatrix} \begin{vmatrix} x^2 + Cp \\ + p \left(\frac{p-1}{2}\right) A^2 \\ - m \left(\frac{m-1}{2}\right) \end{vmatrix} \begin{vmatrix} x^3 + \& \\ + p(p-1) AB \\ + p \left(\frac{p-1}{2}\right) \left(\frac{p-2}{3}\right) A^3 \\ - m \left(\frac{m-1}{2}\right) \left(\frac{m-2}{3}\right) \end{vmatrix}$$

Ter-se-hia portanto

$$Ap - m = 0; Bp + p \binom{p-1}{2} A^2 - m \binom{m-1}{2} = 0; Cp + p(p-1) AB + p \binom{p-1}{2} \binom{p-2}{3} A^3 - m \binom{m-1}{2} \binom{m-2}{3} = 0; \&$$

donde se tira

$$A = \frac{m}{p}; B = A \binom{A-1}{2}; C = A \binom{A-1}{2} \binom{A-2}{3}; \&$$

substituindo estes valores na equação (6); virá

$$(1+x)^{\frac{m}{p}} = 1 + \frac{m}{p} + x \frac{m}{p} \binom{\frac{m}{p}-1}{2} x^2 + \frac{m}{p} \binom{\frac{m}{p}-1}{2} \binom{\frac{m}{p}-2}{3} x^3 + \&$$

isto é, o mesmo resultado que daria a serie da equação (4), pondo nesta  $\left(\frac{m}{p}\right)$  em lugar de (m).

É portanto o theorema de Newton (O) verdadeiro para qualquer valor do expoente (m) positivo, ou negativo, na funcção  $(a+x)^m$ .

### III

O desenvolvimento da funcção algebraica  $(a+x)^m$  era já conhecido antes de Newton, para qualquer valor determinado de (m), inteiro e positivo, pelas series dos numeros figurados.

Newton porém teve a feliz idéa; 1.º de investigar a lei da formação dos coefficients das potencias da variavel no desenvolvimento d'aquella funcção, sendo esses coefficients expressos no expoente indeterminado da mesma: 2.º generalisar esse desenvolvimento, submettendo á uma só formula geral os casos em queo expoente da funcção é numero inteiro, negativo, ou fraccionario. Estas, modificações tão simples na apparencia converteram desde então o binomio de Newton em um poderoso instrumento da analyse nas mãos do geometra; e d'ahi datam os espantosos progressos que fizera a sciencia até os nossos dias.

Newton não dera uma demonstração rigorosa, didactiva, dos seu bello theorema, contentando-se (segundo a opinião dos Geometras seus contemporaneos) em verificar a sua exactidão pelos resultados conhecidos em casos particulares: e d'entre os geometras mais notaveis. que depois de Newton occuparam-se particularmente deste objecto, nomearemos com especialidade J. Bernoulli, Euler, Moivre, e Maclaurin.

Foi Bernoulli o primeiro que demonstrára rigorosamente esse theorema no caso de ser o expoente do binomio numero inteiro e positivo, pelos principios da analyse combinatoria: e fôra essa demonstração adoptada de

preferencia á outras menos elementares, nos tratados classicos, e nas escolas da sciencia, quasi geralmente. Todavia sem a pretensão de apresentar obra mais perfeita, do que essa producção de tão distincto Geometra, parece-nos, que a demonstração que havemos dado do theorema em questão, na hypothese em que o fizera Bernoulli, é pela sua maior simplicidade mais acomodada á comprehensão dos principiantes, sem nada perder por outra parte do necessario rigor na deducção analytica.

Entre os trabalhos sobre este objecto, devidos á geometras menos conhecidos, julgamos conveniente fazer honrosa menção da demonstração dada pelo Dr. José Anastacio da Cunha, antigo e mui distincto professor da Faculdade de Mathematica da Universidade de Coimbra; a qual é em nossa opinião recommendavel pela sua simplicidade, e rigorosa deducção.

Para informação dos nossos leitores, passamos a indicar o principio de que partira o Dr. José Anastacio, e o processo analytico que empregára.

Os resultados conhecidos nos casos particulares (M) da funcção  $(1+x)^m$  fazem ver, que o coefficente do segundo termo da serie, que representa o desenvolvimento da mesma, é sempre igual ao expoente da funcção, para qualquer valor de (m), sendo este numero inteiro, e positivo, Eis o principio sobre que é fundada a referida demonstração.

Isto supposto, a equação (2) tomará a fórma seguinte:

$$(1+x)^m = 1 + mx + Bx^2 + Cx^3 + \& ; \text{ e ter-se-ha}$$

$$(1+2x+x^2)^m = (1 + mx + Bx^2 + Cx^3 + \&)^2$$

$$= 1 + m(2x+x^2) + B(2x+x^2)^2 + C(2x+x^2)^3 + \&$$

Igualando entre si os dous membros equivalentes da segunda equação, virá uma nova equação de condição, a qual fará conhecer os valores de (B, C, &) expressos em (m): procedendo da mesma maneira que se praticou acima em casos semelhantes.

Rio de Janeiro, 20 de Janeiro de 1855.

*Candido Baptista d'Oliveira.*



## PHILOSOPHIA RELIGIOSA.



# TERRA E CÉO POR J. REYNAUD.



Acabamos de lêr uma interessante obra publicada o anno passado, com o titulo ácima, em que são ventiladas as mais graves questões de Philosophia Religiosa. Seu autor procura abalar todas as nossas crenças e convicções: e o seu scepticismo longe de assemelhar-se ao de Voltaire tem pelo contrario alguma cousa do mysticismo allemão, hoje tanto em voga.

O Snr. Reynaud, divide a sua obra em seis partes; tratando successivamente da terra, das suas idades, do primeiro homem, do céo, dos anjos e do inferno. Digamos alguma cousa sobre cada uma dellas e façamos uma rapida analyse deste importante livro.

Depois de traçar-nos as condições astronomicas da terra, suas variações produzidas pelo principio do calor planetario, entrando em ponderosas considerações geologicas, passa o auctor a descrever-nos o quadro das difficuldades da vida sob o imperio da natureza. As contrariedades causadas pela lei da gravitação, pela da grandeza da terra, pela interposição dos mares e montanhas, pelas leis do calor solar e pela escassez dos generos alimentares são passadas em revista, e á todas oppõe a vontade e a energia do homem neutralizando umas pelas forças mechanicas, superando outras pelos meios de locomoção, ou pelos progressos da industria: donde conclúe a universalidade da lei do trabalho. Concordando com as sabias reflexões do illustre philosopho, seja-nos permittido affastarmo-nos das conclusões que tira dos principios tão lucidamente expostos. Deslumbrado pelo adiantamento da especie humana, pela coragem com que tem lutado contra os obstaculos de todo o genero, que pareciam destinados a impedir a sua marcha civilisadora, chega o nosso auctor ao ponto de vaticinar a

perfectibilidade absoluta dos descendentes de Adão, e mostra-se quasi esquecido do anathema fulminado por Deos. A terra transformada em jardim de delicias será habitada por um povo de bemaventurados; o trabalho em vez de ser uma pena, transformar-se-ha em um prazer; as doenças tomar-se-hão rarissimas, e até a morte será encarada com sentimento de grata satisfação pela *serenidade das crenças*. Pena é que o Sr. Reynaud se tenha esquecido de marcar-nos a época em que deve começar o seu futuro Eden. Logo nesta primeira parte revela-se o gosto da utopia, que deve reinar em toda a obra.

A idade da terra, ou as épocas em que se divide a sua historia, fazem o objecto de profundas considerações do autor: regeita a chronologia dos livros sanctos e para combatel-a ostenta um luxo d'erudicção infelizmente assás conhecido. Em substituição das seis idades, que lêmos no Genesis, e que a sciencia moderna encarregou-se de provar a veracidade, recorreu a velha divisão das quatro épocas; isto é, a do fogo, do oceano, dos continentes e a do homem; divisão seguida pelos philosophos e poetas do paganismo. Assim, o Sr. Reynaud julgando avançar, retrográda, e para dar expansão ao seu desejo de apartar-se da Biblia, não duvida tambem desprezar os theoremas da geologia, cerrando os ouvidos ás respeitabilissimas razões dos Cuvier, Geoffroy, Marcel de Senes, e outros muitos.

Nada ha mais facil do que pôr em duvida os calculos os mais bem combinados da chronologia: ninguem ignora o quanto são falliveis as bases em que esta sciencia se firma, e a idade do mundo; mesm-o conforme a tradicção biblica, varia segundo as suas diversas versões. O que nos parece porém difficullosa empreza é o apresentar uma emenda substituitiva, que mereça senão a adopção, ao menos as honras do debate: a do Sr. Reynaud porém parece-nos estar neste ultimo caso, e sentimos não ser o lugar proprio para entrar em sua discussão.

A origem da nossa especie, e a presença no mundo do primeiro homem, suscita ainda as duvidas do autor, que mostra-se incommodado com aceitar o jugo da narração mosaica: elle desejaria apresentar alguma cousa de novo a tal respeito; mas as veredas que para ali conduzem o investigador estão demasiadamente trilhadas. A hypothese da preexistencia d'alma, que tanto preocupou a Platão, não podia escapar ao seu exame; e devera forçosamente passar pelo crysol da sua inexoravel critica. Regeitando uma após outra as theorias de Platão, de Tertuliano e d'Origenes, e chegando á proposição adoptada pela grande maioria dos theologos catholicos, e que Deos cria as almas quotidianamente e as infunde nos corpos, ainda nos seios das mães, quando estes estão promptos para a animação, nos oppõe as duvidas

de S. Agostinho, sua discussão com S. Jeronymo, e pretende achar uma solução mais philosophica, ensinando que as nossas almas foram creadas por Deos desde o principio do mundo, e que esperavam o nosso nascimento em algum astro, para onde reverterão depois de nossa morte. Já se vê que o autor approximando-se muito da opinião d'Origenes, condemnada pela igreja, que fazia do nosso globo um lugar d'expição para as almas que tinham tido a desgraça de abusarem da sua liberdade, não trepida em apresentar no meio do seculo 19.º a doutrina da metempsychose; ligeiramente modificada. Aceitando, como dissemos, com extrema repugnancia a tradição biblica da unidade primitiva da especie humana, que o Snr. Reynaud, que assim como na natureza existem metamorphoses progressivas; si o passaro em seu ninho, o peixe e o mollusco na liberdade das aguas, o insecto na do ar são sujeitos a ella, a formação do primeiro homem devera ser regulada por combinações analogas. Em tal hypothese, em vez de ser Adão, uma estatua fundada por Deos d'um só jacto, e a qual aviventou com o seu sopro, devera passar por uma serie de degradantes metamorphoses!

Na descripção que nos faz do céu, extasia-se diante da sua magnificencia; vê em cada uma das estrellas fixas um sol em torno do qual gyra um completo systema planetario, e como que não bastando tanta grandeza á sua poetica imaginação, povôa esses astros de habitadores, que não fazem mais do que passar; porque após uma curta residencia devem transmigrar para outros astros d'ordem superior, ou inferior, segundo os seus merecimentos. Aniquilla a crença geralmente admittida que os justos gozaram perpetuamente da visão beatifica; não existe para o autor tal visão, e almas são destinadas a uma perpetua peregrinação pela região sideral. Para apoiar seu systema emprega muito talento mas a ninguem convence; porque ninguem pôde tomar ao sério as suas supposições.

Felizmente para as almas piedosas, a qual é tão grata a crença dos anjos, o autor não os baniu do seu credo: admite-os, e até mostra ter delles grande precisão para colonisar (seja-nos licita expressão) a infinidade de mundos, que acaba, qual Colombo aéreo, de descobrir. Sómente deseja dar-lhes um corpo, posto que mais delicado do que o nosso, e não quer por fórma alguma consentir que sejam elles puros espiritos. Julgamos inutil proseguir n'analyse de semelhantes chiméras.

A eternidade das penas, e a existencia d'um lugar de supplicio communmente chamado inferno, não merecem o assentimento do Snr. Reynaud, que concordando com a necessidade da crença da punição d'além-tumulo, quer todavia que esta seja temporaria, e para corroborar a sua argumen-

tação, soccorre-se dos codigos elaborados nos tempos modernos, que todos tendem mais, ou menos a tomar passageiro o castigo, confiando seus autores na *regeneração da carne*, na phrase de P. Leroux. Não entraremos aqui na questão relativa á excellencia do novo systema penitenciario; não avaliaremos das suas vantagens; mas em resumo diremos, que parece-nos mais curial, que os homens se regulem pelas leis de Deos, do que este pelas dos homens.

Eis, benignos leitores, um rapido e imperfeito esboço das idéas emittidas na obra do Snr. J. Reynaud, que como vèdes não passam de méras utopias, d'algumas bellas e poeticas hypotheses, proprias quando muito para testemunharem a capacidade intellectual do autor, mas incapazes de resistir á mais calma e imparcial discussão. Antes de terminar, devemos render ao philosopho francez a justiça de dizer que todas as vezes se aparta do dogma, ou mesmo das crenças admittidas pela Igreja, fal-o com toda a delicadeza e dignidade; n'uma palavra, que o seu livro se torna recommendavel pelo modo, porque é escripto.

Conego, *Dr. Pinheiro.*



## A ENEIDA DE VIRGILIO E SEUS TRADUCTORES.



Il y a telle traduction, qui demande  
plus talent qui tel original.

(BIYANBE').

Havendo nós escripto algumas linhas acerca das diversas traducções da Eneida de Virgilio, e as confrontando, fizemos sentir que a melhor que se tem feito e que existe sob o dominio publico, é sem duvida a que imprimiu na Bahia, em 1845, o Snr. João Gualberto Ferreira dos Santos Reis.

Sabiamos que em Paris estava publicando o illustre poeta brasileiro, o Snr. Odorico Mendes, uma versão sua do mavioso cantor de Enéas, e agora que a imprensa annuncia o trabalho do illustre Snr. Odorico Mendes, procuramos lê-lo, e da sua leitura colligimos, que a Eneida de Virgilio está vestida sim, á brasileira, porém com os ornatos do poeta bahiano.

Não é de hoje, como já dissemos, que se trabalha, entre os povos cultos, por traduzir fielmente os escriptos do encantador amigo de Augusto, e bem que se tenha isto feito, algumas ha, que parecem mais uma imitação que verdadeira e fiel traducção: a de Leonel da Costa, a de Franco Barreto, e a do medico Lima Leitão, eram as melhores que até agora se conhecia em portuguez, sem metter em linha de conta muitos pedaços imitados ou traduzidos por Camões, Garção, José Maria da Costa e Silva, (fallecido em abril deste anno de 1854) Mouzinho de Albuquerque, Padre José Agostinho de Macedo. Franco Barreto, que em muitos lugares imitou mais que traduziu; e o Dr. Lima Leitão, ás vezes é tão conciso que escurece o pensamento de Virgilio. Em Francez conhecemos além de outras a traducção em verso por Delille, e outra em prosa com lindissimas gravuras allegoricas, pelo Abbade Fontaine (não referindo as Bucolicas por Didot, e os escriptos de Malfilatre, etc.) Temos ante os olhos a Eneida em verso italiano, pelo Snr. Clemente Bondi, e outra por Anibal Caro; e agora as duas versões brasileiras: a do Snr. João Gualberto Ferreira dos Santos Reis e a do Snr. Odorico Mendes.

Temeridade é conhecermos entrar em uma analyse tão difficil como esta, em que forçosamente temos de lutar com os estímulos do coração; porém pedimos venia ao illustrado Sr. Odorico Mendes, e lhe rogamos toda a indulgencia para connosco visto que não temos por fim depremir o seu trabalho, ao contrario o felicitamos por augmentar a nossa litteratura tão desapreciada e desfavorecida, com mais um trabalho importante. Despido de prevenções nas produções alheias, temos sempre presente os preceitos do Dr. Antonio Ferreira, que são: (escrevia ella a Andrade Caminha, na Carta 8.ª do Livro 1.ª)

Andrade, eu vou seguro desprezando  
 Ingenhos mal-criados, a um só certo  
 Juizo, bom, fiel sempre meatando :

Juizo, que conheça ao longe, e ao perto,  
 Que saiba comparar a boa pintura  
 O bom poema em tudo vivo, e esperto.

A fria allegoria, a má figura,  
 A historia ou mal tocada ou mal seguida:  
 A feia affectação, sentença dura :

Sentença boa, porém mal trazida,  
 Palavras muito novas, muito antigas,  
 Arte ou demasiada, ou esquecida :

O decoro, que quer que uma cousa digas,  
 Outra cales, em outras vás detendo  
 O leitor, isto fujas, isto sigas:

De quem m'isto apontar, irei pen tendo,  
 Ou me louve, ou reprecnda gente cega,  
 Nem os estimo, nem me vão movendo.

(Na carta 12).

Não mude ou tire, ou ponha, sem primeiro  
 Vir aos ouvidos do prudente esperto,  
 Amigo, não invejoso, ou lisongeiro.

Engana-se o amor proprio, falso e incerto,  
 Tambem s'engana o medo de aprazer-se,  
 Em ambos erro ha quasi igual, e certo.

Per'isto é boai remedio as vezes lèr-se  
A dous ou tres amigos: o bom pejo  
Honesto ajuda então melhor a vér-se.

Alli como juiz então me vejo,  
Sinto quando igual vou, quando descaio,  
Quanto d'outra maneira me desejo.

Quando eu meus versos lia ao meu Sampaio,  
Muda, dizia, e tira: ia, e tornava:  
Inda, diz, na sentença bem não caio.

O que mais docemente me suava,  
O que m'enchia o espirito por máo tinha,  
O que me desprazia, me louvava.

Então conheci eu a dita minha  
Em tal amigo, tão desenganado,  
Juizo certo, em que eu confiado vinha.

Isto assim posto, o que queremos é, que o publico conheça pela confrontação quem melhor traduziu a Eneida de Virgilio.

*Dr. Mello Moraes.*

*{Continúa}.*



# FRAGMENTO D'UM POEMA.

---

## RECITA II.

A LUZ.

*(Continuado do n. antecedente).*

Tu, primeva de Deos sagrada filha,  
Que, antes que os anjos, no primeiro dia  
De sua criação, dobrando as fronte  
Anti o docel, que Deos se ergue no Empyreo,  
E contrahindo timidos, prostrados,  
Em culto extremo, as azas purpurinas,  
No do Senhor immenso tabernaculo,  
Em supremo louvor sacros Hosannas,  
Gloria sem mutação, gloria sem cabe,  
Lhe modulassem; de seu almo seio  
Longe vibrando ondulações divinas,  
Que o crasso sólio de longevas sombras,  
Que a noute annosa erguera ao cahos idoso  
De um jacto fulminaram; nesse espaço  
Cahindo em turbilhões, de suas obras  
Foste a primeira testemunha; salve  
De Deos, ó primogenita dilecta,  
Santa Luz, bella sempre, ó salve, salve!

Tu, que do seio de prodigios fertil,  
Do Eterno Omnisciente, á só Palavra,  
Em turbilhões tombar alvi-luzentes,  
Por suas leis, no espaço equilibrados  
Miriada de sóes, milhões de mundos,  
Cujos futuros não conhece o homem;  
Viste, ó Luz immortal, como és tão bella!

Capaz de tolerar teu brilho ethéreo  
Deos não fizera o damasceno barro,

Que de tão fraco, que é, nem supportára  
 De um teu divino raio um só lampejo!  
 E por isso pois do homem tão remota,  
 Em tanta altura, que lhe baldam longes,  
 Sacrilegos tentames, que de ousados  
 A devaçar-te o brilho se afoutassem,  
 Distendeu-te o Senhor sob o seu throno,  
 Qual do escabelo seu tapete d'ouro  
 Artezoado de solemnes purpuras.

Então ingente massa orbi-moldada  
 No espaço Deos librou; missão sublime  
 De extrahir, Santa Luz, de um só teu raio  
 Uma porção, por elle, a um anjo coube;  
 E repassada della a massa enorme,  
 Uma parte de ti já branda, e doce  
 Aos homens deslissasse, assim lhes dando  
 Mui exigua porção da gloria sua;  
 Porque o teu resplendor, divina gloria  
 O aniquilára, si chegasse ao homem!  
 E nesse globo pois, que um anjo rege,  
 Que arde de tanta Luz, que sol chamamos,  
 De Deos, ó primogenito Milagre,  
 Ostentado na face d'universo,  
 Divina, ethérea Luz, eu te-saúdo!

## RECITA III.

Foram talvez jardins. . . foram, sem duvida,  
 Esses espaços, que estes muros prendem!  
 Mas quem os fez? As mãos, as mãos tão bellas,  
 Essas que Deos formou mãos tão mimosas,  
 Não para as armas, não p'ra as rudes lidas,  
 Mas p'ra curarem das suaves flôres;  
 E para, n'um momento abençoado  
 De doces illusões, quando n'um peito  
 Amante o coração todo se ancia

Por mil palpações, n'um só instante,  
 De ardente amor, que desventuras teme,  
 Sobre esse terno peito caroavel  
 Estender-se mimosa, qual dizendo :  
 (Em doce, voluptuoso devaneio)  
 « Palpita sem temor, porque te adora  
 « Quem estende esta mão sobre este peito! »  
 Assim, com mais amor, querendo amavel  
 Extinguir desse amor mêdo tamanho.

Essas tão bellas mãos, divinas quasi,  
 Que inda até destruindo são tão bellas,  
 Tão bellas, tão suaves, tão queridas . . .  
 Dizei, ó rosas, quando mãos de neve  
 Em doces distrações, como em deleixo,  
 Vão da corolla vossa em terno brinco  
 Um a um desfolhando os brandos pétalos . . .  
 E quando a mão mimosa eleva um delles  
 Aos labios divinaes . . . ou de travesso  
 Ao seio angelical Zephyro leva . . .  
 Doce destruição! foi morte acaso?  
 Não, que onde reina Amor não reina a Morte!  
 Feliz roseira, que brotou tal rosa!

Essas tão bellas mãos, divinas quasi . . .  
 Tão lindas, tão gentís, que ali plantaram  
 Tão puras, tão donosas, gratas flôres,  
 Onde se occultam? onde estão? que é dellas?  
 Esses homens, que ergueram tão possantes  
 Edificios, que aos tempos inda insultam,  
 Acabaram n'um ponto todos?— todos!

Sodoma, Seboim, Gomorrha, Adama,  
 Do Senhor devorou suprema a ira!  
 E após dos fogos da celeste cólera  
 Sob as amaras ondas do Asphaltite  
 Lá sepultadas para sempre jazem!

Do impio rei vencedor do Hebraico povo  
 Toda a gloria passou! De inexpugnaveis

Muros cinjiu a prostituta cõrte,  
 Mas cahiu Babylonia às mãos de Cyro!  
 Ruiram muros da soberba Illion,  
 Restos de Achilles, ao furor argivo!  
 As mãos de Scipião gemeu Carthago!  
 Morreu Palmira às mãos de Aureliano!  
 Solima pereceu às mãos de Tito!  
 O terrivel Mahomet quebrou-te a fronte,  
 O' antiga Bisancio, inda em despeito  
 Do nome, que legou-te Constantino,  
 E da Cruz do Senhor, que em ti plantára!  
 Desfeita em pó a gleba das montanhas,  
 Volvendo de Herculano sobre os tectos,  
 Até as grimpas lhe atufára as torres!  
 Em crespas ondas do Vesuvio a lava  
 « Até seus tectos inundou Pompéa! »  
 Em crateras hiantes sepultada  
 Treme, e em ruinas Ullisséa tomba!  
 Convulsa a terra, em boqueirões rasgada,  
 Das entranhas bolsando horridas chammas,  
 E além da méta o mar transpondo as ondas  
 São-Filippe assolou, Guayra, e Mérida,  
 Caracas, e Valença e a Victoria,  
 Barquesimeto, em fim, um terremoto!  
 Ai flebil, tão mesquinha humanidade!  
 Nem vales tuas dôres, teus tormentos,  
 De tão fraca, que és tu! ai tão mesquinha!

Mas escravos, ou prófugos Assyrios  
 Ao impio Balthasar sobreviveram!  
 Do Mar-interno as ondas hão transposto,  
 Demandando outra patria, alguns Troianos,  
 Que inda viveram ao depois de Priamo,  
 Ou captivos dos Gregos vencedores!  
 De Annibal ao depois da infausta sorte  
 Aura da vida respiravam inda  
 Dispersos alguns filhos de Carthago!  
 Inda além das desgraças de Zenobia  
 Miseros filhos da infeliz Palmira

Viam da luz dos céos os raios bellos !  
 Inda espalhados pelo mundo inteiro  
 Judeos existem, milagroso resto,  
 Triste Jerusalem, dos teus estragos !  
 Mais do que Paleólogo viveram  
 Gregos, que a quéda de Bisancio viram !  
 De Herculano, e Pompéa inda restaram  
 Filhos, escapos do Vesuvio ás fúrias,  
 E que a morte de Tito hão lamentado !  
 Muitos daquelles, que as celestes iras  
 Viram quasi assolar toda a Ullysséa,  
 Depois, mais bella, d'entre as cinzas viram-n'á  
 Grandiosa sorjir, qual surje a Phenis !  
 Nas cidades d'America escaparam  
 Do terremoto atroz muitos dos filhos !  
 Mas das quatro cidades submerjidas  
 Sob as pesadas aguas do Mar-morto ?  
 Apenas tres mortaes . . . Loth, duas filhas !  
 Unico um justo ! E Deos a todos elles  
 Até déra o perdão, si em tantos crimes  
 Dez justos encontrasse ! A' que grandeza  
 Tua misericordia, ó Deos, se estende !

No entanto uma cidade erma de humanos !  
 Nem-um, nem-um restou do atroz castigo !  
 Um Nôe não surjiu d'ahi, que aos netos  
 Como as aguas dos céos tinham as terras  
 Inundado, ao depois contar podesse !  
 Um Loth senão salvou, que relatasse,  
 Como o fogo do céu cahido havia !  
 Gomorrha, Adama, Seboim, Sodoma,  
 Inda um justo, inda assim contar podera  
 E esta em seus delictos afundada,  
 Nem um justo si quer, um justo apenas !

## VISÃO II.

A LUA.

Oh que sismar tão preñhe de lembranças !  
 Oh que donoso recordar, e ás vezes

Tão triste, tão amargo, e melancolico,  
 Da lua á face, em bonançosa noite,  
 Nos seios d'alma, que gozou, revolvem,  
 Ou d'alma, que soffreu, gratas lembranças  
 Saudosas, ou as vezes bem funestas!

Astro das sensações, astro de amores,  
 Quando teus brandos fogos phosphoream  
 Das cupolas das cidades sobre os vidros;  
 Si por entre os varões de escuro carcere  
 Tardio se deslisa um de teus raios;  
 De seus queridos lares mais saudoso,  
 (Saudades, que lhe avivas dentro d'alma)  
 O preso, que da Lei romperá o culto,  
 Não podendo fitar-te o disco ameno,  
 Deixa triste rolar sobre o teu raio  
 Uma talvez de dôr lagrima ardente,  
 E de saudade um fêrvido suspiro!

Astro das sensações, astro de amores,  
 Quando as ondas monotonas prateas  
 De mar, que em praias não rebenta vagas,  
 Correndo os olhos no convez do pinho,  
 E dos mares aos céos, dos céos aos mares;  
 O nauta folga de rever-te a face,  
 Triste, e da terra que deixou saudoso;  
 E recordando então quanto não brillam,  
 Ao teu clarão, de sua terra os tectos,  
 Saudoso canto dos paternos lares,  
 Chorando quasi o marinheiro entôa!

Astro das sensações, astro de amores,  
 Poderás conduzir, n'um de teus raios,  
 O peregrino á patria? si não podes,  
 Porque lhe avivas as saudades della?

Astro das sensações, astro de amores,  
 Quando por sobre pavilhões debruças  
 Os teus raios, n'um campo de batalha;  
 O guerreiro, si pae, longe dos filhos,

O esposo, que deixou na patria a esposa,  
 O filho, que tão longe os paes contempla,  
 Do amigo separado o amigo terno,  
 O amante, que suspira pela amante,  
 Soltando á furto lagrima saudosa,  
 Um saudoso suspiro exhalar deixa!  
 Quem sabe si tão longe um de teus raios  
 Junto dos filhos, da consorte junto,  
 Junto dos tristes paes, do amigo junto,  
 Ou junto dessa amante temerosa  
 Não irá reflectir um tal suspiro!

Ástro das sensações, astro de amores,  
 Quando sobre as campinas te descambas  
 Do cimo da montanha, ao qual argentas,  
 Que sentimento terno, e melancolico  
 Tu fazes emphyiltrar nos seios d'alma!

Ai noutes de prazer! noutes de dôres!  
 Oh que recordações! Oh que saudades!

Astro das sensações, astro de amores,  
 Amo-te a doce luz, amo-te a face,  
 E adoro o teu poder, que punje as almas!  
 Tenho um culto por ti, tu tens mysterios!  
 Sabes porque te adoro? é porque eu amo  
 Minhas recordações, minhas saudades,  
 Doces mysterios de teu doce culto!

Astro das sensações, astro de amores...  
 Quem sabe si saudosa te contempla,  
 Recordada do amor, que... Vãos suspiros  
 Que embora solte, restaurar não pódem  
 Dos laços, que os prenderam para sempre...  
 Elles, que tanto amaram... tanto, tanto...  
 Laços, que ella teceu, fuestos laços!  
 Criminosos, fataes, servis, infames...  
 A' despeito daquelles... já... tão ternos...  
 Laços, que ella rompeu! que inda duraram,  
 Si qual tão bella, tão constante fôra!

Volve a lua nos céos, eu canto a lua!  
 Vêm sentar-te a meu lado, ó minha amiga;  
 Vêm. . . Perdôa. Em teus braços me conduze  
 O tenro pequenino, a copia nossa!  
 Elle folga, nos céos, de vêr a lua,  
 Talvez recordações lá de outros mundos...  
 E' bella a noute de luar, é bella!

Oh que a lua é tão bella, é tão amavel,  
 Que attrahiu quantos sões tinha eu na lyra!  
 Salve, Lua, que além meus cantos passam.

## VISÃO III.

## NOBREZA HUMANA.

Não fôra p'ra chorar, não fôra feito  
 Da feliz raça humana o pae primeiro,  
 Nem chorára jámais si não peccasse!  
 Mas quando incauto, de esquecido, um dia,  
 Tentado da mulher, tragára o pomo,  
 Que do Senhor as iras symbolava,  
 Não feito para o homem, não, sem duvida;  
 Mas para aquelles, que da eterna graça  
 Decahido no céo primeiro haviam. . .  
 Que o pomo da sciencia Deos quizéra,  
 Que só por Lucifer tragado fôra,  
 E suas legiões; que então mais sabios,  
 Sem perder do passado uma só nota,  
 Quasi prevendo do futuro os traços,  
 Vissem mais quanto bem no céo perderam,  
 E quanto mal os abysmava agora!

Mas dos demonios a total ruina,  
 Era dos homens a exp'riencia augusta  
 Para a fé com seu Deos provar sem quebra!

Mas inda assim, feliz quéda do homem!  
 Feliz! que um Deos baixar fizeste á terra!

Ser um homem tambem, morrer qual homem!  
Endeosar, morrendo, a raça humana!  
Legar-lhe o bem, o mal, o livre arbitrio!  
A vergonha, e a dôr de ser tão fraco!  
Ou a gloria, e prazer de ser tão forte!

Na gloria em que viveis ante o Eterno,  
Para escolher o bem, ou mal, dos homens,  
Vós não terieis liberdade tanta,  
Raios da luz de um Deos, anjos celestes!  
Mas tal bem, tal escolha ao homem coube!  
Fraco, sem graça á tentação succumbe,  
Forte, invocando do Senhor a graça,  
Triumpho do peccado, e aos pés o calca!

Vós sois, Anjos dos céos, vós sois mais bellos,  
Mas felices, mais puros do que os homens;  
Porém mais nobres... não, não sois tão livres!

O' Adão tão feliz, tão desditoso,  
De dôr, e de prazer foi teu peccado!  
Foste tu, nem foi Deos o auctor da morte,  
E a morte legaste á prole tua!  
Mas a graça do Eterno, a ti baixando,  
Fez nobre a tua raça... e teu peccado...  
O' Pae, quem sabe si Deos mesmo o amára!



## PHYSIOLOGIA PATHOLOGICA DA LOUCURA.



O Dr. *Spurzheim* (nas suas observações sobre a loucura), tratando das perversões das funcções cerebraes apresenta uma theoria cheia de interesse e luz para a medicina e para a phylosophia; e como, com pequenas modificações, nós compartilhamos das mesmas doutrinas, as exporemos aqui para darmos uma idéa desta terrivel molestia e suas alterações.

O Dr. *Fodéré* nega no seu tratado do Delirio, applicado á medicina, a moral e a legislação (em 2 volumes, edição de 1817) ser o cerebro a séde da loucura em opposição ás idéas que *Gall* e *Spurzheim* expenderam. O Dr. *Spurzheim*, julgando que os seus trabalhos foram justificados em presença dos individuos, e das disseccões cadavericas, fallando das causas da loucura, diz, ser o exame das causas das molestias a base do tratamento, porque este deve ser fundado nas causas ou na natureza do mal e modificado conforme a constituição individual, ou a idade e as circumstancias particulares do enfermo: se isto não é possivel, qualquer processo curativo é vago e de pura rotina.

Dividiu estas considerações sob tres pontos de vista. Examinou primeiro as doenças do espirito a vêr se existem, ou se a causa de cada desarranjo das manifestações d'alma e do espirito é corporal; depois considerou a séde da causa proxima da loucura, e finalmente tratou de descobrir a causa da loucura.

Quanto á primeira questão: a causa da loucura é corporal?

Muitas vezes falla-se de doenças do espirito; ha quem admitta nellas causas mentaes e corporeas; e um pequeno numero de autores só reconhecem as doenças corporeas. Somos inteiramente desta ultima opinião: com tudo as idéas das alienações mentaes não deve ser confundida com a das *causas mentaes*. Não ha duvida que as manifestações das faculdades e do espirito se desarranjam; mas não concebemos, como póde um ser imma

terial como é a alma cahir doente (\*). Parece-nos que uma tal doutrina seria a mais perigosa para a immortalidade d'alma. Consistindo todas as doenças, nas alterações, que desarranjam as funções resulta d'isto que, se a alma soffrer tambem estas mudanças chamadas doenças, poderia completamente perverter-se e tomar uma outra fôrma, isto é, morrer. O corpo com a morte muda de fôrma; e a alma é um ser immaterial encerrado no corpo organizado. Suas faculdades tem necessidade de instrumentos corporeos para se manifestarem, e estas manifestações que não pôdem ter lugar sem os instrumentos corporaes são modificadas, diminuidas, augmentadas ou desarranjadas segundo as disposições desses instrumentos.

#### A LOUCURA PODE SER HEREDITARIA.

Esta consideração é extremamente importante sob o ponto de vista moral e legal. Os autores variam muito á este respeito: a opinião daquelles que affirmam que a loucura é hereditaria, é a mais razoavel. *Darwin, Chrichton, Cox Haslam, Hallaran, Pinel, Esquirol* e outros, admittem o hereditario da loucura: nós somos da mesma opinião. Ninguém pôde negar que os filhos herdem de seus paes a constituição do corpo e as disposições d'alma. Ha familias que tem um typo physionómico. Umas vezes o menino parece-se com os paes, outras com o avô ou avó, com o tio, ou tia. *Mr. Haslam* cita o exemplo de um filho que tinha o andar, a voz e a letra do pae. Muitos exemplos deste são conhecidos. Muitas disformidades e doenças evidentemente corporeas propagam-se de geração em geração, taes como a gotta, a pedra, a hydropesia, as escrophulas, a phthisica, a surdez, a cegueira, etc. As viceras do peito e do baixo ventre, taes como os pulmões, o estomago, os intestinos, o figado, a bexiga urinaria, o utero, etc., com suas differentes disposições se transmitem dos paes aos filhos. Porque não aconteceria o mesmo com o cerebro? Numerosos factos desgraçadamente attestam que os filhos dos alienados são mais sujeitos a este mal, que os daquelles, que não tem

(\*) Não se confunda os sentimentos affectivos d'alma com a loucura. A alma pela consciencia apreciando ou aborrecendo conforme as gradações da sensibilidade, as qualidades dos individuos, aprecia-as convenientemente, e então se pronuncia com mais ou menos vehemencia. Este estado não se pôde chamar uma perverção morbida. É uma paixão, isto é, um sentimento levado á um grão excessivo, que faz que a alma influenciando sobre o organismo, se paralyse ou perturbe alguma função. O cerebro por sympathia pôde-se perverter; porém a alma conserva-se inalteravel, e como as impressões, que nestas circumstancias recebe, são desordenadas por isso que os instrumentos de que se serve não funcionam convenientemente, não tem ella parte nos desacertos, visto pela exaltação organica, os instrumentos lhes não obedecem. Em outro lugar daremos um exemplo, que isto comprova.

desarranjo algum em suas faculdades intellectuaes e moraes. O Dr. *Esquirol* crê mesmo, que a causa mais ordinaria da loucura, é a herança della.

A loucura hereditaria se manifesta muitas vezes, nas mesmas épocas da vida: ella é provocada pelas mesmas causas e tem o mesmo character. Em algumas familias o pae, o filho e o neto, se tem suicidado durante o mesmo anno de sua vida. Os que negam as doenças hereditarias, devem ao menos admitir predisposições á essas doenças. Ora, como as causas occasionaes facilmente se apresentam, e a susceptibilidade de ser affectado é mui grande, taes individuos escapam dellas com a maior difficuldade. Em muitos casos não se pôde duvidar, que mesmo as doenças como a surdez, a cegueira e o idiotismo, sejam hereditarias e nasçam com os meninos. Entre tanto é bom observar, que as crianças, que nascem depois alienadas, pôdem escapar á loucura, do mesmo modo que os individuos, que tem uma predisposição hereditaria para a gotta, aphythica pulmonar, etc., pôdem deixar de soffrer essas affecções. D'outro lado uma pessoa, ainda que nascida de pais sadios e mui robustos, pôde tornar-se louca por causas accidentaes. Muitos meninos, tempo antes da puberdade tornam-se escrophulosos, ainda que seus pais gozem de perfeita saude.

Deve-se admitir a probabilidade da herança da loucura do mesmo modo que a das outras molestias. O perigo está em proporção do tempo, que ella tem existido, n'uma familia e do numero de gerações que tem sido affectadas. Mr. *Fodère* observou, que entre os Cretins, os meninos da primeira geração são dispostos a essa doença; que se taes meninos se casam com outros Cretins, a propagação do mal é mais certo; e que se durante tres gerações consecutivas os Cretins se cruzam entre si, a doença propaga-se de uma maneira certa. Essa herança diminue na mesma proporção quando as crianças, que tem predisposições unem-se successivamente com individuos sadios. Concebe-se que a predisposição á molestias é proporcionada á mudança, que se opera na organização. Entretanto é preciso notar, que cada effeito organico produzido pela natureza propaga-se mais facilmente do que quando é resultado da arte. E' exemplo mais provavel, que um animal nascido sem cauda, tenha filhos, com o mesmo defeito de que um outro, que tenha sido mutilado pela arte. Alguns naturalistas duvidam mesmo que a arte possa ter tanta influencia sobre as mudanças da organização. Uma longa serie de experiencias, repetida de geração em geração, é pelo menos necessaria, para que a mutilação artificial se transmita: á este respeito pôde consultar-se a historia natural do homem do Dr. *Pritchardsahn*.

Os animaes, diz *Esquirol*, que nascem antes de seus pais serem loucos,

são menos sujeitos á alienação mental que os que nascem ao depois. O mesmo succede com aquelles, que descendem de parentes alienados só do lado paterno, ou materno, comparativamente, com os que nascem de pai e mãe alienados, ou tendo parentes no mesmo estado de ambos os lados. Elle tem razão de dizer, que é ás vezes no seio maternal, que se deve procurar a causa primaria da loucura, não só na imbecilidade como nas outras especies de alienação. Muitas senhoras grávidas, nas diversas épocas da revolução, tem dado á luz crianças, que a mais ligeira causa tem tornado alienados. Uma mulher do povo, estava grávida; seu marido embriagado, ameaçou-a com pancadas; ella se aterrorisou, e pouco tempo depois deu a luz um menino de saúde delicada, que era sujeito a terrores panicos, e que tornou-se maniaco aos 18 annos. E' mister certamente convir, que no momento da concepção a constituição dos pais, e durante a gravidez, o estado da mãe, tem grande influencia no futuro de seus filhos, e podem communicar disposições variadas. Ora, estas predisposições não podem ser explicadas pela alma, que é considerada como um agente livre. Se isto dependesse della, certamente ella preveria um estado tão deploravel, como é o da loucura. Ninguem sentirá que as almas dos Cretins, ou as almas dos grandes musicos ou outros genios, transmittam-se dos pais ou mães aos filhos. Parece natural o explicar a herança da loucura, como a de todas as predisposições á doenças, por condições corporeas de que dependem as manifestações da alma. A vista e o ouvido são faculdades d'alma; porém a cegueira e a surdez, são hereditarias, porque as faculdades de ver e ouvir dependem de condições naturaes. Porque não aconteceria o mesmo com as outras faculdades d'alma? Esta causa, só póde explicar a multidão de phenomenos, que apresenta a loucura. Uma consequencia bem simples e muito importante, é que os pais ou os tutores, dirigindo a escolha que os mancebos fazem em seus casamentos, deveriam consultar menos a ambição ou riquezas, que a saúde dos seus descendentes.

*Dr. Mello Moraes.*

*(Continúa).*



## FRAGMENTO DO POEMA-ROMANCE — NEBULOSA.



### CANTO III.



#### XIII.

Tinha a douda volvido em torno os olhos,  
Até que os fita no revolso assento :  
Estatica ficou . . . pasma e contempla . . .  
Doe-lhe o que vê ; mas absorta admira :  
No molle banco de um verdor viçoso  
Por entre as haste-sinhas ennastradas  
De bellas flôres, que da verde cupula  
Vêm cahindo ao acaso, vacilantes,  
Quaes madeixas de um genio da floresta,  
Vê-se n'um abandono voluptuoso  
Sentada a meditar mulher ou anjo :  
O primor do cinzel de um genio fôra,  
Se fôra estatua: tão formosa é ella ! . .  
Quando pode quebrar mudez de espanto,  
Torcendo as mãos murmura a pobre douda :  
« Razão teve de amal-a ! . . »

#### XIV.

A voz estranha  
Ergueu-se o bello vulto . . . avança um passo . . .  
E um abysmo de encantos se revela.

## XV.

Sua estatura é alta e magestosa  
 Sem que lhe abafe a magestade a graça.  
 Quieta face de um lago manso e puro,  
 Sereno céu de bonançosa aurora  
 Eis sua frente socegada e lisa :  
 Suas madeixas longas e brilhantes  
 Como da tempestade a nuvem negras  
 Em bastos caracões tombando sôltas  
 Quando assentada o cóllo lhe atopetam :  
 Tão grande negridão, seio tão niveo  
 Em desordem furtando a mil desejos,  
 E' como um cahos, que um mysterio esconde.  
 Olhos negros tambem, de amor são raios ;  
 Tem uma luz, que aos corações é dia,  
 Tem um fitar, que a indiferença é morte.  
 Ao vêr-lhe a breve e graciosa boca  
 Suas Madonas Raphael sumira ;  
 O bico da trocaz rubor mais puro  
 Não tem que os labios seus, nem mais alvura  
 Que os finos dentes neve crystalina.  
 Ao cysne do Uruguay não cede em graça  
 Seu cóllo altivo e bello, e nem as fadas  
 A cintura no mimo e delgadeza.  
 Torneara-lhe os braços genio amigo,  
 Tão formosos se ostentam! mão de um anjo  
 Branca e leve qual penna de uma garça,  
 Jasmims colhendo por jasmim se houvera :  
 Niveos dedos coroam rubras unhas,  
 Quaes hastes de crystal pet'las de rosa ;  
 E o lindo pé que as vezes se adivinha,  
 Quando se abysma na rasteira gramma  
 E deixa após vestigio perfumado,  
 Invejariam sylphos, que só vôam.  
 Oh! tão formosa, custa a crêl-a humana !  
 Parece um anjo, que baixára á terra,  
 Anjo exilado da mansão dos justos,  
 Peregrinando na mansão dos erros.

## XVI.

Doe-te a vida, que arrasta alma captiva ? . .  
Pesa-te amar de balde ? . . — não a vejas :  
Pede ao céu, que desfira um raio ardente,  
Que de uma vez te cegue : melhor fôra,  
Do que vê-la, e morrer de amor por ella :  
Quem a viu uma vez, não mais a esquece,  
Tantas lhe sobram feitiçoeiras graças.  
O angelico sorrir, que os labios puros  
Lhe adelgaça, alvejando eburneos dentes,  
E' como onda mansinha, que recúa,  
E mostra nivea praia ; ou como aurora  
Despontando n'um céu sereno e bello ;  
Ou como uma esperança dadivosa  
N'alma se dilatando. Nos seus olhos  
Brilham talvez scintellas escapadas  
Dessas que Deos raiou, quando nos dias  
Da immensa criação, olhando o espaço  
Creou a cada olhar um sol, um astro.  
D'ave amante do céu placido vôo,  
De gracioso batel nado suave,  
Que ao luar, em deshoras, vae tranquillo  
Lambendo a face de dormente lago ;  
De meigo sonho a idéa preguiçosa,  
Que como que se arrasta pela mente,  
Que de saudosa o seu fugir demora ;  
D'harpa sonora o som, que vae morrendo  
Pouco a pouco entre as auras diluido ;  
Nem ave, nem batel, nem pensamento,  
Nem som d'harpa amorosa são serenos,  
Como o volver dessa mulher formosa,  
Quando anda ou se desliza pela terra !  
Oh ! não a vejas, que de amor morrerás !

## XVII.

Oh ! não a escutes, que de balde és cégo !  
Para matar de amor a voz lhe basta.

Sobeja ouvir o seu fallar mavioso  
 P'ra n'alma derramar-se um philtro insano  
 De indisivel doçura repassado.  
 E' nos seus labios uma phrase, um hymno  
 Desses que aos pés de Deos modulam anjos.  
 Se entôa um canto . . . oh! não, nada lh'iguala :  
 E' sua voz prodigio de harmonia ;  
 Maleavel se dobra aos sentimentos,  
 E em cada nota retinir se escuta  
 Alma de genio e coração de artista.  
 Subtil perfume de virginea rosa ;  
 Echo nocturno de longinqua flauta,  
 Que geme aos labios de amoroso delio ;  
 O primeiro— talvez— que ousa tremendo  
 Pudica virgem conceder ao amante ;  
 Um gemido de mãe, que ajoelhada  
 Junto ao tumulto do filho idolatrado  
 Chora saudades ; um adeos extremo,  
 Que em despedida— o ultimo— se dizem,  
 Já de longe os esposos, que se adoram ;  
 Não! tão ternos não são como seu canto,  
 Quando falla de amor celeste e puro.  
 O furor de ciume interpretando,  
 Raios desprende n'um cantar sublime,  
 Que o coração em tempestade amostra,  
 O crime a praguejar é como a tuba  
 Rugindo da vingança os sons terriveis  
 Do universo no dia derradeiro.  
 Terna, ardente, sublime, é sempre a mesma,  
 Sempre artista feliz, genio inspirado.

## XVIII.

Dobra o mysterio da belleza o encanto.  
 Seu nome, a patria sua, e donde ha vindo  
 Ninguem sabe: surgiu inexperada  
 Naquellas solidões, qual nos céos brilha  
 Do astronomico extasido aos olhos longos  
 Noute primeira incalculada estrella.

Como um arcano no sacrario d'alma  
 Cerrou depois a vida n'um retiro,  
 Onde se apraz de se roubar aos homens.  
 Ali respira amor; mas seus amores  
 São dous só— harmonias e perfumes :  
 As aves ama, porque as aves cantam;  
 Flôres cultiva, porque aromas vertem,  
 E entre cantos e olores passa a vida.  
 Ella canta, e cantando se arrebatava  
 Levada em vôos ás mansões do genio :  
 Nem quer louvores, nem modestia inculca :  
 Canta, só porque vive de harmonias.  
 Suas vestes recendem odorosas  
 Sempre; quando ella passa após nos deixa  
 De indisivel fragrancia onda suave,  
 Como vestigio de um passar de fada.  
 Onde ella mora desabrocham rosas :  
 Bella princeza de ridentes valles  
 Formam-lhe a corte peregrinas flôres,  
 Talvez um ser de natureza extranha  
 Vive só de perfumes e harmonias.

XIX.

Puderam vêl-a camponezes dextros  
 A furto as vezes na soidão do bosque :  
 Nunca mais a esqueceram : do crepusculo  
 Sabem que apraz-lhe a hora, e mal descamba  
 Sobre os montes o sol, já pressurosos  
 De longe occultos nas floridas moitas  
 Sorvem encantos com famintos olhos,  
 Que veneno tambem encantos bebem !  
 O que primeiro a vê, arfa de gloria,  
 Aos socios a annuncia : se não sabem  
 Da bella o nome, um outro lh'inventaram ;  
 De extranhas plagas lembram-se, que é vinda,  
 E a chamam de concerto a— Peregrina—.

## XX.

Tão bella criação sempre era humana !  
 Anjo fôra, e na terra não vagára,  
 Se, milagroso *ser*, mortal fraqueza  
 Superando, perfeita em tudo, houvesse  
 Vencido a lei, que a humanidade acanha :  
 Oh ! inda mal, que em corpo tão formoso  
 Se aninha um coração isento e fêro !  
 Menos bella antes fôra, e mais sensivel !  
 Do quinto lustre a méta já tocára,  
 E nunca olhar de amor, de amor um riso,  
 Raio d'alma ternura se accendera  
 No angelico semblante : era uma estatua,  
 Marmore toda, coração não tinha ;  
 Ou então flôr do céo não vê na terra,  
 Cultivador, que lhe mereça effluvios ;  
 Divino gyra-sol pende sómente  
 Para o astro de luz, que é seus amores :  
 E' no mundo, em que vive, uma estrangeira,  
 Nada do mundo quer : — é pensamento  
 De piedade christã, que a Deos se eleva ;  
 Ave altaneira, que despreza os valles,  
 E vae soberba, conquistando as nuvens,  
 Sumir-se onde não chega a vista humana ;  
 Centelha ardente de sagrada pyra,  
 Que á terra foge, e perde-se no espaço ;  
 Coração de amyantho, que não arde.  
 Ou sol, que abraza o mundo, e não se abraza.

.....  
 .....  
 .....

*J. M. de Macedo.*



# A INDEPENDENCIA DO BRAZIL



POEMA EPICO, PELO SNR. A. G. TEIXEIRA E SOUSA.



Acabamos de lêr o segundo volume da epopéa ácima mencionada, cuja primeira parte já nos era conhecida, e não podemos resistir ao desejo de alguma cousa dizer á tal respeito, sentindo que penas mais habeis ainda se não tenham dado a este trabalho, e que uma glacial indifferença haja acolhido a producção do illustre vate.

*A Independencia do Brasil* é uma verdadeira epopéa: o seu assumpto é grande e interessante; as tres unidades, escrupulosamente guardadas, e o character do principal personagem, traçado com grande talento e intelligencia dos preceitos d'arte. Nossa historia, propriamente dita, começa com a independencia; é este o facto de maior interesse para nós, e foi por isso que o Snr. Teixeira e Sousa tomou-o por objecto do seu poema. O heroe da nossa emancipação politica foi o Snr. D. Pedro I, que resume-a em sua pessoa, e portanto devera tambem ser elle o protogonista do drama epico.

A primeira objecção, e diremos quasi, o primeiro defeito que se possa exprobar ao poema em questão, é o de versar sobre assumpto demasiado moderno, prejudicando a verdade historica a ficção poetica. Não é porém a primeira vez que um poeta canta as glorias da sua nação, embora sejam ellas recentes: Camões e Voltaire nos podem fornecer exemplo em seus bellos poemas dos *Lusiadas* e na *Henriqueida*. Se ha inconveniente em tal proceder, redunda só este em prejuizo do poeta, que não é bastante apreciado pelos seus contemporaneos, que julgam-no lisonjeiro quando ergue padrões em honra dos benemeritos da patria, e cujas accções, ainda as mais nobres, são apreciadas pela regra do vil interesse. O Snr. Teixeira e Sousa previa que o seu poema não seria assás estimado pela geração actual e appellou com confiança para o juizo da posteridade assim s'expressando no começo do canto 12.º:

« Mas não, Musa do céu, não desanimes,  
 « Que não serão teus cantos repellidos,  
 « Quando esses feitos não julgarem crimes  
 « Cidadãos ao passado agradecidos;  
 « E porém deste feito heroes sublimes.  
 « No porvir d'invejosos protegidos ;  
 « Serão por Brasileiros illustrados  
 « Meus hymnos patrioticos cantados!

« Em honra deste se'lo milagroso  
 « Saiba a gente porvir que não escrevo :  
 « Comprometter meu estro assás medroso  
 « Em favor do presente não me atrevo :  
 « Sus, despreze meus cantos orgulhoso.  
 « Vingue-se assim do apreço que lhe devo,  
 « Porque é nenhum. Em Deos pois confiado  
 « Para o futuro só canto o passado!

« Candido, verdadeiro, franco e liso  
 « Entrego hoje meus cantos ao futuro :  
 « Ah! mais que do presente o seu juizo  
 « Imparcial será, será mais puro :  
 « Lá susceptiveis peitos não diviso.  
 « Por isso appello para lá seguro ;  
 « Em mim d'encomios vãos não ha cubiça,  
 « Eu só quero, porvir, de vós justiça. »

E' sublime o contemplar a resignação com que o poeta encara a injustiça dos seus contemporaneos, a coragem com que aguarda a da geração vindoura; resignação e coragem que só pódem ser filhas d'uma alma bem formada, como a d'um homem, cuja vida tem sido um constante horto de privações, a do cidadão modesto e prestimoso, que com uma mão empunha o sceptro da poesia e com a outra maneja a ferula do mestre d'escola.

Quereis saber em que situação escreveu elle o seu poema?— Na do homem que trabalha com assiduidade para grangear o pão quotidiano, que lhe faltará, se descansar um minuto para meditar. Camões escreveu os Lusíadas na gruta de Macáo, e o Snr. Teixeira e Sousa cantou no meio do trabalho. E' elle proprio quem nôl-o diz:

- « Mas ah ! que feito este improbro trabalho  
 « (Oh ! saibam do futuro os escriptores)  
 « Foi sob um céu de bronze sem orvalho  
 « Sobre arneiro sem fructos e sem flôres!  
 « Em novo Sennaar, sem agazalho,  
 « Sem lymphá, refrigerio aos meus ardores,  
 « No fundo d'um deserto inconversavel  
 « Meu estro pereceu desamoravel!

O emprego dos seres allegoricos, como o Despotismo, a Liberdade, a Discordia, &c., enfraquece um pouco a acção do poema, e torna-o por ventura menos interessante: mas que poderia fazer o nosso poeta, discipulo da escola romantica, e a quem era vedado o lançar mão das divindades mythologicas, que digam o que quizerem os modernos criticos, são muito mais poeticas? Crêmos que si o nosso patricio recorresse para o maravilhoso do seu poema aos deuses do paganismo, e desprezasse as criticas, e os mo-tejos por este supposto anachronismo, teria triplicado a belleza da sua já tão interessante composição. E' uma humilde opinião nossa; e longe es-tamos de querer ser árbitro no litigio entre as duas escolas.

Nota-se tambem alguma monotonia em todo o poema; e algumas vezes, apesar da cadencia dos versos, fômos obrigados a fechar o livro para re-pousarmos. Julgamos isto procedido de duas causas: a primeira é por sa-bermos assás essa historia, a qual o Snr. Teixeira e Sousa ligou-se talvez com demasiada exactidão; a segunda é por ser a sua epopéa escripta em oitava-rima, genero de versificação summamente fatigante. Si o auctor da *Independencia do Brasil* se lembrasse que igualmente o era dos *Tres Dias d'um Noivado*, e não abandonasse o méτρο neste tão felizmente empregado, é convicção nossa que sua obra subiria de valor e que novos e virentes louros cingiriam a sua nobre fronte. Como Garção não gostamos do zum-zum da rima, e entendemos que feitos heroicos devem ser cantados em versos soltos.

Para mitigar a avidez da narração, o poeta introduz com arte alguns episodios de summo interesse e que se prendem naturalmente a acção principal; apenas exceptuamos o da lucta entre o soldado braguez e os dous brasileiros, que parece-nos poderia ser supprimido sem prejudicar em nada ao poema. Este episodio, onde aliás se notam bellos versos e riquissimas figuras, assemelha-se ao do combate entre os onze portuguezes contra os doze inglezes do cantor dos *Lusiadas*, de que tambem não gostamos. Apesar das circumstancias de quem revestido achamol-o pouco verosimil, e crêmos

que o estro do nosso poeta poderia ter-lhe fornecido alguma outra cousa de mais interesse.

O respeito para com as regras, que tão bem comprehendera, levou o Snr. Teixeira e Sousa a seguir um caminho já muito trilhado, e do qual si se quizesse affastar, mui bellas cousas ter-lhe-ia inspirado o seu genio inventivo. Preferiríamos que o illustre poeta fizesse por si mesmo a narrativa, á imitação d'Homero na Illiada, em vez de seguir o rumo da Odysseá.

Nas descripções, em que o poeta recupera a sua liberdade, submettida até então aos preceitos d'Aristoteles e d'Horacio, é elle verdadeiramente grande, e diremos quasi original. Tomemos para exemplo a pintura da cidade do Rio de Janeiro, que se lê no Canto IV :

« Da vasta Nictheroy depois da entrada,  
 « Vê-se da parte esquerda ao occidente,  
 « Uma linda planicie collocada,  
 « Cujo fundo dilata-se ao poente :  
 « Esta dos risos singular morada,  
 « D'encantos naturaes mansão ridente,  
 « Pelas graças, que tem pela belleza  
 « E' mimo sem igual da natureza :

« E' um extenso valle o mais formoso  
 « Que extremam serras para os céos erguidas;  
 « Estas são, que em seu fundo deleitoso  
 « Recostam nesse ponto as avenidas ;  
 « Pela frente e no centro gracioso  
 « 'Stão formosas collinas diffundidas;  
 « Pois si em seu fundo erguidas serras pesam,  
 « Pelo centro as collinas o embellezam.

« Desse fundo levantam-se entre montes,  
 « Já povoadas, serras ufanosas,  
 « Que aos céos as crespas ponte-agudas frontes,  
 « Ostentam, entre nuvens orgulhosas ;  
 « Desses seus cumes crystallinas fontes  
 « Sorrindo-se penduram murmurasas :  
 « São a— Martha, a Tijuca, o Corcovado  
 « E a Gavea— os recostos desse prado.

« Pelo lado do sul vêm d'oriente  
 « De montes percorrendo uma cadêa,  
 « Que sempre s'estendendo p'ra o occidente  
 « Com as serras do fundo emfim s'enleia,  
 « Qual capitão de todos vê-se a frente  
 « O Pão d'Assucar, que do mar se altea :  
 « Sublimidade é todo e não belleza,  
 « Rocha pyramidal da natureza.

« Tambem dest'arte se dilata ao norte  
 « De montes outra linha em pararello,  
 « Que percorrendo alli da mesma sorte  
 « Fóрма um largo cordão formoso e bello ;  
 « Assim a vista off'recem com transporte  
 « Dos edificios singular modelo :  
 « Estes montes são :— Nheco, Livramento ;  
 « Segue-se Conceição, depois São Bento.

« De todos quatro á frente este é o primeiro  
 « Que na planura de espaçoso pino  
 « Tem formoso, vastissimo mosteiro  
 « De sabios monges do immortal Cassino :  
 « O Conceição é delles o terceiro  
 « Que, d'hoje, um forte ser teve o destino ;  
 « E sobre esta montanha alevantada  
 « 'Stá veneranda, episcopal morada.

« Pelo lado do este, pelo norte  
 « Borda-o de Nictheroy vasta bahia,  
 « Esta formosa scena é de tal sorte  
 « Que inspira amor, prazer, melancolia !  
 « D'encantos naturaes sublime porte  
 « Aqui descobre o sabio em cada dia ;  
 « E o mar, que alli recebe tantas fontes,  
 « Fronteiro ao grande valle espelha os montes.

« Neste valle formoso edificada  
 « 'Stá Sebastianopolis famosa ;  
 « De serras e de montes rodeada  
 « Em que s'encosta léda, e primorosa ;

« Tem a fronte nas aguas retratada  
 « A Princeza do Valle magestosa ;  
 « E dessas proeminencias toda ufana,  
 « Domina sobre as aguas soberana. »

A descripção d'America, que se acha no canto segundo, e a das provincias do Brasil, que lêmos no ultimo canto, attestam os profundos conhecimentos geographicos, que possui o nosso poeta, e admiravel facilidade que tem em versificar. O quadro que traça-nos do inferno é digno do pincel do exilado de Florença : vejamos como ambos os poetas nos descreveram a entrada do orco. Começemos por Dante :

« Per me si vâ nella città dolente ;  
 « Per me si vâ nello eterno dolore  
 « Per me si vâ tra la perduta gente

« Giustizia mosse 'l mio alto fattore ;  
 « Fecemè la divina potestate  
 « La somma sapienza e'l primo amore.

« Dinanzi a me non fur cose create  
 « Se non eterne, ed io eterno duro :  
 « Lasciate ogni speranza voi ch'intrate. »

O vate brasileiro, obrigado a expressar a mesma idéa, fêl-o com este bellissimo variante :

« Não tem umbral, nem porta, e nem soleira,  
 « Só a entrada lhe vela a Omnipotencia :  
 « Eterno guarda da infernal barreira  
 « Um demonio que dura em permanencia ;  
 « E quando dessa fenda assoma a beira  
 « Perdida para os céos nova existencia  
 « Exclama o guarda triste, e alegremente :  
 « — Entrae . . . e padecei eternamente. »

O Snr. Teixeira e Sousa foi sempre feliz no emprego dos meios patheticos, e as palavras, que põe na boca do Snr. D. João VI, ao despedir-se desta terra, que tanto amava, e onde desejava findar sua existencia, commovem ainda os mais insensiveis corações. O velho rei lembrando-se da

paz que entre nós gozára, e dos dias venturosos que no Brasil fruira, exclama :

« Adeos, terra que amei, q'inda amo tanto,  
 « Paiz á que votei real desvelo,  
 « Da natureza nunca visto encanto  
 « Fertil, ameno, gracioso e bello!  
 « Recebe, tu és digno do meu pranto,  
 « Pois deixar-te não foi mais meu anelo;  
 « Porque gemerei sempre de saudade,  
 « Por quanto em mim durar a humanidade! »

A morte do Principe da Beira, o Sur. D. João, que tão cedo se partiu da terra, serve ainda de motivo ao nosso poeta para desenvolver todos os recursos, que lhe sabe ministrar a sua fina e delicada sensibilidade. Os pungentes gemidos que faz exhalar do coração de nossa virtuosa primeira Imperatriz só por si recommendariam o poema, si de mais titulos de recommendação precisasse. Citemos unicamente a primeira estancia dessa magnifica elegia, que se lê no Canto VII:

« — Meu filho, oh! minha dôr, minha alegria!  
 « Porque de mim tão cedo te partiste?  
 « Teus olhos tão brilhantes como o dia  
 « Fechaste logo, mal que a luz abriste! . .  
 « Em ti do céu um Anjo se sorria  
 « E como um Anjo para o céu fugiste!  
 « Mas ai! porque tão cedo desta sorte  
 « Levas meu filho de meu seio, ó! Morte? »

Digam as mães, que tem passado pelo duro golpe de perderem os seus filhos, se ha verdade nestas expressões.

A metamorphose do Pão d'Assucar, posto que pareça um pouco imitada da do Adamastor de Camões, não deixa por isso de ter grande merito, e fazer-se recommendavel a sua leitura: a que, porém, mais nos agradou d'entre todas as que se lêem nesse poema, por ser summamente original, é a da mudança da Cruz, que pendia do peito de S. Thomé, na constellação do Cruzeiro, que fulgura no nosso firmamento. Cordialmente felicitamos ao Snr. Teixeira e Sousa por uma tão feliz inspiração.

D'entre tantas bellezas sobresaem ás destas duas estancias:

Eis que ao som do trovão desaparece  
 Da pyramide d'agua o homem justo,  
 E no ponto, em que esteve, resplandece  
 Sua cruz, dos christãos signal augusto !  
 Petrifica-se a agua e s'endurece  
 E toma-se rochedo alto e robusto ;  
 Em face desta scena decantada  
 Ficou a gente absorta e admirada !

Dahi á pouco as luzes fulgurosas  
 Que compunham a cruz tão scintillantes,  
 Mudam-se em quatro estrellas radiosas  
 As quaes despendem raios fulgurantes !  
 E aos olhos das gentes curiosas,  
 Lá vão grimpando ao céo sempre brilhantes,  
 E no céo para o sul sendo levadas  
 Entre o Centauro e a Mosca estão pregadas!

Eis o que temos de dizer ácerca da obra do nosso benemerito patricio: ha nella muito estudo, grande talento, felizes idéas, nobres pensamentos, e tambem por ventura alguns defeitos e mesmo erros dos quaes seu auctor não poderia se subtrahir sem que se tivesse em seu favor revogado a lei geral da humanidade. Nosso fito escrevendo estas toscas linhas foi o de chamar a attenção dos homens de letras sobre o livro, que acaba de ser publicado, sentindo profundamente que obra de tal magnitude passasse desaperccebida. Sirva o que escrevemos de solemne protesto contra a quasi geral indifferença, e rogamos ao eximio poeta, que não veja nos nossos reparos e leves censuras o menor espirito d'animosidade e d'inveja, antes pelo contrario os mais sinceros e fervorosos votos pela sua gloria.



# GEOGRAPHIA HISTORICA, PHYSICA E POLITICA DO BRAZIL.



As 11 provincias do N. ou Brazil septentrional, por 4° N. 18° S. e 37-75° O., circumscrevendo 120,000 leguas quadradas, tinham em 1815 2:226,000 almas, e em 1845 contavam 3:480,000 habitantes, 29 destes por legua: a principal cidade, é a da Bahía com 180,000 almas, e muito commerciante, capital da provincia deste nome, e a primeira da terra de Santa Cruz, fundada em 1532, e tomada aos Hollandezes em 1625.

As 6 provincias unidas do S. ou Brazil meridional, em 18-34° S. 42-61° O., contorneari 30,000 leguas de superficie: concorda-se que em 1815 contavam 1:325,000 e em 1845 subia a 2:540,000 habitantes, 85 destes em legua quadrada; a principal cidade, é o Rio de Janeiro actualmente (referimo-nos a 1850) com 270,000 individuos, sendo destes 100,000 da America, 70,000 da Europa, e 100,000 nascidos n'Africa; edificada em 1568, e occupada pelos Francezes em 1560, 1565, 1710 e 1711.

As 3 provincias da União Mediterranea, por 6-22° S. 42-68° O., perfazem 95,000 leguas d'arêa: a população deste grupo geographico em 1815, era de 845,000 almas; porém em 1845 foi avaliada em 1:385,000 habitantes, 15 por legua quadrada; sendo a cidade mais consideravel o Ouro-Preto, que outr'ora tinha 20,000 e actualmente 5,000 almas, capital da provincia de Minas Geraes, povoada de 1694 em diante.

POPULAÇÃO APPROXIMADA DO TERRITÓRIO BRAZILEIRO EM DIFFERENTES ÉPOCAS.  
— Conforme o estado da população em 1776 dava pouco mais de 1:500,000 almas; porém elles não contavam mais que os individuos de communhão, porque eram os unicos de quem os Curas tomavam assento; sem temor de exaggerar, suppõe-se que naquella época a população total da terra Braziliica, era pouco mais ou menos 1:900,000 habitantes. O censo de 1798 foi feito com muito cuidado, e dava mais de 3:000,000 d'individuos, dos quaes 1:500,000 eram escravos.

Em 1815 conforme as pesquisas estatisticas do Conselheiro Velloso, a população absoluta do Brazil era 4:396,000 habitantes, sendo destes  $\frac{1}{3}$  de captivos, e, segundo o nosso primeiro trabalho, ou antes ensaio estatistico, podemos asseverar ao menos com uma probabilidade que se aproxima

muito da certeza, que a totalidade da população do nosso territorio elevava-se em 1845 a 7:400,000 individuos, dos quaes presumimos que  $\frac{2}{5}$  eram escravos; isto é, que entre 3 individuos livres, existem 2 captivos; cujos documentos estatisticos nos induzem a crêr que a dita população total dobra em 38 annos; por conseguinte a sua marcha ascendente é  $1,83\frac{0}{0}$  annuaes; tudo mais que se diz a tal respeito em contrario, não passa (talvez) d'um arbitrio sem base, e d'uma estimativa a esmo.

CALCULO APPROXIMADO DA POPULAÇÃO TOTAL DE CADA ESTADO EM ANNOS POSTERIORES. — Combinando o numero de habitantes das tres grandes regiões do continente Brazilico em diversos tempos, se achou (fundado em bases toleraveis), que a população absoluta das 11 provincias do N., dobra em 45 annos pouco mais ou menos; das 6 do S., em 30 annos; e a das tres Mediterraneas, em 50 annos, por isso o augmento annual dos habitantes do primeiro grupo geographico, será 1,5; do segundo, 2,34 e do terceiro, é  $1,4\frac{0}{0}$ ; com cuja base estatistica e a população de cada uma provincia, e de cada um grupo em época conhecida, se terá approximadamente para o futuro n'um tempo dado, a população absoluta de cada estado e a totalidade da povoação de cada uma das tres grandes divisões politicas Sul-americanas, conforme se vê na seguinte tabella geographico estatistica :

POPULAÇÃO PROVAVEL.	EM 1845.	EM 1900.
Provincia do Amazonas.....	30,000 h.	100,000 h.
Pará.....	190,000 »	400,000 »
Maranhão.....	280,000 »	650,000 »
Piauhy.....	160,000 »	400,000 »
Ceará.....	340,000 »	800,000 »
Rio Grande do Norte.....	160,000 »	400,000 »
Parahyba.....	230,000 »	600,000 »
Pernambuco.....	800,000 »	1:850,000 »
Alagôas.....	220,000 »	500,000 »
Sergype.....	190,000 »	450,000 »
Bahia.....	880,000 »	2:050,000 »
Espirito Santo.....	60,000 »	200,000 »
Rio de Janeiro.....	1:400,000 »	4:900,000 »
S. Paulo.....	680,000 »	2:400,000 »
Paraná.....	70,000 »	250,000 »
Santa Catharina.....	90,000 »	300,000 »
Rio Grande.....	240,000 »	850,000 »
Minas Geraes.....	1:160,000 »	2:450,000 »
Goyaz.....	120,000 »	250,000 »
Matto-Grosso.....	100,000 »	200,000 »
Total da população.....	7:400,000 »	20:000,000 »

Conforme os primeiros trabalhos, ou antes ensaios estatísticos dos Snrs. Dr. Haddock Lobo e Amaral a população desta provincia é actualmente (referimo-nos a 1850) de 460,000 habitantes livres, e 440,000 escravos. Porém segundo as nossas investigações estatísticas, fundadas em dados provaveis, a população da provincia, vêm a ser de 500,000 individuos livres, e 1:000,000 de escravos! E quem não sabe que o numero destes (aqui?) é duplo d'aquelles, e não menor em numero de 20,000 individuos, como apresentam os ditos illustrados Senhores em seus dados estatísticos.

É mais factível que em 1900 o nosso paiz ou qualquer de suas subdivisões politicas, tenha o numero de habitantes da segunda columna indicados no quadro estatístico, do que a população do territorio fluminense seja na dita época de 4:900,000 almas; ainda mesmo possuindo elle o melhor porto do mundo, e sendo a capital do governo central, e só por isso actualmente a primeira provincia do Brazil, tendo occupado outr'ora o lugar de capitania da segunda ordem.

Todavia para o futuro, é presumível, que por falta d'extensão geographica venha a ser por este motivo, um dos estados Sul-americano da segunda ordem, sendo os da primeira (a nosso vêr), o territorio Paraense, Bahiano, Rio-Grandense, etc.

Pessoas versadas nos trabalhos estatísticos da nossa patria nos fazem vêr:— que no numero de habitantes indicados na primeira columna do mappa acima, se não incluem as tribus indigenas dos aldeamentos, malocas e missões.

NOTÍCIAS HISTÓRICAS E ESTATÍSTICAS.— Os bosques das provincias do Amazonas e Pará (separadas do Maranhão em 1750), apresentam mais de 200,000 fluvícolas residindo em suas malocas ou grupo de choças, composta de muitas tribus, as quaes a civilização não tem ainda adçoado os costumes, e que facilmente se pôdem domesticar por sua indole e condição social e pacifica, aptos por isso para todo o genero de trabalhos e industria; porque exercem muitas artes uteis cujos braços tem sido perdidos por falta d'um bom systema de cathechese.

São muitas as nações gentias estabelecidas na parte occidental da provincia do Maranhão; além das quaes ha na mesma provincia provavelmente de 90 a 100,000 indigenas, que com facilidade se pôdem aldear.

A provincia de Matto-Grosso, fundada em 1720, e a sua capital em 1727: tinha 24,000 almas em 1790, não entrando neste numero ou Algarismo os terrícolas que se acham reduzidos e povoando 21 aldêas, com 40,000 habitantes.

O fertilissimo territorio dos Guayanás intermediario entre os rios Paraná-panema, Tibagy, Paraná e Corityba, e os campos geraes deste nome (o mais bello local da provincia do Paraná povoada de 1680 em diante), julga-se ser habitado por 80 ou 100,000 Brazis ou brazilianos no estado de selvageria, afóra os terrantezes aldeados.

A provincia de S. Paulo (patria do illustre *Paula Sousa*) erigida em capitania em 1560 (separada da de Goyaz em 1740, contando est'outra provincia actualmente 40 arraiaes e 16 opulentas villas); em 1800 tendo 95,000 pessoas brancas, e 74,000 pardos e pretos livres, e sendo o seu movimento annual e progressivo  $2,34 \frac{0}{0}$ , segue-se que hoje deve ter 550,000 individuos livres, sendo  $\frac{4}{3}$  da população total escrava.

E' memoravel esta provincia por ter-se nella fundado em 1531 a primeira villa que houve em todo o Brazil, e encontrado alli o portuguez *João Ramalho*, já com filhos casados, o qual alli aportou em 1501 em companhia de— *Gonçalo Coelho*,—

E' tambem notavel a dita provincia por ser a primeira colonia da joven america, que tentou em 1641 desmembrar-se da mãe patria erigindo um governo separado.

N'America castelhana foi onde primeiramente se erigiu a cidade de Panamá em 1518, e ullimamente nos Estados-Unidos, Philadelphia em 1683, hoje com 500,000 habitantes.

A provincia de Santa Catharina (nossa patria) occupada pelos Hollandezes, e depois povoada por Paulistas em 1723, e por insulanos-açoritás em numero de 4,000 vindos em 1750 (a semelhança do Rio Grande); a sua capital erecta em 1726, e tomada pelos Hespanhoes em 1777: em 1824 orçava a população da provincia em 45,000 individuos.

A provincia do Rio Grande povoada desde 1751 em que se fundou a villa de S. Pedro; foi invadida pelos Hespanhoes em 1762; sendo em 1680 (época em que foi erecta a colonia do Sacramento) habitada por um ou outro agricultor Paulista, a semelhança de Santa Catharina: a população absoluta da provincia em 1818 montava a 79,000 pessoas de todas as classes.

Estamos inteiramente persuadidos, que em 1850 a população absoluta do Brazil não foi menos de 8:100,000 individuos das differentes raças, dos quaes conforme nossas minuciosas indagações estatisticas, vêm a ser provavelmente 4:300,000 brancos e pardos livres; julgando-se que o numero daquelles é duplo do destes; 100,000 cabòclos; 200,000 pretos libertos; 3:500,000 captivos (?) sendo destes talvez  $\frac{1}{4}$  empregados na layoura; afóra

uns 200,000 indios aldeados, e selvicolas ou indigenas propensos a passarem ao estado de civilização social, que conforme o juizo de pessoas habilitadas, andarã por 800,000 individuos.

Conjectura-se que a nossa população livre tão morosa em seu desenvolvimento, tem duplicado até agora em uns 60 annos, e a captiva em uns 20 annos!! Assim pois tendo-se presente que no nosso paiz existem actualmente por uma estimativa razoavel 3:000,000 de individuos brancos e 3:700,000 pretos, o crescimento destes até aqui muito accelerado, será tres vezes maior que o daquelles.

Por estes ponderosos motivos se deve obstar o mais possivel a introdução d'Africanos no Brazil, porque então a população escrava não crescerã tanto, attento que o numero de mulheres é muito menor que o dos homens; sendo além disso a mortalidade dos pretos africanos proximamente de 10, e a dos crioulos, de  $3\frac{0}{0}$ .

Dos dados estatisticos ácima mencionados se infere: que o numero de individuos livres, é para o de escravos, como 100 é para 76, e que entre 2 homens brancos, se vê um de côr. Consequentemente a população relativa ou a densidade da população no Brazil, computa-se em 33 habitantes por legua quadrada, quasi duas vezes menos densa, que a d'America-hespanhola.

RAPIDA E CURIOSA VISTA D'OLHOS SOBRE O AUGMENTO PROGRESSIVO, OU PROSPECTO FUTURO DE CADA UMA DAS TRES GRANDES E NOVAS ASSOCIAÇÕES POLITICAS LUSO-AMERICANAS.—Com os documentos estatisticos ácima expressados, tere-mos, (conforme os calculos de probabilidade) as populações absolutas de cada uma das tres grandes divisões sociaes e politicas, Sul-americanas, correspondente ás seguintes e differentes:

ÉPOCAS.	ESTADOS-BOREAES.	AUSTRAFS.	CENTRAES.
1815	2:230,000 hab.	1:330,000 hab.	850,000 hab.
1845	3:480,000 »	2:540,000 »	1:380,000 »
1850	3:750,000 »	2:850,000 »	1:500,000 »
1855	4:000,000 »	3:200,000 »	1:600,000 »
1860	4:400,000 »	3:600,000 »	1:700,000 »
1865	4:700,000 »	4:100,000 »	1:800,000 »
1870	5:000,000 »	4:500,000 »	2:000,000 »
1875	5:400,000 »	5:100,000 »	2:100,000 »
1880	5:900,000 »	5:700,000 »	2:200,000 »
1885	6:300,000 »	6:400,000 »	2:400,000 »
1890	6:800,000 »	7:200,000 »	2:600,000 »
1895	7:300,000 »	8:100,000 »	2:800,000 »
1900	7:900,000 »	9:100,000 »	3:000,000 »

Ainda sendo o territorio da vasta região amazonica, ou Estado Equatorial mui fértil em variadas produções agricolas, offerecendo com isto mais abundancia de meios de subsistencia (e de viver-se feliz) do que em nenhum outro estado do Brazil-meridional; contudo, tanto por ser o clima do nosso paiz Austrino pouco differente do da Europa, e além disso seus habitantes mais doces e trataveis do que seus irmãos da região Aquilonar, animando por estas causas aos europeos a emigrarem em maior numero para as provincias da União-Austral: por estes ponderosos motivos se nota na tabella geographico-estatistica, que actualmente tendo os 11 estados alliados do N. maior numero de habitantes do que os 6 da União do Sul, acontecerá o contrario em 1885!

Da estatistica do Brazil mui pouco ou nada se têm occupado os membros do *Instituto Historico Geographico Brasileiro*, por não terem nenhum dos 50 socios desta recente e util associação preenchido a essencial condição do seu programma, relativo a noticias historico-geographicas, mui principalmente a trabalhos estatisticos, ainda sendo para isto animados com o premio de uma medalha d'ouro, da qual nos julgamos merecedor, por sermos o primeiro que apresentamos em publico trabalhos estatisticos do continente Brasileiro.

PARALLELO ENTRE OS ESTADOS-UNIDOS E O BRAZIL E O PROSPECTO FUTURO DA AMERICA E EUROPA.— Suppondo, que a população dos Estados Anglo-americanos, duplicam em 23 annos:— a d'America-hespanhola, em 47:— e a do Brazil, em 38 annos, teremos com estes dados estatisticos e a população absoluta em época dada o numero de habitantes de cada uma das tres colossaes nações Americanas, correspondente as seguintes e differentes:

ÉPOCAS.	ESTADOS-UNIDOS.	AMER.-HESPAÑHOLA.	BRAZIL.
1850	23:200,000 h.	23:000,000 h.	8:100,000 h.
1860	31:200,000 »	26:600,000 »	9:700,000 »
1870	41:900,000 »	30:900,000 »	11:500,000 »
1880	56:300,000 »	35:800,000 »	13:800,000 »
1890	75:600,000 »	41:600,000 »	16:600,000 »
1900	101:600,000 »	48:200,000 »	20:000,000 »

Actualmente a população de New-York é de 700,000— e a de Philadelphia de 500,000 habitantes, duplicando em menos de 15 annos!— a do Rio de Janeiro, collocada no melhor porto, e na melhor posição geographica do mundo, conta apenas 300,000, e a Bahia, 180,000 almas, dobrando em 30 annos!

*Instrução social comparativa* (essa verdadeira fonte da liberdade).— Si os 32 estados da União americana presentemente com 26:000,000 de habitantes apresentarem 26 litteratos; as 11 republicas da joven America-hespanhola com 24:000,000, apresentaram tambem 24 litteratos: e o Brasil com 9:000,000 d'almas, certamente não poderá apresentar ainda 9 litteratos?!

O Brasil continuando a ser regido pelo systema de governo adoptado, em 1900, terá 20:000,000 d'almas.— Os 11 estados d'America-hespanhola 50:000,000.— E a nação Americana, essa brilhante constellação que desponta no céu do novo-mundo, virá a ter pelo menos, de 100.000,000 de habitantes.

Desta ridente época em diante, é de suppôr que nossosirmãos do norte, esses dignos filhos de *Washington* e *Francklin*, principiem a intervir em grande escala na politica geral do mundo e nos negocios europêos, fazendo cessar seus ferrenhos dominios nas outras tres partes da terra; porque é presumivel, que em 1950 a totalidade da sua população eleve-se á cifra de 400:000,000 d'almas!— a d'America-castelhana, 100:000,000 — e a do Brasil, 50:000,000 de habitantes?!

Dentro em 30 annos, e antes deste praso as possessões europêas no hemispherio-americano, com 6:000,000 d'almas, é de suppôr, que estejam de baixo do dominio social dos norte-americanos!

A população combinada ou collectiva Anglo-Hispano-Luso-Americana, o periodo de sua duplicação, é de 32 annos, por conseguinte com  $2, 2 \frac{0}{6}$  de avanço annual; e conforme a opinião economico-politica, onde houver grande abundancia de meios para viver-se commodamente, hade crescer necessariamente muito o numero de seus habitantes: só por esta causa a opulenta e venturosa America, é contemplada como a primeira em consideração; e pela sua posição social e politica, vêm a ser actualmente reputada como a segunda parte da terra!

Qual poderá ser a situação politica do novo-mundo (que nome este tão sympatico! O zunido só desta voz move o coração do desvalido europêo a buscar nelle um asylo que não encontra em sua patria), quando no anno de 1982 tiver 1;100:000,000 d'Anglo-Hispano-Luso-Americanos civilisados, reunidos, seguindo uma só religião, visto que o *Christianismo protestante* em consequencia da falsidade de suas doutrinas, prosegue em sua marcha retrograda, á medida que a instrução social e a moralidade progride! Por estes ponderosos motivos muito nos devemos ufanar por termos nascido americanos: mil graças pois devemos render ao *Todo-Poderoso* por tão grande beneficio.

O algarismo da população d'America e sua prosperidade em todos os sentidos, augmentará (até certo ponto), á semelhança do giro da bola lançada no plano inclinado, cuja velocidade augmenta na proporção da distancia percorrida.

Pelo contrario o crescimento da povoação européa (hoje com 265:000,000 de habitantes e quasi estacionaria, dobrando até aqui em 120 annos), e tudo mais, assemelha-se ao movimento da mesma bola, lançada porém no plano horizontal, e impellida por uma unica força de projecção.

Perde-se a imaginação, e as idéas se confundem ao contemplar no prospecto futuro do abençoado e fertil mundo occidental, que occasionará uma mudança tão grande e tão rapida na condição social e politica do Orbe-terraqueo!

O novo continente pelas suas circumstancias locaes, offerece os meios de subsistencia e tudo quanto é necessario a uma população quatro vezes maior que a de toda a terra, isto é, a 3;320:000,000 de habitantes!

O territorio das provincias do Amazonas, Pará, Goyaz e Matto-Grosso, onde existe o tão procurado *El-Dourado*, com 500,000 almas, pôdem alimentar o mesmo numero de individuos que alimenta o territorio Anglo-americano, e o continente europêo!

Finalmente, quem á vista do exposto e dos dados estatisticos indicados na tabella ácima, não dirá que marchamos na retaguarda das republicas da joven America: compare-se a nossa sorte com a dos cidadãos Anglo-americanos, e ainda mesmo com a de algumas das ditas 11 republicas da lingua hespanhola, e vêr-se-ha quanto é a nossa inferioridade!

*Francisco Nunes de Sousa.*



# FRAGMENTO D'UM POEMA.

---

## VISÃO III.

### O AMASONAS.

*(Continuado do numero antecedente).*

Daqui as terras costeando sempre,  
Sempre contr'o oriente navegámos.  
Entram amplos o mar soberbos rios,  
O ether fendem nemorosas serras,  
Rios sem nome, serras não sabidas!  
Além dobrámos espaçoso cabo;  
E de lá por diante tal se enverga  
Rapidamente a costa, que discorre  
Do cabo para além ao norte quasi.  
Lá onde a terra fôrma agudo um angulo,  
Quasi ao oriente facejando um lado,  
Onde se crê que á prumo, sem descanso,  
Ferve de chammas um vulcão ethereo,  
Rompe novo oceano as terras, e une  
Doces vagas, que rola ás acres vagas,  
Com que quasi inundára Atlante o globo!  
Ou diria que Atlante um braço immenso  
De claras aguas enfiou na terra  
Com força tanta, que as tornou potaveis!  
E' um rio porém; mas com tal impeto  
Dardeja contra o mar guerreiras ondas,  
Que repellindo do inimigo as furias  
Da foz bem longe de vencida o leva  
Tó vencendo o tyranno em seus dominios!

E das vencidas, mugidoras vagas  
 Urdindo vencedor tropheos infindos,  
 Tornêa altivo do combate a arena  
 De illustres palmas, de nevadas flôres!  
 Vendo-o ; se crê o mar gigante encr me,  
 Prostrado nos mysterios d'agonia,  
 Supremo batalhar da Vida, e Morte,  
 Onde o torpor da enregelada lingua,  
 Das faces o pallor, frio dos labios,  
 O gélido suor, e os vitreos olhos  
 São da Morte. . . e um tardo movimento,  
 Um incerto arquejar, um ai confuso,  
 Uma dôr, uma lagrima. . . da vida!  
 E então o rio formidavel lança,  
 Immensa, que no corpo do gigante  
 Todo o ferro embebeu, deixando a hasta  
 Tarda seguir da morte os movimentos!

Tão veloz, com tal furia ao mar desprega  
 As voadoras ondas este rio,  
 Que mal se vence da torrente o embate!  
 Quasi em meio da foz, onde começa  
 De combater feroz de Atlante as iras  
 Assente uma ilha a foz lhe fende em duas.

Quantos adornos, nã sasão das flôres,  
 Quantas riquezas, na sasão dos fructos!  
 Sõe de entregar á terra a Natureza,  
 O eterno verdor, o viço eterno  
 Destas tão bellas, por'entosas margens  
 Tingem, bordam, ésmaltam, embalsamam!

Tributarios fieis, rasgando as terras  
 Pacatos, ou altivos das riquezas,  
 De longe vêm alguns, alguns de perto,  
 Grossos thesouros lhe depôr no seio :  
 Como a um rei vencedor vêm reis vencidos  
 Da egreja magestade o emblema egregio,  
 Real diadema, aos pés depôr-lhe humildes!

Em certo ponto o rio tão magnifico,  
 Com tanta magestade, e tanto orgulho  
 Por entre as largas margens se-escorrega,  
 Que seus passos contar não cabe ao homem :  
 Como no ethereo curso o sol brilhante,  
 Dos céos batendo a luminosa estrada,  
 Que embora penetrante a vista d'homem  
 Não póde vêr fugir seu carro em chammas !  
 Da foz mui longe o rio em dous se volve ;  
 Surgindo á luz de differentes berços  
 Se engrossam, se assoberbam caudalosos  
 Por mui grossos tributos, que em seu seio  
 Feudatarios fieis depõem submissos :  
 E bem que o doce mar em dous se parta,  
 Inda fortes assim, altivos inda  
 Rolam ambos caudaes pompas tamanhas,  
 Que reis das aguas, sem errar, chamáras-lhes  
 Da vasta creação caudal assombro !  
 Como filha de reis de avitos paços  
 Sahe coberta de séricos portentos,  
 Calcando o roseo pé purpureas tellas,  
 Entre o ouro de Ophir, gemmas de Tharsis,  
 E vêm, da patria longe, em regio thálamo,  
 A poderoso rei ligar-se esposa ;  
 Unindo o pacto conjugal dest'arte,  
 N'um só ponto, o poder, riquezas, reinos ;  
 Assim diria neste ponto esposos  
 O rei das aguas, e a rainha dellas.

Longe, bem longe donde os mares quebram  
 Crespas, em brancas praias crebras ondas,  
 Onde se espontam n'amplidão do ether,  
 Em cones, em columnas, em pyramides,  
 Serras, que as fronteas entre as nuvens somem,  
 Mais erguidas que o Atlas, mais que o Libano,  
 Nascem das aguas estes dous soberanos,  
 E mui longe do mar se esposam ambos !  
 Oh ! si as immensas serranias viras  
 Das quaes tamanhas fontes germinando

Este mar internado immenso formam,  
 Estes cabeços reunidos erêra  
 Todo o peso dos céos nos céos sustendo!  
 Si de junto da lua vós podesses  
 Esta parte da terra olhar attento,  
 Diria este rio sem medida  
 Uma arvore de grandeza immensuravel,  
 Desnudada da tremula folhagem,  
 Sobre a face da terra distendida  
 Entranhando no mar parte do tronco,  
 E longe geiras, que contar, de tantas,  
 Nem vós o podereis, nem vossos filhos,  
 No sobpé das montanhas debruçando  
 Os menos grossos, derradeiros ramos!

No entanto sobre as margens destas aguas  
 Venerandas estão perennes selvas,  
 Cujas arvores tão bellas se agigantam  
 Tanto, que nunca do arrojado Libano,  
 Da criação coevos, os seus cedros  
 De um tronco tal e qual se gloriavam!

Deste eden, habitantes não domados,  
 Unicos gyram nestas gratas sombras  
 Milhões de fêras de diversas indoles,  
 Varias em côr, tamanho, e fórmias varias,  
 Serpentes de grandeza tal, que Lybia,  
 Ou Asia, em seus desertos nunca viram!  
 Sob os raios de um sol, que a prumo ferve,  
 Dormem, ou cortam deste rio as aguas  
 Enormes crocodillos; mas pacificos  
 Invadir seus dominios, sem ciumes,  
 Viam de nosso barco a serpe argentea!  
 Passaros, que Adão só viu, que amou só Eva,  
 Ornamentos do Eden, glórias do mundo,  
 Que inda no dia sexto as obras viram  
 Nas mãos de seu auctor sanctificadas,  
 Aqui, não esquecidos cantam inda  
 Da criação os hymnos primitivos;

Hymnos de eterno amor, notas amantes,  
Que tem de emmudecer lá quando, um dia,  
Minguado de amor morrer o mundo,  
Pois é amor a criação, mais nada !  
E, si essas aves de continuo cantam,  
E' porque de continuo amam. Nas margens  
Do grande rio pois baldo tentame  
Fôra contar as raças dessas aves,  
E graduar-lhes da plumage' as côres,  
Outro tanto é dos fructos; em tal numero  
Vergam pomposos os floridos ramos  
De arbustos frageis, de robustas arvores !

Da criação o povo melindroso  
Multicor, odorifero, amovel,  
Povoa com tal graça, e sem cultura  
Estes campos tão bemaventurados,  
Que duvidaes si numero mór embala  
O grato humor d'aurora, humor da tarde,  
De lindas flores, ou de verdes folhas !  
O verde firmamento então das flôres,  
A' noute, e o firmamento azul de estrellas  
Enamorados, seus amores trocam  
As estrellas do céu, flôres da terra ;  
E a protectora briza, humedecida  
Das creadoras lagrimas dos anjos,  
Sobre as azas de Amor, molle de affectos  
Susurrando entre philtros creadores  
Conduz seus almos, encantados beijos !  
Porém mais rico o firmamento verde  
Que o firmamento azul, rivaes as flôres,  
De um só astro os de amor cem raios puros  
Perfumam flôres cem, cem flôres amam !

Como as flôres nos ramos despargidas,  
Como seus pel'los, que arrebatam o vento,  
Esmeraldas, rubins, diamantes, ouro,  
Jazem nas praias deste rio, ou correm  
Envolvidos na lympha ao som da vaga;

E onde fere ao thesouro o sol nas ribas,  
 Por entre tão subtlis vapores brincam,  
 Em crespa ondulação, tremendo no ether,  
 Os sete raios, luminosas fontes  
 Em facetas de luz prismando côres!

Destas ondas a molle é de tal vulto,  
 Que na foz se espraiaando em lago immenso,  
 Lyncea vista vêr d'umã a opposta margem,  
 Rareando o horizonte, além das aguas,  
 Empenho insano fôra, em vão tentado!  
 Seu alveo só na foz contém mais ondas,  
 Que em tamanha extensão revolve o Nilo,  
 Des dos montes da Lua, e d'Abyssinia  
 Até seus largos portentosos deltas!

Oh! só neste paiz, só nestas plagas,  
 Sem mudar d'energia, e sons e notas  
 Na grande harpa de amor (todo o universo)  
 Seus nervos sempre em som perenne (os entes)  
 Em eternos bemóes a Natureza  
 Entôa ao Creador, quaes votos puros,  
 Da criação os hymnos primitivos,  
 Que ouviu sómente Adão, que amou só Eva,  
 No Eden abemolados; quando as flôres,  
 Ao rir celeste do anjo das florestas,  
 Pela primeira vez abrindo as c'rollas,  
 Pela primeira vez aos céos mandavam  
 Ao escabello de Deos incensos puros!  
 E desta plaga os hymnos innocentes  
 Linem... (quem sabe! expiatorios hymnos!)  
 Velhos crimes talvez das outras plagas;  
 Tanto em erros o mundo se avantaja,  
 Decrepitando em culpas os seus dias!



# A ENEIDA DE VIRGILIO E SEUS TRADUCTORES.



Il y a telle traduction, qui demande  
plus talent qui tel original.

(BIYANBE').

(Continuado do n. antecedente).

Uma traducção para ser bem feita deve de ser fiel, as palavras deverão ser traduzidas, isto é, que as palavras exprimam as idéas com a mesma força, e graça; exprimam os mesmíssimos pensamentos que teve o auctor. E isto fez o Snr. João Gualberto Ferreira dos Santos Reis, na traducção da Eneida de Virgilio, e tanto é assim que, bem que cheio de modestia, lá comsigo, conhecendo o illustre Bahiano (\*), que Virgilio estava mal enroupado em portuguez, de novo o traduziu, vestindo-o de grande gala, não poupando os adornos com que em algumas partes também o vestiu Camões e Garção; e assim deu-nos o melhor que achou em seus talentos, em sua fecundissima imaginação.

Para não deprimir o trabalho de escriptor algum, o modesto traductor Bahiano, dá como motivos á sua traducção, o amor, a poesia, e o gosto particular pelos escriptos de Virgilio; e o devia assim fazer, por ser elle muito discreto, e conhecer os sentimentos de M.<sup>me</sup> Guibert, que diz ser a grande

(\*) O Snr. João Gualberto Ferreira dos Santos Reis falleceu ignorado e pobre na cidade da Bahia o anno passado. Era homem honesto, e excellente pac de familia. Conheci-o de perto, e era dotado de fecundissima imaginação. Seu trato era ameno, e sempre cheio de lindissimos dictos, e em estylo atico. Suas poesias que correm impressas em 7 ou 8 volumes são tão raras, que quando ultimamente escrevi na Bahia, pedindo-lhe cu, se me elle descobria um exemplar de suas obras, offereceu-me o 6.<sup>o</sup> volume, dizendo-me ser o unico livro seu que possuía. Estou muito persuadidos, que S. M. o Imperador o Snr. D. Pedro II, na verdade um dos principes mais illustrado, que possui este seculo, e de que ha noticia, se do insigne poeta se lhe tivessem fallado, segundo é fama como convinha, mui houroso lugar lhe mandaria dar no Collegio de Pedro II, e em vez de estar cavando a terra na sua pobre e mesquinha herdade da Ilha de Maré, sem meios e sem forças; em vez de sua harmoniosa lyra estar destemperada e encostada ao pé de uma mangueira, estaria na mão do gosto obedecendo ao estro, e despreendendo seus divinos.

arte do homem habil, saber occultar a sua habilidade. O Snr. Gualberto, na traducção que fez da Eneida, confirmou o que dice o Gama (em Camões) ao rei de Melinde, ser a linguagem sua, com pouca differença a que fallou Virgilio, Cicero, Horacio, Suetonio, Terencio, Tacito, Ovidio, e muitos outros gravissimos senhores da antiga Roma.

Entre os primores do genio, a antiguidade e mesmo os tempos modernos, contam a Eneida como um delles; e ainda que Virgilio não limasse o seu escripto por não achal-o capaz do favor dos sabios; pediu ao entrar para o sepulcro, que lhe queimassem a Eneida; porém a ultima vontade do homem em vida sendo sempre sagrada para a observancia não se lhe fez, por que como discretamente dice um litterato de gosto— se a Eneida não escapasse ás chamas, certo que Troya duas vezes seria abrasada o que se póde apreciar percorrendo a obra seguinte:

*Arma, virunque cano, Trojæ qui primus ab oris  
Italiam, fato profugus, Lavinaque venit  
Littora: multum ille et terris jactatus et alto,  
Vi superum, sævæ memorem Junonis ob iram.  
Multa quoque et bello passus, dum conderet urbem,  
Inferret Deos Latio: genus unde Latinum,  
Albanique patres, atque altæ mænia Romæ.*

(VIRGILIO).

As armas e o Varão canto, que á Italia,  
Pelos rigores profugo do Fado,  
Das Troyanos regiões primeiro veiu,  
E ás praias de Lavinio; aquelle mesmo,  
Que por força dos deoses, e guardada  
Ira do cruel Juno, perseguido  
Mais que muito se viu por mar e terra;  
Que males mil soffreu tão bem na guerra,  
Té que a cidade edificasse, e ao Lacio  
Os errantes Penates induzisse:  
D'onde a gente Latina, e Albanos Padres,  
E os muros procederam d'alta Roma.

(GUALBERTO).

...; de Marte ora as horriveis  
Armas canto, e o varão que, lá de Troya

Profugo, á Italia e de Lavinio ás praias  
 Trouxe primeiro o fado. Em mar e em terra  
 Muito o agitou violenta mão suprema,  
 E o lembrado rancor da seva Juno;  
 Muito em guerras soffreu, na Auzonia quando  
 Funda a cidade e lhe introduz os deuses:  
 Donde a nação Latina e Albanos Padres,  
 E os muros vêm da sublimada Roma.

(ODORICO MENDES).

Canto as armas, e o heroe, que veiu a Italia,  
 Pelos fados, de Troya, repellido,  
 E o primeiro pisou Lavinias margens.  
 Muito o agitou a sorte em mar, em terra,  
 E Juno impia recordando furias;  
 Muito em guerra soffreu para no Lacio  
 Dar patria aos deuses seus, erguer seus muros:  
 De lá vêm de Alba agente, a Ausonia estirpe,  
 E o fulgor immortal da incluta Roma.

(LIMA LEITÃO).

As armas, e o Varão canto piedoso,  
 Que primeiro de Troya desterrado  
 A Italia trouxe o Fado poderoso,  
 E as praias de Lavinio veiu armado:  
 Aquelle, que no golfo tempestuoso,  
 E nas terras foi muito contrastado,  
 Por violencia dos deuses e excessiva  
 Lembrada ira de Juno vingativa  
 Tão bem farei memoria gloriosa  
 De quanto padeceu (em quanto erguia  
 A cidade) na guerra trabalhosa,  
 E aos deuses em Lacio recolhia:  
 Donde procede, em guerra, e em paz famosa  
 Dos Latinos a gran genealogia;  
 E os Albanezes padres, nada escuros,  
 E da alta Roma os levantados muros.

(FRANÇO BARRETO).

L'armi canto e l'Eroe, ch'esule un giorno  
 Per voler degli dei da Troja venne  
 D'Italia il primo e di Lavinio ai lidi.  
 Molto ei per mar, molto per terra errando  
 Soffri, bersaglio all'implacabil ira  
 Della memore Giuno, e molto in guerra  
 Per fondar nuovo regno, e patri Numi  
 Ripor nel Lazio, onde l'origine ebbe  
 Il popolo Latino, e d'Alba i primi  
 Padri, e di Roma le superbe mura.

(CLEMENTE BONDI).

L'Armi canto, e'l valor del grand'Eroe,  
 Che pria da Troja per destino a i liti  
 D'Italia, e di Lavinio, errando, venne :  
 E quanto errò, quanto soffersi, in quanti  
 E di terra, e di mar perigli in corse :  
 Come il traeva l'in superabil forza  
 Del cielo, e di Giunon l'ira tenace :  
 E con che dura, e sanguinosa guerra  
 Fundò la sua cittade, e li suoi Dei  
 Ripose in Lazio, onde contanto crebbe  
 Il nome dè Latini, il regno d'Alba,  
 Elemura, e l'imperio alto di Roma.

(ANIBAL CARO).

Claramente se vê o poeta em sua proposição dizer-nos que vae cantar a chegada de Eneas a Italia, perseguido por Juno, onde edifica a cidade de Roma, e o Sr. João Gualberto Ferreira dos Santos Reis, fiel como se pôde ser, conserva a mesma força de pensamentos e as mesmas bellezas como as do original.

*Arma et Romæ* com que principia e acaba Virgilio a sua proposição, são as mesmas palavras com que principia e conclue o traductor; e continuando na invocação, guarda a inalteravel fidelidade, e com ella seguindo os pensamentos traduz as palavras tanto no material e genio, como nas manifestações dos seus valores.

Virgilio, bem que estivesse certo de tudo o que havia occorrido a respeito da guerra de Troja e das desgraças de Enéas, não se confiando em si, pede

a sua musa (didactica) *que lhe lembre as causas* (*musa mihi causas, memora*) do que vai narrar caso lhe esqueça, para que não lhe escape cousa alguma essencial, por serem de summa importancia os prodigiosos acontecimentos, que antecederam e perseguiram ao piedoso heroe.

O Snr. João Gualberto, comprehendendo o pensamento de Virgilio, na invocação o traduziu; e os Snrs. Lima Leitão (perdoem-nos estes illustrados litteratos) e Odorico Mendes, pelo que nos parece suppõem ignorancia dos factos em Virgilio do que via contar, porque fazem Virgilio pedir a sua musa que lhe conte tudo, para lhe servir de interprete, e o outro que lhe *aponte as causas*, como que ignorava-as, e a ordem que deveria seguir. Virgilio, pede *simplesmente que lhe lembre*, no caso de esquecimento as causas; e não pede que lh'as conte porque as sabe, e muito menos, que lhe as aponte por estar certo da ordem que deve seguir; e tanto é assim, que no fim da invocação, admira-se elle antecipadamente por uma especie de exclamação (epiphonema), que a rainha dos deuses (*do'ens regina Deum*) pelo recentimento de uma offensa, faça passar o pio Enéas, por tantos trabalhos e desgraças tantas?

..... *Tantane animis celestibus iræ?*

Rancor tamanho em animos celestes?

(GUALBERTO)

*Musa, mihi causas memorà : quo numine læso,  
Quidve dolens regina Deum, tot volvere casus  
Insignem pietate virum, tot adire labores  
Impulerit. Tantane animis colutibus iræ?*

(VIRGILIO).

Musa, as causas me lembra : porq' Nume  
Offendido, ou de que pungente affronta  
A rainha dos deuses ressentida,  
A um varão tal, insigne em piedade,  
Tantas desgraças percorrer fizera,  
E obrigára á soffrer trabalhos tantos.  
Rancor tamanho em animos celestes? (Epiphonema)

(GUALBERTO).

Musa, conta-me tudo, e porque offensa  
Dos deuses a rainha o heroe piedoso  
Arrastasse, e involvesse furibunda

Por tantos riscos, por trabalhos tantos.  
Que imperio as iras tem mesmo entre os Numes!

(LIMA LEITÃO).

Musa, as causas me aponta, o offenso nume,  
Ou porque magôa a soberana déa  
Compelliu na piedade o heroe famoso  
A lances taes passar, volver taes casos.  
Pois tantas iras em celestes peitos!

(ODORICO MENDES).

Tú Musa, as causas da paixão intensa  
Me reduz a memoria, pois lembrada  
Estás, porque respeito, ou porque offensa  
A rainha dos deuses magoadada  
Quiz que um varão de piedade immensa,  
Por quem será sua fama eternisada,  
Padecesse trabalhos tão continuos;  
Tantas iras em animos divinos!

(FRANCO BARRETO).

Musa, tu, che di ciò sai le cagioni,  
Tu le mi detta. Qual dolor, qual'onta  
Fece la Dea, ch'è pur donna, e regina  
Degli altri dei, si nequitoso, ed empia  
Contra un sì piò? Qual suo nume l'espose  
Per tanti casi a tanti affanni? Ah! tanto  
Postono auçor lassù l'ira, e gli sdegni?

(ANIBAL CARO).

Musa, tu le cagioni a me ricorda,  
Per qual mai colpa, o di che oltraggio offesa  
L'alta regina degli dei si lunghi  
Travagli, e tante ad incontrar vicende  
Sforzasse Eroeo sì piò. Dunque ah! può tanto  
L'ira nell'alme incrudelir dei Numi?

(CLEMENTE BONDI).

Dr. Mello Moraes.

(Continúa).

# PHYSIOLOGIA PATHOLOGICA DA LOUCURA.



(Continuado do numero antecedente).

## A IDADE TEM INFLUENCIA NA LOUCURA.

Quasi que não é provavel o mudar a alma immortal com a idade, e ser differente, diz *Spurzheim*, no mesmo individuo, quando menino, adulto e decrepito. Entretanto a loucura, é mais frequente em certos periodos da vida. Geralmente se tem observado, que a loucura, excepto o idiotismo de nascença, apparece mais entre os 20 e 60 annos, que antes ou depois. Ella affecta mais os individuos entre os 20 e 30 annos em França do que na Inglaterra. Póde-se dizer em geral que as manifestações d'alma e do espirito são muitas vezes mais perigosas quando obram com mais energia, entre os 20 e 40 annos, e por conseguinte menos entre os 40 e 50, e ainda menos entre os 50 e 60. A infancia e a idade decrepita, quasi que estão ao abrigo da loucura. Entre os meninos muitas vezes se encontra o idiotismo de nascença. Ha tambem exemplos de meninos, que tem perdido o uso de suas faculdades por causas accidentaes: mas pergunta-se, se os meninos pódem-se tornar maniacos e alienados?

*Haslam*, dá a descripção de muitos meninos insensatos; porém elles pertencem ás duas primeiras classes. Temos visto muitos exemplos em differentes regiões. Ordinariamente são idiotas parciaes, assim como procuraremos demonstrar quando fallarmos da natureza da loucura. Em Bethlem, em Londres, vimos diz *Haslam*, um rapaz de 13 annos maniaco: em Liverpool, outro de 14 annos, cahiu em demencia por terror. Em Vienna, vimos um menino de 8 annos, que cahindo de uma cadeira, perdeu o uso de suas faculdades. *Esquirol*, falla de 3 meninos alienados: um de 9 annos, tendo escapado de uma febre ataxica, tornou-se maniaco: era máo, injuriava seu pae, suas irmãs, batia em todos, não queria comer, não dormia, fazia bulha, era muito magro e soffria de diarrhéa. Outro de 12 annos, doutado de intelligencia precoce, tendo a cabeça volumosa e sendo muito applicado para sua idade, era me-

lancolico. Muitas vezes recusava a comida, não queria alimento algum, logo que via, ou, acreditava vêr fumaça; e tinha tomado um tom de autoridade sobre seus paes.

Julgamos que a loucura é raro nos meninos por sua organização cerebral, ser mui delicada e não poder supportar uma affecção violenta sem fazer inteiramente perder o uso das faculdades d'alma e do espirito ou sem por a vida em perigo. As funcções cerebraes dos meninos apparecem sómente sob a fórma de doenças organicas acompanhadas de convulsões, de febre, de delirio, ou de uma suppressão total das faculdades moraes e intellectuaes. A' medida, que o cerebro torna-se mais firme, póde supportar mais tempo mudanças morbidas, sem perder completamente suas funcções, ou sem causar a morte. Então suas funcções só são desarranjadas, e isso é que constitue a loucura. Na idade decrepita as manifestações das faculdades diminuem, como as dos sentidos exteriores, e os desarranjos dos velhos, consiste antes na inaptidão, que na mui grande actividade ou em uma alienação, sendo a meia idade a época em que as faculdades são mais energicas, e em que a organização cerebral é assás forte para supportar alterações organicas, sem causar a morte, segue-se serem os desarranjos das funcções, então mais distinctos. Quando ainda não é activo, ou que deixa de obrar não se desarranjam tanto, como quando elle é uma paixão dominante. Assim os desarranjos das manifestações da alma e do espirito, estando em estreita relação com o gráo de actividade e perfeição da organização cerebral, como está o caso com as funcções do corpo; e sendo a alma immaterial concluímos, que a loucura, que depende da idade, é o resultado das causas corporaes.

DAS CAUSAS QUE SOMENTE AFFECTANDO O CORPO PRODUZEM A LOUCURA,  
SEGUNDO SPURZHEIM.

Tudo, que desarranja excita, ou enfraquece a organização, principalmente o systema nervoso, tem influencia sobre as manifestações d'alma. Está conhecido, que as faculdades d'alma e do espirito são menos energicas, quando o corpo cresce rapidamente e que muitas vezes a grande actividade é então esgotada, de sorte que, muitas vezes genios precoces entram na classe da mediocridade. Quem dirá que a digestão, as excreções, os jejuns continuados, e tudo o que esgota as forças do corpo, não tenha influencia alguma nas manifestações da alma e do espirito? A vida sedentaria, o habito da bebedeira, o ardor do sol, os venenos, a sensibilidade nervosa, todos os excessos da civilização, etc., são muitas vezes causa da loucura. As

quédas e pancadas na cabeça, as desordens da menstruação, a supressão das hemorrhoides, uma transpiração habitual, a dos lochios, a prenhez, um parto laborioso, a presença de muitas substancias nas vias principaes, etc., produzem tambem a loucura. Conforme todas as observações desta natureza, é natural concluir-se, que a causa da loucura é corporal.

#### A LOUCURA DEPENDE DA ESTAÇÃO E DO TEMPO.

E' antiga opinião, diz *Spurzheim*, de que os corpos celestes taes como as estrellas, os cometas, os planetas, tem influencia nas manifestações d'alma, e que a Lua determina os ataques periodicos da loucura. Esta opinião atravessou os seculos e espalhou-se por todos os paizes: e por essa razão é que todos os povos modernos dão o nome de lunaticos aos loucos. Se é verdade ser a Lua, que produz o espantoso phenomeno do fluxo e refluxo do mar pôde acontecer tambem que os corpos celestes tenham influencia sobre a economia animal.

Entretanto o que é certo é, que os ataques de loucura não são regulados pela Lua diz *Esquirol*, que talvez a claridade da Lua excite os alienados, do mesmo modo que a claridade do dia. *Haslam*, não pôde perceber a influencia da Lua sobre os alienados: portanto esta opinião reclama ainda a attenção dos observadores (\*).

Mas o excesso do calor ou do frio produzem a loucura. Em geral as estações tem certa influencia sobre as manifestações d'alma, assim como sobre as funcções do corpo. Em certos annos, nascem mais meninos, que meninas; e n'outros succede o contrario; ha annos em que os abortos são mais numerosos, o que já foi observado no tempo de *Plutarco*. N'uma estação o canal alimentario é affectado; n'outra os orgãos respiratorios; n'uma são os olhos; n'outra o larynge os que padecem. Certas molestias não só são frequentes, como mais graves e mais resistentes conforme as estações. O sol da primavera excita as plantas e os animaes, assim como o espirito do homem. Os diversos instinctos dos animaes apparecem e desaparecem em certas estações: as faculdades intellectuaes e moraes do homem, não são sempre igualmente activas. O nevoeiro, e um tempo chuvoso predispõem a alma á melancolia. O suicidio é as vezes endemico e mesmo epidemico: elle é raro em *Vienna*; mas tem acontecido haverem sete em uma semana.

(\*) Parece-nos, e com fortes motivos, certo a influencia da Lua sobre os corpos, porque este planeta preside nas mulheres a menstruação, aos gotosos e venereos as exacerbções dos soffrimentos. As madeiras cortadas em tempo de luar tornam-se fracas e estaladiças, e se enchem de brosios, ao contrario quando a Lua é minguante, tornam-se rijas e boas, etc.

As alienações mentaes, apparecem ora no estío, ora no inverno, ou na primavera. Assim dependendo a loucura do clima, das estações e do tempo deve ser effeito de causas corporeas.

A LOUCURA TEM ACCESSOS E REMISSÕES.

E' inutil lembrar, diz Spurzheim, que as doenças do corpo tem accessos e remissões. A experiencia diaria prova que a loucura segue a mesma marcha; ella tem como todas as outras molestias, suas causas, seus symptomas, seu tempo de encubação, seus prodomos, seus periodos, suas intermissões, suas crises e suas terminações. As loucuras intermittentes são quotidianas, de 3 em 3 dias, de 4 em 4, são mensaes, annuaes, ou vêm os accessos depois de muitos annos. A intermissão é ora regular, e ora irregular; e não ha razão nenhuma de crêr, que a alma soffra tantas mudanças. Portanto, é natural concluir-se que a loucura depende de causas corporeas.

A LOUCURA É MUITAS VEZES ACOMPANHADA DE CAUSAS CORPOREAS OU ALTERNA COM ELLAS.

Não se póde duvidar, diz Spurzheim, que em muitos casos a loucura não seja resultado de causas corporeas taes como os vermes, as suppressões da menstruação, os lochios, as affecções cutaneas, as ulceras, as lesões violentas na cabeça, etc. Além disso, na loucura, as funcções dos cinco sentidos, e do corpo são muitas vezes desarranjadas. Não é raro, por exemplo, notar-se uma contracção ou dilatação da pupilla, zoada nos ouvidos, picadas na pelle, todas as affecções nervosas, cephalalgias habituaes, colicas, caimbras, constipação, irregularidades menstruaes, dyspnea, cardialgia, hysteria, hypocondria, paralytia e eplepsia. E' mesmo factó, que a propria causa que produz em um individuo a hysteria, em outro produz a loucura sob differentes fórmas, quer seja maniacá, quer melancólica. Em quasi todos os alienados, diz *Esquirol*, a marcha da loucura é como as doenças do corpo que alternam com os desarranjos das manifestações d'alma e do espirito, e parece-nos, que considerando-se a loucura como independente das affecções corporeas, propaga-se uma doutrina que não é fundada na natureza, e que é extremamente nociva á especie humana.

O SOMNO MUITAS VEZES É DESARRANJADO NA LOUCURA SEGUNDO SPURZHEIM.

Sabe-se que as funcções d'alma e do espirito não póde continuar sempre

com a mesma energia e que tem necessidade de repouso. Entretanto, só os órgãos corpóreos é que se fatigam e esgotam-se. E' este estado de inactividade, que constitue o somno. Ora, o desarranjo do somno, tem lugar tanto nas outras molestias, como na loucura. A insomnia, é muitas vezes um symptomã precursor da loucura, e muitos alienados são privados deste meio restaurante. Além disto, observa-se a maior analogia entre os sonhos e os symptomatas da loucura.

Os sonhos se conformam com a idade e com a constituição organica. Os individuos, dotados de sensibilidade nervosa, encontram sonhando, obstaculos sem fim e experimentam muito trabalho e anciedade. Uma má digestão produz sonhos trabalhosos; e em sonhos julgamos vêr objectos exteriores, ouvir vozes, e, geralmente sentir todas impressões que os sentidos pôdem receber. Todos estes phenomenos apparecem na loucura. Ora, como o somno desarranjado, a insomnia e sonhos no estado de saude e nas outras molestias são effeitos de causas corpóreas; porque razão hão de querer admitir uma outra causa e as mesmas symptomatas?

Assim a observação e o raciocinio provam, que as causas proximas do desarranjos das manifestações moraes e intellectuaes, são corpóreas. A alma nas desordens das manifestações das inclinações, dos sentimentos e das manifestações intellectuaes não está mais doente, que nos desarranjos dos cinco sentidos e do movimento voluntario. Na paralyisia, ou impossibilidade de mover os musculos, na cegueira, na surdez, etc., não se busca a causa na alma, mas nos instrumentos respectivos que são necessarios ás suas manifestações. E' preciso fazer a mesma causa com o desarranjo das operações interiores d'alma. Tem-se dado até aqui muita attenção ao desenvolvimento das causas moraes e metaphysicas, no entanto, que as causas corpóreas, que estão certamente mais ao alcance da intelligencia humana, tem sido mui negligenciadas. Se a alma adoecesse deveria ser curada pelo raciocinio. Entretanto, os bons praticos, convêm que ordinariamente perde-se o tempo raciocinando-se com os loucos, e que antes se excita suas idéas desvairadas. Não podemos conceber, como a alma, que é um ser dotado de reflexão e de vontade, possa parecer estar as vezes abaixo da natureza dos brutos. E se tal degradação não é effeito da vontade, o que é que tem vencido a vontade? E' um ser sobrenatural, mui bom, ou um máo espirito? Então esperemos tudo da oração ou recorramos ao exorcismo!

#### DOENÇAS DOS SENTIDOS.

Vamos considerar agora as doenças dos cinco sentidos, mas tão sómente para comparal-as com os desarranjos, que as manifestações d'alma e do

espírito experimentam. E' preciso notar nas affecções dos cinco sentidos, em primeiro lugar, os desarranjos das funcções, ou symptomas; depois a causa occasional. A sensibilidade dos sentidos pôde ser exaltada, diminuida ou pervertida. A pelle torna-se as vezes de tal modo sensível, que o menor toque é-lhe insupportavel; em outras occasiões não experimenta o menor effeito, nem com o frio e nem mesmo com beliscões. As vezes parece estar em braços; no entanto, que na superficie nada se vê. Estas affecções da pelle, bem como muitas outras sendo symptomaticas, devem ser tratadas conforme a natureza do mal.

Entretanto, a medicação interior pôde ser ajudada pelas indicações exteriores, taes como banhos, fricções, etc.

Em todos os casos os medicos que tratam os doentes da pelle, não deve jámais esquecer os principios da pathologia geral.

As mesmas notas pôdem ser feitas em relação aos desarranjos do olfato, do gosto, do ouvido e da vista. Os doentes as vezes distinguem cheiro e sabores, que são imperceptíveis no estado de saude; em outras circumstancias vê-se-os preferir comer cousas que lhes seriam repugnantes, estando em perfeita saude. Os olhos tornam-se tão irritáveis, que vêem ás escuras.

Os sentidos pôdem dar sensações sem que tenham impressões exteriores: por exemplo; os doentes ouvem sons, vêem côres, sentem cheiros, que não existem. Os desarranjos dos cinco sentidos são idiopathicos ou symptomaticos: exemplo: a vista pôde ser desarranjada por uma inflammação, ou outro meio local do olho, ou então por lesões do cerebro, ou affecções do baixo ventre. Sabe-se, que a cegueira, do mesmo modo, que o rangido dos dentes, a percepção de cheiros desagradáveis e a cocega no nariz, são resultados as vezes de vermes nos intestinos. Muitas vezes tambem os desarranjos dos cinco sentidos, são symptomas percursores de apoplexia.

Assim, quanto á arte medica, a natureza das affecções dos cinco sentidos merece toda nossa attenção e devem ser examinados conforme as considerações da pathologia geral. Em relação a philosophia é preciso notar, que os desarranjos dos cinco sentidos, são olhados como effeito da organização ainda que as faculdades de vêr, de ouvir, de sentir, de gostar e de cheirar, são attribuidos á um ser, ou agente particular.

*Dr. Mello Moraes.*

*(Continúa).*



## APONTAMENTOS PARA A MATERIA MEDICA BRASILEIRA.



A frente da nossa sociedade brasileira está um príncipe, virtuoso, e sem a menor duvida, um dos mais illustrados segundo dizem, que se conhece no presente seculo, e seguro de ser o primeiro cidadão, entre nós, na republica civil, pela cultura do seu espirito e vastidão de seus conhecimentos, seu incontestavel talento, devemos collocal-o na mesma cathegoria, na republica litteraria, onde o dominio da realesa não chega, por não poder o rei como rei governar a intelligencia, e nem as luzes da sabedoria.

E' o primeiro cidadão na communhão litteraria aquelle que maior somma de conhecimentos possui, que copia de idéas variadas apresenta espalhando luz por onde quer que vá, e o rei que isto manifesta por seus estudos aturados e continuos, que olha para o mundo politico com conhecimento de causa, que dirige a sociedade com prudencia e conselho, que por sua vasta illustração, não busca imperar sobre um povo ignorante e embrutecido, que comprehendendo a dignidade do homem na terra, e o valor da sabedoria busca instruir-se e derramar a instrucção no povo, que avalia e estima a superioridade da razão humana e sua sublimidade, esse rei cidadão, intelligente e sabio, que senão apadrinha de sua alta posição para mandar com imperio, é o que nós possuímos, e que por suas excellentes qualidades, e sua variada e ampla instrucção tem conquistado tão brilhante e bem merecido nome, que a historia brasileira fallará do seu seculo determinando-o com o seu illustre nome.

Sua Magestade o muito illustrado Snr. D. Pedro 2.º, não contente em promover a instrucção no povo de que elle é digno soberano, para mais diffundir as luzes no imperio sustenta o *Guanabara*, para levar a todos os pontos do dominio brasileiro a instrucção possivel e sempre variada, compativel ás forças de seus collaboradores.

O principal redactor deste periodico, o illustrado Snr. Conego Dr. Fernandes Pinheiro, por nimia bondade, lembrando-se de nós, foi em nossa obscuridade arrancar-nos para tomar parte na collaboração deste periodico, e conhecendo nós o fim intencional do magnanimo príncipe que o man-

têm, prestarmos até onde podermos com o nosso fraquissimo contingente, á fim de que o muito illustrado soberano, veja realisado os seus ardentes votos.

Assim pois, sendo o principal destino desta publicação mensal a defusão das luzes, e tendo elle de percorrer o nosso vastissimo continente, convêm que a lição seja variá e não menos de vital importancia.

Ha entre nós uma grande necessidade, para a qual Sua Magestade como principal cultor das letras ainda não attendeu, que vêm a ser, lembrar ao seu governo, o mandar estudar a historia natural brasileira, em relação a medicina, e podemos assegurar que em nenhuma parte do mundo ella é mais fecunda e prestimosa, que em o nosso territorio.

Em tempos passados fizemos alguns apontamentos sobre a materia medica brasileira em geral, e bem que não sejam elles perfectos, por lhe tirarmos tudo o que poderia difficultar o conhecimento dos individuos que lembramos, os mencionamos sem os enfeites da sciencia, com os nomes vulgares porque são conhecidos, e suas prosperidades em relação as molestias (\*).

## A.

ASSA-PEIXE.— Arbusto negro do sertão; é aromatico, vive nos terrenos seccos: usam os naturaes das folhas cosidas em banhos contra as dôres pelo corpo. Ha outro Assa-Peixe preto do reconcavo tambem aromatico e com as mesmas virtudes; e demais, a raiz é contra-veneno de cobras. Acha-se em qualquer parte da provincia da Bahia, Sergype e Alagôas.

(\*) A medicina e os medicos que no seculo passado foram tão encarnecidos e ridicularisados, recobrarão com o augmento e progresso das luzes o seu antigo prestigio. O Esprito Santo pela boca do Ecclesiastico, fallando dos medicos e da medicina, diz:

Honra ao medico por causa da necessidade: porque o ALTISSIMO é quem nos criou. Porque toda a medicina vêm de DEOS, e ella receberá do rei donativos.

A sciencia do medico exaltarà a sua cabeça e será louvado na presença dos magnates!

O ALTISSIMO é o que produziu da terra todos os medicamentos, e o homem prudente não lhe terá opposição. Por ventura não foi por meio de um lenho que se tornou doce a agua amargosa? Ao conhecimento dos homens pertence a virtude daquelles, e o ALTISSIMO deu aos mencionados homens sciencia, para ser por elles honrado nas suas maravilhas. Curando com estes mitigará a dôr, e o boticario fará electuarios suaves, e comporá unguentos saudaveis e não se acabarão as suas operações. Porque a paz de DEOS se estende sobre a face da terra. Filho, não te desprezes a ti mesmo na tua enfermidade, mas fazei oração ao SENHOR e Elle te curará. Apartate do peccado e endireita as tuas mãos, e purifica o teu coração de todo o delicto. Offerece um cheiro suave, e a flôr da farinha em memoria, e fazei que pingue seja a tua oblação, e dá lugar ao medico, porque o SENHOR é quem no creou: e não se aparte de ti, porque te é necessaria a sua assistencia. Porque lá vêm tempo em que te chegue a occasião de calir nas mãos delles: e elles mesmos rogarão ao SENHOR, que lhes disponha o teu allivio e saude, para a conveniencia delles mesmos. (Cap. 38. §§ de 1 á 14).

**ASSA-PEIXE BRANCO.**— Planta vulgar, chamada tambem Frecha de Capoeira; pisadas as suas folhas, extrahido o succo, misturado com duas claras d'ovos, duas colheres de vinagre e assucar, dão os sertanejos em crysteis aos enfermos de febres malignas, e inflammatorias.

**ANGELICA CHEIROSA.**— Arbusto chamado tambem nos sertões Catinga de Cheiro; vegeta nos terrenos sêccos; é aromatico, preserva de pestiferos damnos, e apura os ares nos lugares onde vive: o seu entre-casco serve para banhos contra dôres do corpo: tambem se dá em bebida para defluxos no peito e ventosidades, adoçando-se com assucar: as folhas tem mais excessivo aroma, imitador do cravo da India; fazem espirrar e sifluir pelo nariz; e tem o mesmo prestimo ácima, o mesmo acontece com a raiz, que até é contra-veneno de cobras.

**ALECRIM DOS SERTÕES.**— Planta aromatica, que brota nos terrenos sêccos e fracos; é de outra especie que o vulgar; tem as folhas mais miudas, e o verde mais claro; e tem muitas outras virtudes, além das mesmas do outro, como seja fomentar as partes esquecidas por estupor, curar defluxos do peito, molestias de cabeça, ouvidos e olhos, com agua destilada; e dá-se tambem em chá para flatos e ventosidades.

**AROEIRA.**— Arvore que produz em qualquer terreno, e por mais sol que faça conserva-se sempre verde; a sua madeira é muito dura, e boa para estacas de cerca, por nascerem e se reproduzirem eternamente. Cosido o seu entre-casco, serve para feridas e até de animaes; é muito adstringente: serve tambem para lavar e tingir as redes dos pescadores á fim de durarem; a sua tinta é escura e não larga mais.

**ANGICO.**— Esta arvore produz nos terrenos sêccos, fructifica e o seu entre-casco adstringente, tem muitos prestimos; além de curtir couros, é muito virtuoso para soldar todas as quebraduras no interior; e para quem deita sangue pela boca, fazendo-o estancar; para quédas e para lavar feridas. Delle se faz extracto, que gosa do mesmo prestimo.

**ARARIBA.**— Arvore que nasce em terrenos fortes; da sua raiz se extrahe optima tinta encarnada; tambem a dá a casca do tronco; é porém mais ordinaria esta, que a da raiz.

**AZEDAS.**— Planta rasteira, que nasce em terrenos fracos e humidos; extrahido o succo e dado em clysteis, serve de antidoto contra malignas.

**ALCASSUS.**— Arbusto que nasce em terrenos sêccos; o seu prestimo é bem sabido por toda a parte.

**ALMECEGA.**— Arvore que abunda muito no sertão e nas praias, e em qualquer lugar, o seu prestimo tambem é bem conhecido.

**ARVORE SANTA.**— Nasce nos terrenos aridos, e mórmente nos sertões; é mediana, floreja e fructifica: a casca da raiz pisada e misturada com agua á proporção, é optimo emetico, principalmente aos molestos de canção e opilação; vão se dando pequenas doses até provocar o vomito: não ha perigo, e o resguardo é muito pouco.

**ARTEMIZIA.**— Arbusto que produz nas margens do Rio de S. Francisco; esta planta tem muita semelhança com Macella, e maiormente os botões: é aromatica, fazem uso della nas mesmas enfermidades em que applicam a Macella.

**ANGELICA AMARGOSA.**— Este vegetal bem se póde chamar a saude do sertão; e por infelicidade dos habitantes das cidades não está em pratica este remedio: é optimo soccorro contra malignas, sesões, defluxões e quaesquer febres, e para feridas profundas por ferro, como facadas, etc.; tambem aproveita ás mulheres de parto. Nasce esta planta em terrenos séccos; a raiz, cuja casca e lenho são amarellos, é que cosida se applica aos enfermos: é planta mediocre, produz brancas flôres, que exhalam aroma summamente agradavel e cosidas dão tambem o mesmo proveito aos attaccados de malignas. Esta planta acha-se em quaesquer sertões da Bahia, Sergipe e Alagôas.

**ARVORE POMBA.**— O succo da sua entre-casca tirada por cosimento ou infusão, serve para lavar feridas, ás quaes tambem aproveita certo balsamo, ou oleo que destilla do amago. Nasce em qualquer terreno arenoso e fraco, e não em massapé, nem no sertão; encontra-se nas provincias da Bahia, Sergipe e Alagôas. Da infusão deixa certo sedimento, ou tapioca, que é tambem muito util para pulverisar as feridas.

**ARAÇÁ-MERIM.**— Arbusto que fructifica e dá optimas fructas, que se comem e das quaes se faz excellente doce; cosidas as suas folhas, com essa agua se lavam chagas e gargarejam os que padecem nas fauces, e tambem se banham os que tem dôres rheumaticas. Nasce em qualquer terreno, menos nos lugares acatingados.

**ALECRIM DO CAMPO.**— Arbusto que brota em lugares apaulados: semelha-se ao Alecrim da Europa; não tem lenhos o tronco; pisado por isso com as folhas extrahe-se-lhe o succo, e misturado com alguma parte d'agua dá-se em crysteis contra as febres malignas. Esta planta ha em qualquer brejo do reconcavo da Bahia.

**ANTA.**— Animal bem conhecido, igual no corpo á um garrote; alvação, suro, cabeça baixa e focinhada com grande tromba: unha rachada; vive nas mattas, sustenta-se de vegetaes, e algumas pessoas o comem, por ter a

carne mui semelhante á de vacca, e com ella extinguem males venereos; até a pelle é de remedio dormindo sobre ella quem tem calor, e dá boa sola.

**ALFAVACA DE COBRA.**— Planta que nasce á beira das casas, e em lugares de humidade, o seu cosimento adoçado com assucar é escolhido refresco a quem se quer dispôr para maiores curas.

**ALFAVAVA CHEIROSA.**— Herva aromatica; é excellente tempero para comidas de carne: tambem utiliza em banhos aos rheumaticos.

**AVENCA.**— Herva, cuja configuração e prestimo é bem conhecido; ha em qualquer terreno humido das tres provincias Bahia, Sergype e Alagôas.

## B.

**BAUNILHA.**— Bem conhecida: é um sipó, que produz em qualquer terreno, e dentro das mattas; as folhas são carnudas e compridas; e póde ser cultivada: os habitantes do sertão não tem noticia do seu prestimo, e por isso deixam perder tão excellente producto.

**BAUNILHA DE LICORIZEIRO.**— Esta Baunilha nasce sobre os Licorizeiros, donde se nutre; e é em ponto pequeno o mesmo que a outra; dá fructo, e tem pouco aroma. As folhas e sipó pisados é bom remedio para quem tem panos, impigens e brotoejas.

**BALAIÓ DE VELHA.**— E' arbusto; mas nasce em terras trabalhadas, e resiste ao sol: as suas folhas cosidas, são boas para dar banhos ás mulheres que tem fluxos de sangue.

**BARBATEMAM.**— Arvore que produz nos terrenos sêccos e fraco; a que dá fructo não é boa, e sim a que tem casca vermelha; o seu prestimo é de curar com o cosimento da entre-casca as feridas dos animaes. E' tal a força adstringente desta planta, que o seu banho traz a doce illusão que no bello sexo, inda mesmo depois de haver dado grande parte de povoadores ao mundo; lhe reverterão intactos os virgineos dias; o extracto desta planta tem as mesmas virtudes.

**BETTE.**— Arbusto aromatico, que nasce em qualquer terreno; suas folhas, esfregando-se, exhalam o cheiro da noz noscada; são excellente remedio os banhos dellas nas dôres de juntas e inchações.

**BUTUA OU ABATUA.**— Raiz de uma planta, que produz nos terrenos frescos,

e fortes; serve para molestias de febres, canções, dôres, defluxos no peito, indigestões, ictericias, etc., dando-se o seu cosimento, ou a raiz ralada. A que produz nas visinhanças do mar tem virtude mais viva e efficaz.

BURANHEN.— Arvore que produz em qualquer terreno: o seu entrecasco é doce, e faz vezes de Alcassuz: dá-se o seu extracto nas molestias do peito.

BATATA DE TEU.— Herva rasteira, igual á Cabaça amargosa. Nenhum remedio é mais efficaz e infallivel para dentadas de cobras, até do mortifero Cascavel, do que esta batata, que é esverdiada por dentro e por fóra, e tem um amargo extraordinario: rala-se, e extrahido o succo, dá-se em pequenas dóses, e cobre-se a dentada com o bagaço. Ha na provincia da Bahia, Ser-gype e Alagôas.

BANHA DE URUBU'.— O seu prestimo é applicar-se em unções ás juntas, e nervos entorpecidos e nas obstrucções; é de desagradavel cheiro, por provir da ave conhecida pelo nome ácima mencionado.

*Dr. Mello Moraes.*

*Continúa.*



## UMA RESPOSTA.



Publicando no numero anterior d'esta Revista um artigo do Snr. Nunes de Sousa ácerca da Geographia Historica Physica e Politica do Brasil, de nenhuma formamos tornámos solidario com as ideias e conclusão nelle explendidas e apenas quizemos mostrar ao publico o espirito d'imparcialidade, que nos dirige. Leem-se ahí duas proposições, que não podemos deixar passar sem prompta resposta, que nos propomos a dar, sem de modo algum termos a intenção de molestar ao illustre escriptor, mas unicamente em desempenho do nosso cargo, e mesmo para tranquillidade da nossa consciencia.

Não accompanharemos em seus calculos estatisticos, que revelam a grande erudição e accurado estudo, que tem feito nesta sciencia, que por ora se acha envolta nas faixas infantis; não sabemos o gráo de perfectibilidade das suas bases, mas com franqueza diremos que nos pareceram exageradas as conclusões, que dellas tira, sobretudo quando assevera, mui cathegoricamente, que *marchamos na retaguarda das republicas da joven America*. É contra esta proposição que nos cumpre protestar com todas as nossas forças. Só o espirito de prevenção poderia tal conceber e sustentar! O Brasil, o gingatesco imperio, que como um immenso quadro tem por moldura ao norte o Amazonas, ao sul o Prata, a Este o oceano, e ao Oeste a cordilheiras dos Andes, em cujo fertilissimo torrão se encontram todos os climas, e as produções de todas as regiões do globo, ligadas as suas diversas partes pela commudidade de interesses, de lingua e de Religião, e submettidas todas ao sceptro d'um mesmo Principe, que s'esmera em fazer a felicidade dos seus subditos, e cimentar cada vez mais o amor ás instituições, que devemos á sabedoria dos nossos maiores: estará menos adiantado na carreira da civilisação do que essas republicas da raça hespanhola, que dilaceram-se em interminaveis guerras civis, sujeitas ao regimen da espada, que as avilta e embrutece causando até admiração como se achem nellas homens assás audaciosos para se occuparem

com a cultura do espirito? Felizmente para nós não temos de corar diante do estrangeiro ao ouvir pronunciar nomes como os do Dr. Francia, de Rosas e de alguns outros. Os mais severos escriptores nos rendem justiça confessando que somos a primeira potencia d'America Meridional, e os ultimos acontecimentos do Prata, que nosso digno collaborador melhor do que nós conhece, nos asseguram indisputavelmente este lugar conquistado pela superioridade da nossa diplomacia, e pela bravura e disciplina do nosso exercito e da nossa armada. Se em seu ardente patriotismo desejaria o escriptor a quem respondemos, que mais rapidas fossem os nossos progressos é bastante illustrado para reconhecer que muitas eram as causas que o entorpeciam, e que a mór parted'ellas tem sido felizmente vencidas.

Passemos ao segundo ponto, que entendemos precisar tambem de replica. E' a censura que se dirige ao *Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, de não ter ainda preenchedo a essencial condição do seu programma, relativo ás noticias historico-geographicas, mui principalmente a trabalhos estatisticos.

Julgamos summamente injusta semelhante censura formulada contra uma associação, que tanto tem trabalhado em prol da nossa historia e geographia, e cremos piamente que o proprio Sr. Nunes a julgará diversamente se quizer dar-se ao trabalho de compulsar as suas Revistas, precioso thesouro onde se acham guardadas todas as joias da nossa corôa litteraria. Infatigaveis tem sido muitos dos seus membros em colligir dados que possam servir ás pesquisas dos futuros historiadores, e geographos, e até a estatistica não poderá deixar de consultar seus trabalhos, posto que não entre este ramo senão *per accidens* no seu plano d'estudos. Por propria experiencia terá conhecido o Sr. Nunes o quanto é difficil o escrever ácerca das cousas patrias na ausencia quasi absoluta de documentos e quão moroso seja o colleccional-as. E' esta a tarefa do *Instituto*, que a vai cumprindo gloriosamente, graças á especialissima protecção, que se digna prestar-lhe uma AUGUSTA PERSONAGEM. Não duvidamos que Sua Senhoria tenha direito á uma medalha pelos seus trabalhos estatisticos, e pedimos-lhe que apresente seus luminosos escriptos á essa mesma associação, para com a qual tão injusto se mostrou, na certeza que, ella os tomará na devida consideração, e que não recusará o galardão a quem d'elle se fizer merecedor.

Eis a nossa resposta em nome da redacção.

Conego Dr. Pinheiro.

## A LINGUA BRASILEIRA.

---

Já alguém nos lançou em rosto, que não temos litteratura nacional, porque não temos lingua; ficou porém provado a toda a luz que a litteratura de povo é a voz de sua intelligencia, e que da influencia do nosso clima, da configuração do nosso terreno, da physionomia de nossos vegetaes, do aspecto da natureza do nosso paiz, ou risonha ou selvagem, e de nossos usos e costumes, tudo tão dissimilhante de Portugal, devia resultar uma tal ou qual modificação n'essa litteratura, embora *portugueza* mas produzida pelos *brasileiros*: e consentisse então que a essa modificação se chamasse sem impropriedade alguma *litteratura brasileira*. Quem o consentio foi um portuguez, cujo nome por *Delgado* não me lembra agora; mas emfim concedeu-nos a essa modificação as honras de litteratura brasileira. Ora, antes delles já Ferdinand Denis e E. de Monglave, Jarry de Mancy em França, Garrett e Herculano em Portugal, Magalhães, Porto Alegre, Santiago Nunes Ribeiro, Pereira da Silva, Varnhagem, Gonsalves Dias, Mont'Alverne, Paula Menezes, e tambem eu? Talvez, no Brasil tínhamos notado essa distincção, e J. Marmol e J. M. Guitierrez em Buenos Ayres a defendiam a modo que tambem negassem á republica argentina o que foi negado á patria dos Basílios da Gama, dos Durões, e de tantos outros poetas illustres que não ha recordal-os ao brincar com a penna.

Ora, o que se tem dado com a litteratura é o que ainda se não deo com a lingua, porque ainda ninguem se lembrou que não é ella perfeitamente a lingua portugueza, e que estando no mesmo caso que a nossa litteratura, erro é chamal-a ainda portugueza.

Resultará desta distincção o perfeito conhecimento da enunciação do pensamento, quando nos expressarmos á tal respeito; ao menos cá de mim para mim tenho, que quando disser lingua portugueza, entenderão por tal o idioma de que se usa na velha metropole, e quando disser lingua brasileira, tomarão por tal a que fallamos, que é quasi aquella mesma, mas com muitas mudanças.

A lingua dos antigos dominadores do Brasil ficará conhecida como até aqui por lingua guaranina, como diz Ayres do Casal, lingua geral do Brasil como escrevia Simão de Vasconcellos, ou lingua brasilica, como dizia o padre Luiz Figueira, é a seus dialectos caberão os seus proprios nomes, como ao dos Aroás, lingua aroana, ao dos Goyanezes, goyanana e... e etc.

Coube-nos a lingua portugueza por um direito de herança de que não abriremos mão; recebemol-a dos labios de nossas mães, e é tanto nossa como dos nossos irmãos de além-mar. Garrett, que antevendo o nosso tão grandioso futuro nos personificou na figura do gigante dos rios, fallando-nos pela boca do Camões, nos tem por herdeiros de sua verdadeira lingua:

« Sim, recebe-o, guarda-o

« Generoso Amazonas, o legado

« De honra, de fama e brio; não se acabe

« A lingua, o nome portuguez na terra (\*)

Se tivéssemos de agradecer ao illustre visconde-poeta (oh! dessa gente titular só ha lá pela Estranja!) havia ser pela boca do Amazonas, que dizem que tem oitenta leguas, com a sua lingua do Marajó ou ilha de Joannes, que é quasi, se não é como o velho Portugal em extensão. E que bonita que não havia de ser a prosopopéa! Alem-mar o Camões a espirar e nos levando a lingua em seus immortaes *Lusiadas*, dirigindo-se ao Amazonas; aqui o gigante a lhe responder com uma boca enormissima tendo por lingua um reino immenso! Ah! se eu fosse poeta!... Quando me lembro dessas cousas aparo a minha penna e... e ponho-me a registar os trabalhos da minha secretaria, que é o mais suave, o mais instructivo de todos os trabalhos intellectuaes a aguçar a imaginação de um ardente poeta, a accender-lhe o estro, e a dizer-lhe *vôa!* Ah meu paiz!..

Mas, por onde ia eu? Oh cá está o illustrissimo Sismond de Sismondi, que me faz lembrar — *Borel, Borel e Comp.*, que imprimirão umas edições do dictionario de Moraes, tão desbancado do Constancio, que tambem ha de ter a sua vez... Pois bem, quando Sismond de Sismondi vio trasladar-se a côrte portugueza para o Brasil e que, como quer o meu amigo o Dr. Macedo, trocaram-se os papeis entre a colonia e o reino, elle disse á face da Europa:

« O novo imperio dos portuguezes, sobre o qual repousam agora todas as suas esperanças de independencia e grandeza futura... começa já a crescer e a se elevar no ultra-mar.... Breve o imperio do Brasil nos dará na lingua portugueza dignos successores de Camões.»

(\*) Camões, poema, canto X.

Ora, não ha duvida que nós trazemos no peito a cruz de Affonso Henriques, e temos nos labios a lingua de Camões, como tão poeticamente disse o meu Porto Alegre, e que bem traduzido e em termos de prosa quer dizer que somos christãos e fallamos portuguez. Porém será essa lingua tal e qual a que se usa na antiga mãe patria? Tenho uma tal ou qual tentaçãozinha de responder: qualquer resposta, porém, da minha parte poderá ser averbada de suspeita, e pois serão dous portuguezes os que far-me-hão esse favor, deixando aqui estampado o sentido de suas palavras:

O Sr. Roquette nos seus synonymos assevera que não ha nem uma nação na Europa que apresente em sua lingua tanta variedade de origem como a portugueza, pois só no Amazonas encontravam-se até 1639 umas cento e cincoenta linguas, afóra as que depois se descobriram.

O Sr. José Silvestre Ribeiro diz que não se póde deixar de fazer sentir a differença que o clima, o character dos povos, e outras muitas circumstancias devem ter produzido sobre o idioma portuguez no Brasil. Que é incontestavel que a lingua portugueza tem continuado a ser commum aos habitantes dos dous mundos, como permanecendo essencialmente a mesma; mas que tambem se não póde duvidar de que transportada ao Brasil, modificou algum tanto a sua indole, por effeito da poderosa influencia do clima, do character dos naturaes, da mistura das raças, etc., etc. Que além dessa differença, que abrange a generalidade do idioma, ha tambem a considerar a introduccão de um grande numero de vocabulos e costumes dos indigenas ou mesmo dos colonos do ultra-mar, que successivamente foram passando ao Brasil.

Citarei tambem o Sr. Varnhagem, que diz que o estado da lingua guarany é digna, á par da grega, de ser cultivada como lingua sábia e necessaria, não só por dar esclarecimentos na ethnographia e na botanica, como nos differentes ramos da zoologia; e certo ninguem o negará, porque o Sr. Varnhagem falla de cadeira sobre estas cousas, a menos que se não trate de *florilegios de poesias brasileiras*, porque então... Chiton, que já uma vez sahio-se do serio por lhe ter sublinhado certa phrase, como se eu lhe não quizesse bem pelos seus trabalhos historicos!.

Eis-me outra vez perdido de meu trilho, que a penna vae a brincar de-veras com tanta derogação; apegar-me-hei a alguma Santa! Oh! cá está o nosso Santa Rita Durão, que como tal me saberá guiar melhor que ninguem. O seu bello poema foi friamente recebido pelos portuguezes. Durão o previra quando disse que elles haviam de estranhar os nomes de alguns de seus heroes, mas que os nomes dos Allemães e dos Inglezes não eram menos barbaros. A isto lhe responderam os Portuguezes que os nomes brasi-

leiros abundavam de vogaes, que faziam parte de uma lingua harmoniosa e doce, que não eram barbaros, mas que eram RIDICULOS!... Ridiculos, e que faziam rir; ridiculos como *Paraguaçu*, *Caethé*, *Imboaba* e *Jacarandá*! Ora por esta amostra do panno já vêm os Brasileiros que hilaridade não deve haver em Lisboa quando nas salas da fidalguia genuina do reino se annunciar a chegada de titulares brasileiros de nomes ridiculos como esses! Digam lá barão de *Paraguaçu*, conde de *Caethé*, visconde de *Imboaba*, e marquez ou marqueza de *Jacarandá*, para ver se não ha risada velha! E agora que uma nova edição de novos titulares esgotou o dictionario da lingua guarany! Saiba pois o Sr. Varnhagem que o guarany fornecerá tambem esclarecimentos na genealogia brasileira; a arte do brasão fará ampla colheita nas nossas cousas, e representará no escudo do Sr. barão de *Paraguaçu* ou um rio grande, ou a mulher do Caramurú; no escudo do Sr. conde de *Caethé* um matto-firme; no escudo do visconde de *Imboaba* um homem calçado, pelludo, e no do Sr. marquez de *Jacarandá* uma arvore ou alguns toros ou couçoearas do páo santo!...

Por isso, e não por outra cousa, sahiu o visconde de Cayrú em defesa do nosso poeta! Que maganão; tocava-lhe por casa! Em Portugal, disse elle, não foi acceita a obra por se cantar um paiz rude e conter nomes e fructos de matto virgem. A lingua portugueza tem taful e paul: e a lingua brasileira não terá Paraguaçu, tatu? Em Portugal não arranham aos ouvidos os termos bolotas, medronhos e alfarrôbas: e no Brasil darão arrepio os de mangarás e batatas?

Como fica demonstrado por mim, com a ajuda de tanta gente boa, claro é que temos uma lingua e uma lingua-brasileira, e já como tal baptisada pelo nosso Sabio visconde de Cayrú, quando se vió na necessidade de fazer sentir a sua distincção, por causa dos vocabulos que são peculiares á cada um dos dous povos do velho e novo mundo; acho até tanta harmonia n'essas phrases do nobre visconde de Cayrú, que as sei de cór: « A lingua portugueza tem taful e paul, e a lingua brasileira não tem Paraguaçu e tatu? » Oh excellente, excellentissimo, Sr. meu! (\*)

(\*) Não é invenção minha, o que ha é apenas anochronismo; o visconde de Cayrú tomou a peito a defesa de Eurão n'esta córte, na *Sabbatina*; e recentemente o redactor da *Illustração*, jornal universal publicado em Lisboa no n. 10 de 3 de Janeiro de 1846, pag. 158, col. 3, arte EPICOS BRASILEIROS, disse « O autor do *Caramuru* no seu prologo se desculpa da estranheza « dos nomes de alguns de seus heroes, dizendo que o nome dos allemães e dos inglezes não são « menos barbaros. Confessamos que a este respeito não podemos conformar-nos com a sua opi- « nião. Os nomes brasileiros abundam de vogaes, fazem parte de uma lingua harmoniosa e doce, « não são por tanto barbaros, mas são ridiculos, circumstancia que se não dá nos nomes allemães « e inglezes de consoantes, difficeis de pronunciar, barbaros portanto, mas que tem a vantagem de « não fazerem rir, como nos acontece quando lemos vocabulos como *Paraguaçu*, *Caethé*, *Imboaba*, « *Jacarandá*, e outros de igual jaez. »

Agora que temos a lingua: o que devemos fazer? O objecto é tão transcendente, que ainda me vou soccorrer de um Sabio nosso, não titular, mas de nomeada até no velho hemispherio: é José Bonifacio de Andrada e Silva. Eis o que elle nos aconselha: « Nós já temos muitos vocabulos compostos, tirados do latim: porque não faremos e adoptaremos muitos outros necessarios em poesia? Ousem pois os futuros *ingenhos brasileiros* dar este nobre exemplo, e fico, que apezar de franzirem o beijo puristas acanhados, chegará o portuguez já bello e rico agora a rivalisar em ardimento e concisão com a lingua latina de que traz herança.»

E se alguém me disser que já leu isso mesmo, porém com a differença de que *ingenhos brasileiros* foi substituido por *ingenhos portuguezes*, direi que eu cá leio pela cartilha velha. Essa lembrança de *ingenhos portuguezes* foi do ingenho do editor do *Parnaso Lusitano*: lá em que tomo e pagina, é o que eu não sei ao certo; o que sei ao certo é que o nosso poeta, o nosso bom *Americo Elysio* escreveu *ingenhos brasileiros*, e por *ingenhos brasileiros* se ha de ler sempre na ediçãozinha do farpado resto do traquete roto, que era como elle chamava as suas poesias avulsas, feitas em Bordeaux.

O meu amigo o Sr. Coruja, já abriu um exemplo digno de ser seguido pelos litteratos nacionaes, não essas lanternas furta-fogo, que se illuminam por dentro e nada transmittem de suas luzes; mas esses que escrevem até ao correr da penna, ou como eu a brincar com ella. O illustre Rio Grandense apresentou ao Instituto Historico Brasileiro um vocabulario dos termos peculiares a seus patricios, e que não pertencem á lingua portugueza, e se podem ver na *Revista Trimensal*. Sinto porém cá dentro n'alma que o Sr. Coruja não escrevesse em vez de uma *Orthographia portugueza*, uma que por ahí corre, *Orthographia brasileira*; assim, por exemplo, em vez de nos ensinar a escrever *cousa, doudo, ouro, thesouro*, nos diria que no Brasil se pronuncia *coisa, doido, oiro, thesoiro*; e assim escreveram Basilio da Gama, e outros poetas brasileiros. O Sr. Duarte da Ponte Ribeiro teve a subida honra de ser incumbido por S. M. I. de trabalho identico ao do Sr. Coruja, mas em relação a todo o Brasil, e é de crer que a expectativa publica seja amplamente compensada da demora que tem havido da parte de S. Ex., sem duvida pela grande cópia de vocabulos que tem encontrado nesses cartapacios de que falla Barbosa na sua *Bibliotheca Lusitana*, ou *palanganas*, como diz S. Ex. A messe é immensa e o cegador não passa de um, assim Deos o ajude, e a mim não me desampare.

Uma advertencia para concluir. O Sr. Castilho, que ahí abriu o seu *curso de leitura repentina*, e que talvez melhor se chame *pitturesca*, lá está ensi-

nando que *ei* tem muitas vezes o som de *di*, como em *lei* que se pronuncia *lâi!!!*... Ah meu caro e insigne poeta! se vamos a dizer *lâi* por *lei*, está tudo perdido, e adeus lingua brasileira! Em Portugal se escreverá a lei de uma maneira e se lerá por outra; no Brasil porém o povo a lê como o poder legislativo a escreve; o governo é que algumas vezes dá em ler ao avesso do que está escripto, e até isso é costume, pelo que vejo que nos veio de alem mar, ou que alguém conserva.

Na Bahia, diz o Sr. Porto Alegre, tudo é doce; o terreno produz assucar, come-se ao ardor da malagueta, e canta-se com as lagrimas nos olhos; no Rio de Janeiro, diz Rocha-Pitta, que tudo é terno e bello; que o Carioca com as suas aguas faz caras mimosas ás damas, e vozes suaves aos homens. Aconselho respeitosamente, não ao autor da *Noite do Castello*, mas da *leitura repentina*, que no terreno assucarado prove das malaguetas e beba das aguas da nossa Castalia, que por ahi vem de tão longe por cima de seus arcos triumphaes, já que lhe desbarataram parte, e grande parte de seus bosques. Ao menos foi mais feliz do que a Tijuca! Já não é como a descreveu o meu amigo Dr. Ernesto de Sousa, essa mulher que chora continuamente as suas desditas, que tem por lagrimas tantas aguas, e por desgrenhados cabellos as suas florestas se agitando ao sopro da tempestade. Ah! Santo Nome de Deus! Porto Alegre irá ainda assentar-se sob as pedras santas, que lembram o abrigo sagrado que ahi buscou e encontrou o bispo D. Francisco de S. Jeronymo, e lerá ainda uma vez com o accento da inspiração o seu grande poema da *Destruição das Florestas!* E o Dr. Paula Candido dirá ainda uma vez no seio da representação nacional: « A posteridade nos perguntará pelas magnificas florestas do Rio de Janeiro!.. Que vandalismo!»

A Tijuca perdeu as suas mattas, e breve aquellas venerandas rochas saltarão ao aceno do covoqueiro! As mattas, as bellas mattas da Tijuca substituidas não por uma plantação como diriamos em lingua portugueza, mas por uma roça, como dizemos em lingua brasileira de *milho e feijão*, onde todos os annos temos *cuivaras!*..

J. Norberto de S. S.



## A ENEIDA DE VIRGILIO E SEUS TRADUCTORES.

Il y a telle traduction, qui demande  
plus talent qui tel original.

(BITANBE').

(Continuado do n. antecedente).



Para mais clareza do que dissemos, e mesmo para intelligencia do proprio escriptor latino, consta que Virgilio depois de se haver ensaiado na fructa pastorile ter adornado a sua musa didatica com os profundos conhecimentos da historia, lendo Homero e o estudando, no peito se lhe accendeo o desejo de lhe ofuscar a gloria, e para o que escolheo um assumpto todo nacional á interessar a seus compatriotas, como fosse a fundação de Roma por Enéas ao chegar a Italia. Virgilio achou em Homero fundamentos para authorisar a sua idéa, e excellente modelo para caracterisar o seu heroe: vio o poeta latino, que Enéas em Homero, tinha famosas qualidades sociaes e o julgando digno de outras, addicionou-lhe prudencia discrição e piedade, para por este meio descrever a Augusto Cezar e lisongeal-o. Passava então por certo em Roma, que esta cidade teve por fundador a Enéas filho de Venus e de Anchises, e de quem em linha recta vinha a familia dos Julios etc. Estes motivos tão grandes para uma imaginação fecunda, tinham necessidade de um genio como o de Virgilio para o seu desenvolvimento. O estudo da historia romana, a rivalidade que essa cidade tinha com Carthago, e a sua progressão em dominios animou-o a tomar Enéas para heroe do seu immortal poema.

Para que o leitor se compenetre devidamente do pedido de Virgilio—

*Musamihî causas memora*—convem consultar a mythologia e a façamos cantar a historia por entre o mysterioso que a envolve, e por quem pede Virgilio a sua musa que lhe lembre as causas.

Dardano, filho de Jupiter e de Electra foi o primeiro rei troyano, o qual depois de ter reinado na Italia, sahio dalli, para matar, não tendo tal intento, seu irmão Jasio. Elle retirou-se á Phrygia. Alguns authores o fazem oriundo de Samothracia; e parece que Virgilio, que compoz o seu poema para lisongear os romanos, não inventou esta fabula para outro fim mais, que para fazer ver que elles descendiam dos troyanos, e de Enéas; e elles eram originariamente procedidos da Italia. Seja como for, elle despousou a filha do rei Teucro, senhor do paiz, reedificou a cidade de Troya n'aquelle territorio, que estava defronte do bosphoro da Thracia quasi 700 annos antes da fundação de Roma.

*Erichthonio*, filho de *Dardano*, teve por successor e filho *Troas*, o qual dêo o seu nome á cidade de Troya, e o de Troada a todo o territorio. Elle teve 3 filhos; *Ganymedes*, roubado por Jupiter; *Assaraco*, pai de *Carys* e avô de *Anchises*; e emfim, *Ilo*. Este ultimo dêo o nome de *Ilion* á uma civicula que fundou em Troya, a qual se estendeo á cidade.

*Laomedonte*, filho de *Ilo*, edificou as muralhas desta cidade de tal sorte, que a obra se attribuiu a *Apollo*, Deos das boas artes. e a *Neptuno*, que levantou diques para fortifica-la contra o furor das ondas. A mythologia accrescenta, que estes deoses se vingaram da perfidia de *Laomedonte*, que lhes recusara o salario da sua convenção, e que elles assolaram o paiz. Ella se funda em que *Laomedonte*, empregara na construcção destes muros as offeras dos templos destes deoses que seus sacerdotes lhes tinham entregue, com condição de lh'as restituir, o que não fez; assim houve razão de se dizer que elle enganara aos deoses.

Então *Neptuno* para se vingar de *Laomedonte*, que lhe negara o seu salario, enviou um monstro horrivel que sahindo do mar, inundou todo o paiz. O oraculo sendo consultado respondeo que o unico meio de remediar este mal era expor todos os annos uma donzella, para ser devorada pelo monstro *Fisytéro*.

*Hesione*, filha de *Laomedonte*, foi exposta segundo a sua sorte; mas *Hercules* indo á conquista do *Vellorino de ouro*, matou o monstro *Fisytéro* e salvou *Hesione*, que *Laomedonte* lhe prometteo, com muitos e bons cavallos. *Hercules* devia receber esta recompensa voltando da *Colchida*; mas faltou-lhe *Laomedonte* a palavra; elle saqueou a cidade, matou-o, e fez prisioneiro seu filho *Podarco*, por outro nome *Priamo*. Depois

foi resgatado pelos Troyanos, e succedeo a seu pai. Elle fortificou a cidade de torres, chamadas Pergamas, e teve uma numerosa familia, que vio acabar com este florescente imperio. *Hercules* tinha dado em matrimonio *Hessione* a *Telamon*, rei de Salamina, um dos argonautas. Para a recuperar foi que *Paris*, filho de *Priamo*, equipou uma grande frota, com o consentimento de seu pai, que buscava occasião de se vingar do máu tratamento que recebeu no seu captivo. *Paris* chegando a Lacedemonia, á côrte de *Meneláo* filho de *Atrêo* e irmão de *Agammenon*, roubou *Helena*, e jurou de a não restituir a *Meneláo*, seu marido, antes que lhe fosse restituída sua tia *Hessione*. Mas os príncipes gregos persistiram em pedir uma sem querer dar a outra e de commum accordo se ligaram para fazer guerra aos troyanos. Achando-se todos os deoses nas nupcias de *Thetis* e *Pelêo*, a *Discordia* fora excluída por se temer que ella causasse alguma desordem; e outros dizem que foram *Marte* e *Bellona* os excluídos, aconteceo que a *Discordia* indignada por esta afronta quiz vingar-se. Ella lançou no meio do banquete um pomo d'ouro, que trazia esta inscripção:— *a mais bella*.— *Juno*, *Venus* e *Minerva* pretenderam este premio da belleza. *Jupiter* lhes deo para juiz *Paris*. *Mercurio* foi encarregado de conduzir as deosas ao pé do monte *Ida*, onde o pastor *Paris* pascia os seus rebanhos. Cada deosa em particular fez grandes offertas ao seu juiz, se elle quizesse julgar em seu favor. *Juno*, cujo poder se estendia sobre todas as riquezas do Universo, prometteo, que o encheria de bens. *Minerva* lhe offereceo a sabedoria, e o conhecimento de todas as coisas como o maior de todos os bens: e *Venus*, lhe prometteo que o faria possuidor da mais bella mulher do mundo: este offerecimento de *Venus* foi mais de gosto de *Paris*. Este *Paris* era Troyano e um dos filhos de *Priamo*. *Juno* se irritou tanto da preferencia que elle deo a *Venus*, que tomou odio contra toda a sua nação. Ella ainda conservava esta injuria contra os Troyanos. *Jupiter* tinha feito arrebatár *Ganymedes* por uma aguia, e o tinha posto no Céu, para lhe ministrar o nectar por exclusão de *Hebe*, filho de *Juno*. O favor de *Jupiter* de que este moço Troyano dispunha era um motivo de inveja para a rainha dos deoses.

*Hecuba*, mulher de *Priamo* estando grávida de *Paris*, sonhou que acabava de parir um luziro ardente, que abraçava toda a *Asia*. O oraculo, que se consultou á respeito, disse, que a rainha pariria um filho que causaria a ruína de sua patria.

*Priamo*, para evitar estes infortunios, encarregou a um de seus soldados, que o expozesse em algum lugar deserto, para ali ser devorado das

feras; mas *Hecuba* o fez criar occultamente por um pastor das visinhanças do monte *Ida*. Outros julgam que o pastor o achou exposto, e que compadecido deste bello menino, o levou consigo e o criou. Elle brevemente se fez conhecido por excellentes qualidades. Era chamado nos primeiros tempos *Alexandre*, e desposou *Enome*, nymphá do monte *Ida*.

O que a fama publicava de suas acções e virtudes, e principalmente de sua equidade o fez ser escolhido juiz entre as tres deosas. Pouco tempo depois *Heitor*, filho de *Priamo*, fez uma festa magnifica na cõrte de seu pai. *Paris* sabendo do pastor, que o havia criado, o seu nascimento, foi á festa onde nos jogos se deu bem a conhecer. Toda a cõrte ficou encantada da sua boa presença e capacidade. Elle venceu a todos com quem contendeo, e entre outros ao principe *Heitor*, a quem se fez conhecer, para lhe tirar a vergonha de ter sido vencido pelo supposto filho de um pastor. Por isto foi recebido entre os filhos de *Priamo*. Assim descoberto, foi por seu pai logo depois enviado á Grecia, sob o pretexto de sacrificar a *Appollo* *Dafne*; mas na realidade á fim de cobrar a herança de sua tia *Hesione*. Nesta viagem, em breve se esqueceo de *Henone* e empregando todos os seus cuidados em *Helena*, de quem veio a ser amante, e de quem *Venus* lhe tinha promettido a posse, elle a roubou em quanto *Meneláo* fez uma viagem á Creta. No cerco de *Troya*, *Paris* não deo provas de valor, pois fugio vendo *Meneláo* chegar-se a elle, e pelo que *Heitor* imperiosamente o exprobou.

*Agamemnon*, generalissimo dos principes gregos, encontrando uma serpente devorando oito aves com a mãi no ninho, tomou isto como um agouro, e fazendo um sacrificio aos deoses, antes de começar a guerra, *Calchante* lhe explicou o phenomeno annunciando-lhe que o sitio de *Troya* duraria tantos annos, quantas foram as aves, que a serpente tinha devorado, e que a cidade seria tomada ao depois de dez annos.

Dr. Mello Moraes.

(Continua.)

# PHYSIOLOGIA PATHOLOGICA DA LOUCURA



(Continuado do numero antecedente).

## DESARRANJOS DOS SENTIDOS INTERIORES.

E' sabido que as funcções das faculdades d'alma, diz *Spurzheim*, e do espirito, são muitas vezes desarranjadas nas doenças geraes, por exemplo: nas febres, nas inflammações, na gotta, etc.; e igualmente se está de accordo, que o delirio, a vertigem, os symptomas lethargicos e mesmo a apoplexia dependem da organização cerebral. Porém, por falta de conhecimentos das funcções do cerebro, o maior numero dos desarranjos das manifestações d'alma e do espirito, não são considerados como effeito das molestias cerebraes. Entretanto nos parece que, assim como nas affecções de cada outra parte organica se considera ao mesmo tempo os desarranjos das funcções e que observando as affecções tenta-se tambem observar as affecções da organização, convenha proceder do mesmo modo, a respeito da organização cerebral. Aquelles que fallam das doenças do espirito, podem tambem admittir doenças nas affecções do figado, nas indigestões ou idiosyncrazias do estomago, e deveriam restringir seu pleno curativo ao tractamento moral do archêo, quando os doentes não podem digerir carne, ou couve flor.

Em expectativa somos obrigados até certo ponto conformar-nos com a divisão geral das nosographias; mas esperamos, que algum dia os desarranjos das manifestações d'alma e do espirito sejam classificadas na ordem das doenças; e que se fallará das affecções do cerebro, assim como se faz a respeito dos cinco sentidos e seus órgãos; que os desarranjos das manifestações moraes e intellectuaes, serão encarados como affecções idiopathicas, ou sympathicas das partes cerebraes; finalmente se está convencido, que o cerebro é uma parte organica e sujeita a todos os phenomenos das outras partes do corpo. Toda a affecção apparente da organização nem sempre desarranja vi-

sivelmente suas funcções, e cada desarranjo das funcções, nem sempre é acompanhado de alteração visivel na organisação.

A circulação acelerada nem sempre desarranja a digestão, e nem as funcções do cerebro. Mais tarde tractaremos deste importante objecto com mais detalhe.

#### DAS DOENÇAS DO CEREBRO (SPURZHEIM).

Conforme as idéas adoptadas comprehende-se que as molestias chamadas do cerebro, são symptomas ou desarranjos das funcções cerebraes. Essas offecções tem causas mui numerosas, como sejam as violentas lesões da cabeça, a congestão de sangue, o ajuntamento de fluidos no cerebro, as exostoses, a inflammação, as grandes emoções, a applicação continua da attenção, as vigílias prolongadas, as indigestões, os acidos, os vermes, os venenos, o abuso dos licores alcoolicos, as molestias do coração, a gravidez, os ataques hystericos e hypochondriacos, a inanição, o excessivo exercicio do corpo, as evacuações do sangue, as molestias epidemicas, a posição vertical forçada em um estado de fraqueza extrema, as grandes dores, a impotencia, o ar corrompido, com a presença de muitas pessoas, os vapores nocivos, activos, ou narcoticos, a repercussão das erupções cutaneas, as idiosyncrazias do estomago, ou dos sentidos, como quando uma pessoa não póde supportar a vista de um gato, de uma rãa, ou o cheiro de uma flôr, o toque de um pecego, etc., ou quando o estomaga não pode digerir carnes, ou outra qualquer substancia.

#### CAUSAS PROXIMAS DA LOUCURA.

Depois de haver provado, continúa o Dr. *Spurzheim*, que a causa proxima da loucura é corporea, examinemos aonde ella reside. Em quanto a nós, é no cerebro. A' este respeito é necessario considerar as funcções do cerebro, e a apparencia pathologica na dissecção deste orgão, nos loucos.

#### O CEREBRO É O ORGÃO D'ALMA, E AS PARTES CEREBRAES, SÃO ORGÃOS DAS FACULDADES PRIMITIVAS.

Confessamos (*Spurzheim*) que nos espanta ainda ver, que em nossos dias seja preciso provar, que o cerebro é o orgão d'alma. Entretanto a importancia do assumpto e a attenção que nos elle merece, e tambem o tractado do Dr. Foderé, sobre o *delirio* nos determinam a responder a algumas de suas proposições que tendem a approvar que o cerebro não é aséde da loucura; e que nossas doutrinas physiologicas não são fundados na natureza.

Lamentamos que o Dr. Foderé, como a maior parte dos nossos adversa-

rios julguem, sem mesmo conhecer a base de nossas doutrinas, substituam asserções a argumentos, e inventem ou copiem phantasmas para gloriosamente combatel-os. Em primeiro lugar falla da nossa divisão do cerebro em repartimentos, dos quaes os mais interiores, mais occultos, e mais abrigados eram destinados á acção das forças vitaes, e os exteriores visinhos aos ossos da cabeça eram consagrados ás paixões, ás affecções e ás qualidades do espirito, produzindo nos ossos do craneo, estampados sobre elles, desde a infancia, salliencias proporcionadas aos desenvolvimentos de tal ou qual faculdade. E' preciso dizer que nenhuma destas proposições é exacta, e que Mr. Foderé não as viu em curso algum, e nem as leu em nenhuma de nossas obras: como se póde elle lisongear de *expôr algumas reflexões resultantes de um exame imparcial?*

Parece que o primeiro dever de um juiz imparcial é estudar o sentido das opiniões, do que julgar cegamente.

—Não é verdadeiro, diz elle, como Gall e seus discipulos suppõem, que nossas faculdades intellectuaes se exerçam separadamente, excepto talvez, a memoria local—Mr. Foderé não nos diz o porque está disposto a admitir a memoria local como uma operação separada; se tem razão para isso, as mesmãs razões podem tambem provar, que outras memorias e outras faculdades do espirito se exercem separadamente. Mr. Foderé insiste sobre as lesões do cerebro, que não suprimem ou damnificam as faculdades d'alma. Cita especialmente a historia de um Hussard, que tendo perdido uma porção mui consideravel dos ossos do craneo, e do hemisferio direito do cerebro, não experimentou nenhuma alteração na menor de suas faculdades. Pois Mr. Foderé não sabe que as partes cerebraes são duplas, como os nervos dos sentidos, e que uma póde substituir a sua congенера? D'outro lado Mr. Foderé collocando a séde da loucura no sangue deveria demonstrar o modo com que póde distinguir as variedades da loucura, das aberrações da vitalidade do sangue. Acha elle sempre no sangue traços de aberrações, quando nenhum existe no cerebro?

—E' verdade, diz ainda elle, que o homem foi creado com um ilimitado poder, uma aptidão á todas as acções possiveis, na immensa extensão das obras da criação. O poder dos animaes ao contrario limita-se á tal ou tal objecto, para o qual lhe tem sido dado um instincto particular; é este o motivo porque sua organização varia extremamente e seu craneo póde ter bossas, correspondentes á estrutura de um dos órgãos dos sentidos. Observa-se acrescenta elle, alguma cousa de semelhante no homem? Não dá a resposta; porém cada leitor por pouco experimentado que seja, supportará que não. Entretanto, as cabeças dos homens são tanto, e mesmo mais variadas que as dos ani-

maes. Mr. *Foderé* é bem feliz por ter nascido com um poder ilimitado. Mr. *Foderé* colloca a causa do *delirio* na alma racional? Não. A substancia simples, diz elle (T. 2.º pag. 135) a qual o pensamento pertence, não poderia ser a séde das doenças, ou das disposições ás doenças; porque um elemento simples não pôde experimentar alteração e nem decomposição: e além disto, não é bem claro, que se a alma fosse a séde do delirio, estaria sempre em nosso poder cural-a pelo raciocinio?

Mr. *Foderé* diz mais, que a compressão do cerebro perturba o exercicio das faculdades intellectuaes, e que quando deixa de existir essa compressão, a liberdade de exercicio se restabelece; que o cerebro é effectivamente, uma vicera, que tem relações, como *instrumento*, com o estado da razão ou loucura; que analysando entre as affecções pathologicas do cerebro, as que são mais ordinarias, vê-se que ellas são tanto signaes de uma determinação frequente e extraordinaria do sangue nos vasos encephalicos, arteriaes e venozos, como de inflammação ou flegmasia das membranas; que pôde se ter por consequencia, como certo, o representar o estado da circulação, um papel, no exercicio das funcções á que o cerebro é destinado; que o estado de demencia atonica ou idiotismo, é quasi sempre acompanhado de symptomas de flacidez ou de relaxamento do orgão encephalico total ou em parte; o que annuncia sufficientemente, que uma cohesão, ou tonicidade qualquer ou ainda o que se entende por energia, são necessarias, quer a integridade do exercicio das faculdades intellectuaes, quer a geração da maneira, que os phenomenos das doenças pelas quaes quando mui longas e affectivas, os symptomas da demencia ou de idiotismo se manifestam e desaparecem, á medida, que o individuo recobra forças, são disto uma viva prova; e que a séde da loucura é physica e material. Banio Mr. *Foderé* tambem de sua obra a viciosa locução do tractamento moral, e procura a causa da loucura na aberração da vitalidade do fluido sanguineo: porque Mr. *Foderé* se espanta com uma doutrina, que não conhece, com uma doutrina, que attribue funcções ás partes cerebraes, como instrumento e que se basêa em observações? Se elle ama a verdade, e o exame imparcial, tanto, quanto diz, convida-o a observar não só o sangue, como tambem o desenvolvimento das regiões cerebraes, em vez de fallar de idéas absurdas, de conhecimentos inuteis e perigosos, digamos porque signal do sangue pôde elle distinguir o orgulho de uma pessoal

Se Mr. *Foderé* conhecesse alguém, que desde a infancia se tenha feito notar por sua altivez, que só aprova o que faz, e no qual o orgulho é o sentimento dominante, verá, que tem a parte da cabeça situada no meio da sutura sagital, entre os dous ossos parietaes, mui desenvolvida, em relação ás outras

do cerebro; ou então tirando, á partir do conducto auditivo externo raios em todas as direcções da circumferencia da cabeça, observará que o raio para o vertice é proporcionalmente muito allongado. Sómente dissemos, que este desenvolvimento do cerebro existe no homem de tal character, e deixamos a Mr. Foderé divertir-se em examinar, se esse individuo *passou pelos arranjos da parteira, pelas impressões dos forceps, por quedas e por pancadas; se teve gotta ou syphilis, se carregou pessoas á cabeça ou aos hombros, etc.* O Dr. Foderé quer que as tendencias ás inclinações adquiram sua energia pela influencia de tal ou tal vicera; taes como o figado, o estomago, o utero, etc.; busca a *causa dellas no poder sensorio*. Porém onde está essa força nervosa? Mr. Foderé lisongea-se *de provar*, que as faculdades intellectuaes e moraes, obram independentemente da organisação, ainda que admitta, que a *causa da loucura é material*. Confessamos, que não comprehendemos a sua maneira de concluir. Elle diz, que muitos cegos são dotados de tão rara intelligencia, que chegam a executar cousas que os de melhor vista não conseguem; que surdos, mudos de nascença, privados de educação, tinham todavia, mais intelligencia que seus irmãos e irmãs, e que ha poucos individuos, ainda que dotados de ouvido e de palavra, que iguaem enconcepção de cousas abstractas, muitos surdos-mudos, que hão sido educados; que Felix Planter, autor do seculo 16 viu um homem, que sendo surdo-mudo e cego, mandava que lhe escrevessem no braço o que lhe queriam dizer, e que este era o unico meio de communicação com elle. Não negamos estes factos: em Edimbourg, igualmente se fallou de dous individuos escossezes, dos quaes um era surdo e o outro cego, e que se fallavam e se escreviam por intermedio dos braços. Mr. Foderé cita a historia de Jaques Mitchel, surdo-mudo e cego de nascença residente em Nairn, na Escossia. Vimos esse ente diz Spurzheim, que privado dos principaes sentidos de relação, e na verdade manifestava todas as qualidades affectivas e intellectuaes, mesmo em alto gráo. D'outro lado, diz Mr. Foderé, que ha individuos dotados dos cinco sentidos, e que são quasi idiotas. Finalmente considerando em Jaques Mitchel, espirito de curiosidade, desejo de instruir-se, esforços para tirar partido dos meios a seu alcance diz: —tudo isto basta para demonstrar ainda que não é só na organisação do homem, que reside o imperio absoluto que elle exerce sobre todos os animaes, e que se elle tira grandes vantagens de suas sensações, a maior parte destas são antes das occasiões, que das causas de sua perfeição.

E' evidente que a perfeição do homem não é proporcionada a seus sentidos exteriores, e que a organisação só sem agente ou força activa, não explica as acções do homem. Entretanto todas as observações de que Mr. Foderé falla, não provam a independencia das manifestações d'alma; ellas não provam,

mais que as qualidades affectivas, taes como a piedade filial, o amor do próximo, etc.; que sendo julgados sentimentos naturaes, só se devem volver quando gozamos dos principaes órgãos da vida de relação, sem o que são abafados pelo amor proprio. Ha muitos individuos dotados de sentidos nos quaes o amor proprio sobrepuja as qualidades affectivas que tendem á moral; no entanto que Jaques Mitchel ainda que privado dos principaes órgãos da vida de relação, avanta-se por suas affecções de amizade. Cremos que suas faculdades obrariam com mais energia se elle tivesse recebido educação; porém sendo isto producto da natureza, serve de evidente prova as disposições innatas tanto moraes como intellectuaes.

Mr. Foderé busca a séde da loucura no sangue. Não negamos que o sangue como causa occasional, possa desarranjar muitas vezes as operações d'alma e do espirito; ao contrario, somos desta opinião; porém a questão está em saber se a alma tem sua séde no sangue, ou se o estado do sangue basta para explicar as manifestações d'alma e do espirito. A experiencia prova o contrario; porque as operações d'alma e os desarranjos de suas manifestações não são proporcionadas, nem a circulação, nem a qualidade do sangue. Como outros physiologistas, cremos, que o sangue é necessario á produção e á reproducção das partes do corpo, assim como ás suas funcções; porém as funcções se fazem sempre por meio das partes organicas. Ninguem dirá, que o sangue segrega a urina, ou a bilis, que o sangue tem fome, que digere, que respira, que vê, que ouve, etc. Do mesmo modo digo, que o sangue não manifesta inclinações ou faculdades intellectuaes. Elle contribue sómente para a organização e funcções do cerebro. O Dr. Foderé mesmo falla do cerebro em relação ao estado da razão, ou da loucura; e tambem falla do exercicio das funcções á que elle é destinado, porém não indica funcção alguma: um exame imparcial o forçará á encontrar ahi os instrumentos das maiores funcções intellectuaes e moraes.

#### CONSIDERAÇÕES PHILOSOPHICAS.

Embora sejamos sectarios das doutrinas de Spurzheim, tendentes ás causas da loucura, com tudo corre-nos a obrigação de transcrever em substancia as opiniões dos numerosos escriptores que tem tractado desta importante materia. E' quasi corrente que a loucura depende de causas corporeas, e que as influencias, reagindo sobre o cerebro produzam as alterações que se observam sobre a intelligencia e a vontade. As diversas alterações nas funcções intellectuaes e moraes, e algumas vezes mesmo nas funcções vitaes, tem dado occasião á que se encare o estado da loucura: 1.º pelo lado das lesões das funcções intellectuaes; 2.º das lesões das funcções affectivas; 3.º das le-

sões das funções vitales. Conforme o estado do cerebro, assim nossas faculdades se manifestam. Esta verdade foi presentida por Democrito e Epicuro, e depois enunciada por Aristoteles—*Nihil est intellectu quod prius non fuerit in sensu*—e muitos seculos depois explicada por Locke (Ensaio sobre o intell. humano). Bonnet (Ens. analy. sobre a alma). Condillac (Orig. dos conhecimentos humanos) e outros, e pelo que estabeleceram como principio que as sensações, a memoria, o juizo e a vontade nos vem dos sentidos. Cabanis (nas suas relações physicas e moraes do homem) provou que as nossas faculdades, em um grande numero de circumstancias dependem do estado dos órgãos interiores e das funções da vida. Reunidas estas theorias com os conhecimentos praticos que tinham Mrs. Destutt-Tracy e Labouliuière em suas idiologias fundaram a nova doutrina sobre o intellimento humano.

*Dr. Mello Moraes.*

*(Continúa).*



## APONTAMENTOS PARA A MATERIA MEDICA BRASILEIRA



### B.

**BANHA DE GIBOIA.**—O seu prestimo é o mesmo que o da banha do Urubú: a carne desta Serpe comem os engalicados; e com ella destroem os seus males: a Serpe é de estirado longor, ampla grossura, e agradavelmente malhada; não tem veneno; sustenta-se de animaes, que apanha e engole; e tem acontecido pegar gente humana, a quem tambem devorara se não as defendesse o ferro.

**BANHA DE TAMANDUÁ BANDEIRA.**—Assim chamado, pela bandeira que traz na cauda: os Caboclos o nomeam Tamanduá-Assú. Ha tambem um menor, a que chamam merim. Este animal e temivel pela falcada e robusta garra; tão feroz e penetrante que as mesmas Onças a temem quando as espera com os abertos braços, em abraço tenaz, ambos se acabam. A banha tem o mesmo prestimo que as acima apontadas.

**BARROS.**—Ha por todo o Brasil diversos e excellentes barros, não só para obras grossas, mas até para louças finas, ás quaes promettem grande duração. No Rio Real, fazenda do pé da serra, sitio Lagôa comprida, em Maragogype, provincia da Bahia, encontram-se de tal qualidade, que fazendo delle um cadinho, em que funda prata, soffre seis fundições, ficando perfeitamente são, e com tinido tal, como se fosse de bronze.

**BARRIGUDA.**—Arvore esquisita, que produzem as terras dos sertões: tem tão grande barriga que tres ou quatro varas lh'a não abarcam em quanto que o cimo e o pé são finos: lança uma resina que liga qualquer quebradura: e quando se não acha a resina, porque os Saguins a comam, tira se o extracto do proprio lenho, que é cortiçoso: floreja, e fructifica pelo verão e dentro da fructa, tem a lâ mais macia e delicada, e de maior preço, que pôde haver, para encher traveceiros e colchões.

**BAMBÃO OU BABÁ.**—Chamado tambem Cannapô, ou Melancia da Praia: é um arbusto rasteiro e espinhoso, e nasce em qualquer lugar: o cosimento desta planta é optimo remedio para extinguir gonorrhéas: dá um excellente fructo. Tambem ha outro Babá á que chamam Arrebenta-Cavillos, de igual configuração; mas que differe na fructa por ser vermelha, o qual arrancado e cosido inteiro, serve esse banho para a tumidez e inflammação dos escrotos, que reduz em breve ao seu estado natural.

**BATONICA OU BETONICA.**—Arbusto muito aromatico; mas desagradavel, qual a Assa-fetida, que até se percebe ao longe; ama os terrenos seccos como os sertões. Dizem os camponezes que é optimo remedio diaphoretico, e até para banhos de quem tem dores pelo corpo, e aproveita igualmente em clysteres para mulheres paridas. Esta planta gosta de nascer á beirada das pederneiras.

Dr. Mello Moraes.

Continúa.

## ENCANAMENTO DAS AGUAS.



« Muito bem, disse o Conde de Peyronnet, que se o curso das estações, as revoluções dos astros, e o movimento da terra dependessem do arbitrio do homem: ha quantos seculos que a terra não existia! »

Presentemente o que queremos? a moda é innovar, mudar, refazer tudo, crear, ainda que seja para peor, não nos importando, não estudando, nem nos cançando com o que houve, nem ha. « Le bouillonnement fierreux du temps actuel amenera le renversement général de toutes les idées passées. Le siecle ne marche pas, il galoppe. »

O *Jornal do Commercio* de hoje 23 de Novembro de 1854, publicou um artigo sobre o encanamento das aguas, que affirma, que o envenenamento das aguas dos encanamentos de chumbo é só possível, porque a *analyse mais rigoureuse* não tem podido descobrir nas aguas a menor porção de chumbo... e os receios são meramente possíveis e theoreticos. » Como isto é contrario ao que realmente ha, e ao que é sabido, e não é só objecto de desperdiçar inutilmente dinheiro, mas sim do tão importante como é a *sauvé publique*: temos, como rigoroso dever, mostrar que não é exacto o que se diz, e chamar a attenção para um assumpto de tanta consideração, como sem duvida é este.

Não nos occuparemos fazendo muitas e longas citações, escolhemos e preferimos uma só, porque em poucas regras menciona muitas e differentes analyses de acreditados chimicos, que refutam e destroem as asserções pouco consideradas de — *se não poder descobrir nas aguas a menor porção de chumbo.*

« On avait déjà quelques observations de l'alteration du plomb par l'eau. *Beaumé* en regardait le produit, dans les fontaines de plomb, comme l'effet de la selenite; *Cadet* l'avait pris pour un sel de saturne; *Milly* avait remarqué qu'il se trouvait principalement à la surface des couvercles de

ces fontaines; et *Luxuriaga* et *Delaville* avaient obtenu de l'oxide de plomb, en agitant ce métal en grenaille avec un peu d'eau dans un vaisseau ou ils faisaient entrer un peu d'air, mais aucuns de ces chimistes n'avaient soupçonné que ce phenomene tenait a cette condition. L'auteur c'est assuré par une suit d'experiences, dont il rapporte les procedés et les resultats, que *l'eau distillée agit sur le plomb spontanement* et sans le secours de l'agitation, que cette action a lieu dans l'eau distillée en vaisseaux de verre (circonstance qui exclue toute influence galvanique), que cette action cesse absolument quand cette eau a été privée d'air par l'abulition... etc. (Ann. de chim. 1.<sup>a</sup> serie, tom. 11 pag. 89.)

Si se provar que as aguas aqui, ou em qualquer outra parte são privadas do ar, (em cujo caso não se podem usar, nem prestam para bebida, nem para os mais usos economicos) estarão então no caso de que acima se falla. Ainda mesmo assim a asserção não é verdadeira; por quanto a agua mesmo privada de ar, e que só póde ser pela fervura, em breve espaço o torna a adquirir pela grande afinidade que entre si ambas tem, a não se conservar hermeticamente fechada, o que se não póde conceder em geral: e além de tudo isto, a asserção, que combatemos, ainda é inexacta, e para evitar mais razões, nos serviremos da autoridade do *Barão Thenard*, « *c'est en vertu de l'action simultanée de l'oxigene qu'elle contient en dissolution et de l'acide carbonique de l'atmosphère: la matière blanche qui se forme est en effet du carbonate de plomb.* »

É cousa tão velha e sabida desde remotos tempos, que a agua conduzida por canos de chumbo é nociva, que admira que no tempo das luzes d'isto se duvide, e de novo se pleiteie: e verifica-se mais uma vez com quanta razão diz P. de Kock: « *par consequent à force d'avancer, nous serons arrivés au point d'où nous somme partis.* »

« *L'ultimo modo di menar l'acqua é in chanoni di piombo i quali redono l'acqua nociva, perciò che del piombo si se fala bianca la quale non è poco nociva à corpi degli nomini.* » (Piero crescencio, Beagrú vulg. Venesia 1514, lib 1.<sup>o</sup> cap. IX, pag. 12.) « *Primariæ causæ morbificæ, quæ sanitatem civium lædant et populares sænæ morbos progenerant, sunt... Aqua ære putrido refera, vel vermibus seateus, vel plumbeis tumbis.* » (H. Plenck. Elem. mat. med. chirurg. fœrensis.)

Seria não acabar, pretender referir quanto se tem escripto a respeito da opinião geralmente seguida de que a agua passando pelo chumbo é prejudicial á saude. Não é questão de systemas ou methodos, tantos e tão varios como as cabeças dos homens; é sobre principios, sobre as bases da sciencia.

Tudo isto, e quanto mais ainda, e com um simples rasgo de penna, com a maior facilidade se derruba e arrasa! Edifício que tantos annos existiu, que tantos trabalhos e vigílias custou a avultado numero de mestres e obreiros, quando menos se esperava é destruido, e lançado por terra! desalojando, desaposentando tantos, que com incessantes fadigas da maior parte da sua vida, e com sacrificio da sua saude, tinham nelle obtido canto e abrigo! quando menos o esperavam são expulsos do edificio so lido, que tinha os alicerces assentes em rocha, para mendigarem algum mão abrigo em algum—*palais de bois et de carton elevé en quelques mois pour le besoin du moment*. Não nos caberá dizer com *d'Arlincourt: Aveugles et naufragés, nous avons détruit phares et ports?*

Admitte-se o adiantamento das sciencias, os melhoramentos, mas nos justos termos, provando-se e convencendo com solidas razões, e não levando de assalto a sciencia como o arrasado Sebastopol. A' força de tanto andar e progredir teremos outra vez já chegado ao tempo do *Magister dixit?* Segundo alguns pensam, é o que deve acontecer na carreira em que vamos. <sup>1</sup> *Le jugement d'un seul n'est point la loi de tous*. E o velho *Genuesense* aconselhava:—*Novitatis nec nihil, nec multum amans esto*.

Não se pode deixar de notar o que se aconselha sobre os canos ou grossos tubos de ferro fundido, e demais ainda forrados de silicato (não se sabendo a razão de tanta cautela, porque o ferro fundido não se oxida ou enferruja, e quando mesmo assim não fosse, não é prejudicial), e os tubos delgados de chumbo sem forro, mas sujeitos a certas cautelas e restricções. Se o chumbo não é perigoso para a saude; podem ser tanto os grossos, como os delgados tubos de chumbo; se nocivo, então nem uns, nem outros. Quanto ás cautelas e restricções, que se determinam para as primeiras chuvas, trovoadas, etc., (inexequíveis, principalmente entre nós), só mostram a incerteza, a duvida em que se está sobre a innocencia ou mortifera propriedade do chumbo; e sempre é bom uma desculpa prevenir qualquer eventualidade.

Dá-se como razão, para a preferencia dos canos de chumbo, *o menor preço deste e mais facilidade em prestar-se ás curvas pelo interior das casas*.

1.º O preço do chumbo foi sempre muito maior do que o do ferro, e muito mais do que o do ferro fundido.

2.º Nunca deve importar á economia, nem é economia gastar menos propondo outras vantagens, como duração, etc., e então nunca quando se trata da salubridade da saude. Além de que, ter agua em cada canto, e dentro das casas é luxo, não é necessidade; então gaste quem o quer ter;

(1) En effet: comment savoir qu'on avance, quand on marche en cercle. Balzac.

e vale mais ter boa agua, posto que um pouco mais distante, do que má muito perto. Portanto, semelhante motivo nada vale.

3.º Os canos delgados de ferro fundido, usados para a illuminação do gaz, desfazem a ultima razão — *da facilidade em prestar-se ás curvas*.

Muitas cousas ha, que a *analyse mais rigorosa* não mostra (aquellas mesmo, que merecem o maior credito pela incontestavel habilidade dos que as fazem), e comtudo pelos effeitos se conhece que existem. E' sabido, que dormindo-se em quartos de novo pintados, ainda que bem sêccos e passados muitos dias, padecem-se colicas produzidas pelo chumbo nos intestinos. Este chumbo respirado (pergunta o celebre *Seguin*, Ann. de Chim. t. 88 pag. 242): está no estado metallico, no de oxido, ou no de sal? Está dissolvido no ar, ou simplesmente misturado? Nada se sabe; mas o que é certo é, que o chumbo nestas circumstancias é transportado pelo ar, na temperatura ordinaria da atmospherá, muitas vezes a grandes distancias.

Infinitas vezes existem effluvios na atmospherá, que não alteram a sua transparencia, nem são presentidos pelos mais exactos e sensiveis eudiometros, e comtudo sentem-se os effeitos, como provam as experiencias dos celebres *Seguin* e *Lavoisier* no hospicio da *Salpetriere*. O ar do quarto baixo em que 6 horas dormiram duzentas mulheres não indicava differença alguma sensivel do ar externo, mas tinha um cheiro tão nauseativo e repugnante, que o sabio *Lavoisier* apenas entrou desmaiou, e as mulheres estavam furiosas! tal era a difficuldade de respirar semelhante-ar:

Podemos negar estes e muitos outros factos? Será prudente desprezar, e não acreditar o que affirmam homens que só se empregavam no estudo, que desconheciam distracções, para só nos regularmos pelo que nos parece, ou lêmos em um artigo de algum autor? Não será melhor, mais seguro e prudente, em caso de duvida, e em objecto tão importante como este, e o das quarentenas, perder antes por alguma cautela de mais, do que para innovar usos de seculos, e sem proveito algum arriscar tanto, como saude e vida?

Como só se discutem assumptos theatraes, e tudo mais passa sem a menor advertencia, e sendo muito conveniente tanto em politica, como nas sciencias a opposição, isto é, a discussão; julgâmos um dever fazer alguns reparos.

#### APPENDICE.

Extracto d'uma carta do Dr. Thomé Rodrigues Sobral, lente de chimica

an Universidade de Coimbra, escripta a Alexandre Antonio Vandelli, datada daquelle cidade em 19 de Abril de 1818.

« Como eu já disse á V. S. os meus sentimentos ácerca do manuscrito de V. S., sobre os usos do chumbo; pouco terei que acrescentar. Ninguem duvidando hoje, nem podendo duvidar das qualidades deleterias e venenosas do chumbo uma vez oxidado, toda a questão se reduz a saber se elle é ou não oxidavel nas circumstancias em que delle se faz uso para os aqueductos, reservatorios d'agua, etc. Os autores que defendem a negativa, fundam-se na alteração pouco apparente que mostra este metal em contacto com agua pura; mas elles me parecem não estar bem ao facto das attracções chimicas, e ignorar ou esquecer-se do quanto differe a acção chimica dos corpos, segundo as circumstancias variaveis á que a mesma acção chimica é subordinada. Elles parecem confundir a acção chimica directa com a indirecta e resultante do concurso das forças que fazem variar os resultados. Eu confio em que o chumbo é sensivelmente inalteravel na agua pura: mas pôde por isso affirmar-se que elle o é em todas as circumstancias? Certamente que não. Apesar pois de se achar a asserção contraria em alguns autores; eu tenho esta asserção por muito gratuita. Eu estou convencido do contrario por principios de theoria e por factos. Eu não jurarei nas palavras de *Patrin*, nem nas de *Mr. de Lamarse*, por mais que me digam que o chumbo não é alterado pela agua, em quanto me não provarem, ou que a agua se acha sempre pura, ou que nenhum outro agente que se ache combinado na agua é capaz de atacar o chumbo immediatamente, ou determinar pela sua presença a oxidação, seja á custa da agua-seja á custa de ar, etc. *Lamarse* diz: « On ne s'apperçoit pas qu'il (o chumbo, communique sensiblement des mauvaises qualités á l'eau: et on peut lui appliquer à cet égard ce qui a été dit en faveur de l'étain. » (Dicc. econom. t. 3.º pag. 86, edição de Paris de 1767). Mas á razão que dá em favor do estanho, para onde remette o leitor, é frivola. Esta asserção é tambem gratuita como a que affirma, por exemplo, que o gaz mxiatico oxygenado se pôde respirar impunemente, e comtudo houve autor, que avançou nos *Ann. de Chim.* uma tal proposição! Mas voltemos ao chumbo. Se fosse necessario ajuntar ás muitas autoridades, que V. S. tem produzido na sua Memoria, mais algumas, eu me contentaria de acrescentar as duas seguintes: a 1.ª de *Brugnatelli*, o qual nos seus *Elementi di Chimica*, t. 2.º pag. 219 diz: « Coll' acqua stagnanti in vasi di piombo, o que ha *passato per lungli tubi di questo metallo sovente si porta nel corpo umano il germe delle coliche.* » A 2.ª seria a de *Fourcroy*. *Encyclop. Method.* (Dicc. de Chim. T. V. Parte 2.ª pag. 654). « Aucun metal n'est plus employé que

le plomb, et malheureusement aucun n'est plus dangereux que lui, pour l'economie animale. *Les reservoirs, les tuyaux, les vases ou l'on conserve, ou que traverse l'eau, sont des ennemis qui menacent sans cesse notre santé.*» Mas eu tenho, além destas autoridades tão positivas, uma observação propria, que me bastaria só para me convencer. A menos de duzentos passos da minha habitação ha uma fonte, que tendo sua nascente em uma quinta, que foi dos Padres Jesuitas e hoje pertence ao Collegio de S. Pedro, vêm cahir na estrada publica, conduzida por telhas ordinarias, na distancia apenas de 30 passos, desde a boca da mina até chegar ao muro e sahir junto á estrada, e sómente da sua origem até a boca da mina corre por aqueducto de pedra calcarea. Ao sahir do muro ha uma bica igualmente de pedra calcarea, que foi posta o anno passado. Nella se pôz uma pequena chapa de chumbo, em fôrma de telha para juntar melhora agua e a dirigir sobre uma pia de pedra. Esta chapa, que teria 6 a 8 pollegadas de comprida, 2 de larga, e apenas 2 linhas de grossura, foi sensivelmente corroída em poucos mezes, e eu a via diminuir apparentemente todos os dias em todas as dimensões, de sorte que em menos d'um anno ella foi quasi consummida! Esta observação me parece tanto mais notavel, quanto esta agua parece uma das mais puras e menos selenitosas si se compara com as da cidade. Ella sahe d'um terreno, que não tem nada de calcareo mas argiloso e márcial; não deposita nas chaleiras nada de encrustação calcarea, como acontece com as da cidade, é uma agua muito leve, muito grata, e della se faz uso não só na minha casa, ha mais de 20 annos, mas todos os habitantes destas visinhanças quasi não fazem uso d'outra. Eu me proponho a repetir esta observação, mandando pôr outra semelhante chapa, e entrando seriamente na indagação deste phenomeno curioso e interessante. »

O administrador da Limpeza dos Aqueductos da Obra da Agua-Livre, mandará pôr nos canos dos ditos Aqueductos ralos de pedra em lugar dos de chumbo, que ha nos ditos canos, pela razão de ser o dito chumbo nocivo para a mesma agua, que passa pelos ditos ralos: o que assim executará. Lisboa, 13 de Janeiro de 1802.—*Jorge Cardoso.*

*N. B.* Estes dous negociantes não eram levados por theorias, mas pelo que a experiencia visivelmente lhes mostrava.

## A ENEIDA DE VIRGILIO E SEUS TRADUCTORES.

Il y a telle traduction, qui demande  
plus talent qui tel original.

(BITANBE').

(Continuado do n. antecedente).



Agamemnon assim prevenido aprompta-se para esta expedição.

As filhas do sacerdote Anio, soberano da ilha de Delos, tendo recebido de mudar tudo o que tocasse em pão, vinho e azeite, foram um poderoso meio de que se serviu Agamemnon para o seu fim, e as roubou: então Baccho, vendo isto as transformou em pombas, á fim de voltarem para a casa paterna.

Ulysses, filho de Laerte, rei de Ithaca e de Anticlea, delido pelo amor que tinha a Penelope, se fez insensato para não ir com os demais príncipes gregos á guerra de Troya; e para o que pôz ao arado animaes improprios para a agricultura: fez regos sobre a praia do mar, onde semeou sal em lugar de grãos; mas Palamedes, filho de Namplio, rei de Eubéa, que suspeitou o seu fingimento teve a lembrança de pegar em Telemaco, filho de Ulysses, que era então de mama e deital-o no rego, que tinha o pae feito; porém Ulysses, para não maltratar a seu filho, fez uma pequena volta, e descobriu o seu fingimento; e deste modo foi obrigado a seguir para a guerra de Troya.

Como fosse constrangido, estando no sitio de Troya, para se vingar accusou a Palamedes de ter intelligencias secretas com os inimigos. Fizeram-se cartas falsas, e metteram-se na sua tenda uma somma de dinheiro, que se suppôz ter elle recebido de Priamo; o que fel-o ser apedrejado pelos soldados. Palamedes, commandava os Eubéos no sitio de Troya; e elle se fez alli respeitavel pela sua prudencia, valor e pericia militar. Dizem que elle ensinára os gregos a formarem batalhões e dispôl-os em ordem:

attribuiu-se-lhe a origem do signal de guerra e a invenção de diferentes jogos, como dos dados, do xadrez, para entreter o official e soldado, pelo fastio de um tão prolongado cerco.

Agamemnon, tendo-se demorado com a armada Grega em Aulide, (indo a sitiary Troya), cidade marítima da Beocia, defronte da ilha Eubeia (Negroponto), constando a frota de 1,200 vélas, para esperar por ventos favoráveis, foi á caça e matou a corça mimosa de Diana, e a deusa o castigou não só com a escacez dos ventos, como com uma peste que lhe estragou a armada; e o Oraculo sendo consultado sobre o meio de fazer cessar este flagello, respondeu, que para applicar a ira da deusa era preciso o sangue de Iphygenia, filha de Agamemnon. Este consentiu por fim que a filha fosse immolada, mas quando ella ia para o sacrificio, Diana pôz em seu lugar uma corça, e transportou esta infeliz princeza ao seu Templo de Tauride na Scythia, para ahi fazer com o pontifice Thoas o officio de sacerdotisa. Outros dizem, que não foi a filha de Agamemnon a que foi sacrificada; e contam que Helena foi roubada da casa de Tyndoro, seu pae, por Theséo, e que teve della Hermione e Iphygenia.

Havia em Troya uma tradição popular, que aquella cidade nunca seria tomada; primeiramente era necessario que um descendente de Eaco fosse a esse cerco; e este decendente era Achilles, filho da deusa Thetis e de Peléo, que era filho de Eaco e de Endeis, filha de Chironte, que o creava com tutanos de Leão. Thetis, sua mãe, tendo sabido que os destinos promettiam a seu filho, ou poucos dias acompanhados de uma gloria immortal, ou uma longa vida mais sem honra, a deusa o mergulhou no logo Stygio, para o fazer invulneravel. Mas como ella o assegurava pelo calcanhar, esta parte não pôde receber a virtude, que essa agua communicou a todo o resto do corpo. Mas todas estas precauções não asseguraram Thetis; pensou ella que os principes gregos se armavam para a expedição de Troya; que esta cidade não podia ser tomada em quanto seu filho não fosse a este sitio, onde elle alli havia de morrer.

Para subtrahil-o á desgraça que o ameaçava, ella tirou-o das mãos de Charonte; depois o disfarçou em trajes de donzella e o pôz na companhia de Deidamia, filha de Lycomedes, rei da ilha de Scyros.

Ulysses sabendo que Achilles estava disfarçado na côrte de Lycomedes, se dsifarçou em trajes de mercador, e entrou com este no quarto de Deidamia, onde apresentou muitas peças de valor á princeza, que ella e as damas admiraram; mas teve a industria de trazer de mistura espadas, capacetes e outras armas, ás quaes Achilles lançou logo a mão. Isto deu logo

a conhecer a sua inclinação viril. Thetis foi constrangida a deixal-o partir, mas primeiro lhe mandou fazer por Vulcano armas de uma excellente tempera. Dizem que este deos ferreiro, depois de as ter feito, declarou a Thetis, que não entregaria estas armas senão depois de ter elle conseguido o que ella podesse dar de mais precioso. A necessidade que tinha Thetis do seu serviço lhe fez prometter tudo o que elle quizesse, com tanto que as armas fossem proprias para Achilles, o que era preciso provar nella mesma, por quanto era da mesma estatura, que seu filho. Vulcano, contente com o seu ajuste, entrega as armas a Thetis, que as veste e foge. O deos côxo não podendo alcançal-a, lhe atirou com um martello e a feriu no calcanhar. Partiu pois Achilles, tendo antes de tudo desposado Deidamia, a quem amava, e de quem teve um filho chamado Pyrrho.

Para que Troya fosse tomada era preciso possuir-se as flexas de Hercules que estavam em poder de Philoctetes, o qual se achava na ilha de Lemnos, e impedir que os cavallos de Rheso, rei de Thracia, comessem a herva dos campos de Troya e não bebesssem da agua do Xanto. Ora, tendo vindo Rheso em soccorro de Troya, no decimo anno do cerco, e sabendo os Gregos de Calchante esta disposição do destino, o mataram antes da sua chegada e levaram os seus cavallos. Dolon, explorador dos Troyannos foi quem, sendo enviado ao campo dos Gregos, e sendo reconhecido, para evitar a morte, declarou proxima a chegada de Rheso.

Esta sentença do destino ácerca de Rheso e seus cavallos, poderia mui bem ser um artificio de Ulysses, que espalhára este rumor para mover effizamente os Gregos em prevenir o soccorro, que o rei de Thracia conduzia aos Troyannos. Tambem sabia-se que Troya devia ser inexpugnavel em quanto vivesse Troylo, filho de Priamo, e em quanto o tumulo de Laomedonte subsistisse. Achilles matou a Troylo, e os Troyanos abatteram o tumulo quando fizeram uma brecha nas muralhas, para fazer entrar o cavallo de madeira. Dizia-se que a cidade não podia ser tomada sem que os Gregos tivessem Telefo, filho de Hercules em seu campo. Este Telefo, era rei de Mysia: a dificuldade estava em ganhal-o, e sendo elle ferido por Achilles, o Oraculo, a quem foi consultado respondeu, que para elle se restabelecer, devia ser curado com a mesma lança que o havia ferido. Ulysses com o aviso de Machaonte e Podaliro, filho de Esculapio, tomou ferrugem do ferro da lança, compôz um medicamento e enviou a Telefo, o qual sendo curado se entregou aos Gregos por agradecimento.

*Dr. Mello Moraes.*

*(Continúa).*

# PHYSIOLOGIA PATHOLOGICA DA LOUCURA



*(Continuado do numero antecedente).*

## DAS ALTERAÇÕES QUE SE RECONHECEM NO CEREBRO DOS ALIENADOS.

Pinel crê, que certos vicios de conformação estão ligados a um estado de alienação mental, e sobre tudo com a demencia. Esquirol e Georget tem visto ser o craneo irregular, em grande numero de alienados; e Spurzheim diz, quanto á anatomia pathologica do cerebro, parece-nos, que se está na maior ignorancia, e que quasi sempre se ha esquecido, que o cerebro é uma parte organica do corpo. Antes quer-se adoptar o impossivel e defender as mais contraditorias idéas, que mudar-se de opinião, e entregar-se á experiencia, por exemplo: em vez de se observar um cerebro, e vêr que as partes cerebraes são duplas, contentam-se em dizer, que grandes porções do cerebro tem sido tiradas, sem que uma faculdade mental se tenha supprimido: como se um olho perdido impedisse ao outro de vêr! Outros dizem que a pathologia nos mostra cada parte do órgão encephalico, alterado, supprimido e destruido sem lesão do entendimento. <sup>1</sup> Porém esquecem-se de distinguir, que não quer dizer que todas as partes encephalicas tem sido supprimidas e alteradas ao mesmo tempo, sem lesão do entendimento, mas sim, ora uma e ora outra.

<sup>1</sup> Para não amontoarmos um catalogo de obras medicas, onde podem ser estudadas as lesões cerebraes; indicaremos o — Compendio de Medicina pratica, ou exposto razoado dos trabalhos contidos nos principaes tratados de Pathologia interna dos Srs. Drs. Mouneret e Luiz Fleury (T. 1.º art. Folie, (loucura) pag. 124 e seguintes, e dic. de 1841 — Paris) onde vêem consignadas as opiniões de todos os escriptores até agora expendidas, e as alterações organicas nos alienados, que a anatomia pathologica tem feito conhecer.

O Dr. Mouneret nesse longo artigo, depois da glossologia technica apresenta as definições; e principia por reconhecer a dificuldade de se dar uma definição satisfatoria da alienação mental, passa a emittir as que deram Cullen, Georget, Faville, Leut, etc.; segue-se a divisão desta enfermidade, mencionando as opiniões diversas; e ao depois, entrando no dominio da Anatomia

Spurzheim, indo de acordo com as suas idéas colhidas dos factos observados, confirma a existencia das modificações nos cerebros dos alienados, e que cada lesão sensível não destróe as funcções da parte affectada.

A funcção poderia ser diminuida sem ser aniquillada. A differente constituição do doente, merece tambem particular attenção. A mesma lesão póde desarranjar as funcções de um e ser supprimido impunemente por outro. O cerebro é uma parte organica, onde se encontram as mesmas apparencias pathologicas das outras partes do corpo, taes como desenvolvimento deffectuoso, muita massa, congestões, inflammações, suppuração, derramamentos sanguineos, hydropesia e ossificações de vasos sanguineos. Esta nos mesmo convencidos, continúa Spurzheim, que algumas mudanças de côr e de textura poderiam ser descobertas nos cerebros de muitos alienados, se os dissecadores empregassem ahí mais attenção. Na febre com delirio, na loucura com mui grande actividade das faculdades, nos meninos precoces, que perdem as manifestações das faculdades intellectuaes, depois das febres chamadas cerebraes; nos alienados, que conforme a mania, ou a melancolia chronica, cahem em demencia ou em estolidez, ou que morrem de apoplexia; temos sempre notado alterações organicas na substancia cerebral, nos vasos sanguineos, nas membranas, ou no craneo.

O craneo offerece mui variadas dimensões; variada espessura dependente da natureza da molestia em que se encontram essas differenças. O craneo apresenta-se eburneo depois das inflammações chronicas das membranas do cerebro. Sabe-se que os ossos fracturados, depois de curados, são mais densos, no lugar da rotura, do que nas outras partes. Temos visto muitos que sendo lesados e tendo soffrido inflammações, tornarem-se mais espessos, eburneos e pesados. Temos tambem descoberto, que pessoas que tem estado muito tempo melancolicas e dispostas a suicidarem-se, depois de mortas, apresentavam o craneo denso e muitas vezes espesso. Entre-

pathologica, faz notar o que se tem achado no craneo, e nas membranas do cerebro. Depois passa á massa encephalica e ás alterações que se tem visto nas circumvolusões cerebraes; na substancia cinzenta, em sua consistencia, em suas relações de contextura, fundando-se em notaveis autoridades. Não satisfeito com estas indagações, apresenta as alterações nervosas referidas por Faville e Parcháppe; as alterações da pleura e pulmões referidos por Georget, Bartholini e Faville; as alterações dos órgãos abdominaes, e por fim as alterações do cerebro mencionadas, depois da morte por Morgagni, Michel, Portal, Gall, Dubuisson e Lallemand, Delaye, Pinel, etc. Não mencionamos aqui todas as lesões do cerebro, cerebello e da medula espinhal, por não pertencer ao dominio do nosso escripto, e sim á anatomia pathologica, e para o que enviamos o leitor á obra ácima mencionada, ou aos escriptos especiaes dos autores aqui lembrados. E' preciso antes de terminar estas observações lembrar que nas diversas especies de loucura, ha distincções mui salientes, conforme a causa que a fiz apparecer.

tanto é mister distinguir-se os suicidas que se entregam a essa resolução por desesperação momentanea, ou por molestia aguda. E' impossivel que o craneo soffra uma tal mudança em pouco tempo.

Esquirol diz ser um objecto importante distinguir bem o que produzio as doenças pelas quaes succumbem os alienados, do que pertence à alienação mental, e que é por ter sido esta consideração desprezada que, tanto se tem desmahiado sobre a séde da loucura. Spurzheim, diz que Mr. Esquirol exprime-se muitas vezes de uma maneira, que apresenta a loucura como um ser real; entretanto declara nada entender do que se quer dizer com—loucuras ideiaes, loucuras intellectuaes, loucuras de idéas, loucuras mentaes; e considera a causa da alienação mental como corporea.

Spurzheim diz, que em vista de tamanha confusão, a nomenclatura só se fixará quando a physiologia do cerebro e as idéas phylosophicas forem claras, e ficarem resolvidas. Para que isto aconteça, convém que se defina a loucura em suas relações com a ordem social, ou com o estado em que o homem moral e intellectual não tem mais responsabilidade em suas acções. Spurzheim não admite a loucura como um ser real, mas sim como um desarranjo, quer das funções cerebraes, combinado com a impossibilidade para os doentes, de poderem conhecer seu estado morbido, ou de exercer a influencia da vontade sobre as acções. As partes cerebraes são a séde da loucura, como os pulmões o são da dyspnea, e o estomago da dyspepsia. E' preciso tambem notar, que nós consideramos a alienação mental como consequencia do estado de desarranjo da organização cerebral; que este estado morbido do cerebro é ou não perceptivel a dessecção; e finalmente que elle está limitado ao cerebro, ou combinado com os desarranjos das outras partes do corpo.

#### DA NATUREZA DAS CAUSAS DA LOUCURA, SEGUNDO SPURZHEIM.

Acabamos de repetir, que as apparencias da loucura não são senão symptomas ou desarranjos das funções das partes cerebraes e que, no cerebro, assim como nas outras partes do corpo, os desarranjos das funções e as alterações organicas são inseparaveis. Estes phenomenos variam nas diferentes partes, segundo a differença de suas funções; por exemplo: o orgão do sentimento da estima de si mesmo, estando desarranjado, deve naturalmente produzir symptomas differentes dos do orgão da tendencia á destruir ou occultar os do orgão da circumspecção ou da benevolencia. Por consequente, ha tantas especies de symptomas, quantas faculdades primitivas d'alma, e combinações dessas faculdades. E' deste modo, que se

comprehende, porque a mania e a melancolia muitas vezes são a mesma molestia, porque se pôdem preencher e alternar, visto que o mesmo tratamento cura-as muitas vezes, e em muitos casos são enfermidades diferentes, que só cedem á differente tratamento. Servindo-nos do nosso modo de exprimir, diremos que, na melancolia, o orgão da circumspecção é que mais soffre; e que na mania, são os da inclinação a combater ou a destruir os que se manifestam. Ora, nesse caso, a causa pôde ser a mesma ou differente. A mesma doença, por exemplo: a gotta pôde affectar successivamente differentes partes cerebraes, e é desta maneira, que se pôde explicar como o mesmo alienado n'um accesso é extremamente devoto, e reza; e em outro profere blasphemias, bate com os pés, morde e destroe tudo que pôde apanhar; e como n'um accesso se desespera, e n'outro governa o universo. Não fazemos a mesma observação em relação á causa da hysteria, que ora affecta os pulmões, ora o estomago, a cabeça, os dentes, os ouvidos, os olhos e as differentes partes cerebraes? A causa das molestias intermitentes pôdem produzir ordinariamente os symptomas de frio, de calor, de transpiração e de apirexia, ou ainda intermissões comatosas, symptomas inflammatorias, pulmões, etc. A mesma função sendo modificada em cada individuo, terá uma influencia proporcionada sobre os desarranjos. Outros consideram a causa proxima da loucura como corporea, porém encaram a natureza da doença, sempre, como a mesma: não admittem senão uma differença, conforme o orgão. E' verdade, que as alienações não indicam a natureza da doença, e que o mesmo symptoma pôde ser effeito de diversas causas: assim como a diarrhéa, sendo produzida pelo mêdo ou por indigestão, pela dentição ou por frio e humidade nos pés, apresenta o mesmo symptoma. Além disto, como temos repetido, a mesma causa, tal como a suppressão de transpiração, ou o resfriamento, pôde produzir, n'um individuo a ophthalmia, n'outro tosse, dôres de dentes, inflammação da porotida, diarrhéa, etc.

As causas da loucura são idiopathicas ou symptomaticas, assim como as das outras affecções.

As causas idiopathicas da loucura nascem com o homem, ou são effeitos de accidentes ulteriores. Estas são mechanicas, isto é, effeito de uma causa violenta, ou dynamicas, isto é, desarranjos das forças vitaes.

*Dr. Mello Moraes*

*(Continua.)*

## APONTAMENTOS PARA A MATERIA MEDICA BRASILEIRA



### C.

**CANINANA.**— E' um sipó com duas ou tres hastes: acha-se nos terrenos sêccos; a sua raiz é o mais approvedo purgante contra os males venéreos, e bem se lhe pôde chamar mercurio vegetal; porque faz quasi os mesmos effeitos, que o mineral. Applica-se, e com proveito, em muitas molestias chronicas; della se tira excellent extracto, que goza das mesmas virtudes. Produz na Provincia da Bahia, Sergipe e Alagôas.

**CONTRAHERVA.**— Planta rasteira e unida á terra: nasce em qualquer parte, por baixo de outras arvores e em lugares frescos: se aperta o sol, em poucos dias se lhe reduzem as folhas em cinzas, ficando sempre verde a batatinha, que é remedio effcaz para colicas, malignas, e até para dentadas de cobras, bebido o summo da batata e folhas; das quaes tambem usam como chá. Sem excepção de lugares, encontra-se na Provincia da Bahia, Sergipe e Alagôas.

**CARAIBA.**— E' arvore mediana; produz em terrenos sêccos; não sente o verão e deita fructos. O extracto do seu entrecasco serve para emplastro de toda a qualidade de quebraduras, e para o peito.

**CAMA D'EMA.**— Arbusto rasteiro, que produz nos terrenos fracos; o ca-roço da sua fructa serve de matar bichas; e dá-se sómente a quarta parte delle ralado; e é mais forte que o Angelim.

**CARUÁ.**— Vegeta nos terrenos sêccos; delle se fazem valentes cordas: é bem conhecido; abunda em quantidade por toda a parte. O cosimento desta planta serve para lavar feridas.

**CAROBA.**— Arvore mediana; o cosimento do entrecasco serve para lavar bôbas, e as folhas sêccas, e reduzidas á pó, para pulverisar as feridas bobaticas. Nas campinas do sertão ha outra especie chamada Carobinha, que estende pelo chão, e é ainda mais virtuosa para as bôbas. No reconcavo da Bahia ha outra terceira especie differente de igual proveito.

CANGAMBÁ OU GERATACÁCA OU PÍPI OU TIPI. — Herva catिंगosa, que produz nos lugares frescos e sombrios. A raiz e folhas cosidas servem para banhos em quem tem dóres pelo corpo e ossos; e para retenções de urina, dando-se a beber; é sudorífica. E' excellente remedio nas Anginas ou Esquinencias.

CAMARÁ. — Herva, que produz em qualquer terreno; ha diferentes especies, branco e rôxo: é aromatico; o seu prestimo é dar do summo clysteis a quem tem opilação, ou cansaço; e faz-se tambem lambedor para delluxos do peito; e o cosimento das folhas para tosses teimosas e confusas.

CATINGA BRANCA. — Arvore mediana, que cresce no interior; sua casca é prestimosa para curar feridas, e cosida para clysteis nas diarrhéas: produz nos terrenos fracos e sêccos. Tambem se faz extracto, e goza a mesma virtude.

COXONILHA. — Insecto bem conhecido por todos, menos pelos habitantes do sertão; e se conhecem, ou não sabem do seu valor, ou a preguiça os tolhe. Acha-se em abundancia nos arbustos á que chamam Palmatoria, que pelos muitos espinhos que tem, é custoso de se catar. O tempo proprio de se tirar, por estar maior, e abundar mais, é de Maio até Agosto, e principalmente no mez de Junho.

CANNA DE MACACO. — Produz nos terrenos sombrios: o seu prestimo é tirar belidas dos olhos; serve tambem para as gonorrhéas. Tambem se faz extracto, que tem a mesma virtude. Além destas, se extrahе della um sal acido, que poderá ser utilissimo a muitos usos da medicina; do succo se lhe apura regalado licor, moendo-se então a canna, e deixando-se repousar o caldo por vinte e quatro horas, o qual, tirado subtilmente, misturando-se-lhe assucar refinado, engarrafa-se, e passado quatro dias, está capaz do uso: é bebida forte; aquelles a quem desagradar por isso, misturem-lhe agua, e augmentem o assucar. O sedimento, ou tapioca, que deixa, desfeito em agua e adoçado, é saboroso refresco salutar para as gonorrhéas e queixas originadas de calor.

CABACINHA OU BUXA DE PAULISTA. — E' um sipó, cuja semente, que imita á de cabaça, pisada e dissolvida em agua, a porção de uma colher d'esse pó bebida, ou em clysteis, é vigoroso purgante para qualquer enfermidade.

CONSOLAÇÃO. — Arbusto, cuja flôr é muito cheirosa; nasce em qualquer terreno: a raiz serve de purgante para qualquer enfermidade; e é bom antidoto para veneno de cobras.

CAPIAMA. — Arbusto resinoso, que produz em toda a parte; sua fructa

dá muita tinta amarella, e o páo tambem dá, mas deve-se desfazer em espirito de vinho.

CASULOS DE SÊDA.— São de certas lagartas, que os produzem nos sertões: ha de duas qualidades, e differem assim; os que se acham no arbusto Velani, são peiores, porque tem aspereza e difficuldades, e muito pouca longura de fios; os que se encontram porém na arvore Aroeira, são optimos pela côr mui branca, faceis, macios e longos. Contaram-nos que se achou em um arbusto seda verde, muito fina e, ao parecer, boa; ignoramos comtudo o insecto, que a produz.

CAPÉBA OU PARIPARÓBA.— Herva, que produz nos terrenos humidos; o seu prestimo é resolver todas as qualidades de tumores; pisadas as folhas, e postas sobre elles cosida com raiz e tudo, e adoçada com mel, serve para fazer cosimento para os doentes de opilações.

CAPIM DE LANCETA.— O seu prestimo é dar bebido o succo, pisado, ou em cosimento em clysteis, a quem tem maligna, em pequena dóse: é um dos melhores remedios, que tem descoberto os camponezes para esta enfermidade: as folhas são semelhantes á ponta de uma lanceta; a côr é muito verde; só produz nos taboleiros de agreste.

*Dr. Mello Moraes.*

*Continúa.*



# MELODIAS ROMANTICAS. <sup>1</sup>

## 1.

### A TERRA DA CRUZ

**Ao meu amigo o Rev.<sup>mo</sup> Dr. Patricio Muniz.**

Terra bendita,  
E da cruz do Senhor teu nome seja!

S. RITA DURAÕ.

O luso nauta alquebrado  
De lutar co'a tempestade  
No seio da immensidade  
Busca um anjo protector:  
E esse anjo é— Maria,  
Mãe de fê, e mãe de amor!

Eis as nuvens se adelgaçam  
E desce luz resplendente,  
E o mastro da náó ingente  
Tem por elnò igneo clarão:  
E' a luz— luz de Maria,  
Luz de eterna salvação!

Que bonança! . . A tempestade  
Ao longe soluça e morre...  
E a náó síngrando corre  
Por um mar alegre, azul!  
Vêm a noite;— os céos rutilam,  
E refulge a cruz do sul!

E o outro dia risonho  
Nasce a aurora... o sol desponta...  
E distante... um vulto... aponta...  
Que encanta o nauta e seduz:  
— Terra!— sôa; surge a terra;  
E era a terra da cruz!

Nietheroy, 21 de Abril de 1855.

Esriptas para serem postas em musica, não podiam estas poesias excederem dos acanua-  
os limites prescriptos a este genero de composição, em que todo o merito consiste em dizer-se  
muito em poucas palavras: é uma innovação para a reforma de nossas modinhas, que peccam  
pela monotonia de seus assumptos sempre eroticos.

## 2.

**O PESCADOR DO LAGO**

**Improviso n'uma noite de passeio nas margens  
das lagôas de Itaipú.**

---

Serenou-se a tempestade  
Brilha o céu; doce bonança  
Renasce como a esperança  
N'um peito cheio d'amor;  
Mas o lago inda se agita,  
Treme ainda com furor.

Eia ao lago! A amante dorme-  
Mas não dorme o pescador.

Pensa que agora repousa  
Em seu leito a sua bella,  
Mais pura que branca estrella,  
Mais casta que meiga flôr!  
E que não dorme em seu peito  
Coração que é todo amor:

Eis o lago!— Assim pensando  
Lança a rêde o pescador.

Porém a rêde recolhe...  
Ai delle! A rêde transporta  
A sua amante já morta  
Qual murcha e já sêcca flôr!  
Sem luz seus olhos tão bellos,  
Tão bella a face sem côr!

Corre ao lago!— E lá no fundo  
Busca a morte o pescador.

Cahe a noite!— As ondas fremem  
E pia a ave marinha  
Concavo tronco caminha,  
Do vento entregue ao furor,  
E então para os mortos brilha  
Da triste lua o pallor.

Eis o lago!— E sobre a margem  
Jaz sem vida o pescador.

Itaipú, 1849.

3.

**A NOIVA DO SEPULCHRO**

No album da Illm.<sup>a</sup> e Exm.<sup>a</sup> Snr.<sup>a</sup>

**D. Anna Paulina de Araujo Porto-Alegre.**

Era um sitio seu querido  
 Donde sohia de estar.

(V. DE A. GARRETT.)

---

Uma cruz e bronca pedra,  
 Eis a sua sepultura,  
 Ah por minha desventura  
 Aqui jaz... Silencio, amor!  
                     Minhas lagrimas somente  
                     Denunciem minha dôr.

Infeliz, elle saudoso  
 O praso dado aguardava;  
 Sente passos... me julgava...  
 Mas o fere vil traidor!..  
                     Ah cruel! podeste tanto!..  
                     Como é dura a minha dôr!

Tosca cruz, pedra sagrada,  
 Recebei meu triste pranto;  
 Recebei em penhor tanto  
 Minha dextra e meu amor!  
                     Oh console este consorcio  
                     Da saudade a minha dôr!

Rio de Janeiro, 1846.

---

## 4.

**A ESTRELLA DO MARINHEIRO**

No album da Illm.<sup>a</sup> e Exm.<sup>a</sup> Snr.<sup>a</sup>

**D. M. Rademarker.**

---

Nasci como ave marinha  
 Sobre estas ondas do mar  
 Na minha fragil barquinha  
 Cresci da onda ao embalar.

Na minha infancia innocente  
 Por terras nuvens tomei,  
 E dessa illusão contente  
 Mil vezes— terra!— bradei.

Ao silvo da tempestade  
 Eu via as ondas dansar,  
 Cheio de temeridade  
 Me punha logo a resar.

Amei a brisa, que asinha  
 Foi-me tormenta cruel;  
 Amei a onda marinha,  
 Foi-me qual onda infiel.

Amei depois uma estrella,  
 Que no céo via brilhar;  
 Ou inda mais pura e bella  
 Sobre as aguas scintillar.

Um dia em terra a encontrando  
 De meu amor lhe fallei;  
 Porém á terra voltando  
 Nunca mais a encontrei.

E ainda como estrella  
 No céo a vejo brilhar;  
 Ou inda mais pura e bella  
 Sobre as aguas scintillar.

Sobre o mar, patria inconstante,  
 Marinheiro vou morrer;  
 Ah possa a querida amante  
 Sobre as aguas vir me-vêr!

Nietheroy, 1845.

## 5.

**A PARTIDA DO PROSCRIPTO**

**No album da saudosa filha de um proscripto.**

---

— Adeus, exclama o proscripto  
Abraçando a terna esposa,  
A sua filha mimosa  
E os tenros filhos seus:  
Oh que pranto amarguroso  
Neste tão saudoso adeus !

Partiu! . . Do baixel ligeiro  
Solta a véla ao mar e vento,  
Leva-lhe a brisa o lamento  
Da familia tão gentil:  
Vae viver saudoso, errante,  
Lá, distante do Brasil.

Por elle a familia implora,  
E elle ao baixel saudoso  
Pede que ande vagaroso  
A' vista de seu paiz !  
E o baixel sempre sulcando  
Vae levando o infeliz !

Nietheroy, 1852.

---

## 6.

**A SEPULTURA DE HERMELINDA**

**A seu esposo e meu amigo o Snr. João Cyrillo  
Moniz.**

---

« —Rasga o véo a escura noite  
Luz serena d'almo dia;  
Fulge o sol— doce alegria  
Já na terra despontou:  
Só desta alma, que suspira,  
Que delira de saudade,  
Que sonha co'a eternidade  
A tristeza não findou!

« Oh de novo baixe a noite  
Derramando mil pavores,  
Augmentem mais seus horrores  
Negras aves a piar;  
Venham ellas com minh'alma  
Junto á campa de Hermelinda,  
Onde a dôr jámais se finda,  
Aprender a suspirar.

« Aqui vejo a rosa, o cravo,  
Vejo o lyrio e a assucena,  
Mas não cessa a minha pena,  
Não se acaba a minha dôr;  
Junto á pedra de um sepulchro  
Sómente o cypreste adoro,  
E junto delle deploro  
Hermelinda, o meu amor! »

Rio de Janeiro, 1850.

---

## 7.

## O ÉCHO DA SERRA

Improviso em peregrinação pelas montanhas  
da Tijuca.

Pela serra Tijuca  
 Erra afflicto triste amante,  
 Publicando delirante  
 Zelos seus em seu clamor:  
     E o écho da serra o escuta  
     O escuta e diz:— Amor!

« —Ai de mim, exclama o triste,  
 A minha amante é perjura;  
 Falta á santa e sacra jura,  
 Falta, ó céos, falta infiel! . .  
     Elle escuta— e ao longe o écho  
     Tres vezes lhe diz:— fiel!

« —Fiel? Pergunta o inditoso,  
 Fiel a perjura ingrata,  
 Que me envenena e me mata?  
 E hei de amal-a sendo assim? . .  
     Elle escuta— e ao longe o écho  
     Lhe responde e lhe diz— sim!

« —Oh doce écho da serra,  
 Si mentes por piedade  
 Tu acalmas a anciedade  
 Do peito de um infeliz!  
     Elle escuta— e ao longe o écho  
     Inda repete— feliz!

Tijuca, Novembro de 1853.

---

## 8.

# CANTO

## DOS BATELEIROS

No Album da Illm.<sup>a</sup> e Exm.<sup>a</sup> Snra.  
D. — F. P. B.

---

Brilha a lua! — Luz serena  
Vêm as aguas pratear!  
Nem uma aragem amena  
Vêm nas ondas sussurrar!  
    Que momentos lisongeiros  
    Para sobre o mar vogar;  
    Lindos moços bateleiros  
    Eia ao mar, ao mar, ao mar!

Que bonança! — Não rouqueja  
Siquer ao longe o trovão,  
Nem sobre a serra negreja  
Envolto em nuve o tufão!  
    Que momentos tão fagueiros  
    Para a alma e coração;  
    Bateleiros, bateleiros  
    Ao mar nosso batelão!

Mas imagem da inconstancia  
No mar não ha que fiar,  
Nem sabe fingir constancia  
Para as bellas imitar!  
    Coragem, eia, ligeiros,  
    Vamos sobre o mar vogar;  
    Mas sentido, bateleiros,  
    Com a inconstancia do mar.

## 9.

## A SAUDOSA DE AMOR

No album de uma illustre ingleza ausente de  
seu marido.

Sem vêr o esposo,  
Que adora tanto!

A. C. DE LIMA.

Mar que outr'ora nesta praia  
Tão saudosa já me viste,  
Repara como hoje triste  
Choro e suspiro de amor:  
    Geme também nesta praia,  
    Sente também minha dôr!

Elle, ó céos, a quem amava,  
De meus braços se afastando  
E ao baixel velas soltando  
Se perdeu aos olhos meus;  
    E sumido no horizonte  
    Não ouviu o meu — adeus!

Agora se busco vêl-o,  
Branca vela me apparece,  
E depois desaparece  
Lá no horizonte sem fim! . .  
    O caro esposo não volta,  
    Não volta . . . triste de mim!

Itacotiára, 1851.

Vão comnosco nossas bellas  
Os pezares esquecer;  
O céu tem puras estrellas,  
Deve o mar estrellas ter.  
    Que momentos prazenteiros!  
    Corra a vida a bom correr!  
    Em seus braços, bateleiros,  
    Seja em nós tudo prazer!

Vamos a vida de amores  
Sobre as ondas deslisar;  
Ah! durem esses erros  
Em quanto a vida durar!  
    Que momentos lisongeiros  
    Para sobre o mar vagar;  
    Lindos moços bateleiros,  
    Eia ao mar, ao mar, ao mar!

Rio, 1848.



## 10.

**O ADEOS DO PEREGRINO**

**À morte, em Turim, do meu amigo o joven  
Dr. J. Monteiro Peixoto.**

---

Já arde ante a cruz sagrada  
Benta vela, e o peregrino  
Deplora o triste destino  
Que á morte assim o conduz :  
    E o muribundo se volve,  
    Se volve á benedicta cruz.

« —Deos do céo! exclama elle,  
Antes na patria, que adoro,  
Nos braços, por quem eu choro  
Tivesse esta vida fim :  
    Porém não em terra estranha,  
    Porém não tão longe assim!

« Permite que á patria, ao menos,  
Me leve a brisa estrangeira  
A saudosa e derradeira  
Expressão dos labios meus!.. »  
    Balbucia... expira... e a brisa  
    Geme ao longe o seu — adeus!..

Nictheroy, 1854.

*J. Norberto de S. S.*

---

# ANALYSE MATHEMATICA

## THEORIA DAS SERIES ELEMENTARES.



### IV.

Seja dada a função exponencial  $(a^x)$ , cujo desenvolvimento se pede, em uma serie ordenada segundo as potencias ascendentes do expoente  $(x)$ .

Faça-se  $a-1=b$ ; e ter-se-ha

$$\begin{aligned} a^x &= (1+a-1)^x = (1+b)^x \\ &= 1+x b+x \frac{(x-1)}{2} b^2+x \frac{(x-1)}{2} \frac{(x-2)}{3} b^3+x \frac{(x-1)}{2} \frac{(x-2)}{3} \frac{(x-3)}{4} b^4 + \& \\ &= 1 + \left( b - \frac{b^2}{2} + \frac{b^3}{3} - \frac{b^4}{4} + \& \right) \cdot x \quad (\text{H}) \\ &\quad + \left( b^2 - b^3 + \frac{41}{3 \cdot 4} \cdot b^4 - \& \right) \cdot \frac{x^2}{2} \\ &\quad + \left( b^3 - \frac{3}{2} b^4 + \& \right) \cdot \frac{x^3}{2 \cdot 3} \\ &\quad + \left( b^4 - \& \right) \cdot \frac{x^4}{2 \cdot 3 \cdot 4} \\ &\quad + \& \end{aligned}$$

Esta segunda serie deduz-se da precedente, executando nella a multiplicação dos factores que compõem os coefficients das diversas potencias de  $(b)$ ; e ordenando a somma de todos os termos segundo as potencias de  $(x)$ .

A função  $(1+b)^x$  tem pois dous desenvolvimentos diferentes, em series equivalentes; uma ordenada segundo as potencias do segundo termo do binomio; e a outra segundo as potencias do expoente do mesmo binomio.

Note-se agora: 1.º Que o coefficiente de  $\frac{x^2}{2}$  forma-se do quadrado da serie, que é o coefficiente de  $(x)$ , até á potencia  $(b^4)$  do ultimo termo do primeiro desenvolvimento: que o coefficiente de  $\left(\frac{x^3}{2.3}\right)$  é o cubo daquella mesma serie, até a potencia  $(b^4)$ ; e semelhantemente pelo que respeita aos coefficientes de  $\left(\frac{x^4}{2.3.4}\right)$ ; de  $\left(\frac{x^5}{2.3.4.5}\right)$ ; &c.

2.º Que o numero dos termos da serie que forma o coefficiente de  $(x)$  é igual ao numero dos termos do desenvolvimento total da funcção  $(1+b)^x$ , menos um: de modo que, quando este desenvolvimento fôr dado por uma serie infinita, será igualmente infinita a serie do coefficiente de  $(x)$ .

3.º Que na hypothese de ser infinita a serie do coefficiente de  $(x)$ ; serão igualmente infinitas as series que formam os coefficientes das outras potencias de  $(x)$ , nos termos seguintes: de modo que, representando  $(A)$  aquelle primeiro coefficiente, serão os outros representados ordenadamente por  $(A^2)$ ,  $(A^3)$ ,  $(A^4)$ , &c.

4.º Que no caso de ser  $(x)$  [expoente da funcção binomial] um numero fraccionario, ou negativo, o primeiro desenvolvimento dessa funcção se converte em uma serie infinita; visto que nenhum coefficiente de qualquer das potencias de  $(b)$  pode tornar-se nullo, como é facil de verificar: acontecendo o contrario, quando aquelle expoente fôr numero inteiro e positivo; então é o desenvolvimento da funcção, em ordem ás potencias de  $(b)$ , dado por uma serie de numero determinado de termos; a menos de ser infinito o expoente  $(x)$ .

Supponha-se pois que o expoente da funcção proposta é fraccionario, da forma  $\left(\frac{x}{m}\right)$ ; sendo o numerador dessa fracção um numero inteiro dado; a equação  $(H)$  tomará a forma seguinte:

$$a^{\frac{x}{m}} = 1 + \frac{A}{m} \cdot \frac{x}{1} + \frac{A^2}{m^2} \cdot \frac{x^2}{1.2} + \frac{A^3}{m^3} \cdot \frac{x^3}{1.2.3} + \frac{A^4}{m^4} \cdot \frac{x^4}{1.2.3.4} + \&c;$$

e ter-se-ha tambem

$$A = \frac{a-1}{1} - \frac{(a-1)^2}{2} + \frac{(a-1)^3}{3} - \frac{(a-1)^4}{4} + \&c$$

Faça-se na primeira destas equações  $x = \frac{m}{A}$ ; o que é admissivel; por ser  $(m)$  um numero arbitrario: e ter-se-ha

$$a^{\frac{1}{A}} = 1 + 1 + \frac{1}{1.2} + \frac{1}{1.2.3} + \frac{1}{1.2.3.4} + \&c$$

$= e = 2,7182818$ ; com approximação até a 7.ª casa decimal.

Este numero que representamos por  $(e)$  é a base do systema dos logarithmos Neperianos, ou hyperbolicos.

Ter-se-ha portanto a equação seguinte  $a = e^A$ ; da qual se tira  $A = \frac{\text{Log. } a}{\text{Log. } e}$ ; e pondo este valor em lugar de (A) nas duas equações precedentes: virá

$$(H') \quad a^{\frac{x}{m}} = 1 + \frac{1}{m} \cdot \left(\frac{L a}{L e}\right) \cdot \frac{x}{1} + \frac{1}{m^2} \cdot \left(\frac{L a}{L e}\right)^2 \cdot \frac{x^2}{1.2} + \frac{1}{m^3} \left(\frac{L a}{L e}\right)^3 \cdot \frac{x^3}{1.2.3} + \&$$

$$(H'') \quad \frac{L a}{L e} = \frac{a-1}{1} - \frac{(a-1)^2}{2} + \frac{(a-1)^3}{3} - \&$$

A equação (H') pode ser escripta da seguinte forma:

$$\left(a^{\frac{1}{m}}\right)^x = 1 + \left(\frac{L a^{\frac{1}{m}}}{L e}\right) \cdot \frac{x}{1} + \left(\frac{L a^{\frac{1}{m}}}{L e}\right)^2 \cdot \frac{x^2}{1.2} + \left(\frac{L a^{\frac{1}{m}}}{L e}\right)^3 \cdot \frac{x^3}{1.2.3} + \&$$

e sendo (a) uma quantidade de grandeza arbitraria, poder-se-ha substituir por  $(a^{\frac{1}{m}})$  qualquer grandeza finita; a mesma designada por (a): e ter-se-ha portanto qualquer que seja o expoente (x),

$$(P) \quad a^x = 1 + \frac{L a}{L e} \cdot \frac{x}{1} + \left(\frac{L a}{L e}\right)^2 \cdot \frac{x^2}{1.2} + \left(\frac{L a}{L e}\right)^3 \cdot \frac{x^3}{1.2.3} + \&$$

Da equação (H'') se tira

$$(7) \quad L a = L e \left(\frac{a-1}{1} - \frac{(a-1)^2}{2} + \frac{(a-1)^3}{3} - \&\right)$$

Pondo nesta equação (1 + a) em lugar de (a); virá

$$(8) \quad L(1+a) = L e \left(\frac{a}{1} - \frac{a^2}{2} + \frac{a^3}{3} - \&\right)$$

Pondo finalmente nesta equação  $\left(\frac{x}{a}\right)$  em lugar de (a); virá

$$(Q) \quad L(a+x) = L a + L e \left(\frac{x}{a} - \frac{x^2}{2a^2} + \frac{x^3}{3a^3} - \&\right)$$

As equações (P) e (Q) encerram pois o desenvolvimento pedido das funções  $(a^x)$ , e  $L(a+x)$ : I.

V.

Faremos agora conhecer diversas formas de funções logarithmicas, cujo emprego é de uso frequente na analyse.

A equação (Q) é dependente do (La); o qual não pode ser dado pela equação (7) para qualquer valor de (a), porisso que a serie do segundo membro só dará um valor finito para (La), quando (a) for = 2, ou < 2, á fim de que seja ella convergente.

Convem portanto transformar a equação (7) em outra, cuja serie seja sempre convergente para qualquer valor de (a) positivo.

Ponha-se na equação (7)  $(1+a) < 2$ , em lugar de  $(a)$ ; virá a transformada (8).

$$L(1+a) = Le \left( \frac{a}{1} - \frac{a^2}{2} + \frac{a^3}{3} - \& \right); \text{ na qual é } a < 1.$$

Dando o signal negativo á  $(a)$  nesta equação; tem-se

$$L(1-a) = Le \left( -\frac{a}{1} - \frac{a^2}{2} - \frac{a^3}{3} - \& \right)$$

Subtrahindo esta equação da antecedente, ter-se-ha

$$(9) \quad L \left( \frac{1+a}{1-a} \right) = 2 Le \left( \frac{a}{1} + \frac{a^3}{3} + \frac{a^5}{5} + \& \right)$$

Ponha-se agora  $\left( \frac{a-1}{a+1} \right) < 1$ , em logar de  $(a)$  na equação (9): virá

$$(10) \quad L \left\{ \frac{1 + \frac{a-1}{a+1}}{1 - \frac{a-1}{a+1}} \right\} = La = 2 Le \left( \frac{a-1}{a+1} + \frac{(a-1)^3}{3(a+1)^3} + \frac{(a-1)^5}{5(a+1)^5} + \& \right)$$

Substitua-se ainda, na mesma equação (9),  $\frac{1}{2a+1} < 1$  em lugar de  $(a)$ ; e virá

$$(11) \quad L(a+1) = La + 2 Le \left( \frac{1}{2a+1} + \frac{1}{3(2a+1)^3} + \frac{1}{5(2a+1)^5} + \& \right)$$

As equações (10) e 11 encerram pois a solução pratica da funcção geral  $L(a+x)$ , qualquer que seja o valor de  $(a)$  positivo; visto que a serie infinita é em ambas convergente.

Se na equação (7) se puzer successivamente  $(1+a)$ , e  $(1+\frac{1}{a})$  em lugar de  $(a)$ ; virão as seguintes:

$$L(1+a) = Le \left( a - \frac{a^2}{2} + \frac{a^3}{3} - \& \right)$$

$$L\left(1 + \frac{1}{a}\right) = Le \left( \frac{1}{a} - \frac{1}{2a^2} + \frac{1}{3a^3} - \& \right)$$

Tirando a segunda equação da primeira; virá

$$(12) \quad La = Le \left( \frac{a^1 - a^{-1}}{1} - \frac{a^2 - a^{-2}}{2} + \frac{a^3 - a^{-3}}{3} - \& \right)$$

Esta bella formula, posto que não seja accomodada ao calculo numerico, é todavia de proveito nos usos da analyse litteral.

Substitua-se finalmente na mesma equação (7)  $(a^{\frac{1}{m}})$  em lugar de  $(a)$ ; virá

$$La = m Le \left( a^{\frac{1}{m}} - 1 - \frac{(a^{\frac{1}{m}} - 1)^2}{2} + \frac{(a^{\frac{1}{m}} - 1)^3}{3} - \& \right)$$

Supponha-se ( $m$ ) um numero de grandeza tal, que torne  $(a^{\frac{1}{m}})$  tão proximo da unidade quanto se quizer: de modo que  $(a^{\frac{1}{m}} - 1)^2$  possa ser desprezado em comparação de  $(a^{\frac{1}{m}} - 1)$ , que satisfaz ao limite marcado para a parte decimal de  $(La)$ .

A precedente equação tomará a seguinte fórmula mui simples

$$(13) \quad La = m \cdot Le (a^{\frac{1}{m}} - 1)$$

Esta engenhosa e util transformação da formula geral expressa em uma serie infinita, é devida á Lagrange.

Tem-se visto na precedente analyse, que o desenvolvimento da função logarithmica, sob todas as formas em que a temos apresentado, é sempre acompanhado do factor constante  $(Le)$ .

A determinação numerica desse factor, em qualquer systema de logarithmos, dá-lhe o character proprio que o distingue: e a esse factor, assim determinado, chamam os geometras o Modulo do systema.

Na construcção das taboas de logarithmos de qualquer systema, em que tem applicação especial as formulas das equações (10) e (11); é indispensavel fazer-se a previa determinação do factor  $(Le)$ , para achar o Modulo do systema.

Temos presentemente só dous systemas de logarithmos; a saber, o Neperiano, ou hyperbolico, cuja base é o numero representado por  $(e)$ ; e o de Briggs, ou o tabular, cuja base é o numero (10).

No primeiro systema é  $Le = 1$ : e para determinar  $(Le)$  no segundo, recorre-se á formula de Lagrange (13), pondo nella o numero (10) (base do systema) em lugar de  $(a)$ : e tem-se

$$1 = Le \cdot m (10^{\frac{1}{m}} - 1)$$

A raiz quadrada successiva de (10), até que, para um dado valor de  $(m)$ , se chegue á approximação designada, na parte decimal dos logarithmos do systema; fará conhecer definitivamente o valor numerico do factor que multiplica  $(Le)$ : achando-se por esta maneira  $Le = 0,4342944819$ , valor approximado até a decima casa decimal.

Da equação (13) pode deduzir-se um resultado bem curioso, apresentando essa equação transformada n'outra, que reproduz o desenvolvimento da função exponencial  $(a^x)$  como vamos mostrar.

A referida equação pode tomar a forma seguinte:

$$\begin{aligned}
 a^{\frac{1}{m}} - 1 &= \frac{1}{m} \cdot \frac{L a}{L e}; \text{ ou} \\
 a^x &= \left(1 + \frac{x}{m} \cdot \frac{L a}{L e}\right)^{mx} \\
 &= 1 + mx \cdot \frac{L a}{m L e} + mx \frac{(m x - 1)}{2} \cdot \frac{1}{m^2} \left(\frac{L a}{L e}\right)^2 \\
 &+ mx \frac{(m x - 1)}{2} \frac{(m x - 2)}{3} \cdot \frac{1}{m^3} \cdot \left(\frac{L a}{L e}\right)^3 + \&
 \end{aligned}$$

Na deducção da equação (13) partio-se da hypothese de ser (m) um numero arbitrario, e tão grande quanto se queira: de modo que essa equação é rigorosamente exacta, quando fôr (m) infinito.

Realizando pois esta condição no segundo membro da precedente equação, com attenção á que os factores (mx, mx-1, mx-2, &) se tornam rigorosamente iguaes entre si, virá

$$a^x = 1 + \left(\frac{L a}{L e}\right) \frac{x}{1} + \left(\frac{L a}{L e}\right)^2 \frac{x^2}{1.2} + \left(\frac{L a}{L e}\right)^3 \frac{x^3}{1.2.3} + \&$$

Esta ligação necessaria, entre um principio dado e as suas mais remotas consequencias, caracteriza por modo admiravel a exactidão dos processos analyticos: e os põe á par do methodo rigoroso das demonstrações geometricas.

## VI.

Sejam dadas as funcções Sen x, e Cos x, cujo desenvolvimento se pede, em series ordenadas segundo as potencias ascendentes de (x).

Supponha-se que tem lugar a equação seguinte:

$$(14) \quad \text{Cos } x = 1 + Ax + Bx^2 + Cx^3 + Dx^4 + Ex^5 + Fx^6 + \&$$

sendo A, B, C, & quantidades indeterminadas, e independentes de (x).

Ter-se-ha semelhantemente

$$\text{Cos } 2x = 1 + A(2x) + B(2x)^2 + C(2x)^3 + D(2x)^4 + E(2x)^5 + F(2x)^6 + \&$$

Tem-se pela trigonometria

$$\text{Cos } 2x = 2 \text{Cos}^2 x - 1$$

Eliminando  $\text{Cos } x$ , e  $\text{Cos } 2x$  das duas primeiras equações, por meio desta, virá

$$2 + A(2x) + B(2x)^2 + C(2x)^3 + D(2x)^4 + \&$$

$$= 2(1 + Ax + Bx^2 + Cx^3 + Dx^4 + \&)^2$$

Ordenando todos os termos desta equação em um só membro, segundo as potencias de  $(x)$ , ter-se-ha a seguinte equação de condição

$$0 = 2 \left| \begin{array}{cccccc} + 2A & | & x + 4B & | & x^2 + 8C & | & x^3 + 16D & | & x^4 + 32E & | & x^5 + 64F & | & x^6 + \& \\ - 2 & | & - 4A & | & - 4B & | & - 4C & | & - 4D & | & - 4E & | & - 4F \\ & & - A^2 & | & - 4AB & | & - 4AC & | & - 4AD & | & - 4AE & | & \\ & & & & - 2B & | & - 4BC & | & - 4BD & | & - C^2 & | & \end{array} \right.$$

donde se tira

$$2A - 4A = 0 \dots\dots\dots A = 0$$

$$4B - 4B - A^2 = 0 \dots\dots\dots B = B$$

$$8C - 4C - 4AB = 0 \dots\dots\dots C = 0$$

$$16D - 4D - 4AC - 2B^2 = 0 \dots\dots\dots D = \frac{B^2}{2.3}$$

$$32E - 4E - 4AD - 4BC = 0 \dots\dots\dots E = 0$$

$$64F - 4F - 4AE - 4BD - C^2 = 0 \dots\dots\dots F = \frac{B^3}{3.5.6}$$

Substituindo estes valores na equação (14), virá

$$(15) \quad \text{Cos } x = 1 + B.x^2 + \frac{B^2.x^4}{2.3} + \frac{B^3.x^6}{3.5.6} + \&$$

Seja semelhantemente

$$(16) \quad \text{Sen } x = A'x + B'x^2 + C'x^3 + D'x^4 + E'x^5 + F'x^6$$

Tem-se tambem pela trigonometria

$$1 = \text{Sen}^2x + \text{Cos}x$$

Eliminando pois, por meio desta equação,  $(\text{Cos } x)$  e  $(\text{Sen } x)$  das duas precedentes; virá uma equação de condição analogá á que ácima tivera lugar, no desenvolvimento de  $(\text{Cos } x)$ .

Essa equação fará conhecer os coefficients indeterminados  $(A', B', C', \&)$ : a saber

$$0 = A'^2 \left| \begin{array}{cccccc} x^2 + 2A'B' & | & x^3 + 2A'C' & | & x^4 + 2A'D' & | & x^5 + 2A'E' & | & x^6 + \& \\ + 2B & | & + B^2 & | & + 2B'C' & | & + 2B'D' & | & \\ & & + B^2 & | & & | & + C'^2 & | & \\ & & + \frac{B^2}{3} & | & & | & + \frac{B}{3} & | & \\ & & & & & & + \frac{B^2}{9.5} & | & \end{array} \right.$$

donde se tira

$$\begin{array}{l} A^2 + 2B = 0 \quad \dots \dots \dots A^2 = -2B \\ 2A^2B = 0 \quad \dots \dots \dots B^3 = 0 \\ 2A^2C + B^2 + B^3 + \frac{B^3}{3} = 0 \quad \dots \dots \dots C^3 = -\frac{2B^2}{3A^2} \\ 2A^2D + 2B^2C = 0 \quad \dots \dots \dots D^3 = 0 \\ 2A^2E + 2B^2D + C^2 + \frac{B^3}{3} + \frac{B^3}{9.5} = 0 \quad \dots \dots \dots E^3 = -\frac{B^3}{3.5.A^2} \end{array}$$

Substituindo estes valores na equação (16); e pondo  $(-2B)$  por  $(A^2)$ ; ter-se-ha a seguinte equação

$$(17) \quad \text{Sen } x = A^2 \left( x + \frac{Bx^3}{3} + \frac{B^2x^5}{2.3.5} + \& \right)$$

Resta pois determinar  $(A^2)$ , na equação de condição  $A^2 + 2B = 0$ , afim de ter o valor de  $(B)$ , que ficou indeterminado nas equações (15) e (17).

Para esse fim ponha-se a equação (17) sob a forma seguinte :

$$\frac{\text{Sen } x}{x} = A^2 \left( 1 + \frac{Bx^2}{3} + \& \right)$$

Se nesta equação se fizer  $x=0$ ; virá  $\frac{\text{Sen } (0)}{(0)} = A^2$ ; isto é será  $(A^2)$  a quantidade que representa o limite da relação de grandeza entre o arco  $(x)$ , e o seu seno.

Mas tem-se pela trigonometria

$$\text{Tg. } x = \frac{\text{Sen } x}{\text{Cos } x}; \text{ ou}$$

$$\frac{\text{Sen } x}{\text{Tg. } x} = \sqrt{1 - \text{Sen}^2 x};$$

e fazendo nesta equação  $x = 0$ ; virá

$$\frac{\text{Sen } (0)}{\text{Tg. } (0)} = 1;$$

isto é o limite da relação entre a  $(\text{Tg. } x)$  e  $(\text{Sen } x)$ : ter-se-ha portanto  $A^2 = 1$ ; visto que é  $x > \text{Sen } x$ , e  $< \text{Tg. } x$ , dentro dos limites do quadrante: e por conseguinte

$$B = -\frac{1}{2}$$

Substituindo pois os valores determinados de  $(A^2)$  e  $(B)$  nas equações (15) e (17); virá finalmente

$$(R) \quad \text{Sen } x = x - \frac{x^3}{1.2.3} + \frac{x^5}{1.2.3.4.5} - \&$$

$$(S) \quad \text{Cos } x = 1 - \frac{x^2}{1.2} + \frac{x^4}{1.2.3.4} - \frac{x^6}{1.2.3.4.5.6} + \&$$

(Continúa).

## REPAROS SOBRE UM ROMANCE.



Em um dos numeros do *Guanabara*, que por não termos á mão não citamos, o encomiador do bello romance do Snr. Dr. Macedo a—VICENTINA—disse sobre os romances, em these, o quanto nos pareceu bastante, e por isso nos eximimos de fallar na mesma materia. A nossa tarefa agora são algumas reflexões ácerca do romance a — PROVIDENCIA— do Snr. Teixeira e Sousa, que o anno passado publicou nesta côrte o *Correio Mercantil*.

O romance a Providencia, apesar de alguns defeitos, é uma criação gigantesca, e até immensa, que fazendo grande honra a seu autor, passará talvez á posteridade, porque não é o romance de uma época, mas de todas; é o mundo talvez em ponto pequeno.

Não gostamos do título do romance; mas o título de um livro não lhe augmenta, nem diminue o merito. O heroe da Providencia é bem pouco saliente, o mesmo Snr. Teixeira e Sousa o diz: Eil-o « O narrador aproveita a occasião para declarar aos seus leitores, si lhe perguntarem no fim desta historia quem é o heroe della, e qual a acção principal, que elle os não quiz designar abertamente etc. » Isto é verdade. Os personagens que representam na acção são todos tão importantes, que não é sem difficuldade que no meio delles se depára com o heroe; o que julgamos devido á acção, que certamente não é o amor, como acontece em quasi todos os romances. A' acção do romance porém ligam-se tantos incidentes, amarram-se tantos episodios interessantes, que a intriga do romance torna-se de tal sorte intrincada, que já no fim d'elle o leitor o mais habil e acostumado a romances não pôde nem prever o desfecho! Além de outros, é de nosso dever notar tres cousas no romance, que são: a fidelidade aos costumes da época em que o autor figura a sua historia; a conveniencia dos seus caracteres, e a côr local sempre animada, e sempre brilhante. Pôde bem ser que exageremos, mas dizemos o que sentimos: ha muito tempo não lêmos um livro tão abundante de bellezas, de tão florido e agradavel estylo, e de linguagem tão amena e correctá. Comtudo, não dissimularemos que o trecho da historia do Japão posto na boca de Philippe, as reflexões criticas sobre os

primeiros habitantes do novo mundo, postas na boca do Padre Chagas, e a descripção de Jerusalem referida pelo mesmo Padre, nos pareceram luxo de erudição; mas perdoamos de bom coração este luxo, que nos apresenta tantas bellezas, tanta imaginação e tanta poesia.

O Snr. Teixeira e Sousa é sempre sublime quando stigmatiza um vicio. Filippe, fallando de seus desregramentos, e do louco poder, que attribuia ao oiro, diz:

« Nescio que eu era! acreditei que o oiro podia comprar o amor! Insensato! que acreditei que um coração de mulher se vendia! Vaidade do mundo! Acreditei que com tudo se mercadejava! Soberba das riquezas! Acreditei que o dinheiro podia a tudo comprar! Compra-se uma mulher, mas não se compra seu coração! Possue-se uma mulher, mas não se possui seu amor! Gozam-se os serviços de uma mulher, mas não se goza sua afeição! . . . E com effeito, desfructamos esses serviços, como desfructamos os serviços de uma escrava; mas esse coração ahí fica, tão livre para odiar-nos, como o coração da escrava, tão livre para aborrecer-nos! »

Aqui apresenta o autor uma bella idéa, que muito deve lisongear o coração das mulheres; mas um pouco adiante não podemos lêr sem arripiar-nos estas palavras postas na boca do atheu, ou deista Filippe:

« Ha uma idéa de consolação, que sabe de adrede esmaltar na noute dos desesperados todos os horrores do tumulo; e esta idéa cifra-se nisto; deixa-se de viver, deixa-se de soffrer, porque o tumulo engole de um jacto a vida, as lembranças e as dôres! E' mentira! O homem não foi feito para soffrer, porque os soffrimentos jámais se casam com o coração humano; o homem foi feito para a felicidade, e a felicidade é gozar, porque é com os gozos que nossa alma se deleita! A immortalidade não é senão um renome! a bemaventurança uma grande somma de gozos desfructados sobre a terra! O inferno não é mais que uma grande somma de soffrimentos na terra padecidos! Deos. . . ou tal não existe, ou impassivel vê, sem commoção, o curso de suas obras! Assim, quando se não póde attingir á bemaventurança dos gozos, evita-se o inferno dos soffrimentos! O sacrificio é pequeno; basta apenas uma vontade altiva e uma resolução sublime; a dôr é passageira, e a desordem instantanea, e o socego eterno. »

Eis um pedacinho muito eloquente, mas muito perigoso, visto que o illustre romancista o põe na boca de um homem que intenta suicidar-se. O autor deixa proseguir o seu personagem, e nenhuma reflexão faz ácerca disto. Quizeramos que o autor repellisse e condemnasse esta impiedade.

Nós bem vêmos que o Snr. Teixeira e Sousa o fez de proposito, para

depois tornar mais saliente o castigo, e o arrependimento deste impio; mas isso vêem as pessoas de criterio; e um romance é sempre escripto para o povo. Nós que lêmos o romance com attenção, estamos bem longe de pensar que o Snr. Teixeira e Sousa professe taes idéas; porque quem pinta com tanta energia e bellezas o arrependimento de Narcisa, certamente acredita nas verdades reveladas pelo christianismo. Citemos esse trecho:

Narcisa, filha de Filippe, está casada com Baptista. Filippe o malvado, o atheu, o assassino enlouquece no dia mesmo do casamento da filha. A bella Narcisa, victima de uma má educação, e de um preceptor perverso torna-se criminosa, e adultera; seu pae, desfigurado, com a barba crescida, e os cabellos sobre o rosto, de modo que se torna inteiramente desconhecido, apparece á sua filha quando esta está no jardim. Filippe lança em rosto á sua filha todos os crimes de seus maiores, e os della mesma. Este dialogo assás dramatico, assás bello, e mesmo sublime, termina assim: Narcisa falla:

« — O senhor está me calumniando...

— Nunca!

— Não está dizendo verdade...

— Estou.

— Eu amo meu marido.

— Mentira.

— Donde sabe a historia dos meus maiores?

— Delles mesmos... Oh Providencia!

— Impossivel.

— Seja.

— Donde sabe a minha historia?

— De ti mesma...

— O Senhor é um impostor...

— Nunca.

— Então quem é? donde vêm? o que me quer?

— Sou um demonio! venho dos infernos! quero levar-te...

— Ail..

Narcisa cahiu sem sentidos. O fantasma desapareceu. »

Em consequencia desta apparição, Narcisa arrepende-se de seus crimes, e na firme intenção de emendar sua vida, escreve a seu complice delle se despedindo, este pede-lhe uma entrevista, que será a derradeira, se ella o quizer. Narcisa consente. O complice de Narcisa, que havia sido seu mestre apresenta-se, tendo saltado a janella do costume. Os dous adulteros em presença um do outro ficam mudos, até que Pedro diz:

« — Em que pensaes, Narcisa?

— No que sou... e no que deveria ser... respondeu a moça com voz incerta e lastimosa.

— E o que sois, e que deveríeis ser?

— Deveria ser uma mulher justa e virtuosa, uma esposa amante e honrada, e uma mãe terna e respeitavel... eis o que deveria eu ser, e no entanto sou uma mulher iniqua e criminosa, uma esposa desleal e infame, e uma mãe desamorosa e desprezível... Eis o que sou: Podia pois ser tudo quanto uma mulher pôde ser de grande, de nobre e de santa! e não sou mais do que o que uma mulher pôde ser de pequena, desprezível e má!

— Não vos comprehendo...

— Então, meu amigo; é que sois de mui difficil comprehensão!

— Não vos comprehendo!.. Pois vós não amaes vossa filha?

— A mulher casada, que ama seus filhos, jámais põe olhos amorosos em um homem, que não seja seu marido, o pae de seus filhos.

— Mas, Narcisa, uma mudança tão repentina!..

— Tardei, bem o vejo... mas ainda assim o tempo, qualquer que seja, é sempre proprio para o arrependimento e para a emenda.

— Será possível que vós, tão altiva, de um espirito tão forte, vos deixeis vencer por prejuizos ridiculos e grosseiros?

— Meu amigo, á Deos nada é impossivel. Tenho ouvido ao Padre Chagas fallar não poucas vezes da bondade e misericordia de Deos... Que vos admira pois? Magdalena converte-se e chora suas culpas aos pés do Salvador; Dimas o reconhece sobre a cruz e roga-lhe que se lembre d'elle; Paulo torna-se defensor da fé e seu apostolo, de perseguidor que antes havia sido... Não poderia pois deseer tambem sobre mim um raio da divina graça?

— Oh! oh! e esse raio não vos queimou?

— Sim, queimou-me... e queimou-me tanto, que me fez insensivel aos vossos motejos...

— Ora fallemos sério... isso não passa de gracejo...

— Pois fallemos sério. Snr. Pedro, quando eu era menina acreditava que existia um Deos, e o acreditava de todo o meu coração; porque se meu pae algumas vezes o negava ou a sua Providencia, só o fazia nos momentos de sua desesperação! Elle nunca me havia ensinado systematica e methodicamente, que tudo quanto existe era obra da natureza; que nossa alma morria com o nosso corpo, e que a esta vida seguia-se o nada do sepulchro:

Eu não sabia que o infinito era este espaço immenso, que nos cerca e que a eternidade era o eterno nada da sepultura! Crença, era bem desculpavel em mim o desvanecimento de minha formosura! crença é me julgando formosa, era bem desculpavel em mim a minha ambição de riquezas! Uma sabia e bem dirigida educação me teria curado destes defeitos: apesar porém delles, Snr. Pedro, eu acreditava no que hoje outra vez acredito; isto é, na immortalidade de minha alma, na existencia de um Deos julgador, que premeia os bons e castiga os máos! acreditava, e esta crença longe de ser um fardo para minha alma, era uma doce consolação e uma feliz esperança: assim minha mãe m'o havia ensinado, e como m'o havia ensinado, de Deos e só de Deos eu esperava tudo! e apesar da minha ambição, era feliz nas minhas crenças porque tinha esperanças! Deos é sempre justo: elle quiz castigar-me por haver eu admittido em minha alma uma doutrina pernicioso e funesta! Deos pois me castigou por meio da minha ambição: fez-me rica, e bem depressa a sociedade das riquezas e dos prazeres trouxeram-me o enojo! Lançada no caminho da desordem e do crime, não vi senão minhas riquezas, não ouvi senão meus caprichos, não segui senão meus prazeres! Quando porém acreditava que só eu, que só meu complice sabiamos dos meus desmanchos e indignidades, eis que, como por um encanto, assoma ante meus olhos um fantasma, um demonio, um... que sei eu?! um bom ou máo genio enfim, um ente incomprehen-sivel, como Deos! indecifrável, como a vida e a morte! e mysterioso, como o tumulto! e feio, como a nuvem da borrasca, tremeja sobre mim, como a voz da tempestade! A esta voz terrivel, medonha e profunda, como a voz do raio, despedaça-se á meus olhos o véo do passado, e um quadro de sangue sobre um fundo negro debuxa-se diante de minha alma! era a historia dos meus antepassados, dês do meu bisavô até meu pae! e nessa historia de infamias, de vicios e de crimes, eu sou forçada a vêr sempre, e em tudo e por tudo, o dedo da Providencia! Este fantasma, este ser mysterioso narra-me depois a minha historia dês do berço até hoje! Elle lança-me em rosto os meus crimes, mostra-me a mancha da ingratição, que negreja sobre a minha frente, annuncia-me a maldição celeste, e desaparece, deixando-me aniquilada debaixo do peso dos meus crimes e desta maldição funesta! Volto depois á mim; minha alma carecia de consolação, meu coração de esperanças, e ambos de soccorro... mas ah! busca-os onde? A verdadeira consolação existe na religião, e eu a tinha esquecido! A verdadeira esperança só vem de Deos, e m'o havia expellido do meu coração! E se minha alma se lastimava sem consolação, se meu coração gemia sem esperanças: de quem me soccorreria, que pudesse sustentar-me a vida? Oh!

a vida pareceu-me então odiosa! Odiosa, porque minha alma não tinha com que tornal-a soffrivel, nem meu coração com que amenisal-a; porque o universo era árido a meus olhos, e o céu mudo para a minha alma! Ah! meu amigo, vós não podeis comprehender os martyrios de um coração sem esperanças! Um coração sem esperanças é mais triste que o naufrago, que lucta com a morte entre as ondas, vendo tão longe a terra da salvação! é mais medonho que os campos chamuscados por continuas sêccas! é mais desolado que uma casa de familia sem pão, e sem meios de o haver! E porque não havia para mim nem consolação, nem esperanças? porque sobre a minha cabeça eu não via mais que a infinidade do espaço, negação de toda a esperança! e debaixo de meus pés a eternidade do tumulto, negação de todo o consolo! Sem Deos e sem esperança, sem religião e sem consolo, afflicta e desolada, quero acabar com uma vida, cujo peso me era por demais insupportavel; quero... mas um raio da divina graça desce sobre o meu coração... precipitada vôo ao oratorio, tomo um crucifixo, e cahindo de joelhos com elle abraçada, o banho com minhas lagrimas, e choro sobre elle os crimes dos meus maiores, minhas desordens e meas crimes!.. Arrependida, chorando sobre minhas culpas, eu sentia meu coração palpitar mais desassombrado, e minha alma dilatar-se! e á proporção que meus beijos voavam sobre os pés do crucificado, e minhas lagrimas sobre suas feridas, eu sentia a esperança penetrar o meu coração, e o consolo a minha alma!.. Oh! como seria feliz, se fôra este o derradeiro instante de minha vida! »

Narcisa termina este interessante discurso convidando o Pedro para que se arrependa; Pedro diz que não crê na tal apparição, que se não deixa mystificar por taes palavras, ao que a moça responde :

« Se eu obrasse por vossa causa, respondeu Narcisa, pezar-me-ia de que me não acreditasseis; se eu obrasse por causa do mundo, sentir-me-ia de que o mundo me não julgasse sincera; como porém obro por causa de Deos e de mim propria; que me importa que me acrediteis ou não? Tudo isso me é indifferente. »

Pedro faz todo o possivel de reconquistar este coração que lhe fugia; vendo tudo baldado diz-lhe que não a póde perder, que ou sua sempre, ou morta. Narcisa escolhe a morte, e Pedro finge com effeito matal-a. Narcisa não offrece resistencia, não grita, nem foge, apenas desvía os olhos do ferro ameaçador, e offrece o peito a elle. Pedro admirado de uma tal constancia, diz:

« — Comeffito, Narcisa! vós não me enganaveis!.. »

— E vós suppunheis isso? disse a moça voltando lentamente o rosto para elle. A minha resolução está tomada.

— E nada vos póde demover della?

— Nada.

— Ora vejamos.

— Pois vejamos.

— Pelo que tenho notado, á vista do que entre nós tem occorrido, creio que hoje não vos importais com a vossa vida, e nem com cousa alguma do mundo; o vosso maior cuidado é a vossa reputação; não se vos dá de perderdes tudo, com tanto que a vossa reputação fique intacta; e assim deve ser. Vós deveis fazer tudo para conservar uma reputação brilhante aos olhos do mundo, amavel aos olhos de vosso marido, veneranda aos olhos de vossa filha, e respeitavel aos olhos dos que vos conhecem de perto e que vos amam. Morrendo vós com essa reputação, vossa memoria será respeitada pelo mundo, abençoada por vosso marido, querida por vossa filha, e estimada pelos vossos amigos. Ora, creio que tenho adivinhado o vosso pensamento...

— Pedro, a reputação que ainda gozo eu não a mereço; mas visto que o mundo m'a concede, justo é que eu a véle.

— Mas, visto que vós vos tendes dedicado toda a Deos, convém que sejaes sincera, isto é, que appareçaes aos olhos do mundo tal qual fostes e tal qual sois; tudo o mais é uma impostura. Quanto mais publicos forem os vossos crimes, tanto maior será a vossa humiliação, tanto mais sincero o vosso arrependimento e tanto mais fervorosa a vossa penitencia. Quero então tambem lançar uma pedra na obra da salvação de vossa alma.

Amanhã todos saberão dos nossos amores! amanhã eu mostrarei a todos as vossas cartas! amanhã todos saberão das vossas entrevistas! amanhã explicarei a todos qual foi a vossa visão na nossa horta! amanhã emfim vosso marido saberá que mulher possui...

— Comprehando a vossa ironia, senhor, é amarga, é dolorosa! Dessa maneira vós me perdeis, é verdade, mas vós vos perdeis tambem.

— E que me importa? perca-me eu muito embora, perca-me, com tanto que vós vos percaes comigo...

— Eis o que são os homens! Os homens, nossos senhores! Os homens, que se arrogaram o direito de dirigir-nos e governar-nos! Os homens, que unicos se collocaram á frente da sociedade! Os homens, que regulam nossos destinos e decidem de nossa sorte! Os homens, que nos chamam fracas, e

negam juizo prudencial! Os homens, que nos usurparam o bem mais doce—a liberdade! Os homens, para quem somos um traste, um traste apenas!!! Eis o que são os homens! Escravos de nossos encantos, porque contam que uma mulher ou mais cedo ou mais tarde, pela lei natural, se ha de inclinar a um homem, abatem-se diante de nós, beijando servilmente o pó da terra calcado pelas solas dos nossos sapatos! Humildes ainda mais que o mais vil de todos os escravos, rojando a nossos pés como uma serpente domestica, sem alma, sem brio e sem pudor, não se pejam de pôr uma felicidade cumprirem nossas vontades, ainda as mais caprichosas! e estes pygmeus de nossas camaras, estes despreziveis heroes de theatro, sahem de junto de nós cobertos com o pó que nossos pés levantaram, para, se transformando em gigantes, irem dirigir os destinos de uma sociedade de milhões de homens! Voltam a nossos pés, a phantasmagoria desapparece, ou antes o fingimento; e a natureza simples e ahi se releva! O gigante da sociedade volve-se a pygmeu debaixo de nossos olhos, ou antes o homem, este ser orgulhoso, atrevido e impávido, não é em nossa presença mais que um ligeiro e desprezivel insecto! Este cão fraldeiro, apenas obtem uma graça nossa, desconhecido e ingrato transforma-se em nosso senhor, e crige-se em nosso juiz! e abusando de indignos direitos usurpados sobre nossa fraqueza physica, troyea sobre nossas cabeças as suas proprias vilesas! E quando um dia queremos ser livres, queremos usar de nossos direitos, nos diz com o derradeiro insulto: « Sois uma mulher deshonorada! a vossa reputação depende unicamente de mim! e, ou aceitar minha lei, ou cabir na infamia. » Trahidor, homem vil, se tu não fôras e os teus criminosos discursos; se tu não fôras e os teus abominaveis conselhos, eu viveria na paz domestica, gozando o innocente prazer desses auréos dias de uma adolescencia feliz! Quem destruiu o socego de meu coração? quem me arrebatou a paz de minha alma? não foste tu?! Dirigindo-me a teus fins, aproveitando-te habilmente de minha fraqueza, e servindo-te de minha ignorancia, tu me instruíste na estrada do atheismo, arrancando Deos do fundo de minha alma! tu me guiaste pelo caminho da libertinagem, destruindo em meu coração os santos e salutaes principios da religião e da virtude; e aniquilando em mim estes supremos principios de toda a virtude e de toda a moral, conduziste-me dest'arte pela hedionda senda do crime e do vicio! Dize: não foste tu quem duas vezes me perdeu? Tu me ensinaste a não temer um Deos, que não existia, dizias tu! Tu me ensinaste a nada temer ao depois da morte; porque á morte seguia-se o nada, dizias tu! Eis a minha primeira perda! Depois, lisongeando as minhas fraquezas, inflammando as minhas paixões, tu me fizeste cabir nos

laços de teus conselhos e de tuas seducções! eis a minha segunda perda! Não contenté, queres pela terceira e ultima vez perder-me, propalando as minhas desordens? Oh! se eu pudesse deixar de amar-te neste instante, eu te odiaria como os anjos odeam aos demonios! Vai-te!.. Ainda bem: tenho ainda uma porção de veneno que tu me déste para matar a uma mulher virtuosa... Graças, graças, meu Deos! que ao menos mais este crime não teve lugar! Vai... Amanhã propala meus crimes por toda a parte. Amanhã eu serei o objecto dos risos e motejos de todos! Amanhã terás tu mais um crime! Amanhã haverá mais um marido desgraçado! Mas as tuas palavras de horror, os risos e motejos do mundo, o teu crime, o resentimento de meu marido, cahirão apenas sobre um cadaver; porque sobre o leito em que hoje se deitar Narcisa, amanhã não apparecerá mais que seu misero cadaver!

— Como! quereis suicidar-vos?

— Quero.

— Bravo!

— Os vossos motejos me encontram tão impassivel, como os vossos insultos!

— Oh! pois não heide motejar! Toda voltada para Deos, toda beata, e quereis matar-vos?! Não sabeis que a religião christá prohibe o suicidio? não sabeis que vos matando lançais vossa alma no inferno?

— Tendes razão, senhor; e eu vos agradeço o serviço que me acabais de fazer! por elle eu vos perdôo todos os males que me haveis feito, todos os vossos insultos, e as vossas irrisões e motejos... Mas Deus me acudiu com um melhor alvitre...

— Então qual é?

— Lançar-me-hei aos pés de meu marido logo que elle chegue; contar-lhe-hei eu mesma os meus desmanchos, minhas faltas e meus crimes! Onde maior humiliação? O offensor aos pés do offendido confessando-lhe a offensa elle mesmo! O réo aos pés do seu juiz pedindo elle mesmo a sentença! E se meu marido nessa occasião não tiver bastante animo para matar-me, terei eu bastante coragem para a seus pés morrer de vergonha.

— Basta... mulher extraordinaria! mulher sublime! Cahir como tu cahiste, é uma trivialidade; mas erguer-se como tu te ergues, é uma maravilha nova na historia dos arrependimentos! Antes nunca tiveras cahido; mas se não tiveras cahido, não te erguerias ácima do teu sexo com tanta sublimidade! Cahida, ainda te amo! Erguida, eu te adoro! Que assombro! Eu mesmo me desconheço! Que facto é este que me impõe e me força a um

culto, cujos sublimes mysterios meu coração havia sempre desconhecido e negado! Não é pois a virtude uma palavra vaga! ella existe! e a virtude em uma mulher reveste-a de um character inteiramente supremo! Narcisa, de hoje em diante eu respeitarei as vossas resoluções como decretos da natureza! eu amarei o vosso arrependimento como meu proprio! eu o juro por vós, eu o juro por Deos!

— Por Deos! E vós acreditaes em Deos?

— E como não acreditar se eu vos vejo!

— Não vos comprehendo...

— A vossa visão foi um aviso de Deos! O vosso arrependimento uma inspiração! A vossa dedicação á virtude a vocação de um Paulo! A vossa abnegação á vida a dôr da Magdalena! E em todos os vossos pensamentos eu não vejo senão uma revelação de Deos! A meu pezar sinto dentro de mim uma força superior á minha razão, que me domina e me arrasta! que me impõe um culto por mim desconhecido até hoje! que me força a admirar-vos como uma mulher sublime! que me obriga adorar-vos como uma idéa de Deos, que se revela em minha alma! E' pois verdade... não é a virtude uma palavra vã, nem seu poder uma chiméra! Certo do meu triumpho, eu vinha para dominar, e vindo, como dominador sou eu o vencido, sou eu quem aceito a lei do vencedor!

— Ah Pedro! se as vossas palavras fossem sinceras!..

— Não o duvideis, Narcisa. O meu procedimento de hoje em diante provará tudo quanto tenho dito neste momento.

— Pedro, seria horrivel enganar uma mulher desgraçada.

— Se eu vos enganasse, querendo de novo vos arrastar aos crimes, contra as minhas desordens, em favor da vossa virtude, adquiririeis sobre a minha vida os mais incontestaveis direitos. A minha morte seria então um bem para a humanidade, porque purgaveis a terra de um monstro de especie nova. Se eu vos enganar, mandai assassinar-me, mandai, que esse assassino em vez de condemnar-vos diminuirá uma parte de vossas culpas.

— Pedro, se vós sois sincero, eu já não sou desgraçada...

— Nem vós o sereis jámais! Eu velarei por vossa reputação como pela reputação de minha filha, de minha mãe, ou de minha irmã! Eu procurarei fazer o bem em tudo e por tudo! A minha bolça ficará de hoje em diante franca aos pobres e aos desvalidos! Eu buscarei viver tão puro de hoje em diante como tenho até aqui vivido criminoso; porque a verdadeira penitencia é a emenda da vida!

— Pedro, Deos abençõe as vossas palavras.

— Estas bellas idéas de Narcisa, este seu sacrificio á virtude, este seu desamor á vida são, bem o vêmos, um claro protesto contra as palavras de Filippe. Sabemos tambem que o autor, no fim da narração de Filippe faz algumas reflexões, mas, repetimos, nós as quizeramos no mesmo momento em que Filippe proferiu a sua blasfemia.

Notamos ainda que neste romance a prosa do Snr. Teixeira e Sousa tem ganhado muito. Nos lugares em que elle ostenta a sua eloquencia, é sempre uma eloquencia firme, e sem affectação. Citemos um pedacinho. Filippe, contando com que valentia combatêra contra os mouros, diz :

« Ha sempre na gloria os seus encantos! Os phantasmas da imaginação humana adquirem a veneração e a magestade dos seculos, que atravessam, e santificados de geração em geração, chegam a final a obter um culto que os divinisa completamente! Tal é a gloria, cujo poder parece adoçar os amargores da morte, embellezar a hora do passamento, estrellar a noute do sepulchro, e enamorar o moribundo, que agonisa! »

Isto é bonito! é bello! é digno de um poeta!

Não podemos deixar em silencio o bello rasgo de honra, e de patriotismo do generoso Archanjo. D. Geraldo de Pina, namorado de Rosa Branca, sua prima, e crendo que esta é tambem amada por Archanjo, o provoca por todas as maneiras, sem que Archanjo se dê por achado; por ultimo diz D. Geraldo:

— Entendo, Snr. . . e entendo-o perfeitamente! . . Eu tinha ouvido dizer que os Brasileiros eram covardes. . . mas acreditei que o amante de uma mulher, anjo de encantos, fosse digno della, não só pelas mais sublimes virtudes domesticas e civicas, como pela valentia de seu braço. . . Enganei-me, senhor! e não tenho diante de mim senão um homem sem alma, sem. . .

— Basta, senhor. . . O lugar é improprio, e a hora indiscreta. . .

— Em qualquer lugar, a qualquer hora, fallarei do mesmo modo.

— Estou á sua disposição. O lugar, a hora, as armas?

— No morro do Castello, por detraz da igreja da Sé; parece-me um lugar asado aos nossos intentos.

— Seja. A hora?

— A's oito horas da noite.

— De hoje?

— Não. De amanhã.

— As armas?

- As que quizer. Para mim é indifferente.
- E para mim indifferentissimo.
- A espada me parece uma arma directa, disse D. Geraldo com um sorriso malicioso.
- E que póde revelar valentia e dextreza, tornou Archanjo com ar ufano.
- Então á espada.
- Seja.
- Julga necessarios padrinhos?
- Para que? Deos e nossa honra são sufficientes; mas, como quizer.
- Não precisamos. Qual deve ser o pretexto do nosso duello?
- Pretexto! Como pretexto?
- Sim. Julgo que não devemos envolver em nossa querella o nome de Rosa Branca.
- Nem é por causa della que me eu bato.
- Não é por causa della?!
- Não. De que se admira?
- Não posso comprehendel-o!
- Oh! pois V. S. me julga tão fatuo, que me bata por causa de uma mulher que ainda me não pertence, e que nem sei se me pertencerá?!
- Em todo o caso...
- Em todo o caso nada de pretextos; não tenho necessidade delles, quando a verdade, além de ser verdade, é muito mais vantajoso que frivolos pretextos.
- Mas se por ventura souberem do nosso encontro, quando nos perguntarem o motivo delle: o que diremos sem comprometter o nome de Rosa Branca!
- Quanto á V. S., quando lhe perguntarem o motivo porque affrontou-me sem razão, dirá o que bem lhe parecer. Certo eu de que por sua honra me não caluniará; póde dizer do nosso encontro o que quizer. Quanto á mim, brigo por um motivo mais sagrado que os ligeiros amores de uma mulher. Já não estamos na meia idade, senhor... Já lá vae o tempo em que um louco cavalleiro de aventuras, ávido de uma celebridade romanesca, acreditava-se com o bom direito de matar por sua conta até encontrar quem por sua vez o matasse, por causa de uma mulher, a qual chamava a dama de seus amores, e as vezes por causa de outras. Se hoje

ainda apparecesse um homem tão extravagante, bem vê que para provar sua loucura não era preciso submeter o seu craneo ao serrote do anatomico; hoje porém que as luzes da intelligencia levam de vencida as trevas da ignorancia; e que a razão começa de repellir a força bruta, não é com uma espada que se conquista o coração de uma mulher...

— Embora. Nada tenho com as suas razões.

— São claras e positivas: e para que não as ignore, eu li'as digo: bato-me, mato ou morro, para provar-lhe que é um vil, um infame calumniador esse que lhe disse que os Brasileiros eram covardes. Por tanto, vencido ou vencedor, não aceito, nem imponho condições, porque não quero manchar a santidade dos meus motivos, nem vilipendiar a nobreza do meu duello. Senhor... bato-me pela honra de meu paiz! Até manhã no lugar do encontro. Archanjo disse, e retirou-se:

O Snr. de Pina com voz offegante balbuciou:

— Até amanhã. »

Nós estamos bem longe de fazer uma critica regular, e não fazemos mais que apontar alguns ligeiros defeitos do romance, e as bellezas as mais salientes. Em o numero destas não podemos passar por alto as palavras do Padre Chagas quando, narrando a sua viagem, conta a sua entrada em Jerusalem. Oigamol-o:

« Tres dias depois partimos para Jerusalem. Estavamos pois nesta terra de prodigios, que o Eterno havia illustrado por uma serie de milagres, e a tinha santificado, mandando seu filho humanisar-se nella, e sacrificar-se pelos homens! Estavamos pois nesse immenso livro-modelo, aberto até o dia derradeiro, e em cujas paginas as gerações lerão o que de mais bello e de mais sublime tem sahido das bocas dos homens, porque essas bocas não eram senão órgãos dos pensamentos do Todo-Poderoso! Estavamos pois nesse codigo poetico, recheado todo de uma poesia sublime e divina, porque é a poesia do Céu, inspirada por Deos a seus escolhidos, para ser lido por toda a Eternidade! Variadas são as suas composições; mas o titulo é um e unico, isto é, *Fiat!!!* Duas epopéas sublimes abrem o magnifico livro! Duas epopéas divinas o fecham igualmente! N'uma epopéa a tuba de Moysés revela-nos a criação; n'outra, ella nos revela que uma nação não deve ser escrava de outra nação! Eis as epopéas iniciaes. N'outra epopéa a tuba dos Evangelistas conta a redempção! E na outra emfim a tuba Evangelica sanctifica a igualdade e a liberdade do homem! Eis as finaes! Mas percorrei todas as outras poesias dessas paginas historicas ou parabolicas; os hymnos de David confundem-vos diante da magestade do

Eterno! A resignação e a paciência transluzem nas elegias de Job! A confiança no verdadeiro Deos assoma no idyllo de Ruth! O amor da patria illustra a canção de Judith! O poder da virtude é consagrado na ode de Esther! A cholera do Senhor treveja no drama dos setenta annos de Babilonia! O verdadeiro heroismo é immortalisado nos canticos dos Machabeos! A verdadeira Fé, a Esperança sem limites, e a Caridade á toda a prova ungem a egloga de Tobias! Finalmente, uma dôr santa repassa as endechas de Jeremias!

« Entrai pois essa terra; esse livro, essa mystificação sublime ahi está diante de vós, e por toda a parte ouvís trevejar de continuo o Omnipotente *Fiat* do primeiro instante da criação! »

Não apontamos mais trechos cheios de bellezas, porque então seria preciso transcrever quasi todo o romance. O Snr. Teixeira e Sousa, que é tão forte em descripções, faz-nos uma magnifica pintura da fazenda de Baptista. É um pedaço digno de citar-se, mas não o fazemos, porque já bem longo vae este artigo.

O caracter do Padre Chagas é optimo, e optimamente sustentado; é sempre o homem instruido, e o sacerdote sabio e piedoso. A dedicação deste Padre e seus sacrificios pelo seu amigo Renato, são dignos dos tempos heroicos; a disputa destes dous amigos sobre o Evangelho, e o Alcorão faz honra á erudição do autor. Finalmente, o caracter bondoso de Baptista e os seus remorsos, o caracter prudente e modesto de Archanjo, o orgulhoso e nobre de D. Geraldo, o fraco e condescendente de Pedro, o intrigante, perfido, vingativo e malvado de Justino, etc., são perfeitamente sustentados.

O autor depois de nos mostrar, no fim do romance, o perigo que correm nossos filhos, quando não conhecem seu pae, faz um grande malvado, um habil intrigante, cahir no mesmo laço por elle armado, e morrer ás mãos de uma fraca mulher! Eis as palavras della, vendo-o submergir-se no pantano, e pedindo soccorro:

« Eis o homem extraordinario em seu odio, gigante em sua vingança, aniquillado debaixo do ligeiro pé de uma mulher, não tendo de suas astucias outra arma senão seus gritos para pedir soccorro... Eil-o! »

Aqui terminamos estes nossos reparos, e fazemos votos para que o Snr. Teixeira e Sousa continue a mimosear-nos com composições, como é a — PROVIDENCIA.

## A REVISTA BRASILEIRA.



Debaixo deste titulo acaba de apparecer uma publicação quinzenaria, dirigida pelo Snr. Dr. Paula Menezes, com o fim de tratar da arte, da scena dramatica e do ensino primario e secundario.

A redacção do *Guanabara* felicita a sua nova companheira, e lhe apresenta os seus sinceros desejos de uma longa vida e prosperidade em tão nobre tarefa; porém lastima a sua grande infelicidade em não ter sido até agora lida pelo illustre fundador da *Revista*, que parece desconhecer ainda os fins de seus antigos collegas e amigos, ou o empenho que tomaram no anno de 1849, quando deram á luz o primeiro numero daquella publicação.

Sectarios dos mesmos principios, collegas nos mesmos bancos, irmãos nas mesmas sociedades litterarias, e tendo uma publicação ha seis annos, e suas paginas abertas a todas as intelligencias, muito estimariam que o illustre redactor da *Revista Brasileira*, em vez de separar as suas forças, os viesse ajudar no seu antigo e mutuo empenho, cuja realisação se tornaria mais facil e mais evidente, mórmente depois que o *Guanabara* foi Honrado com a mais Alta Protecção do paiz.

Como a causa que ha mais annos abraçamos é a mesma que a do nosso illustre collega, desejamos de todo o nosso coração que elle triumphhe, e possa alcançar aquillo que não pôde a nossa fraqueza, ou os meios que empregamos.

Filhos da mesma religião, só desejamos o triumpho de um dogma que tem consigo os elementos creadores de um futuro para as letras, para as sciencias e para as artes.

Convencidos da sinceridade dos desejos do nosso collega, nos apressamos em offerecer-lhe o nosso pequeno contingente no caso de uma cessação do *Guanabara*; e esperamos da sua bondade um generoso acolhimento á esta offerta, porque mais seguros iremos.

Qual branda hera, que arrimada a um tronco  
Tambem val discorrer pelo Universo!

O principio da união de forças intellectuaes e da resultante procedida deste concurso ha sido sempre a nossa mira, e grande serviço fariamos á nossa patria se as *Revistas Maritimas e Militar*, a *Revista Brasileira* e o *Guanabara* se juntassem para formar uma só publicação. A variedade e interesse das materias, a valentia dos escriptos dos nossos contemporaneos daria um resultado poderoso na sua acção, e uma prompta efficacidade.

Esta fusão está toda no circulo do possivel, mórmente entre nós que só escrevemos por amor do bem publico; porque é pratica sabida que as publicações litterarias só dão interesses negativos a quem nellas se compromette.

O *Guanabara* só tem a feliz vantagem de possuir tão Alta e tão directa Protecção, e essa vantagem immensa em todos os tempos e em todas as éras não deve ser esquecida: Ella, e sómente Ella basta para levar esta nova idéa ao maior auge de esplendor, e dar ao Imperio do Brasil talvez a primeira publicação da America neste genero. A união faz a força: reunamo-nos que tudo irá bom.



## A ENEIDA DE VIRGILIO E SEUS TRADUCTORES.

Il y a telle traduction, qui demande  
plus talent qui tel original.

(BITANBE').

(Continuado do n. antecedente).



Finalmente para que Troya fosse tomada era mister roubar-se o *Palladio*, que os Troyanos cuidadosamente guardavam no templo de Minerva.

O *Palladio* era uma estatua de Minerva, da altura de tres covados, com uma lança na mão direita, uma róca e um fuso na esquerda: machinas occultas no corpo dessa estatua, lhe faziam mover os differentes membros. A fabula dizia que o *Palladio* cahira subitamente do céo no tempo de Ilo, descendente de Dardano. Este *Palladio* foi conduzido depois por Enéas para Roma.

Agamemnon, scandalizado de Achilles pela posse de Chriseide, retirou-se para seu campo; porém Heitor não podendo pelejar com Achilles, que a indignação detinha no seu campo, acommetteu contra Patroclo amigo de Achilles, e o venceu facilmente; porque ainda que tivesse tomado as armas de Achilles, não tinha a sua força. Logo Achilles possuido de furor, por causa da morte do seu amigo, se veste de novas armas que recebêra de Vulcano. Busca Heitor, que da sua parte não tinha outra ambição, que a gloria de o combater; e indo um contra o outro desesperadamente, Heitor morre sob o ferro do valente Achilles, e depois sendo arrastado tres vezes em roda dos muros da cidade cercada, entregou depois o seu corpo a Priamo, seu pae, obrigando-o a pagar-lhe uma somma avultada.

Virgilio por uma periphrase faz deste cruel tratamento a imagem que teve o pio Enéas do sonho afflictivo, e das diversas phases do somno. (Eneida Cant. 2. v. 268).

Tempus erat, quo prima quies mortalibus ægris  
 Incipit, et dono Divûm gratissima serpit.  
 In somnis ecce ante oculos mœstissimus Hector  
 Visus adesse mihi, largosque effundere fletus :  
 Raptatus bigis, ut quondam, aterque cruento  
 Pulvere, perque pedes trajectus lora tumentes.  
 Hei mihi, qualis erat! quantum mutatus ab illo  
 Hectore, qui redit exuvias indutus Achillis,  
 Vel Danaûm Phrygios jaculatus puppipus ignes!  
 Squalentem barbam, et concretos sanguine crines,  
 Vulneraque illa gerens, quæ circum plurima muros  
 Acceptit patrios : ultro flens ipse videbar  
 Compellare virum, et mœstas expromere voces :  
 O lux Dardaniæ ! spes ô fidissima Teucrûm!  
 Quæ tantæ tenuere moræ? quibus Hector ab oris  
 Expectate venis: ut te post multa tuorum  
 Funera, post varios hominumque urbisque labores  
 Defessi aspicimus? quæ causa indigna serenos  
 Fœdavit vultus? aut cur hæc vulnera cerno?  
 Ille nihil: nec me quærentem vana moratur;  
 Sed graviter gemitus imo de pectore ducens :  
 Heu fuge, nate Deâ, teque his (ait) eripe flammis,  
 Hostis habet muros, ruit alto à culmine Troja :  
 Sat patriæ Priamoque datum : si Pergama dextrâ  
 Defendi possent, etiam hac defensa fuissent.  
 Sacra suosque tibi commendat Troja Penates :

---

« Era o tempo, em que placido repouso  
 Os trabalhados corpos acalenta ;  
 E este dos Deoses o melhor dos mimos  
 De membro em membro serpeando cala.  
 Eis-que em sonhos a Heitor se me figura  
 Ter ante os olhos, para mim chegar-se,  
 Tristezas todo, e debulhado em pranto.  
 Na bijuga carroça, como outr'ora,  
 Arreatado vinha, e enxovalhado  
 De sanguenta poeira ; rijos lores  
 Pelos tímidos pés os pés lhe apertam.  
 Qual estava, ai de mim ! quanto mudado  
 Daquelle Heitor, que do valente Achilles  
 Os despojos trajou, e contra as quilhas  
 Lançou dos Gregos os Troyanos fogos !  
 Trazia a barba esquálida, e os cabellos  
 Empastados de sangue, e aquelles golpes,  
 Que immensos recebeu nos patrios muros.  
 Sem resistir poder tambem ao pranto  
 Me parecia que ao varão fallava,  
 E estas vozes de dôr ao ar soltava.

— O' brilho de Dardania ! ó dos Troyanos  
 — Fidissima esperanza ! Que demoras  
 — Tantas te deliveram ? De que plagas  
 — Agora chegas, esperado ha tanto ?  
 — Como depois que tantas se arrancaram  
 — Vidas dos teus, depois de ruinas varias,  
 — Pela cidade e cidadãos sofridas,  
 — Abatidos te vêmos ! Qual a causa,  
 — A indigna causa, que as serenas faces  
 — Assim te maltratou ? Ou porque vejo  
 — Essas feridas ? Nada me responde,  
 Nem em perguntas vâas cuida deter-me.  
 Antes pesado do profundo peito  
 Gemidos arrancando « \* Ai ! foje, brada ;  
 \* Foje, ó Filho de Venus ! Destas chammas  
 \* Apressado te rouba. Imiga força  
 \* Já occupa a cidade. Do alto cume  
 \* Se desmorona Troya. Assás á Patria

\* E á Priamo se deu. Se humana dextra  
\* Os Teucros muros defender podesse,  
\* Por esta dextra defendidos, ainda  
\* Os muros Teucros durariam. Troya  
\* Os seus Penates, e ornamentos sacros  
\* A' teu cuidado entrega. Companheiros  
\* Dos fados teus os levarás. Cidade  
\* Para elles procura, que opulenta,  
\* Depois que errante pelos vastos mares  
\* Te fôr dado parar, emfim levantes.  
Diz: e nas mãos conduz do intimo templo  
As fitas, a potente Vesta, a chamma,  
Que viva sempre conservar-se deve.

(GUALBERTO).

---

# PHYSIOLOGIA PATHOLOGICA DA LOUCURA



(Continuado do numero antecedente).

## DO IDIOTISMO IDIOPATHICO DE NASCENÇA.

A loucura de nascença é sempre idiotismo parcial, diz Spurzheim, ou completo. Ninguem pôde duvidar que a organização cerebral possa ser defeituosa ou impropria a executar uma função. Um cerebro muito pequeno é sempre acompanhado de imbecilidade. Wilei, faz a descripção de um idiota de nascença, cujo cerebro só tinha metade do volume ordinario. O professor Bonn, em Amsterdam, possuia dous craneos, dessa especie; o Dr. Gall, tem tambem dous; e Pinel, um. Vimos continúa Spurzheim muitos idiotas em differentes lugares, e certo, que a maior parte de idiotas de nascença tem a cabeça mui pequena, e sobre tudo a testa mui estreita. N'outros a cabeça é mui grande pela quantidade de agua amontoadá nas cavidades cerebraes. Em alguns o tamanho e a fôrma da cabeça nada offerecem de particular.

Os cretins, que se encontram nos valles do Tyrol e da Suissa, são idiotas: é um erro crêr-se, que esses entes estropiados, e os albinos, só existem nos valles dos Alpes e nos outros valles. Nós os temos visto nas planices e principalmente nas cidades, onde ha muitas fabricas. Mostraram nos, uma familia de albinos, em Dublin, na Irlanda. Temos observado, como outros autores, que o desenvolvimento da glandula thyroide, é uma prova visivel, mais não constante, do cretinismo. Encontra-se com effeito cretins, sem essa disformidade, no entanto que essa glandula é muitas vezes dilatada em individuos, cujas manifestações intellectuaes são intactas.

Os cretins de nascença ordinariamente tem a cabeça mal conformada; são baixos, cacheticos; tem a physionomia vaga, labios grossos, rosto papudo, mãos disproporcionadas; os movimentos pesados e estupidos; o

andar fraco e vacilante, assim como a sensibilidade da pelle obtusa. As manifestações das faculdades d'alma e do espirito, correspondem ao estado de desarranjo do corpo e tem differentes grãos de estupidez. O cretinismo, não fórma uma especie particular de doença. Se assim fosse poder-se-ia considerar os idiotas das cidades como uma especie differente dos cretins do campo. A organização cerebral dos cretins é defeituosa, o que faz, que entre elles, assim como entre os outros idiotas, as manifestações d'alma são mais ou menos supprimidas ou desarranjadas. As causas do cretinismo e do idiotismo dependem de disposições hereditarias, de causas physicas. O cerebro dos cretins, ás vezes é mui volumoso, e mesmo mais longo, que o de grandeza ordinaria, sem que haja agua nas cavidades, e no entanto não ha nelle actividade interior: esses individuos são de constituição fraca e indolentes. Suas faculdades d'alma, assim como as do corpo são pouco activas, e elles aprendem tarde a fallar. A constituição do cerebro participa da de todo o corpo; como da carne é muitas vezes assás consideravel, porém atonica.

O cretinismo, assim como o idiotismo, em geral raramente são completos; ha nelles differentes grãos: as faculdades d'alma e do espirito se manifestam com mais energia; as inclinações estão mais submettidas á vontade, as idéas são mais claras e a linguagem natural mais expressiva, á proporção, que a organização cerebral é mais perfeita. O idiotismo é muitas vezes parcial; de sorte que os paes e algumas vezes os medicos não podem conceber, como um menino astuto e fazendo o serviço ordinario da casa seja taxado de idiota. Tem-se visto, algum com excellente memoria, porém idiota em relação ao juizo, e bem sendo idiota e cego repelir passagens da Biblia que ouvira lèr.

As vezes os idiotas parciaes não sabem fallar, ainda que em outros respeitos se assemelhem aos entes intelligentes. O Dr. Rush quer que a fraqueza de espirito seja acompanhada muitas vezes de velhacaria; muitos idiotas, que não sabem fallar, não são surdos, e podem mesmo pronunciar algumas palavras. Ha medicos que buscam a causa deste phenomeno no apparelho da voz, mas estas partes não os impede de fallar; porque muitos individuos privados da lingua fallam, que se percebe: ha letras que elles não podem pronunciar, porém sentem a necessidade de communicar suas sensações, suas inclinações, seus sentimentos e suas idéas. Os idiotas parciaes podem pronunciar palavras, porém não sabem entretêr uma conversação nem sustentar a attenção e mesmo combinar suas expressões. Em alguns idiotas as funcções dos cinco sentidos são perfectas; outros são surdos; outros tem capacidade para as artes mechanicas.

Affirma Spurzheim ter visto uma rapariga idiota cantar arias perfeitamente bem: alguns sabem tocar piano. Nos idiotas as inclinações e os sentimentos tem diferentes grãos de actividade; porém o que não é verdade, é serem todos os cretins amorosos: entretanto concebe-se que o amor physico, póde-se manifestar com muita energia em semelhantes individuos, visto não ser elle contrabalançado por outros motivos, e serem a reflexão e a vontade supprimidas; uns tem essa inclinação muito energica, e outros são indifferentes á este respeito. Alguns idiotas são doceis e caritativos, outros gostam muito de afagos, outros são opiniõesos, tímidos, iraciveis ou ralhadores; alguns são incorrigiveis ladrões, ou tem uma tendencia irresistivel á dar pancadas, beliscões e mesmo a matar. Os proprios paes quando sentem esta ultima tendencia são obrigados á se pôrem em guarda contra esta desgraçada inclinação.

Haslam, cita muitos factos á este respeito verdadeiramente curiosos, e elles não podem ser explicados senão pela phrenologia. Como certas faculdades moraes e intellectuaes podem manifestar uma grande actividade, e no entanto que são inactivos, e como a attenção depende da actividade das faculdades, concebe-se como podem os idiotas parciaes serem attentos para uns objectos e desattentos para outros. Nos idiotas completos e incompletos as funcções da vida automatica são muitas vezes fracas e mais ou menos desarranjadas, principalmente as vias digestivas; e algumas vezes essas funcções são perfectas. O idiotismo completo é raro; o incompleto apresenta grãos numerosos. A linguagem natural é-lhe sempre proporcionada: os mais estupidos tem a boca aberta e estão constantemente babando: tem o semblante estúpido, o olhar fixo, grosseria em todos os movimentos, os braços pendentes, e o tronco mal seguro. Em geral, os idiotas tem um olhar vago, que salta de objecto em objecto, e que senão demora nunca por muito tempo em cousa alguma: estão sempre em movimento quando querem pronunciar alguma palavra, e são incapazes de uma attenção sustentada ou de qualquer reflexão. Porém a medida que suas operações mentaes tornam-se mais regulares, a linguagem natural é mais expressiva.

#### DO IDIOTISMO IDIOPATHICO ADQUIRIDO.

As vezes meninos, diz Spurzheim, tendo nascido de perfeita saude, crescido em corpo e em espirito adquirido conhecimentos do mundo exterior, reflectido, manifestado sentimento e promettendo á todos os respeitos capacidade, accidentes os privam das manifestações d'alma e do espirito. Os meninos naturalmente dispostos a essa desgraça, tem grande sensibilidade

nervosa e uma constituição muito irritavel e fraca ; seu cerebro se desenvolve ás vezes com grande rapidez, e não tem tempo de tornar-se solido. A actividade das faculdades é algumas vezes excessiva e o cerebro á não póde supportar. E' por isso, que tantas vezes se observa os genios precoces esgotarem-se logo. O cerebro de taes meninos é facilmente lezado por accidentes exteriores, como pancadas na cabeça, bebidas alcoolicas, a insolação e a dentição .

Nestas circumstancias o sangue é levado a cabeça, em maior parte donde resultam congestões e a morte; e se escapam desta perde-se a energia de seus talentos. Os meninos de constituição delicada ou robusta nem sempre morrem de affecções cerebraes ; porém a organização do cerebro fica muitas vezes desarranjada. As vezes a cabeça não cresce e as manifestações das faculdades tornam-se impossiveis: as funcções da vida automatica participam ou não dos desarranjos do cerebro. Algumas vezes os intestinos são inactivos, e dão origem as convulsões; e em outros depois de muitos annos, apesar de todos os desvelos apparece a morte. A loucura consistindo na impossibilidade de se distinguir os proprios desarranjos e de exercer a propria vontade sobre suas acções, taes meninos devem ser considerados como loucos. E' concebivel, que entre elles, a loucura apresenta modificações, visto as faculdades não terem ainda o gráo de energia, que se observa nos adultos, e muitas faculdades não serem ainda activas. A maior parte dos meninos que tem o cerebro muito attacado por diferentes causas morrem; alguns escapam á morte mas sua organização cerebral é impropria para as manifestações das faculdades d'alma e do espirito.

#### DA FATUIDADE OU DEMENCIA.

A demencia é um estado, segundo o Dr. Dubussion, de debilidade, ou de ataxia das funcções intellectuaes e affectivas caracterizado por fracas e imperfeitas sensações, percepções obscuras e falsas, idéas incoherentes e confusas, raciocinios vagos e indeterminados; por indifferença nos sentimentos, irresolução nas determinações, e incuria nos interesses e nos cuidados domesticos.

A demencia apresenta em seu desenvolvimento, e marcha dos symptomas differenças em relação, á sua duração, á sua continuidade, e as suas intermissões, que pódem servir á estabelecer as especies seguintes : 1.º, demencia aguda; 2.º, demencia chronica; 3.º, sensivel; 4.º, demencia periodica ou intermittente.

Na enumeração das causas, Spurzheim diz ter visto idiotas que, por

quédas ou pancadas violentas na cabeça, por mêdo ou outras emoções fortes, terem peralido as faculdades moraes e intellectuaes. Outras molestias, como a epilepsia, a catelepsia, o delirio febril, etc., produzem muitas vezes a demencia, particularmente nas pessoas que desde a infancia tem manifestado um gráo espantoso de intelligencia.

As doenças febrís, continúa Spurzheim, em geral enfraquecem a memoria e as outras operações mentaes. Tucydide refere, que durante a peste de Athenas muitas pessoas das que recobraram a saude perderam a memoria; esquecendo-se até dos nomes dos seus amigos, e mesino dos proprios. Em taes casos as manifestações reapparecem á medida, que á saude corporea se restabelece: algumas vezes as operações intellectuaes ficam supprimidas para todo o sempre.

A' excepção da idade, nada ha neste estado de particular, e doentes conservam alguns grãos de sensibilidade nos sentimentos dessas faculdades intellectuaes; porém ordinariamente não tem desejos e nem aversão, nem amor e são indifferentes, abandonam-se e se deixam guiar. Os phenomenos deste estado só se explicam pelas alterações do cerebro e de suas partes, que as infinitas causas pôdem desenvolver, e deste modo a demencia não é mais que um symptoma que apparece nas differentes épocas da vida por causas accidentaes. Essas causas são passageiras ou permanentes, e pôdem ou não ser destruidas. Por tanto, a supressão das faculdades d'alma e do espirito é o resultado da fraqueza do cerebro, depois das hemorragias ou das causas debilitantes: o prognostico e o tratamento não deve ser o mesmo, que o do cerebro quando tem soffrido alterações organicas. Restrictamente fallando, preciso era collocar a demencia na classe do idiotismo congenial e o idiotismo accidental ou sobrevindo depois do nascimento. As causas são organicas ou dynamicas; ambos são idropathicos, ou sympathicos, locaes ou geraes. O cerebro por exemplo não pôde fazer suas funcções desde o nascimento, se a conformação é defeituosa, ou se ha nelle fraqueza de constituição. As faculdades d'alma, pôdem tambem ser supprimidas, mais tarde por desorganisação do cerebro ou por fraqueza sómente geraes e locaes. Uma affecção de qualquer outra parte do corpo, pôde impedir as funcções do cerebro; como a presença de vermes nos intestinos.

*Dr. Mello Moraes.*

*(Continúa).*

# APONTAMENTOS PARA A MATERIA MEDICA BRASILEIRA



## C.

**CAPIM ASSU' OU RABO DE RAPOSA.** — Abunda muito em qualquer terreno, mórmente nos áridos: lança um pendão de que se tecem chapéos; e do seu miolo faz-se muito bom doce, que é peitoral.

**CAPIM DE CHEIRO.** — É um dos melhores para encher suadores de sella e colxões, produz nos terrenos agrestes; é o seu cosimento muito proveitoso para o rheumatismo.

**CAPIM AROMATICO.** — Vegeta nas margens dos rios; serve para dar banhos a quem tem dôres pelo corpo.

**CARVOEIRO.** — Arvore dos agrestes: fructifica, e a fructa misturada com capa-rosa faz optima tinta de escrever.

**CABEÇA DE FRADE.** — Planta que não tem folhas; mas, o seu fructo é dividido em talhadas e sobre ellas rosas de espinhos como alfinetes grandes, semelliando uma corôa, como veludo purpurino: descascado, apparece um miolo de que se engenha saboroso doce, e dá tapioca, de que se faz escolhido refresco.

**CASADINHA.** — Arbusto enredico, producção de qualquer terreno; o succo crú ou cosida a herva, bebido, ou em crysteis, aproveita contra malignas e sesões.

**CEDRO.** — Arvore de todos conhecida, cuja madeira é de singular escolha para obras immensas. Do entrecasco se tira salutar cosimento aos que padecem bobas, gomas e corrimentos. Tambem é util o seu cosimento para a resolução do sarcocelas.

**CAMBOTÁ.** — Esta arvore de mediana estatura presta, tirado o succo da raiz, aos mordidos de cobras, os restabelece; é amarga, e approva-se mais a casca da raiz, que fica para o nascente: pisada tambem se põe sobre a dentada.

**CANÇANÇÃO BRANCO.**— Vem em qualquer chão : utiliza a agua da medulla aos doentes dos olhos, que desinflamma e refresca : tanto a folha como o tronco são de espinhoso pello, que, tocado apenas, causa tão estimulante prurido, que além do paciente raspar coçando a pelle, vê levantado em vergões toda a parte onde tocára.

**CATINGA DE PORCO OU PÁO DE RATO.**— Vê-se nos lugares sêccos. O amago e casca desta planta, como Páo Campeche, dão escolhida tinta de escrever ; lançando-se-lhe ferro dentro da infusão : a escripta fica negra e brilhante, más avermelha depois ; o que talvez acontecerá por impericia da composição.

**CAJAZEIRA.**— Arvore bem sabida, e em qualquer parte achada : as folhas aproveitam a quem tem nevoas nos olhos : a casca do tronco, dividida em grandes e asperas crostas, é optima para fazerem-se imagens : a fructa é de um sabor delicado, entre doce e azedo, e della se faz excellente limonada. Adverte-se que o succo para o remedio dos olhos, extrahido das folhas tenras pisadas, não deve ser tocado por metal.

**CAPIVÁRA.**— Animal amphibio sustenta-se de hervas e batatas, que nascem ás margens dos rios e lagos : descansam em terra, e á qualquer estrepito de objecto estranho, mergulha-se n'agua : é pernicioso ás lavouras ; e com preferencia aos canaviaes : o caçador carece de grande sagacidade para atirar-lhe ; muitos a comem ; é porco na fôrma, tem ruivas as sedas e é sura. Asseveram que a carne é grande remedio contra males venereos e retenções de ourina : a pelle curtida é boa para calçado.

**CUPAIBA, DITA POR OUTROS CUPAUBA.**— Arvore, que se encontra nas grandes mattas ; cortada desde Dezembro até Março lança do amago abundante copia de proveitoso oleo a immensas necessidades proprio dá vida humana, é excellente remedio para as gonorrhéas.

**COIRANEIRA.**— Planta, que nasce nos lugares habitados, bem que de tronco mal cheiros, produz alvas flôres, apenas se desdobra o véo da noute, exhala um tão agradável aroma, que encanta o olfato : a folha applicada sobre qualquer chaga, a purifica e limpa, e lhe traz em breve a saude : se o gado a come murcha ou sécca, tontêa e morre.

*Dr. Mello Moraes*

(Continua.)

# O SEXTO CANTO DA ILIADA

TRADUZIDO DO ORIGINAL

*Ζήτη δ' ἄρ' Ἀνδρομάχης καὶ Ἑκτορος ἔσ' οὐρ ἰούσ.*



Assim ás hostes Gregas, e ás Troyanas,  
No mais vivo calor da horrenda lide,  
Falta a presença dos celestes Numes.  
O bellico furor, já neste ponto  
Já naquelle, arde acceso; e entre os dous campos  
Se cruzam de continuo os éncos dardos,  
Do Simois e do Xanto entre as correntes.

O Telamonio Ajaz é quem primeiro  
Rompe, feroz a Dardana phalange,  
E dá vigor aos seus, tirando a vida  
Ao mais valente dos guerreiros Thraces,  
D'Eussoro filho, intrepido Acamante:  
Do elmo adornado de nutantes crinas  
Sobre a viseira vibra horrendo golpe,  
Tal que a ponta da lança lhe penetra  
Dentro do osso da frente, e alli se crava:  
Em deusa treva os olhos se lhe envolvem.

O bravo Diomedes deu a morte  
Ao Teuthranide Axylo, que habitava  
Em Arisba alterosa, e que opulento,  
De bemfazer amigo, a todos dava  
Nos ricos lares seus, da estrada ao longo,  
Com brandas mostras, gasaloso hospício;  
Mas dos hospedes seus nenhum lhe acode,  
Nem no lance fatal póde salvar-o!

Do filho de Tydeo ás mãos perece,  
 E com elle Calesio, o seu auriga,  
 Que ambos descem a um ponto ao reino escuro,  
 Euryalo feroz a Dresos, a Opheltes,  
 Prostra, Pédaso assalta, assalta Esepo;  
 Ambos filhos da Naiade Abarbárea,  
 E de Bucolion, que illustre pro'e  
 (Em annos o maior) de Laomedonte,  
 A' luz viera em clandestino parto:  
 Bucolion, adulto, entre as ovelhas  
 Que guardava pastor, co'a bella Nympha  
 Se uniu, cedendo a amor: destes amores  
 Os dous gemeos são fructo, a quem agora  
 O Mycisteide (1) arranca a doce vida,  
 E as armas despe. Ao bravo Polypétes  
 Astyalo dá morte; o sabio Ulysses  
 A Pydite Percosio; ao nobre Etáon (2)  
 O denodado Teucro; ao claro Abdéro  
 O Nestoride Antilocho; e o supremo  
 Rei das hostes, Atride, ao forte Elato,  
 Morador d'alta Pédaso, nas ribas  
 Do Satniois ameno. Embalde foge  
 O desditoso Phylæo: succumbe  
 Do heroe Leito ás mãos, que o segue, e doma;  
 Derriba, e mata Eurypylo a Melanthio.  
 O bravo Menelao captiva Adrasto,  
 A quem fugido tinham espantados,  
 Quebrada a lança ao carro, os seus ginetes.  
 De tamargueira um ramo os enleára  
 No rapido correr: dos fugitivos,  
 Da cidade em demanda, a trilha seguem.  
 Adrasto cae do carro, junto á roda,  
 Com a fronte no pó: vendo diante  
 O Atride Menelao, que a lança empunha,  
 Os joelhos lhe abraça, e humilde exclama:  
 « Salva-me a vida, valeroso Atride:

(1) O *Mycesteide* é Euryalo, filho de Mycisto.

(2) As edições vulgares trazem *Απετάων*, Atetáon: eu sigo uma variante indicada por Barnes

« Receberás esplendido resgate :  
 « Ricos thesouros guarda o lar paterno,  
 « Bronze, ouro, ferro com primor obrados ;  
 « Meu genitor de tudo, em grande copia,  
 « Te dará, galardão d'infundo preço,  
 « Se vivo me souber na Grega frota. »  
 O vencedor condoe-se ouvindo o rogo,  
 E para as gregas náos, a um servo entregue,  
 Vai remetter, incolume, o captivo ;  
 Quando eis correndo chega, em ponto infausto,  
 Agamémnon, bradando enfurecido :  
 « Menelao, qual te move em prol dos Teucros  
 « Compaixão mal cabida? Em teus penates  
 « Bem se houveram por certo! Um só d'entre elles  
 « Não fuja ás nossas mãos; não fuja á morte,  
 « Nem mesmo o infante no materno seio...  
 « Todos, todos, os d'Ilio, desapareçam  
 « D'entre os viventes, e inseultos jazam. »

Do piedoso intento estas palavras  
 Demovem Menelao. De si repelle,  
 Tomando o sabio alvitre, o triste Adastro:  
 Resupino este cáe, ferido o lado  
 Pelo Atride maior, que o pé lhe finca  
 No peito, e da ferida arranca a lança

Nestor brada, exhortando a gente Argiva :  
 « Eia, amigos, heroes, de Danao prole,  
 « Bravos ministros do cruento Marte,  
 « Nenhum de vós agora se detenha  
 « Em despojos buscar, com que regresse  
 « Para os baixéis onusto : aos inimigos  
 « Dêmos morte primeiro, e finda a pugna,  
 « Despojando os cadaveres no campo,  
 « Com vagar colhereis a rica presa. »

Assim fallando, no animo de todos  
 Tal vigor infundiu, que as hostes Teucas,  
 Cortadas de terror, então houveram  
 Nos muros d'Ilion buscado abrigo,  
 de Priamo o filho, o mais prestante

Dos agoureiros, Héleno, não dêsse  
 Tal a Enéas, e a Heitor, prudente aviso :  
 « Heitor, e Enéas sobre cujos hombros  
 « O mór peso recáe desta defensa,  
 « (Que em conselho e valor venceis a todos),  
 « Discorrei pelo campo, e pondo um termo  
 « A' derrota fatal, detende os nossos  
 « Lá das portas em frente, antes que fujam  
 « Té nos braços cahirem das esposas,  
 « Feitos ludibrio do inimigo ovante ;  
 « Mas depois que esforçado ambos houverdes  
 « Nossos soldados, firmes neste ponto  
 « Pelejaremos nós (urgente é o lance)  
 « Com alento e vigor, contra os Achivos. »

« Tu, Heitor, á cidade os passos volve,  
 « E á tua, e minha mãe, isto aconselha :  
 « O que mais estimar, mais elegante,  
 « Maior, mais rico manto, que guardado  
 « Qual thesouro ella houver, escolha e tome,  
 « E reunindo quantas venerandas  
 « Matronas Ilio encerra em seu recinto,  
 « A' cidadella suba, e descerradas  
 « Do templo de Minerva as altas portas,  
 « Humilde ponha aos pés da irada Diva  
 « O manto precioso; e de immolar-lhe  
 « Doze novilhas vote, anejas, inda  
 « Nunca ao jugo sujeitas, se de Troya,  
 « Das esposas dos Teucros, e dos tenros  
 « Filhinhos seus, em fim tiver piedade;  
 « E se longe arrojarem de nossos muros  
 « O filho de Tydeo, feroz guerreiro,  
 « Terror dos hostes no tremendo encalço;  
 « Que dos Gregos reputo o mais valente,  
 « Pois nem de Achilles tanto medo houvemos,  
 « Bem que prole de Deosa o diga a fama :  
 « Hoje sanha mais féra este respira,  
 « Nem resistir se póde a tanto arrojo. »

Assim fallou. Do irmão adopta prestes

Heitor o sabio alvitre, e da carroça  
 Em terra, com as armas, baqueou-se;  
 Duas lanças vibrando, discorria  
 Pelas Teucras fileiras, accendendo  
 O nobre marcio ardor por toda a parte.  
 Renovou-se o combate; os fugitivos  
 Dos Gregos ao furor fizeram rosto;  
 Cessou do horrendo estrago a gente Argiva,  
 Julgando ao vêr tão subita mudança,  
 Dos Teucros em auxilio haver baixado  
 Do estellifero polo algum dos Numes.

Heitor aos seus bradando, em altas vozes,  
 Exhortava á peleja: « O' bravos Teucros,  
 « E vós, que vindos sois de longes terras  
 « A defender commosco os muros d'Ilio,  
 « Varões vos amostrai: o valor vosso  
 « Todo, amigos, se empregue, em quanto a Troya  
 « Me vou, e aos anciãos de mór conselho  
 « Proponho, e ás nossas miseras esposas,  
 « Que dos Numes orando, o auxilio implorem,  
 « E prometam solemnes hecatombas. »

Isto dito, veloz, Heitor se parte,  
 Sobre os hombros lançando o ingente escudo,  
 Cuja borda que entorno o cerca todo,  
 Ao caminhar, lhe açouta os pés, e o collo.

*Continúa.*

# ANALYSE MATHEMATICA

## THEORIA DAS SERIES ELEMENTARES.



### VII.

Deduzidas assim as series elementares, por um processo analytico abreviado e rigoroso, com o unico auxilio das noções rudimentaes do calculo litteral e da trigonometria; julgamos conveniente reunir nesta ultima parte do nosso trabalho, alguns resultados geraes que se derivam dellas, e que tem importantes applicações na analyse mathematica.

Para entrar nessa investigação, reproduziremos aqui as cinco series, que foram o objecto do nosso precedente estudo: a saber

$$(O) \quad (a+x)^m = a^m + \frac{m}{1} a^{m-1} x + \frac{m}{1} \left(\frac{m-1}{2}\right) a^{m-2} x^2 + \&$$

$$(P) \quad a^x = 1 + \left(\frac{L.a}{L.e}\right) \frac{x}{1} + \left(\frac{L.a}{L.e}\right)^2 \frac{x^2}{1.2} + \left(\frac{L.a}{L.e}\right)^3 \frac{x^3}{1.2.3} + \&$$

$$(Q) \quad L(a+x) = La + Le \left( \frac{x}{a} - \frac{x^2}{2a^2} + \frac{x^3}{3a^3} - \frac{x^4}{4a^4} + \& \right)$$

$$(R) \quad \text{Sen } x = \frac{x}{1} - \frac{x^3}{1.2.3} + \frac{x^5}{1.2.3.4.5} - \&$$

$$(S) \quad \text{Cos } x = 1 - \frac{x^2}{1.2} + \frac{x^4}{1.2.3.4} - \frac{x^6}{1.2.3.4.5.6} + \&$$

1.º Pondo (e) em lugar de (a) na equação (P); virá

$$(P) \quad e^x = 1 + \frac{x}{1} + \frac{x^2}{1.2} + \frac{x^3}{1.2.3} + \frac{x^4}{1.2.3.4} + \&$$

Se nesta equação se puzer  $(x\sqrt{-1})$  em lugar de  $(x)$ , o que é permitido; virá

$$\begin{aligned} e^{x\sqrt{-1}} &= 1 + \frac{x}{1} \sqrt{-1} - \frac{x^2}{1.2} - \frac{x^3\sqrt{-1}}{1.2.3} + \frac{x^4}{1.2.3.4} + \& \\ &= 1 - \frac{x^2}{1.2} + \frac{x^4}{1.2.3.4} - \frac{x^6}{1.2.3.4.5.6} + \& \\ &+ \sqrt{-1} \left( \frac{x}{1} - \frac{x^3}{1.2.3} + \frac{x^5}{1.2.3.4.5} - \& \right) \end{aligned}$$

Comparando esta ultima expressão com as series (R) e (S); ter-se-ha

$$(q) \quad \begin{cases} e^{x\sqrt{-1}} = \text{Cos } x + \sqrt{-1} \cdot \text{Sen } x & \text{: e semelhantemente} \\ e^{-x\sqrt{-1}} = \text{Cos } x - \sqrt{-1} \cdot \text{Sen } x \end{cases}$$

Destas duas equações se tira

$$(q') \quad \begin{cases} \text{Cos } x = \frac{e^{x\sqrt{-1}} + e^{-x\sqrt{-1}}}{2} \\ \text{Sen } x = \frac{e^{x\sqrt{-1}} - e^{-x\sqrt{-1}}}{2\sqrt{-1}} \end{cases}$$

Este bello resultado (considerado por Lagrange entre as maiores descobertas analyticas) é devido á Euler; e mostra elle, por modo bem singular, a relação que existe entre as funções circulares e as exponenciaes, ou logarithmicas, mediante o emprego de um symbolo imaginario.

2.º Se nas equações (q) se puzer  $(mx)$  em lugar de  $(x)$ ; virá

$$\begin{aligned} e^{mx\sqrt{-1}} &= \text{Cos } mx + \sqrt{-1} \cdot \text{Sen } mx \\ e^{-mx\sqrt{-1}} &= \text{Cos } mx - \sqrt{-1} \cdot \text{Sen } mx \end{aligned}$$

Representando estas duas equações por uma só, com o duplo signal; ter-se-ha

$$\begin{aligned} e^{\pm mx\sqrt{-1}} &= \text{Cos } mx \pm \sqrt{-1} \cdot \text{Sen } mx \\ &= (\text{Cos } x \pm \sqrt{-1} \text{ Sen } x)^m \end{aligned}$$

donde se tira

$$\text{Cos } mx \pm \sqrt{-1} \cdot \text{Sen } mx = (\text{Cos } x \pm \sqrt{-1} \cdot \text{Sen } x)^m$$

Esta engenhosa e util transformação das equações (q) é devida ao distincto geometra Moivre.

Notaremos aqui de passagem, que essa equação, conhecida pelo nome de formula de Moivre, é consequencia immediata de uma propriedade muito particular, inherente ao desenvolvimento das funcções exponenciaes; a saber, se na equação (p) se puzer (mx) em lugar de (x); virá

$$e^{mx} = 1 + \frac{mx}{1} + \frac{m^2x^2}{1.2} + \frac{m^3x^3}{1.2.3} + \&$$

$$= \left(1 + \frac{x}{1} + \frac{x^2}{1.2} + \frac{x^3}{1.2.3} + \&\right)^m$$

3.º Se nas equações (q) se tomarem os logarithmos de ambos os membros; ter-se-ha

$$x \sqrt{-1} . Le = L (\text{Cos } x + \sqrt{-1} . \text{Sen } x),$$

$$-x \sqrt{-1} . Le = L (\text{Cos } x - \sqrt{-1} . \text{Sen } x)$$

Subtrahindo a segunda equação da primeira; virá

$$2x \sqrt{-1} . Le = L \left( \frac{\text{Cos } x + \sqrt{-1} . \text{Sen } x}{\text{Cos } x - \sqrt{-1} . \text{Sen } x} \right)$$

$$= L \left( \frac{1 + \sqrt{-1} . \text{Tg. } x}{1 - \sqrt{-1} . \text{Tg. } x} \right)$$

Tem-se pela equação (9) V

$$L \frac{1+a}{1-a} = 2 Le \left( \frac{a}{1} + \frac{a^3}{3} + \frac{a^5}{5} + \&\right)$$

Pondo nesta equação ( $\sqrt{-1} . \text{Tg. } x$ ) em lugar de (a), e substituindo o segundo membro da precedente pela expressão que lhe é equivalente nesta; virá

$$(r) \quad x = \frac{\text{Tg. } x}{1} - \frac{\text{Tg. } x^3}{3} + \frac{\text{Tg. } x^5}{5} - \frac{\text{Tg. } x^7}{7} + \&$$

Esta equação notavel (devida á Gregory, compatriota e emulo de Newton) faz conhecer a grandeza de um arco (x) do circulo, cujo raio é a unidade; uma vez que seja dada a sua tangente expressa no raio.

Sendo o valor de (x) nullo, quando é  $\text{Tg. } x = 0$ ; e ( $\frac{\pi}{2}$ ), quando é  $\text{Tg. } x = \infty$ ; segue-se que a equação (r) só tem lugar dentro dos limites do quadrante.

Suppondo-se que é  $\text{Tg. } x = 1$ , o arco (x) corresponderá a 45º; e ter-se-ha

$$(r') \quad \text{arco de } 45^\circ = 1 - \frac{1}{3} + \frac{1}{5} - \frac{1}{7} + \&$$

Suppondo-se que o arco ( $x$ ) corresponde a  $30^\circ$ ; ter-se-ha  $\text{Tg. } x = \frac{1}{\sqrt{3}}$ ; e por conseguinte

$$(r''') \quad \text{arco de } 30^\circ = \frac{1}{\sqrt{3}} \left( 1 - \frac{1}{3 \cdot 3} + \frac{1}{5 \cdot 3^3} - \frac{1}{7 \cdot 3^5} + \& \right)$$

As equações ( $r'$ ) e ( $r''$ ) offerecem um meio obvio, e pratico, para determinar com summa facilidade a razão do raio para a semicircumferencia do circulo: sendo esta igual a 4 vezes a grandeza do primeiro arco; e 6 vezes a do segundo.

Lagny, servindo-se da equação ( $r''$ ) achou a razão do raio para semicircumferencia, levando a approximação até 127 casas decimaes: a saber,  $\pi = 3,14159 \&$ .

Euler empregou um artificio mui simples, para substituir a serie da equação ( $r'$ ) por duas outras muito mais convergentes: fazendo o arco de  $43^\circ = a + b$ ; e calculando ( $\text{Tg. } b$ ), na hypothese de ter ( $\text{Tg. } a$ ) um valor arbitrario  $< 1$ ; por meio da formula conhecida

$$\text{Tg. } (a + b) = \frac{\text{Tg. } a + \text{Tg. } b}{1 - \text{Tg. } a \cdot \text{Tg. } b} = 1$$

4.º Pondo na equação (12), a saber

$$L a = L e \left( \frac{a^1 - a^{-1}}{1} - \frac{a^2 - a^{-2}}{2} + \frac{a^3 - a^{-3}}{3} - \& \right)$$

e  $x\sqrt{-1}$  em lugar de ( $a$ ); virá

$$x\sqrt{-1} \cdot L e = L e \left( \frac{e^{x\sqrt{-1}} - e^{-x\sqrt{-1}}}{1} - \frac{e^{2x\sqrt{-1}} - e^{-2x\sqrt{-1}}}{2} + \frac{e^{3x\sqrt{-1}} - e^{-3x\sqrt{-1}}}{3} - \& \right)$$

Substituindo no segundo membro desta equação os valores de  $e^{nx\sqrt{-1}}$  e  $e^{-nx\sqrt{-1}}$ , tirados da segunda equação ( $q'$ ); virá

$$\frac{x}{2} = \frac{\text{Sen } x}{1} - \frac{\text{Sen } 2x}{2} + \frac{\text{Sen } 3x}{3} - \&$$

Esta equação se converterá na equação ( $r'$ ), fazendo nella  $x = \text{arco de } 90^\circ$ ; sendo por conseguinte  $\text{Sen } x = 1$ ;  $\text{Sen } 2x = 0$ ;  $\text{Sen } 3x = -1$ ; &.

5.º Antes que tratemos de algumas particularidades importantes, concernentes ao desenvolvimento das funcções logarithmicas; julgamos conveniente dar aqui algumas noções indispensaveis, sobre a theoria das series infinitas, para que sejamos perfeitamente comprehendidos.

Chamam-se *infinitas*, na analyse mathematica, as series cujos termos procedem indefinidamente, de modo que qualquer delles é sempre maior, ou menor do que o precedente, n'uma razão dada, constante, ou variavel: tomando a denominação de *crescentes*, no primeiro caso, e de *decrecentes*, no segundo.

As series cujos termos em numero infinito, são todos iguaes, e affectos alternadamente dos signaes +, e — chamam-se *neutras*.

As series infinitas decrecentes dividem-se em *convergentes*, e *divergentes*.

É convergente aquella destas series, em que a somma dos seus termos aproxima-se cada vez mais de uma quantidade finita, que é o seu limite no infinito: e na hypothese contraria, é a serie divergente.

Toda a serie infinita crescente é necessariamente divergente.

Ha tambem series infinitas, cujos termos começam por convergir, divergindo depois, e vice-versa: neste caso tomam essas series a denominação de *mixtas*.

(a) Seja dada uma serie infinita decrecente, da forma seguinte

$$(w) \quad S = \frac{1}{1^m} + \frac{1}{2^m} + \frac{1}{3^m} + \frac{1}{4^m} + \frac{1}{5^m} + \frac{1}{6^m} + \&$$

Ponha-se 
$$S' = \frac{1}{1^m} + \frac{1}{3^m} + \frac{1}{5^m} + \frac{1}{7^m} + \&$$

Subtrahindo a segunda equação da primeira, virá

$$\begin{aligned} S - S' &= \frac{1}{2^m(1)^m} + \frac{1}{2^m(2)^m} + \frac{1}{2^m(3)^m} + \frac{1}{2^m(4)^m} + \& \\ &= \frac{1}{2^m} \left( \frac{1}{1^m} + \frac{1}{2^m} + \frac{1}{3^m} + \frac{1}{4^m} + \& \right) = \frac{1}{2^m} S; \end{aligned}$$

donde se tira 
$$2^m (S - S') = S$$

Ter-se-ha portanto a seguinte proporção

$$S : S - S' :: 2^m : 1$$

e por consequente

$$S' : S - S' :: 2^m - 1 : 1$$

isto é, a somma dos termos impares na serie dada (w) está para a somma dos pares, assim como  $2^m - 1$  está para 1.

Este curioso resultado, que se encontra na *Ars conjectandi* de J. Bernoulli, é todavia attribuido por Lacroix á Lorgna.

Fazendo na equação (w)  $m = 1$  ; virá

$$(w') \quad S = 1 + \frac{1}{2} + \frac{1}{3} + \frac{1}{4} + \frac{1}{5} + \frac{1}{6} + \&$$

Esta serie é conhecida pelo nome de *harmonica*, em razão do uso que ella tem na theoria dos sons.

Do theorema precedente conclue-se, que na serie harmonica é a somma dos termos impares igual á dos pares : isto é,

$$1 + \frac{1}{3} + \frac{1}{5} + \& = \frac{1}{2} + \frac{1}{4} + \frac{1}{6} + \&$$

É evidente por outra parte, que esta igualdade não pode subsistir, em quanto fôr (S) uma quantidade finita; visto que na serie (w') qualquer dos termos impares é maior do que o seu immediato da ordem par. É logo a serie (w') uma serie infinita *divergente*.

Cumpre aqui notar, que se chegaria ao mesmo resultado, sem dependencia do theorema de Bernoulli: observando que se tem

$$\frac{1}{2} + \frac{1}{4} + \frac{1}{6} + \frac{1}{8} + \& = \frac{1}{2} \left( 1 + \frac{1}{2} + \frac{1}{3} + \frac{1}{4} + \frac{1}{5} + \frac{1}{6} + \& \right)$$

$$\text{e portanto} \quad = 1 + \frac{1}{3} + \frac{1}{5} + \frac{1}{7} + \&$$

A contradicção apparente, que apresenta a igualdade destas duas series infinitas, com a desigualdade que guardam entre si os termos consecutivos da serie (w'), desvanece-se, fazendo a consideração seguinte.

Crescendo indefinidamente os denominadores das fracções, que formam os termos successivos da serie (w'), chegar-se-ha necessariamente a dous termos contiguos, cuja differença seja menor, do que qualquer quantidade assignavel. Dahi em diante até o infinito poderão considerar-se iguaes todos os termos da serie.

Tome-se agora uma fracção da seguinte forma  $\frac{a+nc}{b+nd} = \frac{\frac{a}{n} + c}{\frac{b}{n} + d}$ ; sendo (a, b, c, d) quantidades finitas; e podendo (n) crescer indefinidamente: de modo que, quando fôr (n) infinito, ter-se-ha rigorosamente  $\frac{a+nc}{b+nd} = \frac{c}{d} = 1$ , se fizer-se  $c = d$ , como tem lugar na hypothese ácima.

Assim considerado o desenvolvimento da serie (w'), poderá dahi concluir-se. . . .

**Primo.** Que o limite da somma dos termos da serie harmonica, considerada como infinita, é maior do que qualquer quantidade assignavel, isto é, o infinito; no caso em que todos os seus termos são positivos, ou todos negativos.

**Secundo.** Que no caso de serem os termos dessa serie alternadamente positivos e negativos, a serie poderá ser convertida em outra, cujos termos todos positivos, ou todos negativos, representem as diferenças entre cada dous termos contiguos da mesma: e cessará ella de progredir, desde que chegar ao termo que representa uma diferença menor, do que qualquer quantidade assignavel.

Em tal caso é a serie posposta necessariamente convergente: isto é, será a somma dos seus termos equivalente á uma quantidade finita.

(b) Para saber-se, se uma serie infinita, e decrescente dada, é convergente, ha um meio directo, que passamos a expender.

Seja dada uma grandeza (A) tão pequena quanto se quizer: e supponha-se formada uma progressão geometrica decrescente, cujo primeiro termo designe-se por (a); por (r) a razão; e por  $(ar^n)$  a expressão geral de um termo qualquer dessa progressão.

É evidente, que será sempre possível dar á indeterminada (n) um valor tal, que se tenha  $ar^n < A$ : e que por conseguinte, quando for (n) infinito, ter-se-ha rigorosamente  $ar^\infty = 0$ ; o que dá para a somma de todos os termos da progressão geometrica a expressão finita  $(\frac{a}{1-r})$ ; como por outra parte se sabe pela theoria das progressões.

Seja agora dada uma serie qualquer infinita e decrescente: procure-se a expressão geral de qualquer dos seus termos.

O quociente desse termo dividido pelo precedente dará a razão de uma progressão geometrica, cujo primeiro termo seja este da serie proposta.

Tome se o valor maximo dessa razão; e com elle forme-se a progressão geometrica indicada.

É evidente, que a somma dos termos dessa progressão dará o maximo limite da somma dos termos da serie correspondente, se fôr todavia essa somma susceptivel de algum limite.

Exemplifiquemos esta doutrina na serie harmonica ( $w^j$ ).

A expressão geral de qualquer termo dessa serie é  $(\frac{1}{n})$ : o precedente será  $(\frac{1}{n-1})$ : e o quociente do primeiro dividido pelo segundo  $(\frac{n-1}{n}) = 1 - \frac{1}{n}$ . Crescendo esta expressão á medida, que (n) cresce, é claro que o seu valor

maximo terá lugar, quando for (n) infinito. Será portanto a unidade a maxima razão da progressão geometrica, cujos termos, sendo todos iguaes entre si, darão uma somma sem limite. E' portanto divergente a serie proposta (w').

Em qualquer systema de logarithmos o logarithmo de zero é representado pelo infinito negativo, da maneira seguinte

$$L(0) = -\infty$$

e a equação (7), pondo nella zero em lugar de (a), dá

$$L(0) = -Le \left( 1 + \frac{1}{2} + \frac{1}{3} + \frac{1}{4} + \frac{1}{5} + \& \right)$$

Se pois, se não soubesse já pela doutrina precedente que a serie harmonica comprehendida no parenthesis, não é convergente, esta equação o faria conhecer.

Na mesma equação (7) faça-se  $a = 2$ ; e ter-se-ha

$$L2 = Le \left( 1 - \frac{1}{2} + \frac{1}{3} - \frac{1}{4} + \frac{1}{5} - \frac{1}{6} + \& \right)$$

A serie comprehendida no parenthesis pode transformar-se na seguinte

$$\frac{1}{2} + \frac{1}{12} + \frac{1}{30} + \&$$

a qual é convergente como se mostrou já acima; e deve ser por conseguinte equivalente ao dobro da que entra na equação (10), pondo nesta (2) em lugar de (a): a saber

$$L2 = 2 Le \left( \frac{1}{3} + \frac{1}{3 \cdot 3^3} + \frac{1}{5 \cdot 3^5} + \frac{1}{7 \cdot 3^7} + \& \right)$$

e cuja convergencia é manifesta.

A convergencia da serie  $\frac{1}{2} + \frac{1}{12} + \frac{1}{30} + \frac{1}{50} + \&$

se descobrirá facilmente pelo methodo indicado, notando, que é ella o producto do factor  $\frac{1}{2}$  multiplicado pela somma dos termos impares da serie

$$1 + \frac{1}{3} + \frac{1}{5} + \frac{1}{10} + \frac{1}{15} + \frac{1}{21} + \frac{1}{28} + \&$$

cujos denominadores são os numeros conhecidos pelo nome de *triangulares*, na classe dos que se chamam *figurados*.

A expressão geral de um termo desta serie é  $(\frac{1}{n})$  : o termo precedente  $(\frac{1}{n-n'})$  : e o quociente do primeiro dividido pelo segundo  $\frac{n-n'}{n} = 1 - \frac{n'}{n}$ . A razão final será por conseguinte  $= 0$  ; quando for  $n = \infty$  ; ou  $\frac{n'}{n} = 1$ .

Este resultado mostra que o maximo valor do quociente entre dous termos consecutivos  $(\frac{1}{n-n'})$  e  $(\frac{1}{n})$  é representado pela mesma expressão geral  $(\frac{n-n'}{n})$  : porquanto representando  $(n)$  um numero dado na serie dos numeros naturaes, e  $(n')$  a distancia entre o termo da serie proposta  $(\frac{1}{n})$  e aquelle que o precede ; é evidente, que deve crescer  $(n')$  indefinidamente com  $(n)$ , até que sejam ambos infinitos ; e por conseguinte  $(1 - \frac{n'}{n}) = 0$ . E sendo por outra parte  $(\frac{n-n'}{n})$  uma fracção, será decrescente a progressão limite ; e por tanto convergente a serie proposta. É logo convergente tambem a serie  $1 + \frac{1}{6} + \frac{1}{15} + \&$ , que faz parte della.

A somma dos termos da serie completa é conhecida ; a saber  $= 2$  : o que se pode verificar do modo seguinte.

Representando por  $(S)$  a somma total dos termos da serie : ter-se-ha

$$\begin{aligned} 2 S &= 2 + 2 \left( \frac{1}{3} + \frac{1}{6} \right) + 2 \left( \frac{1}{10} + \frac{1}{15} \right) + 2 \left( \frac{1}{21} + \frac{1}{28} \right) + \& \\ &= 2 + 1 + \frac{1}{3} + \frac{1}{6} + \frac{1}{10} + \frac{1}{15} + \& = 2 + S \end{aligned}$$

e por conseguinte  $S = 2$ .

Da equação que dá o logarithmo de  $(2)$  pode deduzir-se o valor de cada uma das duas series complementares, que compoem a serie representada por  $(S)$  : isto é, uma que comprehenda todos os termos impares, a qual designaremos por  $(u)$  ; e a outra os termos pares, que designaremos por  $(u')$ .

Pelo que acabamos de demonstrar, ter-se-ha

$$S = 2 = u + u' ; \text{ e } 2 = e^{\frac{u}{2}}$$

destas equações se deduz

$$u = \frac{2L2}{Le} ; \quad u' = \frac{2L\frac{e}{2}}{Le}$$

Estes dous resultados dão a proporção seguinte

$$u : u' :: L 2 : L \frac{e}{2}$$

Do mesmo modo se praticará, todas as vezes que o quociente de dous termos consecutivos da serie infinita proposta, tiver a expressão geral da forma  $\left(\frac{p}{n+q}\right)$ ; a qual se torna nulla, quando é (n) infinito; sendo (p) e (q) quantidades finitas.

(c) Dissemos, tratando do desenvolvimento das funções logarithmicas, que a equação fundamental (7) dependia essencialmente da condição de ser o numero representado por (a) positivo.

Esta restricção equivale a excluir de qualquer systema de logarithmos o logarithmo de uma quantidade negativa: admittindo os geometras porrem a sua expressão symbolica, sob a forma imaginaria; a saber

$$L(-a) = A \sqrt{-1}$$

Nos primeiros tempos da admiravel descoberta dos logarithmos, devida a Lord Neper, e aperfeiçoada por Briggs; originou-se profunda discordancia de opiniões entre geometras de primeira ordem, taes como Euler, Leibnitz, J. Benoulli, e D'Alembert, sobre este ponto da sciencia.

Foi a opinião sustentada pelos dous primeiros desses geometras, e especialmente por Euler que, sendo o logarithmo de zero, em qualquer systema, representado pelo infinito negativo; não era admissivel, guardada a lei de continuidade, que um numero abaixo de zero podesse ter logarithmo real.

Objectavam por sua parte os seus antagonistas, que no caso por exemplo de ser (9) a base de um systema dado, deverá ter-se  $\pm 3 = 9^{\frac{1}{2}}$ ; e por consequente  $\frac{1}{2} = L(\pm 3)$ .

É evidente que este modo de encarar a questão exclue a lei de continuidade, em que muito racionalmente baseara Euler a sua argumentação.

Pondo de parte as razões mais ou menos especiosas, com que fôra combatida a doutrina de Euler, a qual é presentemente aceita por todos os geometras; procuraremos confirma-la ainda por uma deducção analytica, analogá á que empregara o seu proprio autor, no mesmo intuito.

Tome-se a primeira das equações (q): a saber

$$\cos x + \sqrt{-1} \operatorname{Sen} x = e^{x\sqrt{-1}}$$

e faça-se ahí  $x = \pi$  (semicircumferencia do circulo, cujo raio é = 1); virá

$$(w'') \quad -1 = e^{\pi \sqrt{-1}}$$

e por conseguinte

$$L(-1) = \pi \sqrt{-1} . Le = Le . \pi \sqrt{-1}$$

Faça-se ainda na mesma equação  $x = \frac{\pi}{2}$  e virá

$$\sqrt{-1} . 1 = e^{\frac{\pi}{2} \sqrt{-1}}$$

elevando ambos os membros desta equação ao quadrado, e passando, como no caso precedente, aos logarithmos dos mesmos; ter-se-ha

$$L(-1) = Le \pi \sqrt{-1}$$

Estes dous resultados identicos mostram, em nossa opinião, por modo incontestavel, que o logarithmo de uma quantidade negativa não pode ser representado, senão por um symbolo imaginario.

Elevando á potencia  $2k$  ambos os membros da equação  $(w'')$ ; ter-se-ha

$$1 = e^{2k\pi \sqrt{-1}}$$

Esta equação occorre não poucas vezes nas investigações analyticas: encerrando por outra parte, sob uma expressão mais geral, o resultado que ácima deduzimos, se for  $(k)$  numero inteiro.

(Continúa.)



## DA POESIA BRASILEIRA (1)

---

Esta disposição do povo brasileiro para a poesia e para a musica está em todas as raças de que é composto. Os indios de todas as tribus eram e ainda são musicos e poetas; e os Jesuitas venciam a sua aversão ao trabalho e o seu amor à independencia ensinando-lhes a musica e fazendo-os cantar em quanto trabalhavam. Os negros seguem hoje esse costume de cantar constantemente em quanto trabalham: compondo elles proprios a monotona musica e os rudes versos, que cantam.

Pelas ruas do Rio de Janeiro ouve-se de continuo musica. Todas as senhoras cantam mais, ou menos mal; e tem uma grande paixão por isso. As canções populares do paiz se chamam *modinhas* e *tunduns*, e ha algumas assás graciosas e delicadas. Um musico hespanhol, por nome Amat, tornou-se famoso compendo *modinhas* novas, ainda que não conseguisse attingir ao primor das antigas. Os compositores ainda não se fazem notaveis, mas com o engenho que tem é de esperar, que com o andar do tempo, alcancem a gloria dos grandes mestres da Italia e d'Allemanha. Entretanto que canta-se tão sem tregoa e descompassadamente, que é mister ser grande apaixonado da musica para não aborrecer-se della. E' verdade (e tambem fortuna) que ao cabo de dous, ou tres mezes de residencia no Brasil acontece com a sua musica o mesmo que segundo diziam os antigos se dá com a das espheras celestes, que á força d'ouvil-a e d'estar como que absorvidos nella, chegamos a não ouvil-a, ainda que queiramos; á menos que com maravilhoso recolhimento, attenção fixa, abstracção dos sentidos, e das potencias d'alma, nos ponhamos a escutar a sobredita musica: e ainda assim nem todos a ouvem. (2)

(1) Julgamos que seria agradavel aos nossos leitores a traducção d'alguns trechos d'um artigo inserto na *Revista Hespanhola d'Ambos os Mundos*, relativos á poesia brasileira, por nos parecer escripto com graça e circumspecção.

(2) O autor é exagerado quando pinta os brasileiros tão melomaniacos: o que diria se habitasse por algum tempo em qualquer cidade da Italia?

A paixão pela poesia não é menor entre os brasileiros. Não ha moço, que aos quinze annos não escreva sonetos e quadras; e não ha baptisado, casamento, nem funcção, que se não celebre com meia duzia d'epitalamios, horoscopos, epitaphios e nenias, em differentes classes de metros e variados estylos. Estas composições de circumstancias se publicam nos periodicos, como entre nós os annuncios, pagando certa quantia pela sua inserção; e periodicos ha que ganham muito com tal industria, e que dão á luz cada semana poesias sufficientes para formar um grosso volume.

Todas as moças no Brasil possuem um album, cujos versos si são medio-cres tem ao menos todo o fogo e doçura que Erato póde inspirar debaixo do sol dos tropicos. Estas poesias d'ordinario tem pouco merecimento litterario; porém nota-se ainda nas mais grosseiras certa ingenuidade de paixão e candidez, que encantam, revelando muitas a pureza de linguagem, que os brasileiros pretendem conservar melhor do que os portuguezes. Mas nem por isso os brasileiros tem deixado d'enriquecer a lingua, a que chamam nacional para não denominal-a de portugueza, e que já era riquissima com grande numero de palavras novas, tomadas nos dialectos americanos, e ainda atrevo-me a asfirmar que lhe tem addicionado tambem palavras das linguas africanas, v. g., da lingua *buda* da costa do Congo, que é uma das mais perfectas, que fallam os negros. (1) Não obstante isto, na cõrte o torneio da phrase conserva a maneira dos antigos classicos portuguezes, e nem nos periodicos, nos discursos parlamentares, e nos poucos livros em prosa, que até agora se tem publicado no Brasil, notam-se tantos gallicismos como entre nós.

Porém onde verdadeiramente se admiram não só o primor e riqueza da linguagem, mas até a fecundidade e agudeza do engenho dos brasileiros é na poesia. Já disse que os negros, ainda que rudes e ignorantes compõem coplas em máo portuguez; porque cedo esquecem-se dos seus patrios dialectos. E como os negros são pela mór parte escravos não aprendem a lèr, nem a escrever, e só realmente, pódem conservar os fructos da sua imaginação; donde se conclúe ser mui difficil o haver no Brasil uma litteratura *negra*, como ha no Haity, segundo a curiosa noticia, que nos transmittiu a *Revista Franceza dos Dous Mundos*; e como haverá, si já não ha, na nascente republica da Liberia. Porém, si não os negros, os pardos ao menos, são os melhores poetas do Brasil: o que prova, ao meu vêr, que a

(1) Parece-nos summamente injusto o que diz o illustre viajante; porque si algumas palavras dos dialectos africanos se acham introduzidas entre nós, não são ellas jámais empregadas por pessoas instruidas e bem educadas.

raça negra é tão boa como a nossa, salva a differença da cõr e da civilisação.

Dos indios não sei que haja, nem se conserve obra alguma poetica: apesar de muito nos fallarem as historias dos seus poetas guerreiros, e dos seus *piagas*, especie d'anachoretas, sacerdotes, ou *bonzos*, que prophetisavam em verso, se davam á contemplação da vida solitaria e penitente, buscando para viver profundas cavernas e apartados lugares no mais esquivo e sombrio dos bosques. Porém a religião e os costumes do Brasil eram tão rudes, e os indios viviam tão selvaticamente, que não se pôde crer que fossem por fórma alguma interessantes os cantos dos *piagas*. (1)

Os mesmos idiomas dos indios do Brasil deveram e devem ser imperfeitissimos e pobres. O unico idioma de que havemos podido obter um dictionario e uma grammatica, fallado ordinariamente nas costas, e o mais commum entre os indios, é tão escasso que para dizer *virtude* emprega mil rodeios, e para dizer *virgem* gasta meia pagina. Donde se vê que estas idéas, bem como muitas outras, não tinham entrado na cabeça dos indios antes que os portuguezes aportassem ao Brasil.

Os portuguezes que sobrepujavam então por valor e fortuna a quasi todas as nações da Europa, e que excediam a muitas no ingenho, levaram para o Brasil com a sua civilisação e lingua tambem a poesia, que não só pela riqueza, numero, e harmonia, como tambem pela abundancia dos conceitos, tão digna d'elogios, e ainda d'admiração se mostrou sempre. Mas como os portuguezes vindos para o Brasil, e os filhos alli nascidos, jámais quizessem totalmente se desprender das reminiscencias da mãe-patria, deixavam de cantar a formosura da natureza americana, mostrando-se quasi que indifferentes á ella. Por isso sempre que um poeta brasileiro dos tempos passados pensava em fazer versos se transportava pelo espirito ás margens do Mondego, ou do Tejo, e olyidava-se de todos os portentos do Brasil: e assim extraviado o poeta com os resaibos da escola, queria subir ao Pindó e não se recordava da serra dos Orgãos, descrevia o valle de Tempe e não o do Amazonas: fallava do pastor Alfesibeo e não do indio Caitutú, enamorava-se de Filis, ou de Nisi, pastoras gregas, ou lusitanas, e celebrava por ultimo o canto do rouxinol, e não ouyia nunca os do *sabiá*, ou do *gaturamo*. Em conclusão, a poesia brasileira não era então mais do que um pallido reflexo da portugueza. Para maior desgraça a poesia não

(1) O autor cita n'uma nota o bem conhecido canto do Piaga do Snr. Gonsalves Dias; cuja nota supprimimos, assim como todas as outras; por isso que não fazemos uma traducção integral, contentando-nos com alguns excerptos do que mais interessante julgamos.

começou a florescer no Brasil senão quando em Portugal começava a decahir e a perder-se nas extravagancias do gongorismo; extravagancias, que imitaram os brasileiros até o meiado do seculo XVIII. Então predominava já em todas as partes a influencia da litteratura franceza, e ainda que destruisse a originalidade das outras litteraturas, força é confessar, que restabelecia o bom gosto, que estava perdido. A cultura, delicadeza e philosophismo da côrte de Luiz XV passaram á Lisboa, onde então imperava o grande marquez de Pombal, e de Lisboa passou ao Brasil. Alli debaixo da protecção do illustrado vice-rei D. Luiz de Vasconcellos e Sôusa fundaram a *Arcadia Ultra-marina*, e outras academias litterarias, em que florescia, não poetas dramaticos, que até agora não os tem havido no Brasil dignos de memoria (1); porém lyricos horacianos e anacreonticos. Os poetas brasileiros, como disse o Snr. Pereira da Silva, só o eram pelo nome e acaso de haverem nascido no Brasil.

Varios poetas lyricos do seculo XVIII se distinguem pela elegancia, primor e graças de suas composições; porém poucos pela originalidade. O mais popular delles deve a sua fama antes aos seus amores e desgraças, do que as suas poesias. Fallo do malaventurado Gonzaga, um dos primeiros campeões da independencia, desterrado para a Africa por conspirar contra o governo portuguez, e separado para sempre da sua adorada Marilia, á quem dedicou todos os seus ternos e apaixonados versos. (2)

Porém deixando d'enumerar e classificar os outros poetas brasileiros, que floresceram no seculo XVIII, não porque deixem de merecê-lo, mas sim porque não é do nosso intuito traçar uma historia de litteratura brasileira; fallaremos unicamente dos tres poetas epicos, que nessa época teve o Brasil, e que separando-se mais do que os lyricos da imitação dos da Europa, abriram nova vereda aos ingenhos americanos, e deram origem á moderna poesia brasileira, a qual depois da proclamação do imperio, tem tomado um caracter proprio, e dado, com alguns sasonados fructos, a esperanza d'outros melhores e mais ricos.

Os brasileiros tem um inesgotavel manancial de poesia na virgem natureza, que os rodeia, e onde encontram-se mil bellos e magnificos objectos

(1) Estava mal informado o autor deste artigo quando tal escreveu: mostrando ignorar que Antonio José mereceu o nome de Plauto Brasileiro, e que os Srs. Magalhães, Penna, Macedo e outros tem grangeado justos applausos.

(2) Tambem é injusto o Snr. Valera quando nega ao nosso Gonzaga um lugar distincto entre os poetas lyricos: no nosso humilde entender as composições do cantor de Marilia pôdem pôr-se á par das do de Laura.

nunca até agora descriptos, mil novas imagens para revestir os seus pensamentos, mil novas impressões não sentidas pelos poetas da Europa. Não tem uma historia da conquista tão romanesca, como a do Perú e do Mexico, nem como aquelles paizes tradições tão maravilhosas, nem tão variada mythologia. No Brasil não ha memoria de que jámais existisse civilisação indigena, como a dos Incas, ou dos Aztecas, nem muito menos uma civilisação mais antiga como teve o Mexico antes da vinda dos Aztecas, como nôl-o attestam soberbas e cyclopicas ruinas, porém não faltam tambem tradições brasilicas nem legendas de que se possa apoderar a poesia, e de que já se vão servindo os poetas contemporaneos.

Entre estes ha muitos, que já pela perfeição e correção da linguagem, já pela elevação das idéas, mereceriam ser mais conhecidos, porém não querendo fazer um livro d'um artigo, me limitarei a fallar neste dos tres epicos ácima mencionados e d'outros dous poetas, que entre os innumeraveis, que actualmente existem no Brasil (porque não ha pessca, que saiba lêr e escrever que o não seja) (1) parecem-me os mais originaes, ingenhosos e inspirados. Creio que com a critica d'alguns desses poetas, citando alguns exemplos das suas obras, formar-se-ha uma idéa exacta da indole peculiar, arte, e estylo da poesia brasileira.

JUAN VALEBA.

*Continúa.*



(1) *E troppo caricato, signore mio.*

# PHYSIOLOGIA PATHOLOGICA DA LOUCURA



(Continuado do numero antecedente).

## CAUSAS IDIOPATHICAS, MECHANICAS DA LOUCURA.

As manifestações d'alma e do espirito, diz Spurzheim, podem ser desarranjadas por differentes causas mechanicas, não só externas, como pancadas, quedas, fracturas, e depressões do craneo, como tambem, interiores, como exostosis, hydatidas, ossificações, tumores, collecções de agua ou de puz e congestões.

Do mesmo modo que estas causas supprimem as vezes as faculdades d'alma, assim tambem as podem excitar ou alterar de differentes maneiras: refere-se, que individuos estupidos tem adquirido grande energia por violencias exteriores, no entanto, que outros se tem tornado idiotas pelas mesmas causas. Uma pedra tendo cahido na cabeça de um rapaz, o tornou estúpido e seu caracter moral mudou-se: antes deste successo, era elle docil, depois tornou-se irácivel e barulheiro. O padre *Mabilton*, quando menino, não mostrava grande talento; cahiu-lhe uma telha sobre a cabeça e depois disto, suas faculdades se manifestaram com muita energia.

*Acrell*, em suas observações de cirurgia, conta a historia d'um rapaz, cujo osso frontal tinha sido deprimido, por violencia exterior; e feita a trepanação elle recobrou a saude; porém, experimentou inclinação para o roubo de sorte que sendo preso, *Acrell*, declarou, o estado de desarranjo de sua alma, e o livrou da prisão. O Dr. Jenner, em Inglaterra, refere outro facto semelhante.

*Esquirol* (Dicc. das Sciencias Medicas, art. Demencia, pag. 210) diz, que o craneo raramente é delgado na demencia; que o espessamento é variavel em differentes regiões, e que essa diminuição na espessura do craneo per-

tence, ao desenvolvimento ou espessura da dura mater, e não ao desenvolvimento das circumvoluções do cerebro.

Não ha duvida, que as alterações organicas da dura mater, taes como tumores, tenham influencia na diminuição do craneo, em certos lugares; porém no estado de saude, o craneo, nunca é igualmente espesso em todos os lugares, inda que haja espessamento na dura-mater. E pôr que se hade explicar o mesmo phenomeno no estado de doença pela dura-mater? De que procede estarem as vezes o craneo e a dura-mater espessos ao mesmo tempo? E estes casos são os mais numerosos, como *Esquirol* mesmo confessa.

Além disto, ninguém dirá que o desenvolvimento do cerebro diminua espessando-se o craneo; porque nos moços á medida, que o cerebro se desenvolve, o craneo torna-se mais espesso. Por tanto, não podemos admittir a influencia da dura-mater sobre o espessamento do craneo, como *Esquirol* suppôz.

#### SERÁ A FORMA DA CABEÇA A CAUSA DA LOUCURA?

*Haller*, *Bichat* e outros escriptores consideram a desigualdade, diz *Spurzheim*, dos dous hemispherios do cerebro como causa da loucura. Muitas vezes se encontra as duas metades do cerebro desiguaes nos insensatos; porém essa configuração do cerebro não pôde ser causa da loucura, porque muitas pessoas de excellente intelligencia tem os dous lados da cabeça mui differentes. Um amigo do *Dr. Gall*, tem o lado direito da frente mais alto meia pollegada, e sente distinctamente que só pensa do lado esquerdo. Em Dublin um homem, que tinha o lado esquerdo menos elevado quatro linhas, soffria d'elle e sentia tambem que d'elle não reflectia. *Gall* era em Vienna, medico de uma familia, cujos filhos assemelhavam-se ao pai á respeito de uma grande deformidade da cabeça; e no entanto, nenhum delles soffria. A cabeça de *Laland* era muito mais alta do lado direito que do esquerdo. Os dous lados da cabeça de *Bichat* eram mui desiguaes, e no entanto era elle o homem da extraordinaria intelligencia que se viu.

*Spurzheim* diz, que muitos escriptores suppozeram que elle era da opinião que se podia distinguir pela conformação exterior da cabeça as disposições á loucura, ao que fazendo sentir que o cerebro sendo uma parte organica, está submettida, em relação, á moral, á physiologia e á pathologia, ás mesmas considerações, que outro qualquer orgão: e que qualquer que seja a sua conformação pôde cahir doente. Os olhos, por exemplo, de qualquer forma, côr e grandeza podem ser inflammados; a respiração de pulmões grandes ou pequenos pôde-se desarranjar: a mesma cousa pôde

acontecer a outro, por qualquer parte do corpo, assim como ao cerebro e ás suas partes.

Os cerebros de qualquer fórma ou tamanho pódem adoecer: assim como os olhos são dispostos a inflammarem-se, e os pulmões á phthisica. Os medicos fallam, por suas observações, de uma configuração apopletica, phthisica, etc., assim tambem achamos que certos cerebros são mais dispostos á adoecer, que outros, e que certas configurações da cabeça dispõem á loucura: e isto entende-se particularmente com os idiotas de nascimento e com as loucuras parciaes.

Pinel, Esquirol e outros medicos mudam as differentes dimensões do craneo e examinam as variedades de conformação. Pinel, adopta como modelos as proporções da cabeça de Apollo de Belvedere; no entanto diz, que está em guarda contra a precipitação do juizo, e que se limita as irregularidades e aos vicios de conformação que póde ter a structura do craneo em alguns casos de alienação.

Em presença das observações, conhecemos que um cerebro pequeno não é a manifestação d'alma. Quanto á conformação da cabeça, que se tem observado nas loucuras parciaes, não podemos fallar tão positivamente senão no que diz respeito ao cerebro mui pequeno. Todo o individuo que tem o peito estreito, e comprimido, nem sempre se torna phthisico, e em caso contrario nem sempre são isemptos desta affecção; do mesmo modo as conformações de cabeças, que predispõem ás loucuras parciaes, não arrastam absolutamente á loucura; e de outro lado aquelles, que não tem essa conformação, nem sempre escapam á esta desordem.

O Dr. Rush diz, que a conducta dos loucos está muitas vezes de accordo com as disposições naturaes do seu character; e que os orgulhosos imaginam ser reis, imperadores, etc.; que os furiosos julgam-se mudados em animaes selvagens; e que os de character brando são pacificos. Isto depende dos characteres determinados, que tem certos sentimentos extremamente activos, estão dispostos á alienação destes sentimentos como acontece com os grandes genios em relação ás faculdades intellectuaes.

O Dr. Rush, falla tambem de excepções; e cita individuos que no estado de saude eram modelos de piedade e de probidade, no entanto que no de molestia vociferavam, blasphemavam, usavam de uma linguagem obscena, ou tinham uma conducta completamente diversa de seu character natural.

E' certo, diz Spurzheim, que a maior parte dos loucos orgulhosos tem a bossa da estima propria muiço volumosa em proporção das outras; e com tudo, não se segue disto que todos aquelles que tem esse órgão muito de-

desenvolvido sejam achacados de orgulho, e os que a tem pequena jámais tenham as manifestações da estima propria desarranjadas. Gall, tinha um craneo de uma mulher, que em delirio, se persuadia estar grávida de 5 filhos. Nella a bossa do amor materno era mui desenvolvida. Spurzheim, affirma ter visto muitas mulheres alienadas que se julgavam estar grávidas terem o mesmo órgão desenvolvido. Com tudo concebemos, diz elle, que uma mulher insensata, no estado de atonia geral possa ter o órgão do amor materno mui desenvolvido e não se embaraçar com os filhos; do mesmo modo que existem individuos, que tem os musculos mui volumosos e que no entanto movem os membros com difficuldade. Estes phenomenos explicam-se pela influencia da constituição organica do corpo em geral, e das partes cerebraes em particular.

Os loucos, que mostram muita vaidade, que gostam dos ornatos e de todas as sortes de distincções tem a bossa da approvação mui desenvolvida. Os alienados religiosos tem ordinariamente a cabeça elevada. Os visionarios ou os que julgam estar em communicação, tem pela maior parte o cerebro desenvolvido no meio da parte lateral da sutura coronal, entre os órgãos da idealidade e da imitação. Os melancolicos e os que tem sempre mêdo ou desespero de tudo tem o meio dos ossos parietaes elevado. Entre os furiosos que sentem uma inclinação irresistivel á matar, e que pedem mesmo para serem algemados e fechados, a parte cerebral que está situada abaixo dos ossos temporaes, e ácima das orelhas ordinariamente é muito grande.

Para prevenirmos uma interpretação má repetimos, que nas loucuras parciaes, é que ordinariamente as partes respectivas do cerebro são desenvolvidas, assim como na morosidade dos alienados é que conservam seu character natural.

Aquelles que sendo meninos, adultos e alienados manifestam muita energia n'uma faculdade tem o órgão respectivo mui desenvolvido. A grande difficuldade em comprehender as enfermidades do cerebro, bem como as das outras partes organicas resulta das numerosas modificações de que é susceptivel a organização. E' impossivel explicar as idyosencrasias de todas as especies, porém ellas existem no estomago, nos cinco sentidos, nas partes cerebraes e em todo o corpo. Ellas são de grande importancia na vida animal, tambem na vida authomatica, no estado de saude e no de doença, e merecem attenção do medico. Porém não vemos possibilidade alguma de explicar a razão porque a carne é para uns boa nutrição e o peixe para outros; porque o paladar gosta de alimentos doces ou

margos, das hervas, porque tal côr é agradável á uns e desagradável á outros, etc.

Portanto, conclue *Spurzheim*, na loucura a conformação das cabeças em totalidade ou na de suas partes, não deve ser desprezada e nem de um valor exagerado.

(*Continua.*)

*Dr. Mello Moraes*



# APONTAMENTOS PARA A MATERIA MEDICA BRASILEIRA



(Continuação do numero antecedente).

## C.

**CEBOLA BRAVA.** — Esta cebola é o mesmo que a chamada Albarran: tem particulas venenosas. Algumas pessoas usam della nas causas defluxionarias; más em dóse limitada: vegeta em qualquer terreno, havendo chuvas, viceja; e com o sol, se reduz á terra.

## D.

**DANDÁ.** — Planta, que produzem as matas da Cotinguiba: é uma especie de Licori, donde se extrahе suave e proveitoso purgante.

**DENDEZEIRO.** — Ninguem ha, que o desconheça: dá preciosa fructa, com que enriquece o cacho, de que se extrahе azeite saborosissimo. Abunda em qualquer parte do Brasil. No lugar, em que a palma está presa ao tronco, dá um pello como veludo, que tirado, e fortificado com as cinzas da folha madura da bananeira, em termos que uma libra de pello se ajunte á uma quarta de cinza, trabalhado ás mãos, e curado ao sol, é optima isca para o fogo extrahido á fusil.

## E.

**EMBURANA.** — Arvore que dá fructo, e brota nos terrenos sêccos: serve para lavar feridas, e é contra veneno ás dentadas de cobras. O seu extracto tem as mesmas virtudes. Esta arvore é mui conhecida nos sertões do Brasil.

**EMBIRIÇU.** — Arvore que nasce nas matas, e terras fortes; dá muita resina, e serve para ligar e soldar qualquer cousa que se quebre; dá luz, e péde supprir os prestimos do breu para os usos dos navios; serve para fazer chapéos; e quando a arvore é nova, dá linho macio, que bem trabalhado, facilita-se para qualquer obra que se possa fazer.

**ENXERTO DE PASSARINHO.** — Planta que vegeta sobre outras, de que são parasitas (1). A que nasce e se nutre do Cajueiro e Sambaiba serve para as mulheres, que tem feridas internas banhando-se, lavando-se e seringando com o seu cosimento. No lugar, em que na arvore nasce fórma uma especie de batata, que machucada e lançando-se n'agua, deixa-se repousar em um vaso em cujo fundo se acha tapioca com que se pulverisam as feridas. Esta planta dá flôr e fructo que sempre está verde.

**ENGAÇO DE BANANEIRA.** — As flôres (vulgo chupa-mel), que diariamente desenvolve, infundidas em agua, que receba sereno, é banho salubre para as molestias de olhos; e o proprio engaçõ pisado, e desfeito em agua, dado em clysteis utiliza ás teimosas dysenterias.

## F.

**FEDEGOSO.** — Arbusto, cuja raiz cosida é especial remedio contra erysipela, malignas e defluxões do peito; floreja e lança tambem vage como feijão; e desse producto se faz igual uso ao do café.

**FUMO BRAVO.** — Arbusto, cujo cosimento aproveita nas febres malignas tomado em clysteis.

*Dr. Mello Moraes.*

*(Continúa).*

---

(1) Esta planta é o emblema dos vadios e dos que vivem do suor alheio.

# O SEXTO CANTO DA ILIADA

TRADUZIDO DO ORIGINAL

*Ζήτην δ' ἄρ' Ἀνδρομάχης καὶ Ἐκτορος ἕξ σαρπηΐας.*

*(Continuação do numero antecedente).*



Neste momento os filhos valerosos  
De Hypolocho e Tydeo, Glauco, e Diomedes,  
Em o meio das hostes inimigas,  
Com bellicoso ardor buscam peleja.  
Já vai (proximos são) travar-se a lucta,  
Quando o Tydide falla assim primeiro:

« Quem és tu, ó dos homens o mais bravo,  
« Pois até aqui nos inclytos combates  
« Não te hei visto jámais, e dás agora  
« Prova cabal de indomito hardimento,  
« Affrontando o furor da minha lança?  
« Ignoras tu, que ao meu valor só filhos  
« De desditosos paes ousam oppôr-se?  
« Mas se acaso és um Deos do céo descido,  
« Do céo co'os Deoses pelejar não quero.  
« De Dryras filho, o intrepido Lycurgo,  
« Com os celestes Numes arrojou-se  
« A decertar insano: porém caro  
« Tal arrojô pagou: na flôrea idade  
« Veio a morte assaltal-o. Acommettêra  
« A Baccho e as Nymphas suas, que no sacro

- « Nysseio monte as orgias celebravam :  
 « Sacrilego as feriu com a aguilhada.  
 « Ellas todas, fugindo, incontinente  
 « Os thyrsos depozeram. Fugitivo  
 « Buscou no mar asylo o mesmo Baccho,  
 « Onde, assustado e tremulo, acolhido  
 « Foi de Tethys no candido regaço;  
 « Tantos féros temeu do irado Dryas!  
 « Por causa tal contra este conceberam  
 « Atroz rancor os Deoses, que desfructam  
 « Ventura perennal. Da luz dos olhos  
 « Jove o privou. Do misero, odioso  
 « Aos Numes immortaes, foi curta a vida.  
 « Com tal exemplo pois, contra os celestes  
 « Combater não me apruz. Porém se acaso  
 « Um és tu dos mortaes que se alimentam  
 « Com os fructos da terra, te avisinha,  
 « Que cedo chegarás da vida ao termo. »

D'Hypolocho responde o claro filho :

- « Porque perguntas pela stirpe minha,  
 « Magnanimo Tydide? Semelhante  
 « É das folhas á sorte a sorte humana (3)  
 « Um as folhas o vento em terra espargue,  
 « Outras o bosque, germinando, cria,  
 « E as vês crescer na doce primavera.  
 « As gerações dos homens se succedem,  
 « Esta nascendo vêm, fenece aquella.  
 « Mas se a minha linhagem assim mesmo  
 « Te agrada conhecer (bem conhecida  
 « Ella é por certo) praz-me contentar-te.

- « Em um recesso d'Argos, abundosa  
 « Em rapidos corseis, está assentada  
 « A cidade de Ephyra. Alli reinava  
 « Sisypho, filho d'E'olo, o mais astuto  
 « De todos os mortaes. O nobre Glauco

(3) A mesma semelhança se encontrou na Sagrada Escripura : *Omnis caro... sicut folium fructificans in arvore viridi. Alia generantur et alia dejiciuntur; sic generatio carnis et sanguinis, alia finitur et alia nascitur.* Ecclesiast. cap. XIV v. 18 et 19.

« Foi de Sisypho prole, e pai ditoso  
 « Do assignalado heroe Bellerophonte.  
 « A este os Numes, prodigos, doaram  
 « Formosura, valor, e um genio affavel.  
 « Mas Préto, á cujo mando o summo Jove,  
 « Como o rei, sujeitára o povo Argivo,  
 « Anhelando do moço a perda, a morte,  
 « Da patria o desterrou, por trama infanda.  
 « Quiz a esposa de Préto, a nobre Antéa,  
 « C'o mancebo lograr, de affecto insana,  
 « Inconcesso prazer de amor furtivo;  
 « Mas seduzir não pôde o casto joven.  
 « A perfida, mentindo, então profere,  
 « Ao consorte fallando, estas palavras:  
 « A morrer te prepara, ou, justo, inflige  
 « A um scelerado réo supplicio extremo.  
 « Bellerophonte é o réo: de um torpe crime  
 « A mim ousou fazer proposta infame.

« Taes ditos escutando, acceso em ira  
 « O principe ficou; mas dar-lhe a morte  
 « Em seu lar não ousou, temendo os Numes.  
 « Para a injuria vingar, manda-o á Lycia,  
 « De noxias cifras portador infausto.  
 « Em duplice tabella ao sogro envia,  
 « Do moço em damno, exiciaes mandados.  
 « Dos Numes protegido, elle partiu-se.  
 « Quando á Lycia chegou, do Xanto ás margens,  
 « Da vasta Lycia o rei, acolhimento  
 « Lhe fez amigo, e lêdo: em seu alcaçar  
 « Dias nove hospedou-o, e nove touros  
 « Em sua honra immolou; mas assomando  
 « A decima manhã no croceo polo,  
 « Em fim o interrogou, pedindo as cifras  
 « Que de seu genro Préto lhe trouxera.  
 « Como as houve entendido, em desempenho  
 « Dos dolosos, lethiferos, mandados,  
 « Ao mancebo ordenou tirasse a vida  
 « A' chimera feroz— horrendo monstro

- « De raça divinal, que não de humana—  
 « Cabeça de leão, de drago a cauda—  
 « De cabra o ventre— da medonha bocca  
 « De fogo ardentes chammas exhalava.  
 « Elle, fiado em prosperos agouros,  
 « Morte lhe deu. Co'os inclytos Solymos  
 « Pugnou logo depois, e das pelepas  
 « Sustentadas por elle em campo aberto,  
 « Por mais terrivel esta memorava.  
 « — Terceira lide emfim— prostou vencidas  
 « As varonis guerreiras Amazonas.  
 « Voltava vencedor: novo perigo  
 « Elle houve de arrostar. Bravos mancebos—  
 « De toda a Lycia escol no marcio esforço—  
 « O rei dispôz, attentos, em cilada:  
 « Nem um só volver pôde a seus penates:  
 « Bellerophonte a todos deu a morte.  
 « De um Deos por prole então foi conhecido,  
 « Em seus paços ao rei prouve detel-o,  
 « E sua filha dar-lhe, e conferir-lhe  
 « Quinhão ao proprio igual no regio mando.  
 « Os mesmos Lycios, premio aos altos feitos,  
 « Um campo lhe doaram, separado,  
 « De todos o melhor, ameno, e fertil,  
 « Em lourejante mésse, em dons de Baccho.  
 « Triplice prole, entanto, da princeza  
 « Houve, Hypolocho, Isandro, e Laodamia.  
 « Do Olympio Jove ao thalamo chamada  
 « Foi depois Laodamia, e Sarpedonte  
 « Deu á luz, em valor igual a um Nume:  
 « Mas, após, enojoso aos Deoses todos,  
 « Bellerophonte, em negro desalento,  
 « Pela campina Aleia vagueava,  
 « Dos homens as pizadas evitando,  
 « Immerso todo em lugubre tristeza.

# ETHNOGRAPHIA

## NOTICIA CURIOSA SOBRE OS COSTUMES CHINEZES.



Quaesquer informações authenticas sobre a China não pódem deixar de interessar com especialidade ao geral dos leitores inglezes. A China é ainda um paiz quasi desconhecido pelos européos; pois em verdade a maior parte do que se julgava saber á seu respeito não merece presentemente outro conceito, senão de contos ridiculamente fabulosos. Assim quando ouvimos dizer, que os chinezes preparam a sua comida com o *oleo de ricino*, e que as iguarias que mais apreciam são *buxos de peixe*, *cristas de pavão*, e outras golodices de semelhante natureza, nenhum credito nos deve isso merecer, quando é provado por todos aquelles que tem tido relações com os habitantes daquelle paiz, que taes manjares são inteiramente desconhecidos na cosinha chinesa. Todas essas ficções, e erros vulgares, acabam de ser destruidos por um respeitavel e veridico escriptor francez, cuja obra, ultimamente publicada sobre o Imperio da China, é digna do mais elevado apreço.

Mr. Huc, autor desse livro interessante passou quatorze annos da sua vida em varios pontos da China, na qualidade de missionario catholico; e depois de ter residido algum tempo na Tartaria e no Tibet, regressou novamente ao celeste imperio, viajando pelo interior do paiz sob a immediata protecção do Imperador; sendo acompanhado desde as fronteiras do Tibet até Cantão por Mandarins, e uma escolta militar. Nesta viagem teve elle a oportunidade de entrar em intimas relações com as pessoas as mais respeitaveis do paiz: e havendo, no exercicio das suas funcções evangelicas, tido a facilidade de tratar familiarmente com a gente mais humilde, teve elle as melhores occasiões, para observar os costumes e singular caracter desse povo, tanto nas condições da sua existencia social, como nos habitos da

vida domestica. As informações que elle nos dá sobre as instituições, religião, maneiras e costumes desse paiz extraordinario, não lhe foram transmittidas por outros, mas são o fructo da observação pessoal, da experiencia propria: e a maneira porque elle as communica aos seus leitores é sobre tudo agradável, intercalando-as muito á proposito, em a narração da sua viagem, sem iuterrromper substancialmente a connexão e o interesse da mesma.

Ha um facto nesse livro, que particularmente caracteriza o espirito que nelle predomina. Não obstante ter sido um apostolo infatigavel no desempenho da sua missão, e devendo por isso esforçar-se por dar uma conta favoravel do seu ministerio, Mr. Huc confessa todavia, que o Christianismo não tem feito progressos na China: o que attribue elle as tendencias desse povo para o meterialismo, e á indifferença que mostra para todas as considerações religiosas. As difficuldades que diz elle ter encontrado, na obra da conversão dos chinezes á fé christã, são divertidamente corroboradas em uma conversação, que tivera com um individuo intelligente, da classe dos homens de letras do paiz, e favoravelmente disposto á tal respeito.

« Em uma das principaes cidades da China, diz Mr. Huc, estivemos por algum tempo em communicação com um litterato chinéz, que mostrava-se extremamente disposto a abraçar o Christianismo. »

Haviamos já tido diversas conferencias, nas quaes discutimos profundamente os mais difficultosos pontos de doutrina: e finalmente como um complemento da nossa instrução oral, fizemos-lhe a leitura dos melhores livros sobre a materia. O nosso estimavel Cathecumeno admittio, sem excepção alguma, a doutrina que lhe ensinamos: a unica cousa, dizia elle, que excedia a sua capacidade, era aprender de cór as orações que todo o bom christão deve conservar na memoria, á fim de as repetir de manhã, e á noite.

Havendo o nosso Cathecumeno adiado indefinidamente o momento de declarar-se christão, cada vez que elle nos vinha procurar o convidavamos a tomar essa definitiva resolução, fazendo-lhe vêr a obrigação em que se achava de abraçar a verdade, uma vez que já conhecia onde ella estava. *De vagar*, respondeo o Cathecumeno; *tudo tem seu tempo: não devemos ser precipitados*. Um dia porém explicou-se elle mais largamente. *Attendei-me*, disse elle, *fallemos hoje sómente a linguagem da nossa razão: não convém, que sejamos demasiadamente entusiastas em cousa alguma*. Nenhuma duvida tenho sobre a belleza, e sublimidade da Religião Christã: a sua doutrina explica methodica e claramente tudo quanto convém saber-se. Todo

o homem sensato deve comprehender facilmente esta verdade; e deve tambem abraçar-a de todo o seu coração: mas, tudo bem considerado, penso eu, que não devemos occupar-nos demasiado nestas cousas, augmentando assim os cuidados da vida. Considerai agora, que nós temos um corpo que já entretém soffriavelmente a nossa attenção: por quanto é indispensavel vestil-o, alimentar-o e resguardal-o das injurias do tempo; além de que padece elle grandes enfermidades, e numerosos soffrimentos. E' por outra parte uma verdade reconhecida em todos os tempos, e por todos os homens sensatos, que a saude é para nós o bem mais precioso da vida. Esse corpo pois, que nós vemos, e que apalpamos, exige de nós, para a sua boa conservação, os cuidados de cada dia, e de todos os momentos. E não bastará isso para absorver a nossa attenção, sem que nos afadiguemos em cuidar da alma, que nunca vimos, nem sentimos? »

A vida do homem é curta, e cheia de miserias: carrega ella o pesado fardo de importantes negocios, que se succedem, um ao outro, sem interrupção. O nosso coração, e a nossa intelligencia apenas pódem attender ás necessidades da vida presente: e não julgais vós pouco prudente, que nos atormentemos ainda com os cuidados de uma vida futura?

A parte mais culta da população da China, pelo facto que acaba de ser referido, não parece susceptivel da acquisição de idéas novas ácerca da religião, não obstante não ligar já significação alguma aos dogmas, e ás practicas da fé nacional. São elles simples observantes das formulas e ceremonias, sem acreditarem na sua efficacia, não ficando neste ponto abaixo dos nossos illuminados europêos. Para comprovar isto, vamos transcrever uma passagem do livro de Mr. Hue, na qual descreve o autor a maneira porque os Chinezes fazem preces para ter chuva, nos tempos de sêcca.

« Quando a sêcca se prolonga, e occasiona sérios receios pelas colheitas, o Mandarim do districto, assim ameaçado, publica uma proclamação, prescrevendo ao povo a mais rigorosa abstinencia. Nenhum licor fermentado, carne de qualquer especie, peixe, ovos, n'uma palavra nenhuma alimentação animal, sob qualquer fórma, se permitem: devendo todos sustentar-se unicamente de vegetaes. Cada chefe de familia é obrigado a pregar, na parte exterior da entrada da sua casa, tiras de papel amarello, em que está pintada a imagem do Dragão da chuva, e impressas as formulas das invocações ao mesmo. Se o céu se mostra surdo á estas supplicas, feita uma collecta entre o povo, armam-se tablados para nelles se representarem dramas supersticiosos: e, como ultimo recurso organisam uma burlesca, e extrava-

gante procissão, na qual um Dragão colossal, fabricado de madeira, ou de papelão, é conduzido ao som de uma musica infernal.

Muitas vezes acontece, que máo grado essas demonstrações, o Dragão da chuva se mostra inexoravel, obstinado, e não dá chuva: então trocam-se as supplicas em imprecações. Aquelle que até alli era cercado de honras divinaes, tornando-se objecto do desprezo, e do vituperio, acaba por ser feito em pedaços pelos seus rebellados adoradores.

Refere-se que sob o reinado de Kia-King, 5.<sup>o</sup> Imperador da Dynastia Mantkoo-Tartara, uma longa sêcca tivera lugar, que assolou diversas provincias ao norte do imperio: e que, não havendo attendido ás preces do costume o Dragão da chuva, o Imperador indignado por esse facto fulminára contra elle um tremendo decreto, condemnando-o á exilio perpetuo nas margens do rio Illi, na provincia de Torgot.

Achava-se o formidavel decreto em via de execução; e o criminoso Dragão marchava já com tocante resignação pelos desertos da Tartaria, encaminhando-se ao lugar do seu exilio nas Fronteiras de Turkstan; quando os Supremos Tribunaes de Pekin, movidos de piedosa compaixão, foram em corpo lançar-se aos pés do Imperador, solicitando o perdão em favor do pobre diabo. Sua Magestade celestial dignou-se de attender á supplica dos grandes funcionarios do seu Imperio, revogando o fatal decreto: e um expresso foi mandado a todo o galope levar esta importante nova aos executores do mesmo. O Dragão agraciado por esta maneira, foi reintegrado no exercicio de suas altas funções, mas á condição de melhor desempenhal-as para o futuro. »

Poderão os Chinezes dos nossos dias, perguntar-se-ha, ter realmente alguma fé em tão monstruosas praticas? De nenhuma maneira. Tudo isto não passa de uma demonstração exterior e mentirosa. Os habitantes do Celeste Imperio observam essas antigas superstições, sem acreditar nellas. Aquillo que foi praticado pelos seus antepassados conserva-se ainda em uso, por essa unica razão; não ousando as novas gerações alterar os costumes que delles receberam.

Os chinezes mostram-se tão habéis na impostura, como algum outro povo mais nosso visinho, o qual todavia é neste ponto menos desculpavel do que aquelles: a mesma simulação caracteriza os seus habitos de etiqueta e de civilidade; do que offerece a obra de Mr. Huc abundantes exemplos. A seguinte descripção de um chinez hospitaleiro vai confirmar singularmente a verdade desta observação.

« No tempo em que estivemos empregado em a nossa missão do norte, testemunhamos um facto bem curioso, o qual é maravilhosamente característico do espirito chinéz. Era um dos nossos dias de festa, em que celebramos a missa na casa do primeiro catechista, onde havia uma capella sufficientemente espaçosa, na qual costumavam reunir-se os christãos das aldéas visinhas. Concluida a cerimonia, o dono da casa collocando-se no meio do patéo, começou a chamar as pessoas que sahiam da capella, clamando— Não consentirei que ninguem se vá embora: eu vos convido, senhores, para me fazerem hoje companhia, e comerem o meu arroz— Corria elle depois de grupo em grupo, instando para que aceitassem o seu convite: mas todos escusavam-se, por este, ou por aquelle motivo, e se retiravam. O obsequioso chinéz assim contrariado voltou-se para um seu primo, que já ia ganhando a porta, e disse-lhe:— Tambem vós, meu primo, vos retirais? E' isso impossivel! é dia santo, e deveis absolutamente fazer-me companhia.— Não, respondeo-lhe o parente; não insteis para que eu fique, porque tenho negocio urgente que me obriga a voltar já para minha casa. Negocio! lhe retorquio elle em dia de descauço! nada, eu não vos deixarei sahir— e agarrando-o pelos vestidos, o obrigava a retroceder, em quanto o desconcertado parente se esforçava por sua parte, por fazer valer a sua escusa. Pois bem, disse então o nosso catechista, já que recusais absolutamente comer o meu arroz, dar-nos-heis ao menos o prazer de beber comigo um copo de vinho, pois seria para mim vergonhoso, consentir que o meu primo sahisse da minha casa sem tomar alguma cousa. Bem, retorquio-lhe o parente, não se perderá muito tempo em tomar um copo de vinho. Entraram ambos na sala de visitas da casa; e d'ahi mesmo ordenou o bom chinéz, dizendo em alta voz (sem designar o nome de alguém)— *tragam vinho quente, e dous ovos fritos.*

Entretanto que se aquetava o vinho, e se frigiam os ovos, ambos accenderam os seus cachimbos, e puzeram-se a conversar no melhor humor possível: paravam e fumavam novamente, sem que apparecessem o vinho, e os ovos fritos. O convidado, urgido provavelmente pelos seus negocios, animou-se a perguntar ao seu parente, se ainda tardariam muito a chegar o vinho e os ovos que mandára elle vir. Vinho, replicou-lhe com vivacidade o parente: vinho! entrou algum dia vinho nesta casa? Não sabeis vós, que eu nunca bebi vinho? pois que esse licor irrita-me o estomago. Em tal caso tornou-lhe o primo, melhor fôra ter-me ido embora. Porque motivo então haveis tanto instado para que eu ficasse? Aqui levantou-se o dono da casa, e tomando a attitudo de homem indignado, disse:— de que

paiz vindes vós? Que tenho eu a civilidade de convidar-vos para beber um copo de vinho, e vós não tendes mesmo a cortesia de o recusar? Em que parte do mundo haveis aprendido semelhante uso? Sem duvida entre os Mongoles, ao que penso.

Ao ouvir estas palavras o desapontado primo, desculpando-se primeiramente, pela falta que commettêra, em materia de civilidade, tomou o prudente partido de accender novamente o seu cachimbo, e partir para a sua casa.

Assistimos á essa scena verdadeiramente comica; e o menos que pudemos fazer, depois que se retirou o ingenuo primo do dono da casa, foi soltar uma boa gargalhada. Mas este longe de rir, conservava ainda na physionomia a emoção da cholera: e dirigindo se para nós, perguntou-nos, se haviamos algum dia encontrado um homem tão ignorante, estúpido e absurdo, como se mostrára o seu primo! e repetio ainda o seu grande principio, a saber:— *que o homem bem educado deve retribuir sempre uma civilidade com outra igual civitidade: recusando cortezmente o que por cortezia lhe fôr offertado por alguem.* E terminou dizendo:— de outra sorte onde iriamos nós parar? »

O nosso viajante foi atacado de uma séria enfermidade em Kuen-Kiang-hien, na Provincia de Houpé: e na sua convalescença, muito polidamente lhe fizeram apresentar o bonito caixão, que as autoridades haviam feito preparar, para o seu enterro, no caso que falecesse. O leitor não ficará pouco maravilhado de saber, que essa precaução é um obsequioso cumprimento entre os chinezes. Leia elle o seguinte trecho da obra de Mr. Hue, e convirá— que póde ainda encontrar-se alguma cousa nova debaixo do sol.

« Em nenhum outro paiz, além da China talvez, se terá visto trocar cumprimentos por um caixão de enterro. E' esse objecto considerado na China, como um artigo da primeira necessidade para os mortos, sendo de luxo sómente, e de méra phantasia para os vivos. Nas grandes cidades estão os caixões de enterro á amostra nas lojas, ornados de uma infinidade de maneiras differentes; são geralmente pintados e envernizados, polidos e enfeitados, á fim de attrahir a attenção dos que passam, para que se tentem a compral-os.

As pessoas abastadas nunca deixam de fazer em vida a aquisição dessa provisão necessaria, segundo o gosto de cada um: e é bem raro, que algumas dellas se prive de prazer de possuir o seu caixão de enterro; e até

o momento da sua morte, faz elle parte dos ornamentos da sala, não como um traste de immediata utilidade, mas como um objecto agradável á seus olhos, e consolador para o seu espirito.

Entre os filhos bem educados é prova bem aceita do seu amor filial para com seus pais; uma doce e terna consolação para o coração de um filho, poder comprar um bello caixão, com que mimoseie a seu velho pai, ou a idosa mãe, na occasião em que estes menos esperam tão agradável surpresa. Aquelle que não é assás rico para fazer muito antecipadamente esse presente de rigor; tem ao menos o cuidado de que, antes que a pessoa que lhe interessa faça a *sua ultima saudação ao mundo* (como se exprimem os chinezes) possa lançar uma vez a vista sobre a sua derradeira habitação, tendo ao lado do seu leito o caixão que o deve receber, depois do seu passamento.

Fóra das cidades não ha a mesma facilidade de achar caixões já promptos; e demais são os homens do campo menos luxuosos nos seus habitos de vida. Ah! logo que a necessidade o exige, manda-se chamar um carpinteiro para tomar a medida do corpo do moribundo, não se omittindo observar-lhe nessa occasião, que no comprimento deverá elle dar a necessaria folga, em razão da distenção que terá o cadaver. Ajusta-se com o operario sobre a qualidade da obra, e muito especialmente sobre o preço. Vém a madeira precisa, e os trabalhadores começam sem perda de tempo a preparal-a para aquelle destino, no patéo contíguo ao quarto do doente, o qual é assim distrahido com a musica pouco harmoniosa da bulha do serrote, e dos outros instrumentos, em quanto a morte o trabalha, como que preparando-o para entrar em a sua nova habitação, logo que acabada seja. »

Exemplos de excentricidades semelhantes abundam na obra de Mr. Huc; dos quaes transcreveremos um que é recommendavel pela sua singularidade, terminando com isso a presente noticia.

« Em certo dia, diz o nosso viajante, indo nós visitar algumas familias christãas fóra da cidade, encontrámos, perto de um estabelecimento rural, um rapaz guardando um Buffalo, que pastava junto do caminho: e perguntamos-lhe inadvertidamente, se não seria já meio dia. O rapaz levantou a cabeça para observar o sol, mas achava-se este encoberto por espessas nuvens, não podendo assim apreciar a sua elevação sobre o horizonte: e respondeo—o céo está nublado, mas esperai um momento. Dizendo isto partio a correr para a casa vizinha, e voltou poucos minutos depois,

trazendo nos braços um gato. Olhai, disse elle, não é ainda meio-dia : mostrando os olhos do gato, cujas palpebras levantava com os dedos de sua mão. Encaramos o rapaz com surpresa, mas elle nos pareceo sincero : e quanto ao gato, posto que se não mostrasse muito satisfeito com a experiencia feita nos seus olhos, conduzio-se elle com exemplar submissão. Muito bem, lhe dissemos nós, recebei o nosso agradecimento. Largou então o gato, que procurou escapar-se o mais velozmente que poude; e nós continuamos no nosso caminho.

A dizer a verdade nunca tinhamos ouvido antes fallar de semelhante maneira de conhecer a hora do dia : e nenhuma questão fizemos á tal respeito ao joven pagão, por medo que elle viesse a descobrir, que eramos europeu pela nossa ignorancia. Mas logo que chegamos á casa dos primeiros christãos, apressamo-nos a perguntar-lhes, se sabiam elles conhecer as horas, observando os olhos dos gatos? Mostraram-se elles admirados de semelhante questão : e não havendo já o mesmo inconveniente em patentear-lhes a nossa ignorancia da admiravel propriedade inherente dos olhos dos gatos, lhes referimos o que se passára com o rapaz, de quem ácima fallámos. Tanto bastou, para que os nossos benevolos neophitos mandassem immediatamente agarrar os gatos que se encontrassem na vizinhança. Elles nos apresentaram tres, ou quatro gatos, explicando-nos a maneira porque os olhos desses animaes podiam servir de indicadores das horas, como os relógios. Mostraram-nos que as *pupillas* nesses animaes contraem-se prodigiosamente, á medida que a luz augmenta de intensidade, á ponto de tomar a fórma de uma *fenda linear*, da grossura de um cabello; dilatando-se depois gradualmente no caso contrario : e é por esta razão, que a maxima contracção das *pupillas* tem lugar precisamente ao meio-dia, apresentando-se a abertura linear na direcção vertical; dilatando-se porém mais ou menos antes e depois dessa hora.

Examinamos então nós mesmo os olhos de todos os gatos presentes, e concluimos pela regra chineza, que já era mais de meio-dia, concordando neste ponto os olhos de todos esses gatos.

Hesitamos algum tempo em fazer conhecida na Europa essa importante descoberta chineza, tendendo ella sem duvida a prejudicar os interesses dos relojoeiros, e o commercio dos relógios : mas induzio-nos a isso o ponderoso motivo de que todas as considerações devem subordinar-se ao espirito do progresso.

Em verdade o effeito de qualquer descoberta util é sem duvida com-

prometter nos primeiros tempos os interesses particulares: mas nós esperamos confiadamente, que não obstante as vantagens do invento chinês, a industria da relojoaria continuará a prosperar no mundo; pois que na infinidade de pessoas que consultam os relógios, para saber a hora, não haverão por certo muitos que tomem o trabalho de correr atraz de um gato, para observar-lhe os olhos.

*(Chamber's Journal).*

# VIAGEM

pelos sertões da Bahia ou observações sobre os Indios Entachos, Mongoyós, Patachos, Gadios e Machaculis durante os annos de 1833, 1834 e 1835, por J. B. Douville.

---

O mesmo homem que publicou uma viagem no interior do Congo, e que depois de haver grangeado premios e os louvores de varias sociedades scientificas, foi avaliado, como bem merecia, pelos distinctos escriptores do *Edinburg Review*, e *Revista dos Dous Mundos*; e então procurou fugir em vez de justificar-se vindo para o Brasil trilhar a vereda dos Sellon, St. Hilaire e Martius, o Snr. Douville deixou no seu espolio algumas notas e um manuscrito depois da morte violenta que soffreu nos sertões da Bahia. E' desse manuscrito, cahido nas mãos do nosso amigo Ferdinand Denis, que apresento hoje alguns retalhos, pois elles dizem respeito as cousas do paiz, talvez já conhecidas e mesmo por outros assignaladas, talvez novas para a maior parte dos nossos leitores.

Foi no dia 14 de agosto de 1833, que o Snr. Douville partio da Bahia para a Comarca dos Ilhéos. Levava comsigo uma numerosa comitiva e tinha sido mimoseado pelas personagens illustradas da provincia com cartas de recommendação. Eis o theor de uma dellas dirigida pelo Exm. Snr. Presidente da Bahia Joaquim José Pinheiro, ao Ilm. Snr. Presidente da Camara Municipal d'Ilhéos.

« O portador desta é Mr. Douville, um naturalista francez, que tendo viajado pelo centro d'Africa, agora destina-se a penetrar o interior dessa Comarca, a fim de se instruir nos usos, costumes, e linguagem dos nossos selvagens; e como estas explorações nos possam tambem servir de muita utilidade; queira Vmc. prestar-lhe a cooperação e auxilio que lhe fôr possível, a fim de facilitar a entrada do dito senhor francez nos matos onde existem os Camacans e outras hordas selvagens, e mesmo officiado neste

sentido aos juizes de paz dos districtos por onde elle houver de passar. Deos Guarde á Vmc. Bahia, 1.º de agosto de 1833.

As cartas do Presidente e do Arcebispo da Bahia, abonavam o homem que outr'ora foi meu visinho na rua da Quitanda, onde havia armado loja de livreiro e de leilão; era o mesmo que em 1828 foi preso, e que escreveu da Cadeia do Aljube uma diatribe contra as prisões do Rio de Janeiro, obra que mais tarde sahio á luz em lingua franceza « *Trinta mezes da minha vida ou as cadeias do Rio de Janeiro*— Paris, 1833 ». Este mesmo Snr. J. B. Douville já tinha figurado em Montevideo e em Buenos-Ayres; novo Gilbraz, foi jornalista, livreiro, cambista, empalhador de passaros, viajante em Africa, secretario da sociedade de geographia de Paris, e á final, explorador naturalista dos sertões e dos indios do Brazil.

E' debaixo deste ultimo caracter, que havemos de examinar o que o viajante fez á prol das sciencias naturaes, que elle cultivava como curioso e mais por certo espirito da empreza mercantil do que por outro motivo; todavia reconhecemos que o homem era dotado de intelligencia e de animo, porém que lhe faltava a cultura e sobretudo o desinteresse, que cabe aos verdadeiros zeladores das sciencias naturaes.

O Rio das Contas foi o primeiro objecto de suas explorações no mez de agosto de 1833; elle procurou andar pelo rio acima, notou que as margens eram terrenos excellentes para a cultura do café e da canna, que as camadas do terreno conservavam-se perpendiculares do norte ao sul com quinze grãos de inclinação. O rio apresenta varias ilhotas muito proprias para serem cultivadas; cessa de ser navegavel além de cinco leguas da barra, tornando-se estreito e cortado por cascatas d'agua de mais de seis pés de altura; nesta parte o rio estreita-se ao ponto de offerecer unicamente oito a nove braças de largura, porém depois das cascatas, elle se alarga e vêm a ser navegavel pelo espaço de mais de cem leguas no interior, permitindo á barcos de mais de cem tonelladas o livre transito sobre as suas aguas correntes. A temperatura do rio das Contas era de 21º Réaumur a 18º. O viajante notou que os habitantes desta parte da Bahia tinham os pés e as mãos muito pequenas, em proporção da corpulencia que costumam ter: era mister verificar a justeza de uma tal observação e dar a causa, o que nosso viajante por cautela se priva de fazer.

No tempo de sua residencia na villa de S. José da Barra do Rio das Contas, o Snr. Douville colheo a planta *madrigão*, que serve aos curandeiros para fechar as feridas; depois indagou da população do districto, que se elevava então a 2,263 individuos.

O transito do rio a Ilhéos, faz-se por picadas e caminhos quasi intransitaveis; o nosso viajante foi explorar successivamente os rios Tijuipe e Itahipé, e a lagôa d'Almada e o rio da Passagem. Na Gambôa, uma legua e meia distante da Lagôa, subindo pelo rio Itahipé, encontram-se rochedos que impedem a navegação. Deste ponto o viajante assevera que se ouve o ruido das cascatas, cujas ondas vertem-se na lagôa d'Almada.

Perto da povoação do Jambreiro da onça, a natureza é prodiga dos mais variados passaros e dos mais bellos vegetaes. Foi em um lugar visinho da primeira catadupa do rio da Passagem, na parte do Sul, que o Snr. J. B. Douville teve occasião de vêr indios Camacans empregados na fazenda do Snr. Pedro Wiell. «Os meus bigodes, diz com certa vaidade o viajante, attrahiram a attenção dos Indios, e como tomassem o thermometro e o barometro por instrumentos de musica, notei que eram dotados de um ouvido dos mais delicados.» Os mesmos indios deram-lhe provas de sua habilidade tactil, mostrando-lhe tecidos de embira, d'assará branco e de bambú, e confessando que não sabiam tecer o algodão que lhes era conhecido desde poucos annos.

Na lagôa d'Almada a agua do fundo dava a temperatura de 22° Réaumur, na superficie 21°, e 23° na sombra; a lagôa tem vinte pés de fundo no seu meio e doze a deoito nas suas margens; varios rios nascem da lagôa e percorrem os extensos e magnificos campos que a rodeam; a sua largura comporta o trajecto de quinze braças em trinta segundos. O viajante gastou desenove minutos para percorrer a distancia do lugar chamado Banero á ponta da Ilha; o que dá por resultado um trajecto de 570 braças de seis pés. A ilha acha-se á dous terços do caminho da parte SE da lagôa ao NO: o viajante percorreu toda a circumferencia da ilha que avalia em 465 braças. A ilha é coberta de arvores frondosas; seu solo é arenoso, seus rochedos cobertos de camadas argilosas. Segundo o nosso explorador a lagôa d'Almada deve communicar-se com o mar por um certo canal situado na parte SE; encontram-se muitas conchas marinhas, o solo é muito baixo, coberto de arvores copadas e inteiramente ao nivel do Oceano. Conserva-se no paiz a tradiçãõ que no tempo dos hollandezes, o principe de Nassau, fez concertar sua esquadilha nas margens da lagôa d'Almada. O Snr. Douville não partilha semelhante opiniãõ por achar o espaço do terreno comprehendido entre a lagôa e o mar de formaçãõ mais antiga, se se julgar pela natureza do solo e pelas disposições das camadas.

Os reptis, as cobras abundam no dito lugar: acredita-se que o remedio mais efficaz contra a mordedura das cobras é o figado do surucucú, secco,

reduzido em pó e tomado na dóse de tres grãos em uma colher de agua fria de duas em duas horas: acredita-se igualmente que as cobras fogem das mulheres prenhes e das que estão com sua menstruação.

Em quanto o viajante regista os preconceitos e ditos populares, elle continua as observações diarias com o thermometro, hygrometro e barometro. Este trabalho extenso e exacto merece ser consultado, assim como a lista de duzentas plantas indigenas, cujos nomes o viajante tentou reproduzir em lingua vernacula com singulares alterações, porém acompanhadas de notas interessantes ácerca das propriedades salutíferas que o povo lhes refere. Vêm depois da lista um pequeno receituário dos curandeiros da terra, que nos lembra os apontamentos que o Snr. Conselheiro Balthazar da Silva Lisboa publicou nas memorias da Academia de Lisboa, ácerca dos remedios indigenas e costumes da Comarca dos Ilhéos, provincia da Bahia.

Continuando a exploração do rio Itahipé, desde a lagôa até a barra, o viajante nota um curso tortuoso, que caminha para o Sul e Este, quando se deitam as aguas no mar. Dos quatorze engenhos que antes floresciam e prosperavam no districto, hoje fica um só em pé e todavia o paiz é bello, sadio e rico de produções vegetaes. Algumas terras são arenosas, outras cheias de rochedos graniticos; perto do fundão o solo é paludoso, porém não se pôde achar melhores condições para a agricultura das que se encontram na maior parte das terras exploradas por nosso viajante.

Durante os mezes de sua estação em Ilhéos, o viajante consagrou o tempo em colligir borboletas, passaros, reptis, insectos e plantas, sem cessar o trabalho das observações meteorologicas. A mais notavel daquellas, é a minuta das observações thermometricas feitas no interior das mattas.

No dia 12 de Novembro de 1853, o thermometro Réaumur regulava do seguinte modo:

HORAS	NA SOMERA	INTERIOR DA MATA	AO SOL
6 da manhã	15°	14°	16°
8 » »	16°	15°	20°
10 » »	18°5'	19°	35°
12 » »	24°7'	20°	40°3
2 h. da t.	27°8'	20°	45°
4 » »	29°3'	19°	34°
6 » »	25°2'	17°	20°5'
Meia-noute	20°12'	15°	—

Todas as manhãs o vento Oeste sopra : a viração d'Este reina ao meio-dia e á meia-noute.

Seria fastidioso proseguir caminho em montes e valles, rios e praias, matas e campos por onde o nosso explorador persevera sempre a fazer suas observações diarias com exactidão. Os quadros de meteorologia abundam no manuscrito e não são temperados senão quando o viajante falla dos indios patachos e mongoyos, que são bem pouco dignos de uma indagação mais extensa, pelo pouco que o explorador francez conta das tribus que visitou.

O manuscrito apresenta um resumo ou tañoa de agricultura domestica, que patenteia a fecunda e valiosa terra d'Ilhéos, onde se colhe o milho no fim de sessenta dias, o arroz no praso de cinco mezes, o trigo no fim de quatro, o café em dous annos, o cacáo em tres, e as laranjas no termo de quatro; força vegetiva que fica em parte desprezada em vez de ser utilizada em proveito do consumo e precisões das grandes cidades do littoral do imperio.

A parte geologica que vêm mencionada no manuscrito, é muito pouco intelligivel nem ao nivel da sciencia, testificando as pretensões do viajante sem cultura, como já dissemos, nos diversos ramos das sciencias naturaes.

A geologia de uma pequena fracção de uma extensa provincia já explorada por Mr. Pissis, enviado da Academia das Sciencias de Paris, merecia maior desenvolvimento e o emprego de palavras technicas, ao que o nosso viajante negou-se inteiramente.

Em resumo, o ultimo trabalho, o unico original que se deve ao Snr. J. B. Douville, o manuscrito de sua viagem nos sertões da Bahia por onde permanecco tres annos, é interessante ácerca das observações meteorologicas, multiplicadas sobre varios pontos da provincia nas diversas estações do anno, fornece documentos curiosos para a materia medica brasileira, e offerece algumas estacas plantadas no caminho das explorações geonogesticas, hoje completamente trilhado e conhecido pelo mappa geral geologico do Brazil, com que o Director do Imperial Instituto de Vienna, o Snr. Professor Kaidinger acaba de dotar o Imperio de Santa Cruz.

*Dr. J. Sigaud.*

## BOLETIM BIBLIOGRAPHICO (1)



*Budget du Brésil, ou Recherches sur les ressources de cet Empire dans leurs rapports avec les intérêts européens du commerce et de l'émigration* — PELO CONDE AUGUSTO VAN DER STRATEN-PONTHOZ, — tres volumes em 8º, em casa de Garnier, rua do Ouvidor n. 69.

Firmado no principio de que *um estado governado por instituições representativas, reflecte-se inteiramente no seu orçamento*, o Snr. Conde Straten-Ponthoz, que por muito tempo habitou entre nós, escreveu a interessante obra, que recommendamos aos nossos leitores, como um dos trabalhos mais completos e imparciaes, devidos á pennas estranhas relativamente as cousas patrias. O primeiro volume é consagrado a analyse do orçamento da despesa publica, e sobre cada uma das suas rubricas faz o auctor a apreciação da lei que a autorisa, e deste modo dá uma idéa do nosso regimen administrativo, e das bases fundamentaes da nossa legislação. Suas apreciações porém nem sempre são justas, e escoimadas d'erros, que máo grado seu, introduziram-se em seu importantissimo trabalho. Além de que o fundamento dos seus calculos, tirado d'orçamento apresentado ao corpo legislativo para o anno financeiro de 1846-47, tem o inconveniente de ser antiquado e de mostrar-nos aos olhos da Europa em uma época, em que nos achavamos muito mais atrasados do que na actualidade. Imensos são os progressos, que d'então para cá temos feito, e grande parte das censuras, que nos dirige o Snr. Conde Ponthoz seriam hoje mal cabidas, e muitos dos males que aponta vão sensivelmente desapparecendo. Occupa-se no segundo volume com o orçamento da receita: examina escrupulosamente o movimento da navegação e do commercio nos differentes portos do Brazil,

(1) Debaixo deste titulo publicaremos d'ora ávante uma noticia de todas as obras novas, que chegarem ao nosso conhecimento, e pedimos aos nossos illustres collaboradores, que hajam de nos transmittir os seus juizos sobre as suas recentes leituras.

e o rendimento das nossas alfandegas, e estranha o rigor das tarifas, incontestavelmente nocivo á liberdade de commercio. No terceiro e ultimo volume dedica-se á investigação das riquezas latentes, que assim chama o autor as que pódem provir do roteamento e da cultura das terras publicas, da colonisação e do imposto territorial. Esta ultima parte é summamente importante, principalmente pelo que diz respeito á colonisação e os seus conselhos, pareceram-nos muito aproveitaveis.

Terminaremos o que á tal respeito tínhamos de dizer, louvando ao illustre estrangeiro que tomou o nobre empenho de nos fazer conhecidos no mundo civilisado, contribuindo d'est'arte para desvanecer muitos preconceitos, que infelizmente ainda contra nós se nutrem.

*Les hommes d'Etat de l'Angleterre au XIX.<sup>me</sup> siecle, suivis coup d'œil sur la Russie et sa politique*—PELO CONDE DE LA GUERRANIÈRE,— um volume em 18º, em casa de B. Garnier.

No momento actual, em que todos os olhos estão voltados para o Oriente, onde talvez se agitem os destinos da humanidade, é de summo interesse o estudo dos homens politicos d'uma nação, que tão grande papel representa na lucta, e cujo parlamento é incontestavelmente a assembléa a mais veneranda da terra. O Snr. Conde de la Guerranière comprehendeo bellamente a necessidade da situação e em seu valiosissimo trabalho faz-nos apreciar o thesouro inestimavel, que a Inglaterra possui nos seus homens de estado, fieis depositarios das suas tradições livres. Os estudos sobre *Sir Robert-Peel*, *Lord Aberdeen*, *Lord Palmerston* e *Lord John Russell* distinguem-se entre os demais pela graça e eloquencia com que são escriptos, e sobre tudo por abrangerem em um quadro synoptico os acontecimentos mais importantes da historia contemporanea. Em fórma d'appendice vêm uma apreciação sobre o estado da Russia, e algumas idéas mui justas e imparciaes sobre o seu futuro. O retrato do imperador Nicoláo é bem feito, e as suas grandes qualidades são ahí postas em relevo á par da sua demasiada ambição, que provocou a guerra que tantas victimas tem custado.

*Etudes sur le XVIII.<sup>me</sup> siecle*—POR ERNESTO BERSOT, — dous volumes em 18º, em casa de Garnier.

O XVIII seculo tem sido o objecto de profundos estudos e descontraídos juizos: para uns o seu espirito foi malefico, fez elle mais mal á humanidade

do que todos os que o precederam; para outros foi civilizador em alto gráo, e a quem cabe a gloria das luzes de que hoje gozamos. O illustre professor, que escreveu a obra que ora annunciamos, emitta o seu parecer com a maior calma; passa em revista a vida e os escriptos dos grandes representantes desse seculo (Voltaire, Rousseau, Diderot e Montesquieu): mostra as tendencias de cada um delles, o influxo que exerceram sobre os seus contemporaneos, e quanto as suas doutrinas poderam influir para o grande diluvio social de 1789. Não contente com este exame geral desce á pormenores, conduz-nos as sociedades, faz-nos travar relações com os homens distinctos, e com as mulheres de espirito, que constituíam a mais genuína expressão do seu tempo. Os salões, de que nos traça deliciosos quadros, faziam então as vezes dos nossos jornaes, e é ahí que o autor nos faz contemplar á gosto a sociedade do seculo passado, e onde mais do que nos livros dos philosophos se preparava o triumpho das idéas, de que tanto nos ufanamos de professar. O leitor, que fôr levado a apreciação desta obra pelo nosso conselho, applaudir-se-ha do bom emprego do seu tempo.

*Pèlerinage en Terre-Sainte*—PELO ABBADE AZAIS,—um volume em 18º, em casa de Pinto e Waldemar, rua do Ouvidor n. 87.

A *Terra Santa* teve sempre o merito d'excitar a curiosidade de todos os homens, ainda mesmo dos que não tem a ventura de olhal-a como berço da Religião divina, que civilisou o mundo. *O Itinerario de Paris á Jerusalem* pelo Visconde de Chateaubriand, e *as Lembranças e Impressões d'uma Viagem ao Oriente* pelo Snr. Lamartine, tornavam conhecidos os Santos-Lugares, e muitos peregrinos, que depois delles reprehenderam esta viagem confessaram a impossibilidade de melhor descrever-se os sitios onde se passaram as scenas do Antigo e do Novo Testamento. O Snr. abade de Azaís, que fazia parte da caravana dos quarenta peregrinos francezes, que em 1853 foram á Jerusalem não tem a pretensão de levar a palma aos seus dous illustres predecessores, porém procurou unicamente pintar com côres vivas o triste estado d'opressão em que vivem os catholicos da Palestina, e as vexações de todo o genero que sobre elles exercem os Gregos Schismaticos, animados pela protecção do Autocrata de todas as Russias. E' uma obra d'actualidade; porque os nossos leitores se recordaram que foram os Santos-Lugares, que serviram de pretexto á missão do principe de Menchikoff.

Conego, *Dr. Pinheiro.*

# O SEXTO CANTO DA ILIADA

TRADUZIDO DO ORIGINAL

*Τίτα δ' ἄρ' Ἀνδρομάχης τοὶ Εὐρώας ἑσπεύει.*

(Continuação do numero antecedente).



- « A Isandro, filho seu, que pelejava,
- « Contra os Solymos, Marte, insaciavel
- « De sangue e de furor, privou da vida ;
- « E Diana, que rege o argenteo carro,
- « Morte deu subitanea a Laodamia :
- « Hypolocho restava; este gerou-me;
- « Delle filho me digo. Aos Teucros muros
- « O genitor mandou-me, e encarecidos
- « Preceitos deu-me então: que em toda a lide
- « Combatesse com animo esforçado,
- « Nem jámais desluzisse a nobre estirpe
- « De meus claros avós, os mais valentes
- « De quantos produziu a illustre Ephyra,
- « E a Lycia toda, intrepidos guerreiros.
- « A linhagem tal é de que me ufano. »

Assim Glauco fallára. Attento, e lédo,  
Diomedes o ouviu, cravou na terra  
A lança, e ao Lycio Principe em resposta  
Blandiloquo dirige estas palavras:

- « Reconhecer em ti quanto me é grato
- « Paterno hospede antigo! Enéo ontr'ora

« Hospedando o heróe Bellorophonte,  
 « Dias vinte o deteve em seu alvergue,  
 « E de affecto hospital bellos penhores  
 « Trocaram entre si. Talim purpureo  
 « Foi o brinde de Enéo: um aureo copo,  
 « De duas azas, deu-lhe o heroe de Ephyra:  
 « Rica prenda que guardo em meu alcaçar.  
 « Mas de Tydeo, meu pai, não hei lembrança,  
 « Que infante me deixou, tomando parte  
 « De Thebas na facção, fatal aos Gregos:  
 « Não se encontrem por tanto as lanças nossas,  
 « Nem mesmo na refrega. Sobram Teucros,  
 « E auxiliares seus, a quem dê morte,  
 « Quantos aos tiros meus um Nume off'reça,  
 « Ou no encalço eu alcance. Achivos sobram  
 « Para ti de igual sorte, a quem arranques,  
 « Se assim prouver ao fado, a doce vida.  
 « Agora as armas entre nós se troquem,  
 « Para que noto seja ao campo inteiro,  
 « Que a santa lei do hospicio respeitamos,  
 « Que entre si nossos paes ligára outr'ora. »

Isto dito, do carro ambos descendem,  
 E de eterna amizade, unindo as dextas,  
 Fazem jura solemne. Em tal instante  
 Offuscou Jove a mente ao nobre Glaucó,  
 Que ao filho de Tydeo, com perda enorme,  
 Entregando o valor de uma hecatomba,  
 E o de só nove bois havendo em cambio,  
 Armas de ouro trocou por éneas armas!

A' torre neste tempo, e ás portas Sceas,  
 Chegava o nobre Heitor, e entorno d'elle  
 Dos Teucros campeões se apinhavam  
 As esposas, as filhas, perguntando  
 Novas dos filhos, dos irmãos e amigos,  
 E dos consortes caros. Em resposta  
 Sómente lhes tornou, que sem tardança

Aos Numes preces fervidas fizessem;  
 Atroz desdita a muitas impedia!  
 Eis de Priamo chega ao nobre alvergue,  
 De sumptuosos porticos ornado.  
 Nelle cincoenta camaras se viam,  
 De bem brunido marmore, dispostas  
 Todos no mesmo plaino; onde logravam  
 Do rei os filhos, cada qual ao lado  
 Da legitima esposa, o brando somno.  
 Em frente destas, no atrio magestoso,  
 Tambem marmoreas, outras doze estancias  
 Tinha o paço real; pousavam nellas  
 Do rei os genros, e as esposas delles.

Alli, por um acaso, Hecuba fôra  
 De Laodice em procura, a mais formosa  
 De quantas filhas déra ao rei longevo.

O filho encontra, corre, a mão lhe toma,  
 E nestas expressões prorompe meiga :

« Que motivo a aqui vir te impelle, ó filho,  
 « E a peleja a deixar que ferve accessa?  
 « Acaso as Gregas execrandas hostes,  
 « Vencendo enfim a Teucra resistencia,  
 « Perto chegadas são de nossos muros;  
 « E á cidadella, em trance derradeiro,  
 « Vens erguer supplicante as mãos a Jove?  
 « Um pouco te detem: nectareo vinho  
 « Vou-me a buscar: a Jove e aos outros Numes  
 « Fazendo as libações, cumprido o rito,  
 « Restaurarás depois as lassas forças.  
 « Os fatigados membros refocilla  
 « Um licor generoso, e ora careces  
 « De vigor recobrar, que a força esgotas  
 « Em prol dos teus, sem folga pelejando. »

« Amada genitriz, Heitor lhe volve,

« O licor de Lyeo não me offereças,  
 « Que em mim a força e esforço enervaria ;  
 « Nem eu libar a Jupiter me atrevo,  
 « Inda impuras as mãos; que ninguem póde  
 « Immundo de suor, de pó, de sangue,  
 « Tributar grato culto ao rei dos Numes.  
 « Tu, ó mãi, de Minerva ao sacro templo,  
 « Juntando as nobres Dardanas matronas,  
 « Com suaves perfumes te endereça :  
 « E o mais rico, maior, mais refulgente,  
 « Manto que houveres, e te fôr mais caro,  
 « Da pulchri-coma Diva aos pés depondo,  
 « No sanctuario seu doze novilhas  
 « Immolar-lhe promette, anejas, inda  
 « Não sujeitas ao jugo, se de Troia,  
 « Das esposas Troianas, e dos tenros  
 « Filhinhos seus em fim tiver piedade,  
 « E se d'Ilio sagrada afastar longe  
 « O filho de Tydeo, feroz guerreiro,  
 « Terror das hostes no tremendo encalço. »  
 « Vai de Pallas portanto ao sacro templo;  
 « De Paris á mansão eu me dirijo,  
 « A vêr se, docil, minha voz escuta,  
 « E deixa a inercia vil. Prouvera aos Deuses  
 « Que a terra, abrindo o seio, o devorasse!  
 « Grande desdita foi, que o Olympio Jove  
 « O fizesse crescer, funesto damno  
 « Ao rei, á regia stirpe, a toda Troia :  
 « Se eu o visse baixar ao negro averno,  
 « Teria em tanta dôr algum conforto! »

Assim Heitor fallou. Foi-se a rainha  
 Aos aposentos seus, e os seus mandados  
 A's servas intimou: juntaram prestes  
 De toda Troia as inclytas matronas.  
 Hecuba entanto á 'splendida, olorosa,  
 Recamera desceu, onde guardadas  
 Em copia tinha preciosas vestes,

De mui vario lavor, primores d'obra  
 Das filhas de Sidon, que outr'ora Paris  
 Sulcando o vasto mar, trouxe comsigo  
 Do Sidonio paiz, quando roubára  
 De Jupiter a filha, a bella Helena.

O manto tomou pois maior, mais bello,  
 Com mimo recamado a varias côres,  
 Que qual astro brilhava, e derradeiro  
 De todos encontrou, mais resguardado.

Em caminho se pôz, e numerosas  
 A acompanhavam Dardanas matronas.  
 Como chegadas foram ao fastigio  
 Da cidadella, abriu-lhe as altas portas  
 Do templo de Minerva, a bella Theano,  
 De Cisseo filha, de Antenor esposa,  
 A quem os Teucros conferido haviam  
 Da sabia Deusa o summo sacerdocio.  
 Ellas todas á Diva as mãos ergueram,  
 Em altos brados: a formosa Theano,  
 Tomando o rico manto, de Minerva  
 Ante os pés o depôz, de Jove á filha  
 Taes dirigindo, humilde, instantes preces.

« Augusta Pallas, inclyta Patrona  
 « Desta cidade, e a mais prestante Diva,  
 « De Diomedes quebra a rija lança,  
 « E em frente á porta Seea o precipita:  
 « Nós prestes em teu fano immolaremos,  
 « Gratas ao teu favor, doze novilhas,  
 « Annejas, inda ao jugo não sujeitas,  
 « Se houveres dó de Troia, e das Troianas  
 « Tristes esposas, e seus tenros filhos. »

Taes votos fez, orando, e as demais todas  
 Iguaes preces á Deusa endereçaram:  
 Irosa, a Diva não ouviu seus rogos!

De Paris, entretanto, Heitor demanda  
 O sumptuoso alvergue. O proprio Paris  
 Edificado o tinha, aos mais peritos  
 Artifices de Troia, commettendo  
 A nobre construcção das aureas salas,  
 Da nupcial estancia, e do alteroso  
 Vestibulo, visinho ao regio alcaçar  
 De Priamo, e de Heitor, na cidadella.  
 Alli entrava Heitor, a Jove aceito,  
 Na mão levando a lança temerosa,  
 Onze covados longa, e cuja ponta  
 De ferro acicalado, refulgia,  
 Com aureo anel no lenho bem firmada.

Paris logo encontrou, que as finas armas,  
 O broquel, a loriga, os curvos arcos,  
 Em brunir se occupava, e a Argiva Helena,  
 Que entre as damas sentada, repartia  
 Pelas servas lavor, a qual mais bello.

Ao vê-lo então, Heitor se não conteve,  
 E com taes o increpou pungentes ditos :

« Infeliz! Para ti grave desdouro  
 « E' mostrar tal enojo em lance extremo!  
 « Entorno da cidade, e junto aos muros,  
 « Nossos soldados, combatendo, expiram:  
 « Tanto horror, tanto estrago, a ti se deve;  
 « E tu quedo aqui estás! tu que serias  
 « O primeiro a culpar qualquer guerreiro  
 « Que das mavorcias lides se esquivassel  
 « Ora sus, corre ao campo antes que vejas  
 « Devorados do fogo os proprios lares. »  
 « São bem justos, Heitor, os teus reproches  
 « (Paris tornou-lhe) nem negar o quero.  
 « Mas ouve attento, e brando a escusa minha,  
 « Não por enfado contra o Teucro povo  
 Me detinha ocioso em meu alvergue;

- « Mas sim por magoa que meu peito afflige.  
 « Porém agora mesmo a minha esposa,  
 « Com carinhosos ditos, me exhortava  
 « A pelear de novo, e eu proprio julgo  
 « Este alvitre o melhor, pois que a victoria  
 « Soe alternar, na guerra, os seus favores.  
 « Detem-te pois, em quanto as armas visto,  
 « Ou me antecede: seguirei teus passos.  
 « Não longa tem de ser minha demora. »

O valeroso Heitor a taes palavras  
 Resposta não volveo. A bella Helena  
 A Heitor se dirigio, com branda falla :

- « Prezado irmão, que nome injurioso  
 « Não mereço me dêem! Abominanda  
 « Funesta causa eu sou de tantos males!  
 « Oxalá que um tufão de rijo vento,  
 « No meu infausto natalicio dia,  
 « Arrojado me houvesse a um monte inculto,  
 « Ou do alto mar ás fragorosas ondas.  
 « E eu nellas, submergida, percesse!  
 « Tanto infortunio a tantos se poupára!  
 « Mas já que approuve aos Deuses opprimir-nos  
 « Com desventuras taes, tivesse ao menos  
 « Por consorte um varão mais valeroso,  
 « E que ardesse, os motejos ressentindo,  
 « De pundonor, e de ira, em nobre fogo:  
 « É frouxo: o animo seu não tem firmeza,  
 « Nem a terá jámais: e assim prevejo  
 « Que o fructo ha de colher de tanta insania!  
 « Tu porém entra, ó Principe, e te assenta  
 « Neste escano: has mister algum repouso,  
 « Que a fadiga te opprime o corpo, e a mente;  
 « E tudo (ó pejo! oh dôr!) por culpa minha,  
 « E pelo crime do aleivoso Paris!  
 « Fomos assim por Jupiter fadados,  
 « Passaram nossos nomes, e aventuras,  
 « Ludibriosa fabula, aos vindouros! »

(Continúa).

# ANALYSE MATHEMATICA

## THEORIA DAS SERIES ELEMENTARES



6.º Poremos termo a este nosso trabalho analytico, apresentando aqui as series usadas na solução dos problemas de interpolação; deduzindo-as com mais simplicidade, e clareza, do que se encontra na maior parte dos autores classicos: tendo por outra parte essa doutrina intima connexão com aquella de que até aqui temos tratado.

Seja dada a equação

$$y = f(x)$$

representando  $f(x)$  um desenvolvimento qualquer sob a forma seguinte

$$(k) \quad y = A + Bx + Cx^2 + Dx^3 + \&$$

Supponha-se agora, que pondo no segundo membro desta equação ( $a^1, a^11, a^111, \&$ ) em lugar de  $(x)$ , correspondem a  $(y)$  respectivamente  $(y_1, y_2, y_3, \&)$ : a equação (k) poderá transformar-se na seguinte

$$(k') \quad y = \frac{(x-a^{iv})(x-a^{iii})}{(a^i-a^{ii})(a^i-a^{iii})} \cdot y_1 + \frac{(x-a^i)(x-a^{iii})}{(a^{ii}-a^i)(a^{ii}-a^{iii})} \cdot y_2 \\ + \frac{(x-a^i)(x-a^{ii})}{(a^{iii}-a^i)(a^{iii}-a^{ii})} \cdot y_3 + \&$$

A simples inspecção desta equação faz vêr, que ella satisfará sempre as condições precedentes; visto que, substituindo em lugar de (x) qualquer dos suppostos valores, se desvanecem todos os termos do segundo membro, excepto aquelle que representa o valor de (y) correspondente, tendo por coefficiente a unidade.

Esta bella equação é devida á Lagrange: e encerra ella em toda a generalidade o principio, que serve de fundamento ás formulas de interpolação conhecidas, como vamos mostrar, deduzindo-as dalli, sem dependencia de outros dados.

Supponha-se  $a^{iv} - a^{iii} = a^{iii} - a^{ii} = a^{ii} - a^i = h$ ; isto é, que a differença entre dous valores consecutivos de (x) é constante, na serie ácima supposta.

Represente-se por (H) a differença variavel entre (x) e o seu menor valor ( $a^i$ ): e ter-se-ha

$$x - a^i = H; \quad x - a^{ii} = H - h; \quad x - a^{iii} = H - 2h; \quad x - a^{iv} = H - 3h; \quad \&$$

Fazendo as competentes substituições na equação (k'); virá

$$y = \frac{(H-h)(H-2h)}{-h \cdot -2h} \cdot y_1 + \frac{H(H-2h)}{h \cdot -h} \cdot y_2 + \frac{H(H-h)}{2h \cdot h} \cdot y_3 + \&$$

ou

$$(k'') \quad y = \frac{H(H-h)(H-2h)}{h \cdot 2h} \left( \frac{y_1}{H} - \frac{2y_2}{H-h} + \frac{y_3}{H-2h} \right) : \text{para os tres primeiros termos da serie.}$$

Designando as differenças

$$(y_2 - y_1) \text{ por } (\Delta y_1); \quad (y_3 - y_2) \text{ por } (\Delta y_2); \quad (y_4 - y_3) \text{ por } (\Delta y_3); \quad \& :$$

e semelhantemente

$$(\Delta y_2 - \Delta y_1) \text{ por } (\Delta^2 y_1); \quad (\Delta y_3 - \Delta y_2) \text{ por } (\Delta^2 y_2); \quad (\Delta y_4 - \Delta y_3) \text{ por } (\Delta^2 y_3); \quad \& :$$

$$(\Delta^2 y_3 - \Delta^2 y_2) \text{ por } (\Delta^3 y_1); \quad (\Delta^2 y_4 - \Delta^2 y_3) \text{ por } (\Delta^3 y_2); \quad (\Delta^2 y_5 - \Delta^2 y_4) \text{ por } (\Delta^3 y_3); \quad \& :$$

Ter-se-ha

$$(N) \quad \begin{cases} \Delta y_1 = y_2 - y_1; \\ \Delta^2 y_1 = y_3 - 2y_2 + y_1; \\ \Delta^3 y_1 = y_4 - 3y_3 + 3y_2 - y_1; \text{ \&: e em geral} \\ \Delta^n y_1 = y_{n+1} - ny_n + n \frac{(n-1)}{2} y_{n-1} - n \frac{(n-1)(n-2)}{2 \cdot 3} y_{n-2} + \& \end{cases}$$

( $\Delta$ ) é um symbolo caracteristico da differença de primeira ordem, entre dous termos consecutivos de uma serie dada ( $y_1, y_2, y_3, \&$ ).

( $\Delta^2$ ) designa semelhantemente a differença de segunda ordem, entre duas differenças consecutivas de uma serie dada ( $\Delta y_1, \Delta y_2, \Delta y_3, \&$ ).

( $\Delta^3$ ) indica uma differença de terceira ordem, entre duas differenças consecutivas de uma serie dada ( $\Delta^2 y_1, \Delta^2 y_2, \Delta^2 y_3, \&$ ).

Supposta esta notação, tome-se em lugar da expressão encerrada no parenthesis, na equação ( $k''$ ), a seguinte que lhe é equivalente.

$$\begin{aligned} & \frac{y_1}{h} - \frac{y_2}{h-2h} - \frac{2y_2}{h-h} + \frac{2y_2}{h-2h} + \frac{y_3 - 2y_2 + y_1}{h-2h} + \& \\ & = \frac{-2hy_1}{h(h-2h)} + \frac{2hy_2}{(h-h)(h-2h)} + \frac{\Delta^2 y_1}{h-2h} + \& \\ & = \frac{2h}{(h-2h)} \left( \frac{hy_1}{h(h-h)} + \frac{y_2 - y_1}{h-h} \right) + \frac{\Delta^2 y_1}{h-2h} + \& \\ & = \frac{1}{h-2h} \left( 2h \left( \frac{hy_1}{h(h-h)} + \frac{\Delta y_1}{h-h} \right) + \Delta^2 y_1 \right) + \& \end{aligned}$$

Ter-se-ha, executando as operações indicadas, e levando o desenvolvimento além do terceiro termo da serie,

$$(k''') \quad y = y_1 + \frac{h}{h} \Delta y_1 + \frac{h}{h} \frac{(h-h)}{2h} \Delta^2 y_1 + \frac{h}{h} \frac{(h-h)(h-2h)}{2h \cdot 3h} \Delta^3 y_1 + \&$$

É esta a formula geral usada nas interpolações; a qual tem sido sempre deduzida de outra, que se conhece pelo nome de formula de Newton.

Dado o numero ( $n$ ) de termos de uma serie, a applicação rigorosa da formula ( $k^{III}$ ) exige que, na serie que a exprime se pare no termo, cuja differença é da ordem ( $n-1$ ), a saber:

$$\frac{H}{h} \frac{(H-h)}{2h} \dots \frac{(H-(n-2)h)}{(n-1)h} \Delta^{n-1} y_1;$$

e neste caso o limite maximo do valor de ( $H$ ) será ( $n-1$ )  $h$ . Isto é, será a formula applicavel para os valores de ( $H$ ) que satisfizerem a seguinte condição, a saber:

$$H < (n-1) h.$$

Se porem em uma serie dada, cujos termos sigam uma lei conhecida, a differença ( $\Delta^{n-1} y_1$ ) fôr nulla, dentro dos limites de ( $n$ ) termos tomados indistinctamente; o numero ( $n-1$ ) dos termos da formula ficará determinado, e constante, qualquer que seja o valor de ( $H$ ). Isto é, será a formula ( $k^{III}$ ) applicavel em toda a extensão da serie proposta.

Nos calculos de approximação é de ordinario permittido fazer-se, na formula ( $k^{III}$ ),  $\Delta^{n-1} y_1 = 0$ , todas as vezes que o valor real desta differença pode ser desprezado sem erro apreciavel dos resultados obtidos, dentro dos limites dos ( $n$ ) termos tomados na serie proposta. E neste caso fica o valor de ( $H$ ) limitado pela condição

$$H < (n-1) h.$$

A interpolação de que se faz uso, entre dous logarithmos visinhos das taboas, é um exemplo particular deste caso. Pois fazendo, na formula ( $k^{III}$ ),  $\Delta^2 y_1 = 0$ ; e  $h = 1$ ; virá

$$y - y_1 = H \cdot \Delta y_1$$

Nesta formula ( $y - y_1$ ) representa a differença entre o logarithmo proposto, ou o procurado, e o menor das taboas: ( $H$ ) a differença entre o numero proposto, ou o procurado, e o menor das taboas: ( $\Delta y_1$ ) a differença dos dous logarithmos visinhos das taboas.

(e) Se na equação ( $k^{(1)}$ ) se fizer  $\frac{n}{h} = m$ ; sendo ( $m$ ) um numero inteiro: virá

$$(l) \quad y_{m+1} = y_1 + m \cdot \Delta y_1 + m \frac{(m-1)}{2} \cdot \Delta^2 y_1 + m \frac{(m-1)(m-2)}{2 \cdot 3} \cdot \Delta^3 y_1 + \&$$

Esta formula é evidentemente mais particular do que a da equação ( $k^{(1)}$ ): e nella representa ( $m$ ) em unidades inteiras a distancia, que na serie proposta guarda ( $y_{m+1}$ ) para o termo inicial ( $y_1$ ): é a inversa da formula geral (N).

Da formula ( $l$ ) pode deduzir-se outra, que é apropriada para achar a somma dos termos de uma serie dada; tanto na hypothese de ter ( $\Delta^{n-1} y_1$ ) um valor qualquer, dentro dos limites dos ( $n$ ) termos tomados; como no caso de ser ( $\Delta^{n-1} y_1$ ) = 0, para qualquer numero ( $n$ ) de termos da serie proposta tomados indistinctamente.

Proponha-se achar a somma dos ( $n$ ) primeiros termos da serie

$$(1) \quad a, b, c, \bar{d}, e, \&$$

Forme-se com estes mesmos termos a serie seguinte, na qual o primeiro termo é zero.

$$(2) \quad 0, a, a+b, a+b+c, a+b+c+d, a+b+c+d+e, \&$$

Tem-se nesta serie (N)

$$\Delta y_1 = a - 0 = a; \quad \text{primeiro termo da serie (1)}$$

$$\Delta^2 y_1 = b - a = \Delta a; \quad \text{primeira differença da serie (1)}$$

$$\Delta^3 y_1 = c - 2b + a = \Delta^2 a; \quad \text{segunda differença de serie (1)}$$

Designando por ( $S_n$ ) a somma dos ( $n$ ) primeiros termos da serie proposta (1); a qual somma é por outra parte o termo da ordem ( $n+1$ ) na serie (2): ter-se-ha, pela applicação da formula ( $l$ ), (attendendo á que se tem  $y_1 = 0$ )

$$(l') \quad S_n = na + n \frac{(n-1)}{2} \Delta a + n \frac{(n-1)(n-2)}{2 \cdot 3} \Delta^2 a + \&$$

(f) Exemplifiquemos as formulas ( $l$ ) e ( $l'$ ) em algumas series conhecidas.

1.º *Exemplo.* Seja dada a serie dos numeros naturaes; sendo pedida a somma dos ( $n$ ) primeiros termos.

Ter-se-ha

	1, 2, 3, 4, 5, &
Primeiras diferenças	1, 1, 1, 1,
Segundas »	0 0 0

$$a = 1; \Delta a = 1; \Delta^2 a = 0$$

A formula (I') dará

$$S_n = n.1 + n \frac{(n-1)}{2} . 1 = n \frac{(n+1)}{2}$$

2.º *Exemplo.* Seja dada a serie dos quadrados dos numeros naturais...

$$1^2, 2^2, 3^2, 4^2, 5^2, \&$$

cujo decimo termo seja pedido; assim como a somma dos 10 primeiros termos.

Ter-se-ha

	1, 4, 9, 16, 25, &
Primeiras diferenças	3, 5, 7, 9
Segundas »	2, 2, 2
Terceiras »	0, 0

$$y_1 = 1; \Delta y_1 = 3; \Delta^2 y_1 = 2; \Delta^3 y_1 = 0; m = 9$$

$$a = 1; \Delta a = 3; \Delta^2 a = 2; \Delta^3 a = 0; n = 10$$

A formula (I) dará

$$y_{9+1} = 1 + 9.3 + \frac{9.8}{2} . 2 = (10)^2$$

A formula (I') dará

$$S_n = 10.1 + \frac{10.9}{2} . 3 + \frac{10.9.8}{2.3} . 2 = 385$$

3.º *Exemplo.* Seja dada a serie dos cubos dos numeros naturais...

$$1^3, 2^3, 3^3, 4^3, 5^3, \&$$

cujo decimo termo seja pedido; assim como a somma dos 10 primeiros termos.

Ter-se-ha

	1, 8, 27, 64, 125, &
Primeiras differenças	7, 19, 37, 61
Segundas »	12, 18, 24
Terceiras »	6, 6
Quartas »	0

$$y_1 = 1; \Delta y_1 = 7; \Delta^2 y_1 = 12; \Delta^3 y_1 = 6; \Delta^4 y_1 = 0; m = 9$$

$$a = 1; \Delta a = 7; \Delta^2 a = 12; \Delta^3 a = 6; \Delta^4 a = 0; n = 10$$

A formula (I) dará

$$y_{9+1} = 1 + 9 \cdot 7 + \frac{9 \cdot 8}{2} \cdot 12 + \frac{9 \cdot 8 \cdot 7}{2 \cdot 3} \cdot 6 = (10)^3$$

A formula (II) dará

$$S_{10} = 10 \cdot 1 + \frac{10 \cdot 9}{2} \cdot 7 + \frac{10 \cdot 9 \cdot 8}{2 \cdot 3} \cdot 12 + \frac{10 \cdot 9 \cdot 8 \cdot 7}{2 \cdot 3 \cdot 4} \cdot 6 = 3025$$

$$= (55)^2 = (1 + 2 + 3 + \dots + 10)^2$$

### OBSERVAÇÕES.

1.ª Nas series precedentes a applicação das formulas (I) e (II) pode ser illimitada, em razão de ter-se  $\Delta^{s-1} y_1 = 0$ , para qualquer numero (s) de termos tomados indistinctamente, em cada uma dellas.

2.ª Se no exemplo 3.º se pedisse a somma dos (n) primeiros termos da serie proposta, ter-se-hia  $S_n = n^2 \frac{(n+1)^2}{4} = (S'_n)^2$ ; designando por  $S'_n$  a somma dos (n) primeiros termos da serie dos numeros naturaes.

Rio de Janeiro 15 de Fevereiro de 1855.

*Candido Baptista de Oliveira.*

# NOTA

Sendo dada a função  $(1+x)^m$ , cujo desenvolvimento se pede, em uma serie ordenada segundo as potencias ascendentes de  $(x)$ , sendo  $(m)$  numero inteiro, e positivo; havemos nós estabelecido (II) a equação seguinte

$$(h) \quad (1+x)^m = 1 + A'mx + B'm(m-1)x^2 + C'm(m-1)(m-2)x^3 \\ + D'm(m-1)(m-2)(m-3)x^4 + \&$$

partindo da simples circumstancia de saber-se, pela multiplicação algebraica, que o factor  $(1+x)$  multiplicado por si mesmo successivamente dá productos, que constam de 1, 2, 3, 4, termos &, segundo fôr — 0, 1, 2, 3, & o expoente  $(m)$  da função proposta: sendo  $A'$ ,  $B'$ ,  $C'$ ,  $D'$ , & quantidades indeterminadas e independentes do valor de  $(x)$ .

Faça-se agora  $x=1$ , na equação  $(h)$ : e virá

$$(h') \quad 2^m = 1 + A'm + B'm(m-1) + C'm(m-1)(m-2) + \&$$

Ponha-se nesta equação  $(m-1)$  em lugar de  $(m)$ : e supponha-se, que  $A'$ ,  $B'$ ,  $C'$ , &, são tambem independentes da grandeza de  $(m)$ , se é isso possivel.

Ter-se-ha

$$2^{m-1} - 1 = A'(m-1) + B'(m-1)(m-2) + C'(m-1)(m-2)(m-3) \\ + D'(m-1)(m-2)(m-3)(m-4) + \&$$

Fazendo nesta equação  $m=0$ , em conformidade da hypothese precedente: virá

$$2^{-1} - 1 = A'(-1) + B'(-1)(-2) + C'(-1)(-2)(-3) \\ + D'(-1)(-2)(-3)(-4) + \&$$

Ter-se-ha por conseguinte

$$(h'') \quad \frac{1}{1+a} = A' - 2B' + 2.3C' - 2.3.4D' + \&$$

Tem-se pela divisão algebraica

$$\frac{1}{1+a} = 1 - a^1 + a^2 - a^3 + a^4 - a^5 + \&$$

e fazendo nesta equação  $a=1$ ; virá

$$\frac{1}{2} = 1 - 1 + 1 - 1 + 1 - 1 + \&$$

serie infinita da classe das *neutras*.

Devendo pois haver identidade entre os termos desta serie, e os correspondentes do segundo membro da equação (h''): ter-se-ha

$$A' = 1; 2B' = 1; 2.3C' = 1; 2.3.4D' = 1; 2.3.4.5E' = 1; \&$$

donde se tira

$$A' = \frac{1}{1}; B' = \frac{A'}{2}; C' = \frac{B'}{3}; D' = \frac{C'}{4}; E' = \frac{D'}{5}; \&$$

Ficam portanto assim determinados os coefficients  $A', B', C', \&$  da serie, que na equação (h) deve dar o desenvolvimento pedido da funcção  $(1+x)^m$ : a qual tomará a forma difinitiva

$$(h''') \quad (1+x)^m = 1 + \frac{m}{1}x + \frac{m}{1} \frac{(m-1)}{2}x^2 + \frac{m}{1} \frac{(m-1)}{2} \frac{(m-2)}{3}x^3 + \&$$

Postoque esta determinação dos coefficients  $A', B', C', \&$ , tenha, pela sua generalidade, maior merecimento analytic, do que o methodo de inducção, que havemos empregado no texto (II); pensamos todavia ser ella menos acomodada á intelligencia dos principiantes.

## OBSERVAÇÕES.

1.ª A hypothese que fizemos na precedente nota, estabelecendo a equação (h), de serem os coefficients indeterminados ( $A', B', C', \&$ ) indepen-

dentes do valor de  $(x)$ , em ordem á cujas potencias ascendentes é desenvolvida a serie, verificou-se já na deducção da equação  $(h')$ , fazendo na primeira  $x=1$ .

Semelhantemente, na deducção da equação  $(h'')$ , suppozemos, que na equação  $(h')$  eram aquellas mesmas quantidades indeterminadas independentes do valor de  $(m)$ : e é evidente que, sendo satisfeita a equação de condição  $(h'')$  com os valores reaes achados para as indeterminadas  $(A', B', C', \&)$ , este mesmo resultado justifica as duas referidas hypotheses, á cuja realisação fôra elle devido.

2.<sup>a</sup> Por esta occasião notaremos, que esse mesmo principio é extensivo á todas as questões, que tem por objecto a determinação de coefficients indeterminados.

Seja dada a equação

$$(g) \quad F(x) = a + Ax + Bx^2 + Cx^3 + \&$$

sendo  $(A, B, C, \&)$  quantidades indeterminadas, independentes de  $(x)$ .

Ter-se-ha sempre a seguinte equação de condição

$$(g') \quad 0 = (a + f(A, B, \&))x^0 + f'(A, B, \&)x^1 + f''(A, B, \&)x^2 + \&$$

Segundo o principio geralmente recebido, iguala-se a zero cada um dos coefficients das diversas potencias de  $(x)$  nesta equação, para que ella possa ser satisfeita, dando a  $(x)$  todos os valores possiveis: e nós assim praticamos no texto do nosso trabalho analytic.

Entendemos porem que é mais conforme á indole dos processos analyticos, satisfazer arbitrariamente a equação  $(g')$ , mediante as equações parciaes.

$$a + f(A, B, \&) = 0; \quad f'(A, B, \&) = 0; \quad f''(A, B, \&) = 0; \quad \&$$

porquanto, sendo estas equações em numero não maior, do que o das indeterminadas  $(A, B, C, \&)$ , ellas farão conhecer os valores dessas indeterminadas, que podem satisfazer a equação  $(g')$ ; se todavia a equação  $(g)$  for possivel.



## BOLETIM BIBLIOGRAPHICO



*Histoire de France au 16.<sup>me</sup> siecle. — Renaissance —* POR MICHELET —  
um volume em 8<sup>o</sup>, em casa de Garnier, rua do Ouvidor n. 69.

São geralmente conhecidos os importantes trabalhos historicos do illustre professor o Snr. Michelet, e não ha ninguem que tendo lido as suas obras deixe de apreciar o brilhante colorido do seu estylo, e a fina critica que emprega na apreciação dos factos. Tem porém um grande defeito como historiador, falta-lhe a imparcialidade. Levado pelo seu enthusiasmo democratico é muitas vezes injusto, senão cruel, para com os soberanos representantes do velho principio monarchico, e esquecendo-se dos valiosos serviços, que prestaram a Europa e ao mundo, durante os dias nebulosos da sua historia, só parece enxergar nelles vicios e crimes, formando a virtude rarissimas excepções. Sirva de prova do que acabamos de dizer os juizos do autor sobre os dous grandes heróes do *Renascimento*, Carlos Quinto e Francisco Primeiro, um, diz elle, *é o horrendo producto de tres loucuras, monstro de duas cabeças, procurando fundir a Europa nas fornalhas da Inquisição*; o outro, *mancebo leviano, alma material, composta de fauno e de satyro*. Não se póde julgar mais apaixonada e injustamente!

Todavia o livro do Snr. Michelet se torna recommendavel sobretudo pela sua interessante *introducção*, que vêm lançar mais um raio de luz sobre uma época ainda infelizmente tão mal conhecida. Os artistas lerão com prazer o que ahi se diz ácerca de Brunelleschi, Leonardo da Vinci, Miguel Angelo e outros grandes genios, e o philosopho contemplará gostoso a marcha do espirito humano, procurando sacudir os grilhões, que o opprimiam.

*Études sur la Renaissance —* PAR NISARD, — um volume em 18<sup>o</sup>,  
em casa de Garnier, rua do Ouvidor n. 69.

Devemos tambem ao Snr. Nisard uma série de Estudos sobre a época do

*Renascimento.* Seguindo uma vereda diversa da trilhada pelo Snr. Michelet o illustre academico occupa-se com a vida e escriptos d'Erasmus, Thomaz Morus e Melanchton, que considera como os genuinos representantes do seu tempo. Seu estylo não possúe o brilhantismo do precedente escriptor, seus juizos porém parecem-nos mais calmos, mais justos e menos impregnados de desprezo por uma época que tambem tinha sua grandeza. O estudo sobre Erasmus é preferivel aos dous outros, mesmo porque este grande homem foi a maior intelligencia do 16.º seculo.

*Légendes Démocratiques du Nord* — POR MICHELET, — um volume em 18º, em casa de Garnier.

A triste sorte da Polonia, esmagada debaixo das rodas do carro do despotismo, não podia deixar de attrahir a attenção do Snr. Michelet, conhecido em todo o mundo pelas suas idéas eminentemente liberaes. Consagrou-lhe pois um livro com o titulo ácima indicado, em que nos traça o pungente quadro dos soffrimentos da heroica patria dos Jagellons e Sobieskis. A biographia do immortal Kosciusko, o ultimo heróe da independencia polaca, desperta no leitor, o mais fleumatico, o sentimento de enthusiasmo por esse povo cavalheiresco, e insensivelmente associa-o a indignação do autor para com a fria crueldade dos seus algozes. Em additamento dedica alguns capitulos aos martyres da Russia, que tiveram a cabeça cortada pela mão do carrasco, ou que expiam nos inhospito clima da Siberia o horrendo crime d'amarem o seu paiz e de se persudirem que era chegado a tempo de entrar no gremio da civilisação européa, cessando para sempre o barbaro regimen do *knout*. E' uma verdadeira obra da actualidade, que habitará o leitor, a formar sua opinião sobre a *Sancta Russia*, como lhe chamam seus thuriferarios.

*Les Femmes de la Révolution* — POR MICHELET, — um volume em 18º, em casa de Garnier.

Como terão notado os leitores temos predilecção pelo Snr. Michelet, e procuramos lêr tudo quanto sahe da sua eloquente penna. Poderíamos ácerca da obra ácima annunciada renovar a critica, que lhe fizemos quando fallámos da sua *Historia do Renascimento*; seremos porém agora mais indulgente, reconhecendo que o autor não se propõe a escrever uma historia,

mas sim esboçar alguns tocantes quadros do heroismo das mulheres durante a Revolução Franceza. E' este livrinho consagrado ao sexo feminino, e por elle deve ser principalmente lido. Si tivéssemos a ventura de saber estas nossas toscas linhas chegavam ás mãos das nossas patricias lhe recomendaríamos especialmente capitulos, que tratam de M.<sup>me</sup> de Staël, Roland, Condorcet, e sobre tudo o que descreve a dedicação e a morte sublime de Carlota Corday, a Joanna d'Arc da Revolução. Lhes rogariamos outrossim que meditassem no que diz o erudito escriptor sobre a influencia, que exerceu o seu sexo em toda essa grande epopéa, que fecha o seculo passado e abre as portas daquelle, que ora atravessámos.

*Les Femmes de l'Évangile* — PELO R. P. VENTURA DE RAULICA — um volume em 8º, em casa de Garnier.

O illustre Ex-Geral dos Theatinos, o eximio orador Ventura, publicou o anno passado uma collecção de *Homelias* prégadas em Paris, em S. Luiz d'Antin, tendo por objecto mostrar qual deve ser o caracter da mulher christã, explicando as diversas passagens em que o Legislador da Nova-Lei aponta a sublime missão, que na terra tem de desempenhar a mulher. O nome do padre Ventura é tão conhecido como orador sagrado que nos dispensa tudo o que poderíamos dizer acerca da sua dicção; os leitores ainda guardaram que a impressão que experimentaram lendo as suas magnificas *Conferencias sobre a Paixão*, prégadas em S. Pedro em Roma, e as não menos celebres debaixo do titulo de *Razão Catholica e Razão Philosophica*, pronunciadas do pulpito d'Assumpção, na capital de França. O grande emulo de Lacordaire dirigindo-se nas suas *Homelias* a mais interessante metade da especie humana deixa por um pouco o seu estylo grandiloquo, e lhes falta a linguagem, que o Divino Mestre empregava quando instruia ao povo, e lhes insinúa com amavel simplicidade os seus deveres de mãis, de esposas e de filhas, segundo o Evangelho.

*La Femme Catholique* — PELO R. P. VENTURA DE RAULICA — dous volumes em 8º, em casa de Garnier.

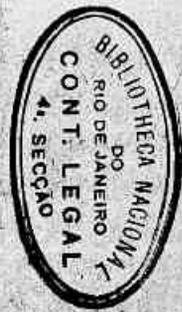
A obra, de que acabamos de fazer menção ficaria incompleta senão fosse acompanhada d'uma parte pratica, ou exemplificativa. O padre Ventura preencheu optimamente este desejo, que exprimiam os leitores ao terminarem as suas tocantes *Homelias*, e nos mimosea agora com dous bellos

volumes em que a mulher, segundo o Evangelho, é posta em acção. Abrindo as paginas da historia desenrola aos nossos olhos o mais brilhante panorama. Aqui vemos as virgens derramar o seu sangue pela fé de Christo; alli são illustres matronas, como Fabiolas, as Paulas, que fundam hospicios para a mendicidade, e para a infancia desvallida; além são nobres damas, elegantes donzellas que fogem do mundo para melhor servirem á Deos; mais longe são santas rainhas, que convertem povos com o seu espirito, e trocam as monarchias dos ferozes Francos e Hunos nos piedosos reinos de S. Luiz e S. Estevam. E' esta uma obra, que todos os pais de familias devem comprar para dar de presente as suas mulheres, e ás suas filhas, devendo achar-se nas bibliothecas de todas as senhoras catholicas.

*Conego, Dr. Pinheiro.*

---

# MADRIGAES.



## I.

O terno Alceu e Filis tão formosa  
Ao zephyro e a roza se comparam,  
Em seus doces amores:  
E' della como a rosa  
Pudibunda e esquiva Alceu ouvindo;  
E' elle como o zephyro zunindo,  
Que em tórno a bella a todo o instante gyra,  
E queixoso de amor, de amor suspira!

## II.

Aqui jaz pó ou nada  
A flôr, ainda ha pouco honra do vale!  
Foi a triste enganada  
Do zephyro mimoso, que constante  
Inda em botão a amou, qual firme amante;  
Ah lisongeiro murmurou-lhe em tórno  
Mil ais e mil queixumes de ternura,  
E a flôr desabrochando  
Em seu seio o afagou toda doçura,  
Fugiu depois o perfido a deixando:  
E a flôr entre as mais flôres se esfolhára,  
Que a vida em seus perfumes exhalava.  
Mortaes, de Filis bella quam mesquinha  
A sorte lamantai, a sorte dura;  
Filis descança nesta sepultura!

## III.

Vê bem, contempla, Arnia,  
O' coração ingrato,  
No crystal dessa fonte o teu retrato;  
A fonte será sempre a mesma... e um dia  
Tcu resto tão formoso... Ah! qu' é da rosa  
Que aqui se viu vaidosa?  
O tempo a desfolhou... Tal teu semblante!..  
Fiel, bem como a fonte, este meu peito  
Ha de existir constante  
Ao terno, ao casto, ao puro amor sugeito,  
E a tua formosura  
Ha de da rosa ter a sorte dura!

## IV.

Alcino, bom pastor dizia a Isbella:  
« — Tua boca formosa

E' como deste prado a rosa bella,  
 Até na côr mimosa;  
 Porém na semelhança  
 Ou não foi sempre dextra a natureza,  
 Ou então tal mudança  
 Nasce de teu rigor, tua dureza;  
 Pois á vida e a amor abre-se a rosa  
 E, ó prenda querida,  
 Tua boca formosa  
 Só se abre a negar amor e vida! »  
 « — Ai, respondeu Isbella  
 Fugindo a seus carinhos  
 Também a rosa tem crueis espinhos!.. »

## V.

« — Quem ha, quem ha que seja  
 No mundo tão feliz, que não suspire? »  
 Assim a meiga Alcina interrogava  
 Ao seu pastor Jozino;  
 Mas elle que em seu rosto embeveccido  
 Lhe contemplava a graça e formosura  
 « — Ha minha cara Alcina, lhe dizia  
 Mas terno que mali'no,  
 Ha quem seja feliz que não suspire;  
 — E' quem nos olhos teus lê seu destino! »

## VI.

A sombra dos bambús, que a fresca margem  
 De um rio preguiçoso,  
 Como verde penacho, se elevaram,  
 Que ora sim, que ora não movia a aragem,  
 A sesta descansava Alceu ditoso  
 Junto da meiga Filis, que enfeitavam  
 Risos nas faces e na fronte flôres  
 De angelicos odores;  
 E Alceu lhe pediu que lhe deixasse  
 Beijar as suas flôres;  
 Corando a bella, as desmaiadas rosas  
 Do rosto se tornaram mais vistosas!  
 Então Alceu ardente de desejos  
 Lhe cobre as faces de amorosos beijos,  
 Dizendo: « — Eu beijo as flôres mais formosas,  
 E as formosas são... são estas rosas! »

# HYDROGRAPHIA

## O RIO PARANÁ, E SEUS AFFLUENTES.



A navegação do Paraná offerece tantos embaraços ás embarcações de vela, que parece estar reservada exclusivamente, fóra dá pequena cabotagem, aos navios movidos pelo vapor. Para estes torna-se facil a navegação, quando se tem um bom pratico, e se navega nas aguas altas. Os encalhos tão frequentes, ha alguns annos passados, tornam-se cada dia mais raros: o aviso á vapor (francez) Flambeau, em tres viagens seguidas, sendo uma de Buenos-Ayres até Corrientes, e as duas outras á Cidade do Paraná, não encaihou uma só vez.

Durante todo anno a navegação até a cidade do Paraná é praticavel para as embarcações, cujo calado não é superior a 3,3 metros (1 braça craqueira=2,2 metros), mas dahi para cima encontram-se passos, que nas baixas aguas só comportam 2 metros, e algumas vezes um pouco menos. Nas cheias um navio que cale 4<sup>m</sup>,3 pode avançar até Corrientes; e sómente até ha Paz, se o seu calado é de 4<sup>m</sup>,8. O Vixen de S. Magestade Britannica, corveta á vapor de 300 cavallos, calava 4<sup>m</sup>,4, quando seguira da Cidade do Paraná para Corrientes, no dia 7 de março de 1855.

O Paraná guarda ordinariamente, no movimento das suas aguas, o seguinte regimen. O mais baixo nivel se observa por via de regra nos mezes de Julho, Agosto, e Setembro, durante o inverno da America do Sul. O crescimento das aguas se faz sentir desde o momento, em que começam a fundir-se as neves dos Andes e do Perú, a saber, no mez de Outubro, prolongando-se até o mez de Janeiro sem interrupção; e chega ao seu maximo em Fevereiro e Março. Começa depois o rio a baixar de Março em diante, conservando o seu nivel medio em Maio e Junho; descendo depois ao mais

baixo nivel que se verifica, como se dice ácima, nos mezes de Julho, Agosto e Setembro.

Não se póde todavia estabelecer uma regra invariavel á este respeito. Segundo regulam os calores do estio, que fazem variar a época do fusão das neves; e as chuvas mais ou menos abundantes nessa quadra; assim o Paraná altera o seu nivel, nas estações proprias da crescente e da vasante. Depois de uma baixa de 2 á 2<sup>m</sup>,3 de fundo, em Maio, ou em Junho sobrevem algumas vezes um crescimento accidental de 30 a 50 centímetros, á que os praticos dão o nome de *repunta*, mas taes crescimentos nenhuma regularidade seguem; e as embarcações de forte calado não devem confiar nelles. A differença do nivel maximo e minimo é de 3<sup>m</sup> a 3<sup>m</sup>,65. As fortes brisas do Sueste, que represam as aguas do Prata, exercem uma decidida influencia sobre o Paraná, até *Obligado e S. Nicoláo*.

A navegação até o porto da Cidade do Paraná é muito mais facil do que d'ahi para cima. Um bom pratico não deve passar um anno sem visitar o curso desse rio; pois os bancos, as ilhas, e consequentemente o canal experimentam mudanças notaveis, e frequentes; é de mister uma pratica constante de navegação, para que os praticos se achem devidamente habilitados no conhecimento dos passos, que ordinariamente se formam entre dous bancos, no meio mesmo do rio.

Em geral o curso do Paraná melhorou do anno de 1846 para cá, no qual o Capitão Sullivan, da Marinha Ingleza, levantou a planta hydrographica deste rio, e a do Uruguay. Os passos tornaram-se mais profundos, por isso que até essa época os grandes navios não podiam subir ácima do passo de S. João.

A partir de Corrientes o Paraná toma a direcção de l'Este, seguindo, depois da sua confluencia com o Paraguay, (aguas ácima) os rumos de Nordeste, e de Norte. A navegação nessa parte do rio não é praticavel, senão por pequenas escunas, até a Tranquera, 50 leguas ácima de Corrientes: dahi para acima encontram-se muitos rochedos, e pequenas cataractas, que só permitem navegação á embarcações mais pequenas. Quando o nivel do rio está alto, a navegação até a Encarnação, concedida pelo Governo do Paraguay, pelo tratado (com a França) de 1853, não é praticavel senão por canoás.

*Paraguay*. — O Paraguay, que leva o tributo das suas aguas ao Paraná, na distancia de 18 milhas ácima de Corrientes, é o mais importante dos grandes rios da America do Sul. Tem elle as suas nascentes nas *Sete Lagôas*, que de-

moram na latitude de 13° S., e na longitude de 56° 20' á Oeste do meridiano de Paris; nas montanhas, que á Oeste do Brasil, parecem reunir-se á cordilheira do Perú. No seu curso, pelo rico territorio do Brasil, na Provincia de Matto-Grosso, recebe elle muitos rios navegaveis da parte de l'Este, entre os quaes nota-se o S. Lourenço, que se lança no Paraguay, na latitude de 18° S., ácima de Albuquerque.

O S. Lourenço é navegavel até a Cidade de Cuyabá, mais de 80 legoas da sua embocadura.

A linha fluvial, comprehendendo o Prata, o Paraná, o Paraguay, e o S. Lourenço, offerece ao Brasil uma communicação mais facil para as suas Provincias do interior, do que por via de terra. A primeira embarcação á vapôr que subiu as aguas do Paraguay foi o *aviso* de guerra francez Fulton, o qual avançou até perto da Assumpção, tendo por commandante o Vice-Almirante Tréhouart, depois do brilhante feito d'armas do Obligado, no anno de 1846. Além desse navio sómente o Flambart, em 1853, e o Flambeau, em 1855, fôram os unicos vapôres de guerra francezes, que se apresentaram na Assumpção.

Quando o Paraguay não está muito baixo, a sua navegação até a Assumpção não offerece difficuldades. O seu leito tem sobre o do Paraná a vantagem de ser quasi invariavel; as ilhas são ahí pouco numerosas, e os bancos estão longe de apresentarem a mobilidade, que se nota no Paraná!

Em geral a largura do rio varia de 200 a 450 metros; as voltas são muito frequentes, e elle se alarga nos pontos em que existem ilhas. O seu fundo é muito irregular: fóra dos passos acham-se 10, 15, e mesmo 20 metros. Os passos que offerecem menor fundo são os de Montero, da Tilleta, St. Antonio, de Hambacé, e de Tacumbú, os quaes exigem grande attenção da parte dos navegantes. No principio de abril de 1855, o minimo fundo nos referidos passos era de 3, 5. A correnteza do Paraguay varia entre 2 milhas, e 1 1/2 milha por hora. As suas aguas crescem periodicamente: ellas começam a subir na Assumpção, no fim de fevereiro, e augmentam gradualmente até o mez de junho, baixando depois lentamente. Em 1855 houve retardação no crescimento das aguas, o qual chegou ao seu maximo á 15 de abril.

*Exploração do Alto Paraguay.*—O Governo dos Estados-Unidos propoz-se a fazer explorar o alto Paraguay, e os seus afluentes, a saber: o Vermejo, e o Pilcomayo. Empregou nessa commissão o vapor de guerra *Water-Witch*, da força de 150 cavallos, calando 2, 3. Em outubro de 1843 chegou esse

vapor a Assumpção, e obteve do presidente Lopes autorisação para subir o Paraguay, indo até Corumbá, 657 milhas acima da Assumpção, e perto do lago Xarayes, na latitude de cerca de 18° 30' S.

O Water-Witch navegou, sem encontrar obstaculo algum, atravessando um paiz magnifico, e provendo-se no caminho da lenha precisa para a machina. A expedição Americana comprehendia, além do referido vapor, outro da força de 12 cavallos, destinado especialmente á exploração do Vermejo e Pilcomayo.

*Affluentes do Paraguay.*—Desde algum tempo a navegação destes rios secundarios, quasi desconhecidos actualmente, tem excitado a attenção geral. As provincias do Norte da Confederação Argentina, a saber: Jujuy, Salta, Tucuman, e Santiago del Estero, reconhecem hoje, que lhes será muito mais vantajoso aproveitar essas vias fluviaes, ainda não exploradas, para communicarem com o Paraguay, o Paraná, e Buenos-Ayres, do que servir se como até aqui dos transportes lentos, difficeis, e dispendiosos por via de terra.

*Rio Vermejo.*—O rio Vermejo é formado pelas torrentes que descem dos Andes: e recebe perto da cidade de Oran, o Rio Grande de Jejuy, o qual atravessa o norte desta provincia, e uma parte da de Salta. Percorre elle as dilatadas planices do Chaco, e vem lançar-se no Paraguay á 15 leguas acima da confluencia deste rio com o Paraná. O seu curso tortuoso desenvolve-se desde Oran, em uma extensão de 250 leguas: foi navegado em 1826 por Soria, que descendo por elle, em uma pequena embarcação de 32 pés de comprimento, e 2 de calado, chegou ao Paraguay depois de uma viagem de 57 dias, sendo alli preso por ordem do Dictador Francia, que confiscou os seus papeis, e o conservou na prisão por espaço de 5 annos.

O pequeno vapor americano, da força de 12 cavallos e de um calado de 20 pollegadas, entrou no rio Vermejo no mez de maio de 1854, e começou a subil-o sem difficuldade. Todavia reconheceo-se que sua força era insufficiente para vencer a corrente, sobretudo nas numerosas voltas, que faz o Vermejo. Durante 6 semanas a expedição tinha avançado apenas 45 leguas, encontrando no seu tracto alguns indigenas, que se mostravam timidos, e pacificos. O rio apresenta uma largura que varia de 35 a 50 metros, correndo frequentemente em um leito emparedado. O seu curso não é obstruido por troncos de arvores, ou rochedos. A inadequada força do vapor, para o serviço a que era destinado, desanimou os Americanos, renunciando estes por esta vez a essa empreza.

Nova tentativa no mesmo genero se faz actualmente, em sentido contrario

á marcha daquella exploração. Mr. Cheney-Hickman, partindo de Oran, devêra descer o Vermejo em março de 1855, em uma pequena embarcação, denominada *Mataco*, recolhendo em caminho amostras de todos os productos susceptíveis de serem trazidos ao mercado de Buenos-Ayres. Espera-se com impaciencia o resultado desta expedição, que tem de resolver definitivamente essa interessante questão.

*Pilcomayo*.—A Bolivia teria grande interesse em ver abrir-se a navegação dos afluentes do Paraguay, que atravessam o seu territorio: e é neste intuito que ella declarou livre, para qualquer nação, a navegação destes dous rios desconhecidos. O principal destes afluentes é o *Pilcomayo*, o qual, partindo do centro da Bolivia, á pequena distancia de Chuquisaca, corre á Oeste 1/2 Sudoeste, e depois á rumo de Sudoeste: e atravessando o Grande Chaco, vem lançar-se (depois de bifurcar-se em dous ramos) no Paraguay, um pouco abaixo da Assumpção. Os jesuitas do Paraguay fizeram, no precedente seculo, duas tentativas para subir o *Pilcomayo*: a primeira teve lugar no anno de 1721, com uma embarcação de 80 toneladas, chegando até o ponto de sua bifurcação, na distancia de 90 leguas da sua embocadura: e ahi foram embaraçados na sua navegação pela primeira cataracta que encontraram. Proseguindo depois a sua viagem em um escaler, subiram mais 450 leguas até o ponto em que uma tribu de Indios obistou a sua passagem. Esta viagem foi executada em 88 dias. A segunda tentativa realisou-se no anno de 1745; e não deo melhor resultado do que aquella primeira. No anno de 1844; o governo de Bolivia fez alguns esforços para verificar se era possivel abrir pelo *Pilcomayo* uma via de comunicação entre o Alto Perú e o Paraguay; mas renunciou-se logo a essa empreza, não havendo avançado os exploradores da parte superior daquelle rio mais, que cerca de 12 leguas em 27 dias, em razão de sua pequena profundidade.

*Afluentes do Paraná*.—O principal affluente do Paraná é o rio *Salado*, que se lança naquelle perto de Santafé, cerca de 100 leguas acima de Buenos-Ayres, depois de haver atravessado as provincias de Salta, Tucuman, Santiago del Etero, e de Santafé.

Tem elle cerca de 400 leguas de curso, mudando de nome em differentes pontos. Chama-se successivamente rio Guachipas, rio del Passage, e rio Salado. O Coronel Armales, em uma obra, publicada em 1833, emitta a opinião de que é praticavel a comunicação pelo Guachipas, ate a cidade do mesmo nome, distante 20 leguas de Salta, mediante o trajecto de 200 leguas. E já hoje grandes embarcações sobem o Salado até 30 leguas de Santafé.

O *Rio Tercero*, que se suppõe ser navegavel, atravessa a provincia de Cordova, e vem lançar-se no Paraná, reunindo-se ao Carcarana, na distancia de 25 leguas abaixo de Santafé.

Quando se attenta para estas bellas vias de communicação, abertas pela natureza ás provincias da Confederação Argentina, e á Republica do Paraguay, lamenta-se a esterilidade á que tem ellas sido condemnadas até o presente.

A falta de população, e as continuas guerras civis são sem duvida o principal obstaculo ao progresso de qualquer paiz. Esperamos que esta bella região mudará em breve de aspecto, participando dos beneficios de uma civilização mais esclarecida.

(Corresp. do *Moniteur Universel*, 2 de Agosto de 1855).



## BOLETIM BIBLIOGRAPHICO.



*Lições da Historia do Brasil, adaptadas á leitura das escolas*—PELO SNR. A. A. PEREIRA CORUJA—um volume em 18.

O Snr. Coruja, assás conhecido pelos seus interessantes compendios, e pelo desvelo, que tem mostrado pela instrucção da mocidade d'este imperio, acaba de prestar-lhe mais um relevante serviço com a publicação das suas *Lições da Historia do Brasil*. Este livrinho se torna recommendavel pela clareza d'exposição, veracidade dos factos, colhidos nas melhores fontes, e excellencia de methodo. E' ainda enriquecido de um appendice com a *Noticia abreviada das épocas do Brasil, sua população, divisão de provincias, etc.*; assim como da nossa constituição politica e do acto adicional. No nosso humilde entender é este compendio preferivel aos dos Snrs. Bellegarde e Abreu e Lima, e formamos votos para que seja elle adoptado nas nossas escolas primarias. Receba o Snr. Coruja as nossas humildes, porém sinceras felicitações, pelo seu novo escripto, que veio juntar mais uma flôr á sua grinalda litteraria.

*Memorias da Litteratura Contemporanea* — PELO SNR. A. P. LOPES DE MENDONÇA — um volume em 8.º, em casa de Garnier, rua do Ouvidor n. 69.

Já a imprensa diaria d'esta capital publicou alguns escriptos do bellissimo trabalho, que ora annunciamos, e cuja leitura causou-nos extraordinario prazer. O Snr. Lopes de Mendonça, espirituoso folhetinista da *Revolução de Setembro*, e autor de uma estimada *Viagem á Italia*, traça-nos

um vivo e pitoresco quadro da litteratura portugueza contemporanea, e mostra-nos que a velha patria de Camões acompanha o progresso das letras. Ahi vemos que as obras do Snr. A. Herculano, sobre a Historia, os do fallecido Snr. Duque de Palmella sobre a diplomacia, do Snr. Marreca sobre a economia politica, do Snr. Garrett sobre o drama e a poesia, podem ser postas em paralelo com a que ha de melhor nos paizes os mais adiantados. Revela-nos além disso a existencia de uma pleiade de escriptores, que nos eram quasi que desconhecidos, e por essa occasião lamentamos sinceramente o desprezo que votamos ao nosso idioma, á ponto de ignorarmos o movimento litterario de Portugal, e vice-versa!

O livro do Snr. Lopes de Mendonça seria mais completo se abrangesse as obras publicadas na lingua portugueza em ambos os hemisferios: e agradecemos-lhe cordialmente a delicadeza com que nos trata, e o juízo favoravel que de nós fórma, analysando os escriptos dos Snrs. Marquez de Abrantes, Gonsalves Dias, e Alvares de Azevedo, que por uma feliz casualidade chegaram ao seu conhecimento. E' tempo de permutarmos tambem nossos livros com os dos nossos irmãos de além-mar, e dest'arte nos apreciaremos melhor.

*Histoire du 41.<sup>me</sup> Fauteuil de l'Academie Francaise*—POR ARSÈNE HOUSSAYE —  
um volume em 8.<sup>o</sup>, em casa de Garnier, rua do Ouvidor n. 69.

Sabem os nossos leitores que a amizade, ou o acaso tinham presidido a escolha dos quarenta membros da Academia Franceza, e que o cardeal de Richelieu declarara solemnemente que este numero não poderia ser por fórma alguma alterado. Mas como por uma culpavel negligencia não fôra contemplado nesse numero o grande Descartes, o restaurador da philosophia, e um dos maiores genios, que o mundo tem possuido, forçoso foi abrir-se uma excepção em seu favor, e crear-se um lugar soprannumerario; e é a historia d'essa 41.<sup>a</sup> cadeira, que nos relata d'uma maneira encantadora semeada de chistosos epigrammas o Snr. Houssaye. Por uma notavel coincidencia os maiores homens da França sentaram-se nella, assim vimol-o occupada por Gassendi, Pascal, Molière, Malebranche, os dous Rousseau, Mirabeau, André Chenier, Lammenais, e muitos outros. Para que nada faltasse á sua gloria, dous excelsos monarchas, Luiz XIV e Napoleão a possuiram; um no apogéo da sua grandeza, e outro quando partia para Santa Helena. Eis ainda essa cadeira tão justamente cobiçada, que acaba de recusar o ce-

lebre Beranger; a quem a Academia foi em corporação convidar no seu alvergue!

*L'Empire Chinois*—PAR HUC, MISSIONARIO APOSTOLICO—dous volumes em 8.º, em casa de Garnier.

O imperio chinez, ácerca do qual se tem contado tantas fabulas, foi cuidadosamente estudado pelo digno Missionario, o Snr. Huc, que nol-o faz conhecer tal qual é, com seus defeitos, a corrupção dos seus magistrados, o indifferentismo glacial infiltrado na população, á par de algumas boas qualidades, como sejam o amor ao trabalho e os habitos pacificos de seus habitantes. O leitor encontrará nesta obra a explicação desse movimento, que ainda ha pouco abalou todo o celeste imperio, pondo em imminente perigo a dynastia mant choua, e que ainda não está completamente extinto. E' uma leitura agradável e instructiva ao mesmo tempo, que recommendamos a todos os que se interessam pelos estudos ethnographicos.

*Dictionaire Universel des Sciences, des Lettres e des Arts*—POR BOUILLET—um grande volume de 1750 paginas em 8.º, em casa de Garnier.

Ninguem hoje contesta a utilidade de semelhantes dictionarios, especie de Encyclopedias portateis, de facil consulta, encerrando em poucas linhas o fructo de grande lucubrações. *Times is money*, é o emblema do nosso seculo, e parece-nos que poucos tel-o-hão comprehendido tão bem, como o Snr. Bouillet, escrevendo o seu interessante *Diccionario Universal de Geographia e de Historia*, e fazendo-o acompanhar pelo das *Sciencias, Letras e Artes*. E' um desses livros de que nunca nos arrependemos de tel-o comprado.

Conego, Dr. Pinheiro.

# A TERNURA FILIAL (1)

## IDYLLIO.

JOSINO E CLOE.

JOSINO.

Cloe, para que colhes com tanto cuidado estas flôres ainda orvalhadas do fresco rocio da madrugada?! Que urgente cuidado te obrigou a deixar tão cedo a cabana que, quando o gallo velador despertava o seu rebanho, já tu havias sahido? Mas, Cloe, tu choras?!..

CLOE.

Josino, meu caro irmão! Tu ignoras por ventura que hoje fazem dous annos que o céu nos roubou nossa mãe? Ah! e que mãe, meu caro irmão! Eu vim colher estas flôres para cobrir a sua sepultura.

JOSINO.

Ah minha amada Cloe! E quando virá um dia, em que eu não me recorde dessa mãe, que tanto amava-me e que só se alegrava quando tambem nos via alegres? Não te lembras, Cloe, daquelle dia em que eu vim triste para á cabana, por ter perdido o premio na contenda do canto com Titirol! Quanto se affligiu ella! Quantos meios buscou para alegrar-me! E haverá no mundo uma cousa tão doce como uma mãe, oh minha Cloe! Não é por certo tão agradável a fresca sombra ao caminhante fatigado, nem pura a fonte ao cegador sequioso na menor calma de estio. Eu tambem sahi mais cedo para vir derramar sobre a sua sepultura um taro de branco leite.

CLOE.

Eia, Josino, vamos.

Caminham ambos mudos, e chegando ao sepulchro se prostam banhados em lagrimas.

JOSINO.

Eu vos saúdo, oh caras cinzas da melhor das mãis! Eu vos saúdo, preciosos restos de uma creatura á quem, depois da Suprema Divindade eu mais amei sobre a terra! Ah! si ainda assim podeis ouvir-me, oh minha mãe! aceitai estas lagrimas, que derrama sobre a vossa sepultura um filho saudoso e reconhecido!

CLOE.

Oh minha mãe! Oh minha melhor amiga! Recebei as lagrimas e ternos suspiros de vossa Cloe! Ah! se ainda me amais, não as desprezareis por certo!

JOSINO.

Verdes álamos, tristes e sombríos cyprestes, que rodeais este lugar sagrado, ah! quanto sois felizes, pois que dais sombra ás cinzas do justo! O inverno não possa despojar-vos da verde ramagem que vos adorna; o raio não se atreva a ferir-vos.

(1) A leitura do inimitavel Gesner me excitou a compôr este Idyllio no seu estylo.

CLOE.

Cedros! Ditosos cedros! O fresco orvalho da aurora penetre as vossas raizes, para que façais este lugar ainda mais sombrio e respeitavel. Não temais os golpes do ferro. O céu vos defenderá, porque ensombraes a sepultura da melhor das mãis.

JOSINO.

Quanto é bom ser justo! Quanto é feliz a sua vida, e quanto é ditosa a sua morte! A sua vida é uma continua primavera e a sua morte uma bella manhã de estio sem nuvens. Nem uns desgostos perturbaram a sua vida assim como nem uns sustos horrorisam a sua morte. Este é o vosso retrato, oh minha mãe!

CLOE.

Como corriam pacificamente os teus dias, em quanto o céu nos quiz dar a consolação de possuir-vos, oh minha mãe! O céu abençoava o vosso pequeno rebanho e jámais vos faltou o campo com uma colheita sufficiente para nós e ainda, o que era o vosso maior prazer, para socorrer os indigentes. Que lagrimas de alegria não derramaveis depois de ter espalhado beneficios no seio da indigencia!

JOSINO.

Como tenho presente o dia em que para socorrer a Felis, destes os meus fructos que estavam reservados para o vosso alimento! Quantas lagrimas derramastes ouvindo os suspiros daquella pobre mãe, que gemia opprimida de dôr, por não ter que dar aos innocentes filhinhos, que lhe pediam tambem com lagrimas o sustento! Quanto é doce o fazer bem! Possam vossos filhos imitar-vos, oh minha mãe!

CLOE.

Que triste foi para nossa aldeia o dia em que morrestes, oh minha mãe! Como um grande numero de infelizes gemia em torno ao vosso leito e o banhava com lagrimas de verdadeiro reconhecimento e saudade! Como abençoavam o vosso nome e ainda hoje abençoam a vossa memoria! O vosso sepulchro é respeitado e os velhos o mostram aos mancebos dizendo com lagrimas:—Eis o lugar onde repousam as cinzas de um justo! Abençoai a sua memoria, oh meus filhos!

JOSINO.

Recebei, oh minha mãe, recebei este puro leite mais alvo que a neve, que eu vaso sobre a vossa sepultura; e si lá na morada do Eterno, ainda vos movem as affeições terrenas, recebei as minhas lagrimas e dignai-vos de abençoar-me!

CLOE.

Estas brancas flôres, oh minha mãe! colhidas ao nascer da aurora, aceitai em penhor da minha ternura, e lá dessa morada dos justos lançai os olhos sobre a vossa Cloe.

Assim fallaram os dous innocentes pastores, e derramando lagrimas sobre o leito e flôres sobre o humilde sepulchro, se retiraram ainda chorando.

Possam todos os filhos assemelhar-vos, oh par bem aventurado!

J. DA N. SALDANHA.

# O VISCONDE DE S. LEOPOLDO

---

## REMINISCENCIAS DA INFANCIA.

---

Por muito tempo hesitei em escrever alguma cousa ácerca do meu prezado Tio, receando que fosse censurado de pouco modesto o que á tal respeito dissesse: animou-me porém o exemplo de muitas pessoas notaveis, que tem feito a biographia dos seus mais proximos consanguineos, fortaleceu-me ainda o desejo de communicar ao publico as impressões, que deixou elle gravadas com caracteres indeleveis em meu espirito juvenil. Não sou eu, mas sim o Brasil inteiro pelo orgão dos seus mais legitimos representantes, pela voz do jornalismo, pela da tribuna, pela das academias, que o proclamam um varão benemerito, um illustre servidor do Estado, um distincto litterato; e pois, cumpre que lhe ergamos uma estatua, que seu busto seja collocado no Pantheon litterario, ao lado dos do Conego Januario e do Marechal Cunha Mattos, seus dignos irmãos d'armas.

Para que um grande homem seja bem conhecido, e bem avaliado releva fazel-o vêr sob varios aspectos: é necessario o trabalho de diversos artistas; uns traçam o desenho e concebem o pensamento da estatua, outros fundem o bronze, ou sinzelam o marmore, e outros finalmente occupam-se com os baixos-relevos do pedestal. O Visconde de S. Leopoldo foi ao mesmo tempo um estadista sem macula, um eximio litterato, um excellente pai de familia, e um prestimoso parente. Ao seu digno successor na cadeira presidencial do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, ao nobre Visconde de Sapucahy, cabe escrever a vida do homem politico, e certamente fal-o-ha com a exactidão de factos, elevação de pensamentos, e atticismo de linguagem, que tanto o distinguem entre os cultores das letras: e o illustre Orador do mesmo Instituto, meu distincto amigo e mestre o Snr. Porto-

Alegre, incumbiu-se na sessão solemne de 9 de Setembro de 1847 d'espargir sobre a campã do litterato as flôres da sua arrebatadora eloquencia, e as lagrimas saudosas da mais sincera amizade. Ainda parece-me ouvir os inspirados thrinos que o cantor de Colombo entoou nesse solemne momento em honra de meu caro Tio. A estatua está quasi terminada, e esperando a sua conclusão final, serei eu, obscuro alvanel, quem me encarregue das obras mais grosseiras, dos mais simples baixos-relevos do pedestal. Procurarei pintar o Visconde de S. Leopoldo na sua vida intima, invocando para isso as recordações da infancia, e as tradições de familia. Não pense o leitor que vou prevalecer-me desta occasião para descrever-lhe a nossa genealogia, enfeitar-me com brasões heraldichos verdadeiros, ou falsos; não, tal não é meu intento, e unicamente dir-lhe-hei, que José Feliciano Fernandes Pinheiro, depois Visconde de S. Leopoldo, pertencia á classe média, á essa *burguezia* que pôde reivindicar para si os mais bellos triumphos do nosso seculo. Oriundo por ambos os lados da provincia do Minho, no reino de Portugal, foram seus pais o coronel de milicias, e honrado negociante, José Fernandes Martins, e sua mãe D. Thereza de Jesus Pinheiro. Viu a luz na antiga villa, hoje cidade de Santos, provincia de S. Paulo, aos 9 de Maio de 1774. Placidos e serenos se deslisaram os primeiros annos da sua vida, e tendo terminado o estudo dos rudimentos da lingua materna entregou-se ao do idioma de Virgilio, sob a direcção do habil professor, então chamado *mestre régio*, José Luiz de Mello, que o contemplava no numero de seus primeiros discipulos. O joven José Feliciano não era um prodigio de talento, mas sim de applicação; e as horas, que seus companheiros davam ao recreio, consagrava-as elle aos livros, de sorte que no dia seguinte a victoria pendia para o seu lado; o estudo tinha vencido a facil concepção e a feliz memoria.

O Vigario de Santos, Doutor em Canones, José Xavier de Toledo, seu padrinho de chrisma, querendo recompensar o ardor, que mostrava pelas letras, offereceu-se para ensinar-lhe a traduzir a lingua franceza, o que deu summa satisfação ao joven estudante por abrir-lhe mais uma porta do templo de Minerva. Poucos eram nessa época os que podiam penetrar nos arcanos dessa facil e brilhante litteratura, hoje tão vulgarizada: havia quasi que uma temeridade em faoilitar aos moços a leitura d'obras, que pareciam suspeitas aos olhos d'uma vigilante e por demais suspeitosa *orthodoxia*. Contava-me meu pai um facto que servirá para caracterisar esse tempo já de nós tão distante, mais pela mudança das idéas do que pelo

numero de annos decorridos. Um irmão de minha avó, Conego da Cathedral de S. Paulo, e homem distincto pelos seus conhecimentos theologicos, sabendo que meu Tio estudava o francez assustou-se com semelhante innovação nos classicos estudos, e cheio do mais santo zêlo pela pureza da fé de seu sobrinho reclamou a suspensão formal desse estudo, que ia pô-lo ao facto das obras dos hereges, as quaes só conhecia por têl-as visto no *index expurgatorum*, e confundindo innocentes e culpados, proscreeva a lingua franceza como a dos libertinos, dos impios, e dos atheus. Felizmente o bom senso de meu avó oppôz o seu veto, e meu Tio continuou a traduzir o Telemaco do sabio e pio Arcebispo de Cambraia.

Na tenra idade de dezoito annos desprendeuse dos braços maternos, privouse das doçuras do lar domestico, e atravessando o Atlantico foi buscar n'Athenas Lusitana o complemento dos seus votos, a aquisição d'um pergaminho, que o habilitasse para melhor servir *ao rei e á patria*. Havendo finalizado os seus estudos preparatorios, matriculou-se no curso de Canones, obtendo o gráo de bacharel formado, em 1798, quando apenas contava vinte e quatro annos. Meu Tio não se sentia com vocação para o estado ecclesiastico e estudava o direito canonico unicamente para satisfazer ao gosto de sua piedosa mãe, cujos irmãos eram todos padres, ou frades, e tendo recebido noticia, logo depois da sua formatura, de que ella era falecida, alcançou de meu avô licença para dedicar-se á carreira da magistratura, para a qual se achava igualmente apto, graças ao methodo do estudo simultaneo d'ambos os direitos, seguido na Universidade de Coimbra. Mais tarde mostrou pesar, quasi que arrependimento, de não ter entrado para o serviço da Igreja, como se deprehe de do seguinte trecho d'uma carta, que me dirigio tres mezes antes da sua morte. « *Passando á outro ponto essencial da citada sua carta, dizia-me elle: como poderei deixar d'aprovar, quanto em mim cabe, um estado e profissão no qual eu me iniciiei outr'ora, e não sei si em meio das procellas da minha vida publica por vezes tenho arrependimento de não ter proseguido e a elle me dedicado?* »

Sabe Decs por quanto tempo estaria em Lisboa, confundido na grande turba dos bachareis requerentes, si não lhe valesse a protecção do nosso parente Diogo de Toledo Lara e Ordonhes, que gozava da privança de D. Rodrigo da Silva Coitinho, então ministro dos negocios do ultra-mar. Empregado no Arco do Cêgo, occupou-se em fazer varias versões do inglez, cujo conhecimento adquirira em Coimbra, apesar de ser *lingua d'hereges*. Tal exercicio, confessava elle, lhe fôra muito util, obrigando-o a fazer um accu-

rado estudo da lingua vernacula, a lèr e meditar sobre os grandes modelos da nossa litteratura, e adquirindo essa pureza de dicção, essa graça de linguagem, que todos reconhecem em seus escriptos. Residiu por quasi tres annos na capital da monarchia portugueza, até que foi despachado em 1801 para o lugar de juiz das alfandegas do Rio Grande e de Santa Catharina, e incumbido de creal-as.

Tornou-a vèr em Dezembro de 1801 o seu paiz natal, depois de nove annos de ausencia, e passando alguns mezes no seio da sua familia, de quem estava tão saudoso, dirigiu-se á cidade de Porto-Alegre, onde chegou em meiado do anno seguinte. Immensos foram os embaraços com que teve de luctar e só em 1804 é que poude tornar effectiva a criação d'alfandega de Porto-Alegre e do consulado do Rio Grande. Na criação da junta da fazenda teve elle o lugar de procurador da coròã, servindo ao mesmo tempo de juiz conservador dos contractos do quinto e dizimo e inspector do papel sellado.

Achou n'administração do Rio Grande do Sul o ultimo dos seus governadores, chefe d'esquadra Paulo José da Silva Gama, depois barão de Bagé, para quem trouxe cartas de recommendação do ministro do ultra-mar. O governador e o moço juiz ligaram-se com a mais íntima amizade: e não poucas vezes recebia este em seu gabinete nas horas silenciosas da noite a visita do velho militar que ia-o consultar sobre o modo porque melhor se haveria na gerencia dos publicos negocios. Longe de ensoberbecer-se com tal honra, com semelhante confiança, elle occultava-a cuidadosamente, e só muito tarde na intimidade de familia é que nos fazia essas revelações.

Ao Barão de Bagé succedeu D. Diogo de Sousa, com o titulo de capitão general, e como nutrisse antiga rivalidade com o ultimo governador, quiz dispensar-se do auxilio que a este tinham prestado as luzes e a moderação do juiz d'alfandega. Por muito tempo ambas as autoridades se conservaram em respeitosa distancia, e fortificados em seus respectivos arraiaes. Era um estado dubio, ou na eloquente phrase do Snr. Guizot, uma *paz armada*. Quem foi o primeiro a romper o armisticio? — o capitão-general. — E eis, como me referia meu Tio, tinha-se passado essa scena.

Em uma das mais frias noites do inverno de 1806 trabalhava elle em seu gabinete, quando um pagem lhe veio annunciar que um homem en-volto em um ponche desejava fallar-lhe. Apenas transpondo o limiar da sala, que D. Diogo (pois era elle o desconhecido) se lança em seus braços, pede-lhe mil desculpas pela maneira reservada com que até então o tratara,

e roga-lhe que seja para com o capitão-general o mesmo intelligente conselheiro que fôra para com o antigo governador. O orgulhoso fidalgo se achava em bem serios embaraços; pois que o leitor se recordará que em junho desse mesmo anno uma divisão ingleza ao mando de Sir Popham e do general Bererford, havia invadido o Rio da Prata, e que difficilimo era guardar a neutralidade entre os dous belligerantes. Chegára o tempo de inclinar-se a espada ante a penna, e de dizer com Cicero: *Cedant armæ togæ.*

Como audictor geral das tropas acompanhou ao exercito pacificador e assistiu a campanha de 1811 á 1812, no que muito lucrou, pelo conhecimento pratico das localidades, onde se passaram as scenas de que se constituiu o narrador nos seus interessantes *Annaes da Provincia de S. Pedro.* Esta obra, assás conhecida, custou-lhe immensos labores, teve de colleccionar documentos, que andavam esparsos, interrogar o testemunho de pessoas fidedignas, e joeirar com a mais severa critica as tradições populares, que um historiador nunca deve desprezar, nem tão pouco fazer-se echo dellas, á imitação de Tito Livio. O auctor dos *Annaes da Provincia de S. Pedro* tinha tomado a Tacito por seu modelo, e procurou quanto permittiam a natureza diversa dos objectos e a indole das duas linguas, seguir as pisadas do grande historiador romano. Só os que se tem occupado com o estudo das cousas patrias é que poderão avaliar o importante serviço prestado ás letras pelo Visconde de S. Leopoldo, salvando do olvido factos gloriosos da nossa historia, á custa de incalculaveis sacrificios, consagrando á esta ardua empreza as horas de repouso, que lhe deixavam as suas variadas occupações.

Dezembargador honorario desde o anno de 1811, gozando das honras de coronel, como audictor geral foi membro da primeira junta de justiça, que se creou na provincia de S. Pedro. Os acontecimentos de 1821 o encontraram no meio dos seus predilectos estudos, e no desempenho das suas tão complicadas funcções, mas a reputação de que geralmente gozava o designou para o lugar de deputado ás côrtes geraes e constituintes da nação portugueza pela provincia da sua residencia e pela do seu nascimento, donde se achava ausente a dezenove annos. Tomando assento no Congresso, como representante por S. Paulo, defendeu com grande intelligencia os interesses do Brasil, e quando ahi se tratou de trocar com a Hespanha a praça de Montevidéo na America pela d'Olivença na Europa, impugnou a idéa com tanto conhecimento de causa, que o distincto brasileiro Hypolito José da Costa, que em Londres escrevia o *Correio Brasiliense* dando conta da

discussão, serviu-se destas *formaes* palavras: « *o deputado Fernandes Pinheiro manejou este negocio com mão de mestre.* » Recusando seguir o exemplo dado por alguns dos seus collegas deputados do Brasil, conservou-se em Lisboa até a proclamação definitiva da nossa independência, e só deixou de comparecer ás sessões das côrtes quando julgou findo o seu mandato. Semelhante procedimento, não sendo devidamente apreciado pelas paixões d'uma época de ebulição, teve de soffrer o sequestro de seus bens, o que não pouco arruinou a sua pequena fortuna, adquirida á custa da mais stricta economia.

Novamente eleito deputado á Assembléa Constituinte por ambas as provincias, que o haviam mandado ás côrtes de Lisboa, optou ainda pela de S. Paulo, e como seu representante achou-se nessa memoravel Assembléa, cujos actos tem sido tão diversamente interpretados. Ahi, como no Congresso Portuguez, seguiu o *justo meio*, e suas idéas se distinguiram por uma grande moderação; por isso não teve de soffrer as amarguras do exilio.

Encarregado d'administração da Provincia de S. Pedro, na qualidade de seu primeiro presidente, occupou-se sériamente de desenvolver todos os elementos de prosperidade, que encerra esse abençoado paiz, cujas necessidades, talvez melhor do que ninguem, conhecia. Fundou a colonia de S. Leopoldo, cujos prazos por si mesmo dividiu, e cabe-lhe certamente a gloria de havel-a assentado sobre bases tão solidas, que ainda hoje é considerada como a primeira de quantas o Brasil possúe. Foi o primeiro provedor da Casa de Caridade de Porto-Alegre, e organisou a primeira typographia, que houve na Provincia.

Deixemos ao Snr. Porto-Alegre narrar a acção grandiosa por elle praticada como provedor da Casa de Caridade.

« Sendo presidente do Rio Grande, no dia 1.º de Janeiro de 1825, aquelle respeitavel cidadão abriu o novo hospital da Caridade, e trasladou os enfermos d'uma casa velha para o novo e amplo estabelecimento: toda a cidade de Porto-Alegre o viu, cheio de unção, com a sua farda doirada, carregando ás costas um doente deitado em uma rêde, e dando este exemplo de humildade evangelica, que foi por todos seguido. »

O Snr. D. Pedro I querendo empregar em mais larga escala os seus talentos administrativos, nomeou-o nesse mesmo anno de 1825 para o elevado cargo de ministro e secretario de estado dos negocios do imperio. Nada direi sobre o modo porque se houve quando ministro, e unicamente cita-

rei como padrões de sua gloria os decretos, por elle referendados, creando as academias juridicas e a das bellas-artes. A' penna mais habil toca o desenvolver as luctas, que teve de sustentar, o indifferentismo, que teve de vencer, para chegar a tão uteis resultados. O Magnanimo Fundador do imperio mostrou-se satisfeito pelos seus serviços agraciando-o com o titulo de Visconde com grandeza, fazendo-o conselheiro de estado, e escolhendo-o senador na lista triplice da provincia de S. Paulo, em que vinha o seu nome em primeiro lugar.

Os successos politicos, que originaram a abdição do primeiro Imperador, desgostaram profundamente ao Visconde de S. Leopoldo, que se tornou notavel pela sua sincera adhesão ao principio monarchico, e o obrigaram a retirar-se da scena politica.

Havendo escolhido para sua esposa a uma das senhoras mais virtuosas de Porto-Alegre, e que tornou-o pai de numerosa progenie, achou nas doçuras de familia ampla compensação dos seus pezares como homem politico. Todo entregue á educação de seus filhos, do que era summamente zeloso, dedicava as suas horas vagas ao estudo e á cultura d'uma chacara, que possuia nos arredores da cidade, e em cujo portão mandára gravar este distico:

Nestes Elysios, quaes pintou Virgilio,  
Em ocio honroso a vida deslisamos.

Gozava das doçuras do lar domestico, inteiramente retirado dos negocios, quando a revolução de vinte de Setembro de 1835, cimentada por antigos odios e profundas rivalidades, o veio tirar do seu ocio honroso e lembrar-lhe o dever de todo o bom cidadão, que como pensava o sabio Lycurgo, não deve ficar indifferente no meio das dissensões civis. Era mui conhecido por seus sentimentos monarchicos, para não ter de soffrer da parte dos homens, que arvoraram a *esfarrapada bandeira da republica Piratinim*. Elle traçava-me, annos depois, com verdadeira eloquencia o quadro desses dias luctuosos, em que viu a sua bella chacara talada pelos rebeldes, que alli assentaram o seu quartel general durante todo o tempo, que durou o cerco de Porto-Alegre; seus escravos fugidos, para irem assentar praça no *exercito liberal*, e acordando-se de noite sobresaltado ao pavoroso ruído das bombas e granadas, que rebentavam sobre a cidade. Contava tambem a parte que tivera no bom exito da reacção, que o partido da legalidade operou na capital, que havia por deploravel descuido cahido em poder dos sediciosos:

a combinação dos seus planos com os do marechal Chagas, á cuja prudência e dedicação folgava de render sincera homenagem e dissimulação, que lhe era mister guardar para não tornar-se cada vez mais suspeito ao partido revolucionario, — que todavia soube respeitar a sua pessoa e toda a sua familia.

A não do Estado, dirigida por habéis pilotos, atravessára os mares procellosos da menoridade e approximava-se ao termo da sua viagem, quando o Visconde de S. Leopoldo entendeu que devêra vir tomar parte nos trabalhos da camara de que era membro. Tinha seu lugar fixo em duas importantissimas commissões da casa — a de diplomacia e da resposta á falla do throno, que, como se sabe, é o órgão do pensamento da maioria, e suas opiniões moderadas, a deferencia com que tratava a todos, grangeavam-lhe sympathias de *gregos e de troyanos*.

O esclarecido Snr. Conselheiro Antonio Peregrino Maciel Monteiro, que então exercia o cargo de ministro dos negocios estrangeiros, endereçou-lhe um officio, datado de 25 de Outubro de 1837, em que participava-lhe achar-se nomeado presidente da commissão encarregada de averiguar os limites naturaes do Brasil. Desejando corresponder á confiança, que nelle depositava o Governo Imperial, escreveu uma luminosa memoria, que sendo em alguns pontos contestada pelo Conselheiro Costa e Sá, collocou-o na necessidade de replicar da maneira a mais satisfactoria. Talvez que seja agradável aos leitores o vêr a maneira porque, na intimidade das nossas relações, elle avaliava este seu trabalho, o que farei citando o trecho d'uma carta, que me dirigiu em 15 de Setembro de 1846.

« Por justa reciprocidade inclúo nesta dous folhetos, um dos quaes a — *Resposta ás Breves Anotações etc.* — modernamente publicada; talvez não tivesse occasião de vêr: foi obra de capricho, e para a polemica não me sinto azado; na esgrima esfrio sempre, pela presunção da minha inferioridade; não tanto por mim, como por circumstancias, que occorreram, era do meu pundonor sahir á arena. O meu antagonista, o Conselheiro Costa e Sá é, ou era, um dos mais distinctos membros d'Academia Real das Sciencias de Lisboa, não sei si por ciume do acolhimento que se fez á minha — *Memoria sobre os limites do Brasil* —, ou por qualquer outro motivo, analysou com paixão, e perdoando eu injurias dirigidas á mim, saltei a craveira da moderação na pag. 235 da minha *Resposta*, porque tocaram geralmente á patria: como se desconfiasse que alguém, por attenção, a sumisse, fiz chegar particularmente ás Mãos de S. M. I., que com o seu espe-

cial discernimento a mandou levar ao Instituto: forçoso então me foi apañhar a luva, e aceitar o desafio, e ir-lhe na pista, quando menos para mostrar-lhe que se errei, e não correspondi á confiança do Instituto, foi involuntariamente; gladiiei desprovido d'armas, porque estava longe dos meus livros e manuscritos, que tenho em Porto-Alegre. »

Emprehendendo no anno de 1838 uma viagem á Santos, sua patria, para negocios de familia, aproveitou a sua curta residencia nessa cidade para colher os documentos precisos a fim de escrever dous estudos biographicos ácerca dos irmãos Alexandre de Gusmão e Bartholomeu Lourenço de Gusmão, conhecido pela denominação de— *Voador*—, seus illustres conterraneos, cuja memoria desejava vingar do injusto esquecimento, em que jazia. Não nos cabe o avaliar do merecimento desse trabalho; e só dizemos que depois da sua leitura ficaram muitos brasileiros sabendo que era ao patricio nosso que se devia a descoberta dos balões aerostaticos.

O Instituto Historico e Geographico Brasileiro, que de accordo com o Conego Januario e o Marechal Cunha Mattos, tivera a satisfação de crear, e que grato á isso o fizera seu primeiro Presidente Perpetuo, era no fim da vida o objecto de todas as suas predilecções, e ao qual consagrava uma importante obra, á cuja conclusão veio oppôr-se a morte. Era para admirar a assiduidade com que meu Tio n'uma idade tão avançada, frequentava as sessões desta util Associação, a parte activa, direi quasi entusiastica, que tomava em suas deliberações, e como se sentia feliz todas as vezes que via que por suas luzes e experiencia podia concorrer para o adiantamento desse seu filho querido.

Poucos mezes antes de morrer, em abril de 1847, escrevia elle estas palavras, que foram para mim o seu canto do cysne.

« Ainda na proxima sessão não poderei ir ao Senado; arrasto com muito custo o peso de setenta e tres annos; sinto a passos largos fugir-me a vida, o desfallecimento das minhas faculdades physicas e moraes á todo o momento me adverte que não póde estar longe a hora do trespasso; eu o espero sem horror, resignado, como póde estar um christão, e um philospho; se melhores serviços não prestei á patria, prestei-lhe os que se deveriam esperar d'uma educação acanhada, mas com honra e probidade, despedi-me do Instituto, e renunciei o titulo de seu Presidente Perpetuo, agradecendo a nomeada, que com isso me deu; não continúo porque eu mesmo desconfio da minha cabeça, não desejo comprometter os negocios publicos.

Conta-se que Napoleão dizia que *a roupa suja lava-se em casa*. Não tenho o remorso de dissipar o patrimonio de meus filhos; uma rebellião, na qual eu mais padeci pelo meu aferro e devoção á monarchia, dissolou, e incendiou a minha chacara. Duas vezes o Imperador parou diante della indo para Viamão: nada tenho pedido, senão a indemnisação do meu officio d'Alfandega do Rio Grande, o que não é uma graça, é uma justiça; porque era uma propriedade, que eu creei, e exerci por mais de vinte annos, com honra e sem nota, e ninguem m'o negará. »

Era este o seu tratamento politico-litterario, a expressão genuina das suas crenças junto ás margens do sepulchro, onde devêra baixar no dia 6 de Julho de 1847, na idade de setenta e tres annos, um mez e vinte e cinco dias. Morreu rodeado de sua mulher e de seus filhos, nessa pittoresca cidade de Porto-Alegre, que tanto presava, deixando profundas saudades, um vacúo immenso no coração dos seus parentes e amigos.

Terminarei este grosseiro esboço biographico copiando as eloquentes palavras do meu respeitavel amigo, o Snr. Porto-Alegre, que teve tantas occasiões de conhecê-lo e apreciar-o de perto:

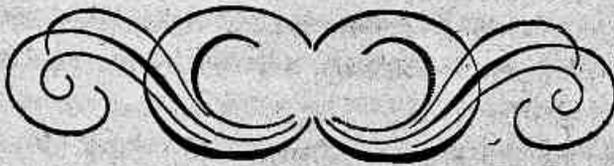
« O Visconde era um homem, que possuía todas as mais altas qualidades para bem desempenhar o mais nobre e o mais difficil de todos os cargos; elle nasceu para ser historiador, para illesamente transmittir a verdade dos factos á posteridade.

« Nos seus preciosos escriptos a adulação era substituida por um severo respeito, a superstição por uma crença pura, a ineptia por uma sciencia profunda, cultivada com placido afincio durante meio seculo; a mocidade pela experiencia, a duvida pelo conhecimento dos factos, pelos preciosos documentos, que colhera durante os seus cargos administrativos; os prejuizos, que poderia suggerir a sua alta posição eram equilibrados pela sua modestia proverbial; os erros tradicionaes por uma fria e atilada critica, e os seus soffrimentos, no meio de tantos embates, eram modificados pela sua alta resignação, pela sua paciencia evangelica. Elle possuía a coragem civica no mais alto grão de sua serenidade: q chancellor Bacen havia dado em sua alma o ultimo toque de força no quadro da morte, cujo aspecto deve ser sempre agradavel ao homem, que conhece este mundo de dôr, de susurro e de fumaça. . . . .

« A alma do Visconde era como um espelho polido, onde todos os objectos se reflectiam com serenidade e doçura; era um lago tranquillo acobertado pelo céu risonho do seu ameno e inalteravel-caracter. »

Tal era meu Tio, ácerca do qual nada mais direi.

Conego—*Dr. Pinheiro.*



## BOLETIM BIBLIOGRAPHICO.



PROMENADE EN AMERIQUE — *Estats-Unis— Cuba, Mexique* — par Ampère.  
Dous volumes em 8.º, em casa de Garnier, rua do Ouvidor n. 69.

O nome do Snr. Ampère, tão notavel pelos seus importantes trabalhos de historia e erudição levaram-nos a lèr a sua viagem a America, que acaba de sahir dos prélos dos Snrs. Michel Levi-Frères, em Paris. Observador imparcial, o illustre academico francez elogia tudo o que acha bom no regimen democratico dos Estados-Unidos: a força vital, que alli se ostenta, a prodigiosa actividade dos particulares quasi que dispensa a acção administrativa, porque nesse paiz, como é geralmente sabido, tudo se faz por meio de associações, e realisa-se mais que em parte alguma o principio da *self-government*, que parece ser o timbre da raça anglo-saxonica. Simples particulares fundam collegios e academias, armam navios para expedições longinquas, como a que sahiu ultimamente em pesquisa de Sir John Franklin perdido nos gélos do pólo. Os cidadãos entendem que pódem fazer tudo por si mesmos, sem auxilio do governo, fieis observadores da maxima *help your self*: bem diversamente do que se pratica entre nós, onde se exige que o governo se occupe com os mais pequenos negocios. O Snr. Ampère ennumera tambem os graves inconvenientes que resultam da extrema latitude que os Americanos do Norte dão a esse principio, e aponta por exemplo a malograda expedição de Cuba, dirigida por aventureiros, e na qual a administração central não tomou parte alguma. Lamenta que os laços federaes não sejam mais fortes, e que cada Estado tenha a faculdade de legislar a seu bel-prazer, e muitas vezes em sentido contrario aos interesses da união, e sem querer destruir a sua liberdade

desejaria que o governo de Washington tivesse uma acção mais directa sobre o dos Estados confederados. Põe em relevo, pelo testemunho dos homens os mais competentes, a rivalidade entre o norte e o sul por causa do eterno debate sobre a escravidão, que ameaça um schisma politico, apenas retardado pelos esforços dos seus maiores estadistas. Fallando desse espirito de conquistas, que parece ter-se apoderado dos *Yankees*, mostra quanto lhes pôde ser este funesto, ainda no caso de serem felizes todas as suas empresas, pela necessidade que haverá de entregarem o governo á generaes, que aniquilarão a constituição liberal, que os rege, estabelecendo a dictadura da espada, como n'America outr'ora Hespanhola e depois a monarchia despotica, como a dos Cezares Romanos. Dos Estados-Unidos passa o auctor á ilha de Cuba e ao Mexico, que denomina *Estados-Unidos futuros*.

Na rainha das Antilhas, a mais importante colonia que resta hoje á Hespanha, notou o Snr. Ampère um geral desgosto contra o governo da metropole, que no meio do seculo 19.º ainda persiste em conservar o regimen odioso, que lhe alienou as sympathias dos seus vassallos d'America muito tempo antes que soasse a hora da independencia. Deixando a colonia no maior abandono, e só se lembrando della para enviar-lhe desmoralizados e ferozes satrapas, sobrecarregando-a de pesados impostos, o gabinete de Madrid parece ter empenho de levar os Cubanos a se lançarem nos braços dos Norte-Americanos, que espreitam a occasião opportuna de se lançarem sobre a sua presa. Longe de imitar a sabedoria do governo inglez, que alargou o circulo das franquezas colonias no Canadá, dando-lhe tão grande somma de liberdade que elle está decidido a guardar a sua união com a Inglaterra, resistindo energicamente á todas as suggestões dos seus vizinhos, os Hespanhoes, obstinam-se em tratar os habitantes de Cuba como Cortez e Pizarro tratavam os do Mexico e do Perú no tempo de Carlos Quinto, e não lhes fizeram ainda experimentar as doçuras do governo representativo.

O Mexico, esse paiz tão bello, tão poetico, tão favorecido pela natureza, mostrou-se ao sabio viajante sob o aspecto o mais triste e desanimador, pela completa ausencia do espirito publico, pela total falta de patriotismo. É um povo em estado de dissolução, tal como eram os Gregos do Baixo-Imperio nos ultimos tempos da sua existencia, antes que o alfange de Mahomet II viesse pôr termo ás suas escandalosas rixas. A guerra civil é o estado normal do paiz; todos os chefes militares aspiram a honra de sentarem-se na cadeira presidencial, e as eleições se fazem no campo da batalha.

Dir-se-ia que ao menos com essas luctas fratricidas haviam ganhado o espirito marcial; pois nem isso alcançaram, como nôl-o prova a cobarde maneira porque se houveram na ultima guerra contra os Estados-Unidos, e as humilhantes condições que lhes dictou o general Scott. Alli ninguem tem fé no futuro, e tudo resente-se do character provisório que fórma a base da sua vida politica. A administração está em pessimo estado; não ha segurança pessoal, a ponto de levarem os viandantes comsigo o dinheiro, que devem dar aos salteadores, como um tributo que devessem pagar ao Estado. Tudo parece augurar que em breve será o Mexico riscado da carta das nações e incorporado á União Norte-Americana!

HISTOIRE DE LA RUSSIE — par A. de Lamartine, — dous volumes in 8.º,  
em casa de Garnier.

O Snr. de Lamartine, que nos vagares que lhe deixa o seu repouso politico, parece destinado a escrever a historia de todos os povos, acaba de publicar a da Russia em seguimento da da Turquia. As mesmas bellezas e defeitos notam-se em ambas as obras, escriptas sobre identica inspiração. Ha ahi alguma cousa no genero de Walter Scott; são antes romances historicos do que verdadeiras historias; tal é pelo menos a nossa humilde opinião. É sempre o brilhante auctor dos *Girondinos*, o encomiasta da revolução de 1848, escrevendo como Cezar os seus proprios *Commentarios*, o romantico narrador da época da Restauração, que nos deslumbra pelo magico colorido de seu pincel, como o dos quadros da escola veneriana, mas onde falta a gravidade do Snr. Thiers, o juizo seguro do Snr. Guizot, e a profunda e vasta erudição do Snr. Aug. Thierry.

O primeiro livro é como um prefacio destinado a nos familiarisar com as revoluções russas, e nos mostrar o estado desse imperio antes da apparição de Pedro o Grande, que pôde ser contemplado como seu fundador ou pelo menos como o seu maior heróe. E' desse grande homem que começa a tornar-se interessante a historia do colosso moscovita, e sentimos que o illustre historiador-poeta não nos descrevesse a natureza e a indole das instituições do *Czar*, elle, que como homem politico deve tambem conhecer a sciencia administrativa, empregando o seu incontestavel talento em contar-nos as intrigas de palacio; introduzindo em sua historia scenas e dialogos, que teriam mais cabimento nos seus sentimentaes romances. Pensamos que é sempre licito ao historiador pôr na boca das suas perso-

nagens algumas allocuções, mas não deixar-se levar tanto por esse gosto, que faça perder a gravidade que deve guardar em seu estylo. O leitor póde com justa razão perguntar ao Snr. de Lamartine quem lhe communicára essas praticas intimas entre Catharina II e seus validos; de que modo soubera dos menores segredos da vida dos *Czares*, que assoalha com tanta galhardia, e que pensamos que pouco perderiamos si ignorassemos, indemnizando-nos o auctor com a historia politica da Russia, e do papel por ella representado nos ultimos tempos.

O quadro da situação da Europa nos *imperados* d'Alexandre e de Nicoláo, provam-nos que o auctor poderia tornar mais interessante e mais grave a sua Historia, si não se tivesse deixado dominar pela sua paixão predilecta de *dramatuar*.

Conego — *Dr. Pinheiro.*



# FINANÇAS

## A QUESTÃO DO OURO.



### I.

Com esta epigraphe foi reproduzido, em um dos jornaes desta Capital (do mez de novembro proximo passado) um interessante artigo de Mr. Darimon, publicado em Paris.

Começa o autor do artigo por fazer a resenha historica das variações que tem sido observadas, desde tempos remotos até o presente, no valor relativo do *ouro* e da *prata*: mostrando, por numerosos factos bem averiguados no mundo commercial, que a relação de valor entre esses dous metaes tem fluctuado periodicamente, em épocas assignaladas da civilização moderna; predominando uma vez o *ouro*, e depois a *prata* (facto aliás já conhecido), como acontece presentemente, em virtude do depreciamento do *ouro* no mercado geral do globo.

Feita esta exposição, agita Mr. Darimon uma importante questão, que desde muito tem sido debatida em diversos paizes, sem que haja recebido até o presente solução satisfactoria, a saber—se na circulação monetaria de um paiz qualquer convém tomar para agente principal um só dos dous metaes, o *ouro*, ou *prata*; ou ambos estes metaes, em concurrencia illimitada?

Sem instituir uma discussão de principios sobre este ponto, contenta-se o autor com chamar á contas as opiniões contradictorias sustentadas nesta materia por Mr. Michel Chevalier, em épocas diferentes: o qual havendo-se já pronunciado calorosamente em favor da adopção do *ouro*, como agente principal da circulação monetaria, em um systema financial organizado no rigor dos principios; hoje pelo contrario decide-se com igual convicção em

favor da prata, pela unica razão de achar-se este metal geralmente mais apreciado do que o ouro.

Deste facto tirou Mr. Darimon o fundamento da sua opinião sobre este objecto, formulando-a no seguinte pensamento.

« Giramos pois em um circulo vicioso: o palleativo da vespera é a causa do mal do dia seguinte. O que ha a fazer em tal caso? Se os financeiros fossem consequentes, por certo que se não limitariam a condemnar ora a prata, ora o ouro: condemnariam por uma vez o uso de ambos esses metaes na circulação monetaria, a qual poderá ser completamente servida pelos agentes fiduciarios, que symbolisam o credito. »

Eis o estado em que tomamos essa importante questão, que hoje occupa novamente a attenção dos homens da sciencia: e sobre ella passamos a expender a nossa opinião, reproduzindo em grande parte as idéas, que á este respeito já emittimos por escripto, em o nosso opusculo sobre as finanças do Brasil, publicado em S. Petersburgo no anno de 1842.

Antes porém de entrarmos em materia, julgamos conveniente fazer bem comprehender ao leitor, menos versado em assumpto tão delicado, e abstracto, o que se deve entender rigorosamente por *moeda real*, na circulação geral dos valores permutaveis.

## II.

Os productos do trabalho, ou da industria em geral (tomando este termo na maior amplitude da sua accepção), quando apresentados em concorrência no mercado, tem um valor *corrente*, ou de *permutação*, determinado pela lei da offerta e da demanda; o qual, no minimo da sua apreciação, equivale ao custo da produção, que é por conseguinte o seu limite inferior; podendo por outra parte augmentar sem limite assignavel.

Entende-se por *custo de produção* aquelle que importa um producto qualquer no acto de entrar em concorrência com os demais productos no mercado.

Se entre todos os productos permutaveis algum houvesse, tão particularmente carecterisado, que por geral aquiescência, servisse (sob condições definidas de quantidade, e qualidade) de termo de comparação na apreciação do valor permutavel dos outros productos; faria elle as verdadeiras funcções do que se chama *moeda real*: tomando o valor de permutação assim determinado a denominação especial de *preço*. Seria portanto essa medida geral dos valores permutaveis, em relação á todos os productos do trabalho, o que são a *vara*, a *libra*, o *dia*, para a extensão, peso, e tempo.

Neste caso estão os metaes chamados *nobres*, o ouro, e a prata, os quaes, desde os tempos mais remotos do trato social, foram considerados como productos singularmente apropriados, pelas suas propriedades physicas, para servirem de medida do valor permutavel de todos os outros productos: guardando entre si a relação de valor que lhes cabe, determinada pelo estado do mercado.

Estes dous metaes, reduzidos á um dado grão de pureza (titulo ou quilate), e sob pesos determinados, constituem a moeda real reconhecida na circulação dos valores entre os paizes commerciaes. Não fallamos do cobre, e de outros metaes da mesma cathegoria, por terem uso local quando amoadados; sendo geralmente destinados para as transacções da infima escala, ou para fazerem as funções de *trocos*, no paiz que assim os emprega, com valor superior ao preço desses metaes.

Os governos das nações civilisadas conhecerão de longa data a conveniência de se apropriarem o fabrico, e emissão exclusiva da moeda de ouro, de prata e de cobre, reputada legal: imprimindo-lhe um cunho caracteristico, para garantir o seu peso, e titulo; e fixando-lhe um valor nominal arbitrario, a qual equivale á uma escala destinada unicamente a facilitar, no trato commum, a computação das suas fracções.

É assim que á peça de ouro, ao titulo de  $\frac{11}{12}$  de fino (22 quilates), com o peso de 5 oitavas, corresponde no Brasil o valor nominal de 20,000: fraccionando-se tambem a unidade monetaria, representada por *mil réis*, em millesimas partes da quantidade de ouro que lhe corresponde, a saber  $\frac{1}{20}$  da peça, ou  $\frac{1}{4}$  da oitava de ouro.

Semelhantemente na Gram-Bretanha a moeda de ouro denominada Libra Sterlina equivale a 20 shillings: e o shilling é fraccionado em 12 pence. Em França o Napoleão de ouro equivale a 20 francos: sendo o franco fraccionado em centesimas partes, com a denominação abreviada de *centimos*.

O complexo das peculiaridades que distinguem a moeda real, com circulação legal em cada paiz, constitue essencialmente o seu systema monetario. É tambem dessa moeda real assim nacionalisada que passamos a tratar.

### III.

A circulação monetaria de qualquer paiz, quando mesmo seja ella composta de agentes fiduciarios, sendo estes as notas de Banco realisaveis ao portador

ou papel-moeda propriamente dito; tem sempre por base a moeda real de ouro e de prata, concorrendo illimitadamente; ou a moeda de ouro, com limitada concurrencia da moeda de prata; ou finalmente a moeda de prata, sendo desmonetizado o ouro.

A questão proposta por Mr. Darimon limita-se pois a decidir, qual destes tres systemas monetarios mais convenha aos interesses financeiros, e commerciaes de um paiz qualquer.

A nossa opinião sobre este objecto, tendo sido já manifestada no opusculo de que ácima fizemos menção, reproduziremos aqui o trecho, que resume o nosso pensamento á tal respeito.

« Acerca dos principios que presidiram á elaboração do novo systema monetario, cuja adopção inculquei ácima como necessaria, nada acrescentarei, em sustentação do padrão legal de valores que lhe serve de base (2500 = 1 oitava de ouro de 22 quilates, ou ao titulo de 0,917 de fino), ao que já em outro lugar ponderei sobre este objecto: mas cumpre-me alguma cousa dizer sobre o emprego simultaneo, ahí proposto, do ouro, e da prata, como agentes reaes da circulação monetaria; encerrando esta circumstancia uma questão de elevada transcendencia na materia, qual a de decidir, se o ouro e a prata devem ser admittidos a concorrer simultanea e illimitadamente, como agentes reaes da circulação; ou se um só destes metaes, o ouro p. ex., deverá ser escolhido para representar o padrão legal de valores na circulação geral, ficando-lhe a prata subordinada, e circumscripta ao simples officio de troco desse agente principal, do mesmo modo que o cobre é considerado com respeito á ella?

Na minha opinião (que é a mesma da Commissão (1) que preparara o trabalho sobre que fôra organizada a proposta do Governo á cerca deste objecto) tratando a questão em abstracto, e tendo sómente em conta a conveniencia dos principios nesta materia, é innegavel, que o systema monetario que se fundar sobre o emprego de um só agente real é scientificamente mais perfeito, do que outro qualquer que admitta o concurso simultaneo dos dous metaes para esse fim; visto dar-se como cousa impossivel a fixação permanente da relação legal entre os valores diversos desses dous metaes, de modo que não venha ella a ser perturbada pelas respectivas variações de preço dos mesmos no mercado. Neste caso bem pesadas as vantagens, e inconvenientes, que em geral offerece o uso de um, e de outro metal, pode-se

(1) F. Cordeiro da Silva Torres, G. Baptista de Oliveira, e J. Ratton.

ter por cousa indifferente a escolha do ouro, ou da prata, para fazer as funcções de agente principal da circulação; mas talvez a levar-se á grande apuro as razões de preferencia em lugar do ouro que escolheo a Gram-Bretanha para padrão do seu actual systema monetario, eu me decidira em favor da prata, maxime na hypothese da existencia de uma circulação de papel fiduciario que satisfaça as necessidades geraes do Thesouro, em concorrência com os agentes reaes.

Attendendo porém aquella commissão, que o emprego simultaneo desses dous metaes se acha admittido no commercio geral do globo; e que por conseguinte a nação que adoptasse um só delles, para agente principal no seu proprio mercado, se constituiria em situação evidentemente desvantajosa, em relação á aquellas que assim não praticassem; decidio-se ella pelo systema menos perfeito, fundado sobre o concurso dos dous metaes: subordinando desta sorte a severidade dos principios aos justificados motivos de utilidade publica em tal objecto.

Não deixarei de notar aqui, em apoio desta opinião, que o Banco de Londres mais de uma vez se tem achado em graves embaraços, em razão de basear-se a circulação do seu papel sobre o novo systema monetario nacional, em cuja composição eminentemente scientifica se não attendeo devidamente á importancia da consideração ácima apontada. »

Accrescentaremos agora ao pensamento, que acabamos de transcrever, algumas considerações novas concernentes á sua praticabilidade.

A relação do valor de permutação entre a prata e o ouro tem variado, de epochas remotas até o presente, dentro dos limites de 1 para 10, e de 1 para 16; não tendo em conta quaesquer variações accidentaes, que talvez se deram fóra desses limites. O limite mais baixo do valor da prata verificou-se depois da descoberta, e abundante producção das minas desse metal na America do Sul.

Presentemente acha-se essa relação entre 1 para 14½; e 1 para 15: havendo probabilidade de que ella continuará a aproximar-se daquelle limite superior, em razão da progressivo depreciamento do ouro, causado pela producção extraordinaria desse metal na California, e Australia.

Nós admittiremos como facto averiguado, que o valor de permutação da prata em relação á massa dos outros productos do trabalho, é, dadas as mesmas circumstancias, mais estavel do que o do ouro: e nesta hypothese tomaremos aquelle metal para servir permanentemente de termo de compa-

ração, na apreciação do valor variavel do ouro: e á elle reportaremos exclusivamente o padrão monetario, que tem de funcionar na presença dos dous metaes, considerados como agentes reaes da circulação dos valores.

Uma vez admittido este principio, será de mister, que feita a emissão da moeda de prata, na conformidade do padrão monetario fixado pela lei, a moeda de ouro circule com o valor nominal que lhe fôr assignado pela autoridade competente, em harmonia com a relação do valor entre os dous metaes, indicada pelo mercado geral do globo.

Exemplifiquemos esta ideia no systema monetario do Brasil, que vigorou anteriormente ao anno de 1850.

O padrão monetario que havia sido fixado por lei em 1833, no valor nominal de 2000 por oitava de ouro, foi depois elevado por outra lei, em 1846, a 4000 por oitava de ouro, ao mesmo titulo de  $\frac{11}{12}$  de fino, sendo este commum tambem á prata amoeada.

Para a determinação do valor nominal correspondente á oitava de prata, adoptou-se a relação de 1 para 15,625 entre os dous metaes, indicada pelo estado do mercado naquella primeira epoca; isto é, 1 oitava de ouro equivalente a 15,625 oitavas de prata, ao mesmo titulo; achando-se por consequente 256 réis para o valor nominal da oitava de prata.

Supponha-se agora que se reverta ao systema monetario de que se trata (o que em nossa opinião é uma necessidade urgente,) com o padrão fixado em 1846, (se não julgar-se mais conveniente aos interesses da administração publica restabelecer o padrão de 1833): ficará assim transformado esse padrão monetario (no systema que propomos) passando a representar o valor nominal de 256 réis por 1 oitava de prata, ao titulo de  $\frac{11}{12}$  de fino.

A peça de ouro de 5 oitavas (cujo valor nominal não é estampado no eunho,) na hypothese de ser a relação entre as dous metaes—de 1 para 15,625, corresponderá o valor nominal = 15,625 multiplicado por 5 vezes 256 réis = 20000.

Dada a relação de 1 para 16 entre os dous metaes; seria o valor nominal da mesma peça =  $16 \times 1280$  réis = 20480: e na relação de 1 para 15, ter-se-hia o valor nominal da mesma =  $15 \times 1280$  réis = 19200.

Temos pois chegado por esta maneira á uma solução, em nosso entender satisfactoria, na questão supposta insolvel por Mr. Darimon; dentro dos limites da fluctuação possivel no valor permutavel da prata, em relação aos demais productos da industria.

Pelo que respeita porém á idéa emitida pelo mesmo autor, sobre o emprego exclusivo dos agentes fiduciarios na circulação monetaria; aceitando nós o principio, o restringimos todavia aos seus necessarios limites: e reservamos esta importante questão para ser tratada em um trabalho especial á fim de dar-lhe o desenvolvimento que ella exige.

Do que acabamos de expender conclue-se, que o actual systema monetario do Brasil, adoptado desde o anno de 1850, por imitação ao da Grã-Bretanha (no qual é o ouro o agente principal da circulação monetaria, entrando a prata em concurrencia limitada) não pôde ser hoje sustentado na presença do depreciamento progressivo, de que se acha ameaçado o ouro, pela crescente producção das ricas minas da Siberia, da California e da Australia, nestes ultimos dez annos.

#### IV.

Por esta occasião trataremos de um objecto, connexo com a materia de que nos temos occupado, o qual interessa particularmente ao commercio interno do Brasil, e á sua administração financial.

As moedas estrangeiras de ouro, e de prata, importadas no paiz na qualidade de mercaderia, servem tambem nelle como uteis agentes auxiliares da circulação monetaria, nas transacções commerciaes entre os particulares; e são por esta razão tão conhecidas, e apreciadas no mercado domestico, como as moedas nacionaes da mesma especie.

Ha portanto manifesta conveniencia em naturalisar taes moedas (permitta-se-nos a expressão) uma vez introduzidas no paiz, dando-lhes o fôro de moeda legal, para que possam ser admittidas nesta categoria nas estações publicas: sendo os seus valores nominaes fixados por uma tabella organizada pela autoridade competente; em harmonia com o padrão monetario nacional.

Esta medida que, em o nosso entender, seria de utilidade incontestavel para todo o Imperio, torna-se uma verdadeira necessidade para as Provincias do Grã-Pará e de S. Pedro; visto que em ambas predominam as moedas estrangeiras, ahi levadas em troco dos productos do sólo e da industria, procedentes dos paizes, com que se acham mais relacionadas pelo commercio; a saber: os Estados-Unidos da America do Norte, pelo que respeita ao Pará; e as Republicas do Prata, relativamente á Provincia de S. Pedro.

Esta circumstancia é por outra parte a causa permanentê da escassez da moeda nacional nas duas Provincias; achando-se ahi por esta razão os contri-

buintes sempre embarçados, quando tem de fazer pagamentos de impostos naquella moeda, e especialmente dos direitos arrecadados nas Alfandegas.

Na occasião em que se deu execução á lei que fixou o anterior padrão monetario (1833), occupando nós então o posto de Inspector Geral do Theouro Nacional, suggerimos a adopção dessa providencia, a qual fôra immediatamente posta em prática; organisando-se para esse fim uma tabella, que comprehendia os valores nominaes correspondentes ás moedas estrangeiras mais conhecidas no mercado domestico, em harmonia com o systema monetario nacional. Esta medida vigorou com grande proveito, e particular satisfação da classe commercial até o anno de 1850, em que fôra posto em prática na circulação monetaria do paiz o exclusivismo em favor da moeda nacional; principio que tem sido sustentado até o presente, não sem notaveis inconvenientes para o fisco, e com manifesta desvantagem para o commercio interno.

Os Estados-Unidos, desde a época da sua emancipação politica, adoptaram e tem perpetuado por diversos actos legislativos essa medida salutar; não obstante o trabalho constante da sua Casa da Moeda, em escala muito superior ao do Brasil; e sendo por outra parte esse paiz aquelle, onde a circulação bancaria funciona com a maior expansão. Para illustração dos leitores, menos entendidos na materia, transcrevemos ábaixo o mais recente acto legislativo do congresso-americano sobre este objecto.

#### ACTO DE 3 DE MARÇO DE 1843 (GORDON'S DIGEST).

*Moedas de prata estrangeiras.* — As moedas de prata abaixo declaradas serão recebidas como moeda legal nos Estados da União, pelos valores nominaes que lhes correspondem; a saber: os pesos colunares Hespanhões; e os do Mexico, Perú e Bolivia; não sendo inferiores ao titulo de 0,897; e não tendo peso inferior a 415 grãos; serão recebidos no valor nominal de 1 dollar. E as moedas de 5 francos da França, cujo titulo não seja inferior a 0,9; e o peso não fôr ábaixo de 384 grãos; serão recebidas na razão de 93 cents ( $\frac{93}{100}$  do dollar).

*Moedas de ouro estrangeiras.* — As moedas de ouro da Grã-Bretanha, cujo titulo não seja inferior a 0,9155, serão semelhantemente recebidas, na razão de 94,6 cents por Penny Weight (24 grãos troy); e as moedas de ouro da França, ao titulo não inferior a 0,899, na razão de 92,9 cents por Penny Weight.

O Secretario de Estado da Repartição da Fazenda é encarregado de fazer ensaiar na Casa da Moeda dos Estados-Unidos, ao menos uma vez por anno, as moedas cujo curso legal fica autorizado pelo presente acto legislativo: dando annualmente conta desse serviço ao congresso.

Rio de Janeiro, 5 de Janeiro de 1856.

*Candido Baptista de Oliveira.*



# O SEXTO CANTO DA ILIADA

TRADUZIDO DO ORIGINAL

*Ἰάτρῃ δ' ἄρ' Ἀνδρομάχης καὶ Ἑκτορος ἔς ὄπισθε.*

(Continuação do numero 8).



Responde o bravo Heitor: « Gentil princeza,  
« Aceitar não me é dado o teu convite,  
« Máo grado ao meu querer; porque no peito  
« Sinto ferver desejo irresistivel  
« De acudir, sem demora, aos meus Troyanos,  
« A quem peza, a quem damna, a ausencia minha.  
« Por despertar em Paris tu forceja  
« O marcio pundonor: elle se apresse  
« E a mim se venha unir dentro dos muros:  
« Á estancia minha entanto me dirijo,  
« A ver do meu affecto as prendas caras,  
« A estremecida esposa, o tenro infante;  
« Pois não sei se outra vez me será dado  
« A meus lares volver, tornar a vê-las;  
« Ou se aos Numes apraz, que neste dia  
« A vida perca emfim ás mãos dos Gregos. »

Isto dito, partiu-se em direitura  
O valeroso Heitor ao proprio alvergue,  
Onde prestes chegado, a cara esposa  
Não achou. Com seu filho, acompanhada

De uma serva gentil, momentos antes,  
 Andromacha saíra, e em celsa torre  
 Suspirava chorosa, á dôr entregue.  
 Heitor não encontrando a esposa amada,  
 No limiar da porta se deteve,  
 E ás servas disse: « Respondei sinceras:  
 « Onde foi a Princeza? Alguma, acaso,  
 « Das irmãs minhas visitar-lhe aprouve?  
 « De algum de meus irmãos talvez a esposa?  
 « Ou de Minerva ao templo dirigiu-se,  
 « Onde ora as outras Dardanas matronas  
 « Applacam o furor da irosa Diva?

« Pois que a verdade, só, saber te agrada  
 « Nem de tuas irmãs foi a princeza  
 « Aos nobres aposentos, nem alguma  
 « Foi visitar das inclytas esposas  
 « De teus regios irmãos: tão pouco ao templo  
 « Da irosa Pallas dirigiu seus passos.  
 « A' excelsa torre d'Ilio encaminhou-se,  
 « Pois dos Teucros ouvira a grande affronta,  
 « E os estragos fataes da furia Achiva.  
 « Co' a ama, e o tenro infante, pressurosa,  
 « Ella partiu portanto, e quasi insana. »

A fiel despenseira assim responde.  
 Heitor sahe apressado, e a mesma trilha  
 Que na vinda seguira, agora segue  
 Ao volver, atravez das nobres praças,  
 Té que toda corrida a gran cidade,  
 A' Scea porta chega, onde se abria  
 A passagem ao campo. Eis ao encontro  
 Andromacha lhe vem, a cara esposa—  
 Ricamente dotada — inclyta filha  
 Do intrepido Etión, que dos Cilicios  
 Monarcha fôra, na Hypoplacia Thebas;  
 A filha deste heroe, então correndo  
 Vai o esposo encontrar, que amado parte;

E uma serva lhe leva no regaço  
 De Heitor o unico filho, o tenro infante  
 Bello qual astro fulgido— Scamandro —  
 Heitor o appellidava: os demais Teucros —  
 Astyanax— de Troya o rei futuro—  
 Que era d'Ilion Heitor a só defenza.  
 Sem palavra soltar, ao vêr seu filho,  
 Heitor surriu-se. Andromacha, chorando,  
 A mão lhe aperta, e diz: « O' destimido,  
 « Ser-te-ha morte, sem falta, o teu denodo!  
 « Nem de teu filho infante has piedade,  
 « Nem de mim infeliz, que cêdo deixas  
 « Em triste viuvez; pois ante-vejo,  
 « Que unida toda, e rabida, voltando  
 « Contra ti seu furor a gente Achiva,  
 « Ha de cêdo opprimir-te. Ah! menos duro  
 « Me seria eu morrer do que perder-te!  
 « Se te perco, ahí de mim! que outro conforto  
 « Resta á minha orphandade, á minha magoa!  
 « Deu morte ao genitor o fêro Achilles,  
 « Derribou dos Cilicios a cidade,  
 « A d'altas portas populosa Thebas;  
 « Mas ao forte Etión roubando a vida,  
 « Não ousou despojal-o, e o corpo, e as armas,  
 « D'arte primor, queimou na mesma pyra,  
 « E de terra lhe ergueu um monumento,  
 « Em de redor do qual, de Jove as filhas,  
 « Oréades gentis, olmos plantaram.  
 « Sete irmãos tive: todos sete foram  
 « Arrojados n'um dia ao reino escuro,  
 « Morrendo ás mãos do despiedoso Achilles,  
 « Que salteal-os foi, onde guardavam  
 « Os tardos bois, as candidas ovelhas.  
 « Restava minha mãe, antes Rainha  
 « De Hypoplaco sylvosa— após, escrava  
 « No grego campo: fulgido thesouro  
 « Em premio recebendo, a liberdade

« Lhe dera o vencedor; mas cedo a triste,  
 « Alvo ás settas da Deusa caçadora,  
 « Perdeu a vida nos paternos lares.  
 « Hoje tu para mim, Heitor, és tudo,  
 « Pai, mãe, irmãos, o meu florente esposo,  
 « De mim pois te condoe, e nesta torre  
 « Comigo fica, se não queres orpham  
 « Deixar o filho teu, viuva a esposa.  
 « Junto á figueira brava, ordena as hostes,  
 « Que por aqui mais facil á cidade  
 « A subida se mostra, e a menos custo  
 « Póde escalar os muros o inimigo.  
 « Já por aqui tres vezes o tentaram  
 « Os de esforço maior, os dous Atrides,  
 « O illustre Idomeneo, os dous Aiaces,  
 « E o filho de Tydeu; ou fosse sabio  
 « Conselho de agoureiro, ou fosse alvitre  
 « Que o proprio aviso seu lhes inspirasse. »  
 O invicto defensor dos Teucros muros  
 Volve em resposta: « A meu cuidado fica  
 « Quanto dito me tens, consorte amada;  
 « Mas arreceio do meu Teucro povo  
 « A justa exprobração: temo os motejos  
 « Das Troyanas gentis, se qual cobarde,  
 « Evitar, retirado, as marcias lides.  
 « Taes não são de meu animo os impulsos:  
 « Sempre á frente dos meus, com nobre esforço,  
 « Constante pelejei, levando a mira  
 « No paterno fulgor, na minha gloria.  
 « Bem eu sei (inda mal) que virá dia  
 « Em que o sacro Ilión, e o seu monarcha,  
 « Que vibra a rija lança, e o povo Teucro,  
 « Perecerão; mas tanto me não pena  
 « A dôr futura dos Troyanos todos;  
 « A de Hecuba, á do rei, e a desventura  
 « De meus irmãos, que, tantos e tão bravos,  
 « No pó tem de exhalar o alento extremo,

- « Quanto peno por ti, quando imagino,  
 « Que nos braços brutaes de algum dos Gregos  
 « Serás arrebatada, em vão chorosa,  
 « Perdido o doce bem da liberdade!  
 « Em Argos te verão, tecendo ás ordens  
 « De uma altiva estrangeira, ou, serva humilde,  
 « Ir á fonte Messeide, ou á Hypereia,  
 « Hydrias encher, com reluctancia summa:  
 « Porém será mister ceder ao fado!  
 « E alguém talvez dirá vendo o teu pranto:  
 « Eis a esposa de Heitor, que entre as phalanges  
 « Dos Teucros d'Ilio outr'ora defensores,  
 « A todos no valor levava a palma!  
 « Isto ouvindo, infeliz, dôr mais profunda  
 « Teu peito ha de ferir; que a saudade  
 « Em ti se avivará do amado esposo,  
 « Que podera findar teu captiveiro.  
 « Mas antes cubra a terra o meu cadaver,  
 « Do que preza eu te saiba em mãos dos Gregos;  
 « Do que firam teus ais os meus ouvidos! »

Tendo fallado assim, as mãos estende  
 Heitor ao filho seu para afagal-o.  
 O infante volta o rosto, e se conchega  
 Ao seio da ama, e grita espavorido,  
 Do pai temendo o marcial aspecto,  
 As éneas armas, e as equinas crystas,  
 Que do alto do elmo horridamente nutam.  
 Dos pais nos labios, repentino, assoma,  
 Em lance tão cruel, um doce riso.  
 Heitor subito tira o elmo luzente,  
 Sobre a terra o depõe; o seu querido  
 Filho beija, nos braços com carinho  
 Brandamente o meneia, e estas ferventes  
 Preces dirige á Jove, e aos outros Numes:  
 « Jove, e vós Deuses todos, concedei-me  
 « Que este meu filho seja entre os Troyanos  
 « Tão illustre, como eu, tão valeroso,

« E em Ilio com vigor empunhe o sceptro!  
 « E inda alguém diga um dia: » Este é mais forte  
 « Que o proprio Heitor seu pai; » quando coberto  
 « De despojos o vir d'alta victoria,  
 « Domado e morto em campo o seu contrario;  
 « E a mãe de gosto exulte. » Assim dizendo,  
 Nos braços collocou da esposa amada  
 O menino gentil. Ella risonha  
 O filhinho cheroso no fragrante  
 Regaço toma. Heitor apiedou-se,  
 Os olhos pondo nella, e enternecido  
 Consolando-a, lhe diz com meigo afago.

« Amor meu, não te afflijas sem medida;  
 « Ninguém me dará morte prematura  
 « Do fado contra as leis: das leis do fado  
 « Nenhum dos homens que nascido tenha,  
 « Valente ou sem valor, póde esquivar-se.  
 « Volta portanto ao solito aposento,  
 « Na roca, no tear, nos teus labores,  
 « Entende, e as servas ao trabalho obriga;  
 « Pertencem aos varões, filhos de Troya,  
 « E a mim mórmente, os bellicos cuidados. »  
 Isto assim dito, levantou da terra  
 Heitor o elmo de crinas emplumado:  
 Andromacha partindo encaminhou-se  
 A' conjugal mansão, atraz volvendo  
 Mais de uma vez os olhos lacrymosos.

Chegada foi depressa á nobre estancia  
 Do magnanimo heroe, e nella muitas  
 Escravas encontrou; sentiram todas,  
 Ao vê-la, renovar no peito a magoa,  
 E o inda vivo Heitor, no seu alvergue,  
 Choravam já, presagas que do campo  
 Não tinha de volver, nem lhe era dado  
 Ao furor escapar das hostes Gregas.

Nos aposentos seus, Paris entanto  
 Sem tardança interpôr, reveste as armas,  
 Ricas, de varia côr, varios labores;  
 Pela cidade corre, e não receia  
 De Heitor não alcançar no fixo prazo.  
 Qual fogoso corcel, por longo tempo  
 No presepe bem farto, aos saltos corre,  
 Quebradas as prisões, pela campina:  
 Pisa a terra com 'strepito, e a banhar-se  
 Affeito nos crystaes do rio ameno,  
 A cabeça ergue altivo, ondeiam densas  
 Das espadoas em torno as bellas crinas;  
 Conhece ufano a propria formosura,  
 E agil, lédo, veloz, o equino armento  
 Vai procurar nos solitos pascigos:  
 Tal de Priamo o filho, o gentil Paris,  
 Da cidadella vinha descendendo,  
 Todo alegre e loução, das finas armas  
 Despedindo qual sol vivos fulgores.

Apressado caminha, e em tempo breve  
 Encontra o nobre Heitor, que então deixára  
 O sitio onde fallára á cara esposa.  
 « Prezado irmão (a Heitor diz logo Paris)  
 « Talvez por culpa minha has reprimido  
 « O marcial teu impeto? Tão prestes  
 « Não vim, como ordenaste, a ti juntar-me. »  
 O valeroso Heitor, placido volve:  
 « Caro, ninguem que saiba os marcios feitos  
 « Exacto avaliar, no teu esforço  
 « Labéo poderá pôr: és denodado;  
 « Mas afrouxas de industria, a guerra evitas;  
 « E me pena escutar dicterios, queixas,  
 « Contra ti dos Troyanos, que padecem  
 « Por tua causa acerbas desventuras.  
 « Mas eia ao campo, ao campo, á lucta agora...  
 « Consagrar-nos depois nos será grato

## GUANABARA.

- « Quando a Jove prouver, que em nossos lares
- « Da liberdade a taça, agradecidos
- « Aos sempiternos Deuses, empinemos,
- « No venturoso dia em que expulsarmos
- « Os Gregos esquadrões do Teucro sólo!



# ESBOÇO BIOGRAPHICO E NECROLOGICO

DO CONSELHEIRO

## JOSÉ BONIFACIO D'ANDRADA E SILVA

POR SEU IRMÃO O CONSELHEIRO

ANTONIO CARLOS D'ANDRADA MACHADO E SILVA.



Estando nós convencido que o *Guanabará* deve ser o jornal-livro onde se registre tudo quanto fôr concernente á gloria litteraria da nossa patria, transcrevemos por isso em suas paginas o *Esboço Biographico e Necrologico do Patriarcha da Independencia*, José Bonifacio, devido á brilhante penna do seu digno irmão o Conselheiro Antonio Carlos, e publicado em 1838 na typographia do Snr. Paula Brito. Raros exemplares existem dessa publicação feita em uma época em que ainda não se podia julgar com imparcialidade o grande homem, cuja campá acabava de cerrar-se; e a sua reprodução hoje, depois de dezoito annos, quando a calma das paixões permite avaliar devidamente os architectos da nossa nacionalidade, pareceu-nos ser d'alguma utilidade. O biographo é apaixonado, algumas vezes injusto, sempre severo; seu estylo porém de admiravel vigor e concisão. E' um documento importante, um modelo de eloquencia.



Quis desidero sit pudor aut modus  
Tam caris capitiis ?

.....  
Ergo Quinctilium perpetuus sopor  
Urget ! cul pudor et Justitiæ soror  
Incorrupta Fides, nudaque Veritas,  
Quando ullum inveniet parem ?

(Horat. Ode ad Virgilium).

Morreu o Exm. Conselheiro José Bonifacio de Andrada e Silva, ás 3 horas do dia 6 de Abril, e deixou aos verdadeiros Brasileiros saudades e remorsos. Para aliviar umas e curar outras, é destinado o breve esboço biographico e necrologico que se apresenta.

O Conselheiro José Bonifacio nasceu na Villa de Santos, Provincia de S. Paulo, aos 13 de Junho de 1763, de uma familia nobre daquella Provincia, ramo dos antigos Snrs. de Bobadella, hoje Condes, e dos Snrs. d'entre Homem e Cavado na Provincia do Minho, que tiveram outr'ora o titulo de Condes de Amares, e Marquezes de Monte-Bello; familia illustrada na Republica das Lettras pelos Doutores José Bonifacio de Andrade, e Tobias Ribeiro de Andrada, e o Padre João Floriano Ribeiro de Andrada, tios do Exm. Conselheiro; o primeiro dos quaes se distinguiu nas Sciencias phisicas e medicas, como se mostra das obras manuscriptas que d'elle existem; e o segundo, Thesoureiro-Mór da Sé de S. Paulo, primou como grande Canonista e Jurisconsulto. O terceiro, o Padre João Floriano, dotado de imaginação a mais rica, foi um Poeta celebre; d'elle ainda existem diversos fragmentos poeticos, entre elles a—Vida de S. João Nepomuceno—, testemunho da sublimidade de sua fantasia poetica, da multiplicidade de seus cabedaes de litteratura, e da força de sua razão.

O amavel menino; pois desde então se distinguiam já suas qualidades futuras, recebeu sua primeira instrucção na mesma Villa de seu nascimento,

sob os olhos de seu pai o Coronel Bonifacio José de Andrada, homem assás instruído para o seu paiz e classe, e de sua mãe D. Maria Barbara da Silva, matrona exemplar por suas virtudes, zêlo com que educou seus filhos, e caridade para com os pobres, e que ali mereceu o nome de—mãe da pobreza—, cuja memoria nunca se perderá entre os seus patricios, e cujo nome é ainda recordado com saudade e respeito por toda a sua Villa.

Finda sua instrucção primaria, passou o menino para a Cidade de S. Paulo a fazer o seu curso de Logica, Methaphysica e Ethica, e de Rhetorica, e Lingua Franceza nas escolas que, á sua custa, o Bispo Diocesano D. Fr. Manoel da Resurreição, nome caro ás Sciencias, erigira naquella Capital; e ali o moço José Bonifacio tanto se distinguiu, que o Bispo, que era ligado com sua familia, e desejava a gloria do estado ecclesiastico, fez todos os esforços para conseguir que elle se dedicasse á Igreja, ao que porém nem o joven, nem sua familia, que tinha sobre elle outras vistas, annuiram. Foi em S. Paulo que elle começou a amontoar o cabedal de litteratura em que tanto se avantajou depois; a litteratura propriamente dita, a Philologia e a Linguistica captivaram seus momentos; o uso da Bibliotheca escolhida que para o publico franqueára o sabio D. Fr. Manoel da Resurreição, enriqueceu sua memoria, desenvolveu o seu entendimento e razão, e fortificou o seu juizo; ali pela primeira vez sentiu a inspiração poetica, de que ha amostras na collecção de fragmentos poeticos, que imprimiu em Bordéos, debaixo do nome de— Americo Elysio.

Passou depois o joven José Bonifacio á Portugal a ultimar sua educação litteraria na Universidade de Coimbra; e ali, além de estudar a Jurisprudencia, se distinguiu no estudo das Sciencias Naturaes, mórmente da Chymica, que tinham reformado Lavoisier e outros sabios da escola Franceza; tomou os grãos de Bacharel formado em Direito Civil e de Bacharel em Sciencias Naturaes, e se fez senhor do empyrismo Francez, á que as obras de Condillac, e outros Ideologistas tinham dado voga desgraçadamente, e adquiriu novas riquezas em litteratura geral e linguistica.

Acabada a sua educação litteraria, foi o joven Andrada para Lisboa, onde, apresentado ao Duque de Lafões, foi escolhido por socio da Academia Real das Sciencias, que então se organisava, e depois, por proposição della, despachado para viajar a Europa, como Naturalista e Mineralogista. Foi então que tomou estado casando-se com D. Narciza Emilia Oleary, senhora amavel, de origem Irlandeza, e que foi assás conhecida nesta Córte pela sua amabilidade e amenidade de character, e doçura de costumes. Partido José

Bonifacio para Europa, dez annos a correu, desde os verdes campos da Lombardia até a gelada Suecia e Norwega; sequioso de instrucção e conhecimentos, tudo observou e notou com a perspicacia e penetração do sabio; do que podem fazer fé os jornaes de suas viagens, que ainda existem manuscritos. Mereceu o conceito da Europa culta; foi aggregado a muitas Sociedades sabias; e suas memorias, escriptas nas linguas Portugueza, Franceza e Allemã, são testemunhos irrefragaveis do seu aproveitamento; as mais abstrusas doutrinas das escolas critica e transcendental, as lucubrções dos Kants, Ficktes, Bouterwek e Schelings se lhe tornaram familiares. A Sociedade Philomatica, a dos Naturalistas em Paris, a Sociedade Lineana de Iena, a dos Investigadores da Natureza de Berlin, a Academia Real das Sciencias de Stockolmo, a de Compenhagen, e muitos outros Institutos Litterarios da Italia e Austria o chamaram ao seu seio. Os sabios mais distinctos do Norte e Sul da Europa o honraram com a sua amizade.

Rico enfim de conhecimentos adquiridos, tendo desprezado offercimentos vantajosos e honrosos de estabelecimentos em paizes estrangeiros, como por exemplo o convite pelo Principe Real da Dinamarca para Inspector das Minas da Norwega, recolheu-se á Portugal, onde pelo Conde de Linhares, ministro amigo das letras, foi mandado a criar a cadeira de Mineralogia na Universidade de Coimbra, e nomeado Intendente Geral das Minas do Reino e Dezembargador da Relação do Porto, e depois encarregado do encanamento do Rio Mondego, lugares que encheu com honra e zêlo, e onde fez todo o bem que se podia esperar de suas vastas luzes e probidade; e, criada a Sociedade Maritima de Lisboa, fez della parte.

Sobreveiu a invasão Franceza, que forçou a retirada de D. João VI para o Brasil, e o nobre Andrada foi sempre surdo ás palavras assucaradas, com que o Governo intruso buscou allicial-o; e quando por fim o povo cansado de soffrer, e inspirado de entusiasmo patriotico ergueu o pendão da Liberdade e Independencia, e buscou enxotar do sólo Portuguez os invasores, foi José Bonifacio um dos primeiros, que correu ás armas, e como Major, e depois Tenente Coronel Commandante do Batalhão Academico, prestou relevantes serviços á causa Portugueza, e recebeu honrosos testemunhos nas ordens do dia do tempo. Expulsos os Francezes, o Conselheiro Andrada, nomeado Intendente da Policia do Porto, açaimou o exagerado desejo de castigo contra os afrancezados, e soube conciliar o que exigia a justiça contra os verdadeiros inimigos de sua Patria com a indulgencia que se devia mostrar á simples seducção e aos erros de entendimento, que cumpre tolerar.

Finda a grande luta Portugueza, a latente saudade do Brasil, que a azafama dos negocios tinha como abafado no coração patriótico do Conselheiro José Bonifacio, lançou novas labaredas: vir ainda acabar os seus dias na terra abençoada de Santa Cruz, onde a fortuna o fez nascer; respirar antes de morrer as frescas virações peneiradas por entre os esbeltos coqueiros e copadas mangueiras, que aformoseam o risonho Brasil, era o pensamento que sempre o occupára, e que então mais do que nunca o occupava. Conseguiu pois licença do Governo e veio apresentar-se nesta Côrte ante o Monarcha. Fallava-se então da creação de uma Universidade no Brasil; e era natural escolher-se para seu creador, e primeiro Reitor um sabio abalisado o encyclopedico como o Conselheiro Andrada, o unico capaz de erguer este estabelecimento ao par dos mais perfeitos da Europa; mas a amarella inveja, que já o espiava, para roubar-lhe a gloria, fez mangrar o projecto. Descontente, mas sem despeito, indemnizado apenas com a metade do que perdera na Europa, e com o titulo de Conselho, retirou-se para Santos, seu berço natalicio, e ali nas suas terras dos— Outeirinhos—, novo Cincinato, occupou-se na cultura de seu terreno, na communicação de alguns amigos, e na conversação dos amigos velhos, os sabios d'outr'ora, em que abundava sua escolhida livraria, esquecido do mundo e seus barulhos, e das ambições e invejas pequenas de uma Côrte em tudo o mais pequena, mas grande em corrupção, venalidade e desmoralisação, e de uma ineptia e incapacidade além de toda a concepção. Já de então a ingratição dos Reis o ensinava a preparar-se para a da Nação, que depois devia sentir.

No remanso da paz corriam iguaes seus dias, quando o brado da Liberdade, que em Portugal soára, échoou até o Brasil, e em S. Paulo se creou um Governo Provisorio, no qual tiveram assento o Conselheiro Andrada e seu irmão Martim Francisco, e aos seus esforços foi devida a honrosa escolha dos dignos Deputados daquela Provincia ao Congresso de Lisboa, entre os quaes se avantajou outro irmão do Conselheiro Andrada, Antonio Carlos, que secundado por seus collegas, á excepção de um, soube conservar a dignidade do Brasil, e calçar o caminho para sua Independencia. Uma fucção no Congresso queria arteinamente, á cuberto de palavras sonoras de igualdade e liberdade, refazer no Brasil o antigo regimen colonial; decretou pois a retirada do Principe Regente, mancebo esperançoso, bem que desleixadamente educado, e que parecia, cousa rara em Principes, amar as instituições liberaes. Ao ouvir tamanha traição, levantou-se

o Brasil em massa, e o nobre Príncipe abraça a nossa causa, e chama para seu lado o Conselheiro Andrada, que parte para a Côrte, deixando em S. Paulo, seu irmão para dirigir o governo da Provincia. Chegado á Côrte, aniquila as vistas traidores da tropa Luzitana e a força a embarcar; em quanto em S. Paulo seu irmão aprompta forças para debellal-as, e as faz marchar; e o outro seu irmão nas Côrtes treveja contra as violencias Portuguezas, e prediz a Independencia do Brasil, senão mudarem de conducta. Reunido depois com seu irmão Martim Francisco, a quem expulsára uma conspiração no sentido Luzitano, conspiração em que tivera grande parte um character politico, qualificado depois de eminente Brasileiro! decidiram a declaração da Independencia, que promoveu de boa fé o Príncipe Real, depois Imperador D. Pedro I. Nome venerando! lá do assento celestial, onde sem duvida estás, escuta a voz de um verdadeiro Brasileiro, austero censor de tuas faltas, porém o maior respeitador de tuas virtudes. O severo buril da historia, a cujo dominio hoje pertences, gravará imparcialmente nos seus fastos tuas innumeraveis faltas politicas posteriores, tuas fraquezas e falhas; mas este só serviço eminente, escripto em caracteres indeleveis nos livros da memoria, te absolverá de toda a culpa no conceito do bom Brasileiro, e pesará tanto, que no oceano do tempo, quando teus defeitos tiverem cahido ao fundo, elle sempre sobreaguará, para levar teu nome até a mais remota posteridade, rodeado de gloria, e oryalhado das lagrimas de reconhecimento do Brasil inteiro!

Decidida a Independencia, seguia-se marcar a fórma do governo; os serviços do Príncipe Real, os prestigios de que elle estava rodeado, a vastidão do Brasil, os habitos e costumes monarchicos, de que estavam embebidos os Brasileiros, tudo indicava que a fórma monarchico-representativa, era a que nos convinha, e que o tronco da nova Dynastia outro não podia ser que D. Pedro. Estas razões poderosas comprehendeu o Conselheiro José Bonifacio, a quem demais tinham azedado os disturbios e violencias das republicas limitrophes. Foi pois aclamado e depois coroado Imperador do Brasil D. Pedro, e o Conselheiro José Bonifacio, seu Ministro, curou de conservar intacto o Imperio, vigiando com ciosa suspeita tudo o que tendia a abalal-o. Seu zêlo o levou talvez a actos discrecionarios, que o verdadeiro liberal reprova, porém escusa e respeita pelos motivos que os produziram.

A Assembléa Constituinte, antes convocada por D. Pedro, juntou-se em fim, e nella o Conselheiro José Bonifacio conservou a maioria precisa para poder dirigir o governo; mas a este tempo uma coalisação monstruosa dos

ultra-liberaes com os absolutistas e Lusitanos, conseguindo apoderar-se do inexperto reinante, obrigou o Ministerio Andrada a demittir-se; o Conselheiro José Bonifacio insultado d'envolta com seus irmãos, sem aggreddir á nova administração, desaprovava os seus actos; e embora previsse a sua sorte, para evital-a nenhum só passo deu que podesse comprometter a tranquillidade publica e a autoridade do Imperador. Todavia tanta moderação, tanto respeito ás leis e ao Imperante não pôde desviar da sua innocente cabeça o raio da vingança, despedido pelas mãos criminosas dos Cortesãos, Lusitanos e Demagogos. Sua eliminação da Assembléa, e a de seus irmãos, é exigida com imperio; e porque a Representação Nacional se envergonhou de suicidar-se a si mesma, é sua dissolução resolvida com a mais manifesta usurpação dos Poderes Nacionaes, e o Conselheiro Andrada e seus irmãos com mais dous innocentes deputados, Rocha e Montezuma, são presos pela força militar, conduzidos aos carceres da Lage, e dahi deportados para a França, ou talvez ainda para peor destino. Dahi data a serie não interrompida de desgraças que assaltaram a Monarchia Brasileira. O desgraçado Principe, seu chefe, privado dos verdadeiros amigos do paiz e da liberdade, ludibrio das paixões de partidos oppostos, sem força real para oppôr-se a nenhum delles, não fez mais que escorregar de desacerto em desacerto até sua final ruína. Em seu desterro o Conselheiro Andrada, cada vez que nos Periodicos lia os desvarios que a traição preparava, e á que a inexperiencia arrastrava o Imperador, seu coração mavioso carpia os males da Patria que adorava, e as desgraças previstas do Monarcha, de quem era ardente amigo, apezar de sua ingratição.

Pareceu enfim estar satisfeita a vingança, e voltarem dias de mais justiça: depois de longos annos de exilio, voltou o Conselheiro Andrada ao Brasil, e tendo perdido na travessia sua boa esposa, companheira dos seus trabalhos, aviso que lhe mandava a Providencia dos males que o aguardavam na Patria, beijou coberto de luto as praias de Nietheroy. Bem recebido pelo Monarcha arrependido, olvidou com um só sorriso d'elle longos annos de soffrimento, amou-o como d'antes, porque seu coração amante não podia deixar de amal-o; porém não o serviu mais senão com os seus desinteressados conselhos, que foram quasi sempre desprezados. Retirado á Ilha de Paquetá ainda ali o foi desenterrar a calumnia; forja-se plano de republicas ridiculas, e se apregôa como seu chefe o venerando ancião, que não responde senão com desprezo. É porém neste mesmo tempo que uma Sociedade sábia, a Sociedade Imperial de Medicina desta Côrte, como para in-

demnisal-o, o escolheu seu socio honorario, honrando-o assim, e honrando-se igualmente. Igual tributo lhe pagou a Sociedade de Instrução Elementar.

Eis chegados os ominosos dias de Abril de longa mão preparados; uma eleição imprudente de ministros e o pretexto de que se servem os corifões da revolução para sublevarem as massas do Povo, e o Imperador, ou seduzido por phantasticas promessas, ou fatigado da porfiada luta, abdica o throno no Augusto Menino, em cujo nome somos ora regidos, e deixa o Brasil, encommendando seus tenros filhos ao mesmo ancião que deportára, e então reconhece por seu verdadeiro amigo. A nomeação é annullada por uma Assembléa só guiada pela sanha; e sem respeito ás leis e á natureza, nega-se a um Pai, cousa estupenda!!! o direito de dar tutor a seus Filhos; todavia o mesmo tutor que o Imperador nomeára é o escolhido pela Assembléa, e o nobre velho imprudentemente aceita o perigoso cargo, que, como a boceta de Pandora, vinha para elle prenhe de todos os desgostos. Desde então uma enfiada de surdas perseguições o não deixou socegar; não houve movimento popular em que não implicassem o nome do Conselheiro Andrada e de sua familia; a nobreza de sua alma, a pureza de sua conducta o não salvou das mais improvaveis arguições. Paciente e corajoso, como era o seu espirito, a carne fraca resentiu-se de tanto abalo; e dous repetidos ataques de paralyisia annunciaram a deterioração de seu cerebro, que progrediu sempre, até que os aziagos dias de Dezembro de 33 o reduziram quasi á vida vegetativa. Nesses dias fataes, canalha amotinada, capitaneada pelo Chefe de Policia, quebra-lhe as vidraças, cobre de baldões e injurias seu nome respeitavel, e o governo, se é que de governo merece o nome a casila então apoderada do poder, sem o menor direito suspende o eleito da Assembléa, e o tutor de D. Pedro II é conduzido á prisão por um capitão!!!! Velho Venerando! ainda hoje talvez te não chorariam tua familia e amigos, se o amor da tua Patria, se a amizade que sempre mostraste ao Principe decahido te não persuadissem a cuidares nos tenros Pimpolhos, confiados ao teu cuidado; privado das vistas dos queridos orfãos, filhos da Nação que amavas como teus, definhaste como terra flôr a que falta a agua, e que o sol cresta. Cruel lembrança! E houve uma Assembléa que ratificasse a violencia! Houve!.. e no Brasil sempre haverá, em quanto os partidos dictarem a lei! As paixões fogosas que nos lavram o peito, impellem-nos sempre a saltar as barreiras da justiça; a inveja, ingrediente principal, de que são amassadas nossas almas, faz-nos achar um prazer divinal em abater quanto ha de sublime!

Depois da terrivel catastrophe, os restos de vida sensitiva e intellectual, que ainda animavam o Conselheiro Andrada, foram-se pouco a pouco esvaecendo, até que no dia 6 de Abril deste anno, no mesmo dia em que fôra nomeado por D. Pedro I, Tutor de seus Filhos, no mesmo dia em que se amontôou o combustivel em que devia arder a paz e a tranquillidade do Brasil, foi sua alma pura receber o galardão de seus feitos da mão daquelle que sonda os corações, e, indulgente ás fraquezas da misera humanidade, leva-lhe em conta até a menor parcella de virtude.

Tal foi José Bonifacio, viveu e morreu pobre; não recebeu de sua Nação distincção alguma; no Senado, que a lei criára para o merito e a virtude, e aonde tem achado assento até o vicio, a crapula, a inepecia, a intriga e a traição, não houve nunca um lugar para o Criador do Imperio!!!! Talvez por isso mais sobresahirá seu nome, como os de Bruto e Cassio mais lembrados eram, por não apparecerem suas estatuas nas pompas funebres das familias, á que pertenciam. Vergonha eterna sobre os malvados que desvairaram a Nação!..

José Bonifacio era de estatura menos que ordinaria, de figura regular, branco e louro na sua mocidade, de olhos pequenos e vivos, que descobriam a delicadeza de suas sensações e finura de seu espirito. Sua conversação era amena e jovial, e recheada de labaredas de espirito, cheia de allusões finas e engraçadas. Os seus costumes eram doces, sua bondade quasi angelica estava pintada no seu rosto, sua paciencia era stoica, sua tolerancia evangelica, sua caridade verdadeiramente christã; nunca conservou rancor, nunca esqueceu beneficio, nunca recusou soccorro a quem lh'o pedia. Não procurou inimizadas, senão por bem do Brasil; se a difficuldade das circumstancias em que se achou collocado o fez desviar da senda do stricto direito, o seu coração não teve parte no que a cabeça prescrevia. Em fim, teve defeitos, porque era homem, porém os seus defeitos eram pontos imperceptiveis no mar de suas boas qualidades.

OREMOS POR ELLE, CHRISTÃOS.



# DA POESIA BRASILEIRA.



(Continuação do numero 7).

## III.

Já dissemos que os primeiros poetas brasileiros, presos pelos preceitos e tradições da escola, não puderam, nem souberam ser senão meros imitadores, e que onde brilhou a verdadeira originalidade da poesia brasileira foi na epopéa, a qual, como o demonstram Camões, Sá de Miranda, Mousinho Quevedo e outros, era mais disposto o genio portuguez do que a outro qualquer genero de poesia.

Porém como a epopéa nos tempos modernos não pôde mais ser religiosa, isto é, não pôde mais dar uma fôrma bella ás fabulas e representações da Divindade, porque a Divindade, ou por meio da revelação, ou por meio da sciencia tem determinada a sua fôrma de ser na mente humana, vê a epopéa quasi a aniquilar-se e a reduzir-se a um conto em verso, ou á uma legenda, mais, ou menos maravilhosa, porém sem autoridade alguma, ainda que ás vezes pelo grande e estupendo successo que refere, ou pela maneira delicada com que é exposto, inspira maior interesse e eleva-se á categoria de poema nacional.

Alguma cousa da mythologia americana pôde sem duvida servir de maquina aos modernos poemas escriptos sobre as cousas d'America; porém como o poeta não pôde prestar fé a esta mythologia deve-se circumscrever o seu uso mui prosaicamente. Os proprios successos do descobrimento e conquista, conhecidos pela historia, até nos seus mais minuciosos pormenores, não se adaptam á ficção poetica, nem chegam a tomar suas gigan-

tescas proporções. Si Homero tivesse vivido no tempo de Thucidides não tivera escripto a Iliada. A guerra de Troya lhe pareceria uma mal combinada expedição de pobres e desalmados piratas; e apesar dos esforços da sua fertil imaginação nunca haveria formado alta idéa de semelhante empresa. Não queremos dizer com isto que Colombo, Cortez, Pizarro e Balboa não valham, cada um de per si, mais do que Achilles, Ulysses e Ajax juntos, senão que o conhecimento exacto que temos de suas pessoas, indole e condição os impossibilita para serem heroes d'um poema, ainda que sejam na historia heroicos e extraordinarios personagens.

Além disto as tradições poeticas do Novo-Mundo são mais proprias neste seculo investigador e incredulo para fundar sobre ellas systemas judiciosos, ou disparatados, sobre as emigrações e primitiva historia desses povos do que para compôr poemas. Sobre uma dellas escreveu Southey um poema intitulado *Madoc*, que não passa d'uma engenhosa lenda; e ainda se poderiam compôr poemas nesse genero suppondo que antes da vinda de Colombo chega á America algum heroe da Europa, ou d'Asia e que é recebido e considerado como um deos pelos indigenas selvagens, aos quaes ensina a agricultura, e as outras artes uteis, dá-lhes leis e as reduz a um governo regular. Porém para compôr um poema como este, ou outro semelhante argumento, longe de poetisar a tradição, explical-a-hemos prosaica e racionalmente e arrojaremos de seu templo peruano a Manco-Capac e ao deos do ar do seu *Teocaté* de Cholula para convertel-os em principes do Japão, ou da China em judeos extraviados, ou em naufragos infelizes da nossa Europa. A idéa que S. Thomé esteve n'America pregando o Evangelho, a que os Americanos indigenas descendem dos egypcios e dos hebreus, e a mais inaudita ainda que o verdadeiro Misrain, donde sahii Moysés para a terra promettida, fôï a America, tem alguma cousa de curioso e quiçá muito de extravagante: porém não é possivel crer que haja hoje alguém dotado de sufficiente boa fé para tornal-os com seriedade para assumpto d'um poema, podendo apenas servir para alguma lenda, ou romance.

Esta ultima classe de composição tão peculiar e propria dos portuguezes e hespanhoes, é a meu ver a mais adaptada, tanto para cantar as primitivas tradições dos povos americanos, como a sua surpresa e assombro ao encontrarem-se com os Europeos, as guerras, que a isso se seguiram, e as primeiras impressões dos colonos pisando essa terra virgem, formosa, incognita e remota. Por desgraça falta á nação hespanhola um duque do

Privas americano, que escreva estes romances historicos, e já um poeta allemão, Henrique Heine, tentou dar-nos em seu *Unitzilopotehli* um bello *specimen* do que neste genero se pôde fazer. Em quanto aos portuguezes e modernos brasileiros, sabemos que escolheram a fórma epica para cantar as façanhas e casos americanos, que assim contados mais parecem chronicas, ou novellas rimadas do que poemas, sem contestar que encerrem muita poesia, como veremos, ainda que esta poesia esteja mais na belleza das descripções e na novidade dos objectos do que nos caracteres, que se tragam, e nos successos, que se contam.

O primeiro poema brasileiro, tanto na ordem da publicação, como na correcção, é o *Uruguay* de Basilio da Gama (1); não obstante ser o seu assumpto, que mais parece um libello contra os Jesuitas, de pouco interesse. Em 1710 Portugal cedeu á Hespanha a colonia do Sacramento em troca das sete missões do Uruguay, que deviam ser incorporadas ao Brasil. Os indios, que estavam contentissimos debaixo do dominio dos Jesuitas não quizeram obedecer á esta determinação, e d'aqui se originou uma guerra, na qual, depois d'uma obstinada resistencia, os Indios foram vencidos e subjugados. Os Jesuitas neste poema são maltratados e calumniados horriavelmente. Os capitães portuguezes e hespanhoes que os vencem inspiram-nos tambem pouquissimo interesse, e todas as sympathias do leitor são para com os pobres Indios, que, posto que, segundo o poeta, defendem uma má causa enganados, e allucinados pelos padres, defendem-na não obstante com maravilhosa heroicidade.

Cacambo é o heroe principal do poema. Seu amigo, o valeroso Cepé, morre n'uma batalha ás mãos do governador de Montevideo. O exercito hispano-portuguez, prosegue, superando mil difficuldades, e já o rio Uruguay é o ultimo que falta franquear. O exercito indigena está acampado na margem opposta. É alta noite; todos dormem. De subito Cepé apparece em sonhos á Cacambo, como Heitor á Enéas, posto que com differente fim, e pede-lhe vingança, aconselhando-os que incendeie o acampamento dos portuguezes. Aqui começa o mais bello episodio do poema, do qual transcreveremos alguns versos:

(1) Si o leitor desejar inteirar-se da vida deste poeta, e dos escriptos pôde consultar as historias litterarias do Brasil já citadas, e o livro, intitulado—*Epicos Brasileiros*—, no qual o Snr. F. A. Varnhagen publicou os dous poemas brasileiros mais notaveis do seculo passado o—*Uruguay* e o *Caramurú*—, e os illustrou com notas criticas e historicas. A edição dos—*Epicos Brasileiros*— foi feita em Lisboa em 1845. O Snr. Paula Brito, publicou tambem agora uma nova edição do referido poema.

- « Acorda o Indio valeroso, e salta
- « Longe da curva rêde, e sem demora
- « O arco e as setas arrebaté e fere
- « O chão com o pé: quer sobre o largo rio
- « Ir peito á peito contrastar co'a morte.
- « Tem diante dos olhos a figura
- « Do caro amigo, e inda lhe escuta as vozes
- « Pendura a um verde tronco as varias pennas
- « E o arco e a seta e a sonora aljava;
- « E onde mais manso e mais quieto o rio
- « Se estende e espraia sobre a ruiua areia,
- « Pensativo e turbado entra; e com a agua
- « Já por cima do peito, as mãos e os olhos
- « Levanta ao céu, que elle não via, e'ás ondas
- « O corpo entrega. Já sabia em tanto
- « A nova empreza na linosa gruta
- « O patrio rio; e dando um geito á urna
- « Fez que as aguas corressem mais serenas,
- « E o Indio afortunado á praia opposta
- « Tocou sem ser sentido. Aqui se aparta
- « Da margem guarneecida, e mansamente
- « Pelo silencio vai da noite escura
- « Buscando a parte donde vinha o vento
- « Lá, como é uso do paiz, roçando
- « Dous lenhos entre si, desperta a chamma,
- « Que já se atêa nas ligeiras palhas,
- « E velozmente se propaga. Ao vento
- « Deixa Cacambo o resto, e foge a tempo
- « Da perigosa luz; porém na margem
- « Do rio, quando a chamma abrasadora
- « Começa a allumiar a noite escura
- « Já sentido dos guardas não se assusta.
- « E temeraria e venturosamente
- « Fiando a vida aos animosos braços
- « D'um alto precipicio ás negras ondas
- « Outra vez se lançou, e foi d'um salto
- « Ao fundo rio visitar a areia.

- « Debalde gritam, e debalde ás margens
- « Corre a gente apressada. Elle, entretanto,
- « Sacode as pernas e os nervosos braços :
- « Rompe as espumas assoprando a um tempo
- « Suspendido nas mãos, voltando o rosto
- « Via nas aguas tremulas a imagem
- « Do arrebatado incendio, e se alegrava. »

Esta façanha homérica, contada em um estylo tão natural e grandiloquo, não produz grande resultado, graças á promptidão e destreza com que soube o general portuguez atalhar o incendio. Entretanto Cacambo, embevecido no triumpho, que julga haver alcançado, dirige-se á sua aldeia para contar seus feitos ao jesuita Balda, seu protector. Este o envenena desapiadadamente, e deixa viuva a formosa Lindoya, como intento sem duvida de casal-a com o seu afilhado Baldeta, personagem ridiculo, Tersites desta Illiada, que, segundo ás más linguas, é seu mais proximo parente do que se inculcava. Porém Lindoya, desesperada com a morte do seu esposo, não acha consolação neste mundo, e aborrece a vida. Cheia de tristes presentimentos vai consultar sobre o porvir a maga Tanajura, a qual lhe mostra por encanto no crystal das aguas, encerradas em um vaso, o terramoto de Lisboa de 1755, a reedificação pelo marquez de Pombal da parte arruinada daquella grande cidade, e por ultimo a distribuição e a ruína da impia republica dos jesuitas, com o que ficará vingada a morte de Cacambo. Mas nem assim se consola Lindoya.

Balda persiste não obstante em casal-a com Baldeta. Lindoya é de sangue real, e tem certa autoridade e poder entre os Indios, que é mister que alcance Baldeta casando-se com ella. Tudo está preparado para as bodas n'aldeia de Balda.

- « Estão patentes as doiradas portas
- « Do grande templo e na visinha praça
- « Se vão dispondo d'uma e d'outra banda
- « As vistosas esquadras diferentes
- « Co'a chata frente d'urucú tingida,
- « Vinha o Indio Cobbé disforme e feio
- « Que sustenta nas mãos pesada maça
- « Com que abate no campo os inimigos,

- « Como abate a seara o rijo vento.  
 « Traz consigo os selvagens das montanhas  
 « Que comem os seus mortos; nem consentem  
 « Que jámais lhes esconda a dura terra  
 « No seu avaro seio o frio corpo  
 « Do doce pai, ou suspirado amigo.  
 « Foi o segúndo que de si fez mostra  
 « O mancebo Pindó, que succedera  
 « A Cepé no lugar: inda em memoria  
 « Do não vingado irmão, que tanto amava,  
 « Leva negros penachos na cabeça.  
 « São vermelhas as outras pennas todas  
 « Cór, que Cepé usára sempre em guerra,  
 « Vão com elle com os seus Tapes, que se affrontam  
 « E que tem por injuria morrer velhos.  
 « Segue-se Caitutú de regio sangue  
 « E de Lindoya irmão. Não muito fortes  
 « São os que elle conduz; mas são tão dextros  
 « No exercicio da frecha, que arrebatam  
 « Ao verde papagaio o curvo bico  
 « Voando pelo ar. Nem dos seus tiros  
 « O peixe prateado está seguro  
 « No fundo do ribeiro. Vinham logo  
 « Alegres Guaranis d'amavel gesto;  
 « Esta foi de Cacambo a esquadra antiga »

e agora a vêm commandando Baldeta. Emfim estão todos reunidos na grande praça, e só falta Lindoya para que se dê principio a festa. Todos estranham a sua demora, quando sabem pela boca da feiticeira Tanajura que Lindoya acabava de internar-se no mais intrincado do bosque, que circunda o jardim. Então possuido dos mais tristes presentimentos vai Caitutú em busca de sua irmã.

- « Entram em fim na mais remota e interna  
 « Parte do antigo bosque escuro e negro,  
 « Onde ao pé d'uma lapa cavernosa  
 « Cobre uma rouca fonte, que murmura,  
 « Curva latada de jasmins e rosas.

« Este lugar delicioso e triste  
 « Cansada de viver tinha escolhido  
 « Para morrer a misera Lindoya  
 « Lá reclinada, como que dormia  
 « Na branda relva, e nas mimosas flôres  
 « Tinha a face na mão, e a mão no tronco  
 « D'um funebre cypreste, que espalhava  
 « Melancolica sombra. Mais de perto  
 « Descobrem que se enrola no seu corpo  
 « Verde serpente, e lhe passeia e cinge  
 « Pescoço e braços, e lhe lambe o seio.  
 « Fogem de a vêr assim, sobresaltados,  
 « E param cheios de temor ao longe.

. . . . .  
 « Porém o dextro Caitutú, que treme  
 « Do perigo da irmã, sem mais demora  
 « Dobrou as pontas do arco, e quiz tres vezes  
 « Soltar o tiro, e vacillou tres vezes  
 « Entre a ira e o temor. Em fim sacode  
 « O arco, e faz voar a aguda setta  
 « Que toca o peito de Lindoya e fere  
 « A serpente na testa, e a boca e os dentes  
 « Deixou cravados no visinho tronco!  
 « Açoitá o campo co' a ligeira cauda  
 « O irado monstro, e em tortuosos gyros  
 « S'enrosca no cypreste, e verte envolto  
 « Em negro sangue o livido veneno.

« Leva nos braços a infeliz Lindoya  
 « O desgraçado irmão, que ao despertal-a  
 « Conheçe (com que dôr!) no frio rosto  
 « Os signaes do veneno, e vê ferido  
 « Pelo dente subtil o brando peito.  
 « Os olhos, em que amor reinára um dia,  
 « Cheios de morte, e muda aquella lingua  
 « Que ao surdo vento, e os échos tantas vezes  
 « Contou a larga historia dos seus males.  
 « Nos olhos Caitutú não soffre o pranto

- « E rompe em profundissimos suspiros  
 « Lendo na testa da fronteira gruta  
 « De sua mão já tremula gravado  
 « O alheio crime e a voluntaria morte,  
 « E por todas as partes repetido  
 « O suspirado nome de Cacambo.  
 « Inda conserva o pallido semblante  
 « Um — não sei que — de magoado e triste,  
 « Que os corações mais duros enternece.  
 « Tanto era bella no seu rosto a morte! (1)

Morta Lindoya, por sua propria vontade, impossivel é enterral-a em sagrado. A consternação e a dôr se apoderaram dos Indios, e neste estado os sorprehende o general portuguez, e com facilidade os vence e submette. O quinto e o ultimo canto do poema nos descreve, pintadas nas abobadas do templo principal das missões, todas as maldades da Companhia de Jesus. Deixo de fallar ácerca dellas, porque assás se tem fallado e escripto á tal respeito nestes ultimos tempos, e por acaso se encontrará uma só pessoa que não haja lido pelo menos o Judeu Errante d'Eugenio Sue. Em compensação, as admiraveis historias, escriptas em maravilhoso estylo, que sobre St. Ignacio e S. Francisco Xavier compuzeram Rivadeneira e Lucena, jazem no pó, e ninguem se anima a consultal-as.

É sabido que os incredulos vergonhosos, que não se atrevem a atacar directamente a religião catholica, se desafogam insultando aos jesuitas, e isto por tão diverso modo, que os averbam n'um paiz de liberaes e demagogos, e n'outro de servis e absolutistas. No meu entender os jesuitas é uma corporação de homens honestos e illustrados, posto que algum

(1) O auctor posto que muitas vezes seja original não deixa contudo d'imitar aos poetas latinos e italianos que havia estudado e sabia apreciar o seu valor, o que contribuiu poderosamente para tornar o seu estylo elegante e primoroso. Nesta passagem que acabamos de citar ha varias imitações felizes, entre outras a dos ultimos versos, que nos trazem á memoria os que Petrarca escrevera pintando a morte de *madona* Laura.

- « Pallida no, ma più che neve bianca  
 « Che senza vento in un bel colle fiocchi  
 « Parea posar come persona stanca  
 « Quasi un dolce dormir nè suoi belli occhi  
 « Essendo 'l spirito già da lei diviso  
 « Era cruel che morir chiaman gli scocchi  
 « Morte bella parea nel suo bel viso. »

tanto ambiciosos, sendo esta a causa da cruenta guerra que lhe move o vulgo. Basilio da Gama, ingrato para com elles, pois lhes devia sua educação, posição e tudo o que era, seguiu nisto as idéas vulgares, apesar das suas luzes.

Quanto ao mais, é poeta, senão grande, ao menos estimavel e digno da immortalidade, que elle proprio com a consciencia certa do seu merito vaticina, finalizando a sua obra :

« Serás lido, Uruguay! Cubra meus olhos  
 « Embora um dia a escura noite eterna,  
 « Tu vive e goza a luz serena e pura.

Versos, que são o *non omnis moriar* d'Horacio, mais modestamente repetidos.

#### IV.

Poucos annos depois do poema do *Uruguay*, appareceu com o titulo de *Caramurú*, de mais interessante e variado argumento, de maiores dimensões, e com mais enthusiasmo e delicada ingenuidade escripto, ainda que por desgraça não muito castigado e correpto na fórma. José de St. Rita Durão, homem d'estudos, e tão entendido admirador dos classicos, como Basilio da Gama carecia do fino bom gosto deste, ou antes, a mesma facilidade que tinha em versificar (facilidade quasi sempre prejudicial) o tornou quasi sempre desalinhado e frouxo. O seu prosaismo d'expressão seria-insuportavel si a poesia do sentimento não desse alimento á tuba épica. D'onde se conclúe, que este poema do *Caramurú*, engenhoso na concepção, necessita na execução de concertado artificio, e que seu auctor possuía mais imaginação e sensibilidade, do que delicadeza de gosto e conhecimento do bello. Seus dotes porém são sufficientes para collocal-o no parnaso portuguez, tão rico em epopéas.

O mesmo Durão teve a intenção de competir em certo modo com Camões, não injuriando-o, como o padre Macedo; mas tratando de erigir á gloria dos portuguezes n'America um monumento semelhante pela grandeza ao que levantou Camões á gloria Lusitana n'Oriente, Durão esteve mui longe de consegil-o; mas não póde ser criminado por havel-o intentado com nobreza e sem inveja, posto que sem capacidade (1). Não o cegava o

(1) O padre Macedo em seu poema *d'Oriente* trata como vulgarmente se diz de corrigir o plano de Camões, e no seu prologo procura demonstrar com grande engenho e copia d'erudição (pois não lhe negaremos ambas as qualidades que as Luziadas não tem nada de bom que

amor proprio, senão o da patria, tão vehemente entre os brasileiros. Durão que conhece toda a formosura do Brasil, que descrevendo-a em seus versos com grande veracidade, collocára nelles a mais sublime poesia; e por outra parte compraz-se de tal modo em contar-nos as cousas da sua terra, que a sua mesma complacencia presta particular encanto ás suas descripções de plantas, aves, feras e peixes, usos e costumes e diversa physionomia das tribus selvagens. O assumpto principal, ou quadro em que todas estas cousas se ajustam e combinam, está disposto com acertado tino e é o seguinte (1):

Já estava descoberta grande parte do vasto Brasil quando Diogo Correia foi colonisal-o com outros portuguezes. Uma horrorosa tormenta destroçou a náó em que iam e os arrojou em uma terra incognita. Os selvagens antropophagos, que a habitavam, rodeam aos naufragos, se apoderam facilmente delles, e encerrando-os em uma obscura caverna, destinaram-nos para o seu sustento. E como uns morressem deste modo, e se salvassem outros pela fuga enternando-se pelos bosques, veio Diogo, que estava muito doente, a ficar só, porque não pode fugir com os seus companheiros e vivo, porque não quizeram os selvagens comel-o até que engordasse. Com este intuito o deixaram em certa liberdade, e aproveitando-se della, teve elle um dia a ventura de achar entre os restos da náó, que as ondas haviam depositado na praia, um arcabuz, alguma polvora e outros objectos utilissimos naquellas circumstancias e proprias para despertar nos Indios a admiração e o respeito para com a sua pessoa. Por isso, e por ser homem de muito espirito e consciencia tranquilla não só se libertou da morte como até chegou a ser temido como um Deos entre aquella gente rude, que atemorizada e submissa o chamou *Caramurú*, vocabulo que na lingua brasileira quer dizer *monstro marinho*, e segundo Durão, posto que contra o parecer de doutos philologos, *filho do trovão*.

O *filho do trovão* como bom christão recusa o culto que os Tupinambás lhe dedicam, lhes falla do verdadeiro Deos, e estabelece entre elles modo mais civilisado de viver, prohibindo-lhes a antropophagia, e fazendo-os

não seja roubado, e que Camões por conseguinte, é um plagiario e um pessimo poeta. Camões não precisa que o defendam destas audazes accusações, e apesar dellas e do padre Macedo durará sempre a sua gloriosa fama; crêmos porém que si os argumentos do padre Macedo ainda não foram victoriosamente rebatidos merecem sê-lo.

(1) Sobre o fundamento historico do Caramurú, escreveu o Snr. Varnhagen um discurso muito crudillo e curioso.

reconhecer como chefe supremo ao Indio Guepeva, a quem toma por amigo. Este leva-o para a *taba*, ou aldeia onde reside, e hospeda-o com inauditas e honorificas ceremonias. Todos ao vê-lo exclamam: *mair ma apudú*, bem vindo seja o estrangeiro! Alguns, como prova d'admiração encostam-lhes as cabeças ao peito, e as mulheres acodem a offerecer-lhe seus carinhos. *Caramurú*, que é um heroe castissimo, não admite taes offerecimentos; apaixonou-se porém da celestial *Paraguassú*, portento de formosura, que por singular privilegio se acha entre os horrendos selvagens. *Paraguassú*, corresponde com igual amor, e diz ao seu amante, *tua patria será minha patria, e o teu Deus será o meu Deus*; promettendo baptisar-se. Ambos se dão a mão de esposos, e resolvem com heroica e santa virtude viver como irmãos, até que um sacerdote abençõe a sua união.

Entretanto, *Caramurú* se informa miudamente das idéas religiosas dos Indios, e vê com surpresa que sabem cousas tão elevadas ácerca de Deos, do diabo e da vida futura, que não é possível que as hajam inventado, parecendo reminiscencias d'uma revelação primitiva, ou da pregação de S. Thomé, conservadas nas tradições populares, e transmittidas pela tradição oral de pais á filhas. O inferno, segundo elles, está no centro das remotas montanhas d'occidente, e além destas montanhas está o paraíso, para onde vão as almas dos justos. Este paraíso é mais bello e fecundo que imaginar-se pode; ha nella flôres e passaros ainda mais primorosos do que os do Brasil. Um desses passaros de vistosa e resplandecente plumagem, e de divino canto, em comparação do que nada valle a Phenix d'Arabia, remonta ás vezes o seu vôo, eleva-se ácima das mais altas montanhas, e vêm ao paiz dos mortaes contar-lhes as glorias do paraíso. Todos que o ouvem ficam estaticos, suspensos e enamorados da doçura da sua voz, porém pouco, mui poucos, são os que entendem e interpretam as maravilhas que refere (1).

Muito se alegra, *Caramurú* sabendo de taes cousas e crê por ellas que os Indios estão mais preparados do que pensava para receber o Evangelho, que começa logo a pregar-lhes. Mais eis que a paz que reinava entre os Tupinambás, e as tribus visinhas se altera por causa do mesmo *Caramurú*.

(1) Mui semelhante á esta fabula é a que se conta aqui em Hespanha como succedida a S. Vivil, o qual estando em um bosque a ouvir cantar a um passaro do céu, quando recolheu-se ao seu mosteiro achou tudo mudado, pois que haviam trezentos annos, que delle se achava ausente.

O feroz e poderoso Jararaca, principe dos *Caethés*, que se fazem mil horrendos gilvazes no rosto para parecerem mais monstruosos e espantar os seus inimigos, apaixonado de *Paraguassú*, e vendo que lh'a negam por esposa, arma toda a sua gente, convoca, ao som da trompa guerreira, muitas outras tribus dos bosques e caminha á frente dellas contra os *Tupinambás* e o *filho do trovão*. Numerosissimo e espantoso é o exercito, que commanda Jararaca. Ali vêm os *margates*, que pintam as caras de preto, e se adornam com collares feitos com os dentes dos inimigos que matam; os *ovecates*, dos quaes devem estar á trinta passos de distancia os que não quizerem ser devorados vivos; os *maquis*, grandes cultivadores de mandiocas; os *pitagoares*, com lanças de páo ferro; os *carijós*, com as cabeças cobertas de laminas d'oiro, e pendentes dos seus furados labios, ricos diamantes, rubins e saphiras, que abundam em sua terra; os *d'Agerapiranga*, dextros no manejo das flechas e bebedores do sangue humano; os *itates*, surdos pelo rumor das cataractas, junto das quaes fixaram as suas moradas; os crudelissimos *tapuyas*, armados de pesadas massas, e suas mulheres com suas longas orelhas, as quaes o amor conjugal leva a não desamparar seus maridos nem na hora do combate. O exercito de Gupeva não é menos variado nem menos numeroso, contando de mais á mais com o auxilio de *Caramurú*, que por si só vale um exercito. Tambem a bella *Paraguassú* conduz á guerra um brilhante batalhão de mulheres. Emfim, depois de varios lances e combates, *Caramurú* e seus alliados vencem aos inimigos e matam ao cruel Jararaca. Dez nações das mais bellicosas e grandes se submettem á *Caramurú*, e os seus dominios e benefica influencia se estendem por todo o interior do paiz. As mais formosas donzellas Indias morrem d'amores pelo heroe portuguez, que as despreza guardando fidelidade á sua esposa.

Entretanto, outros naufragos são arrojados á costa. *Caramurú* os soccorre e reconhece que são hespanhoes, e agasalha-os como irmãos pela raça, gloria e dominios nesta parte do mundo. Alexandre VI dividiu entre elles, em nome de Deos, o imperio da terra. Ambos os povos

Já sabes que no accaso e no oriente  
 Novos mundos buscaram pelo oceano,  
 Depois de haver domado a Lybia ardente;  
 E que onde não chegou grego, ou romano,  
 Passeia o forte hispano e a lusa gente;

Que instruidos na nautica, com arte,  
Descobriram do mundo outra gran parte.

Do Tejo ao Mina o portuguez impera,  
D'um pólo á outro o castelhano vòta,  
E os dous extremos da redonda esphera  
Dependem da Sevilha, ou de Lisboa.

Os naufragos são companheiros do audaz Orellana, e referem as portentosas façanhas de Pizarro no Perú, e a estupenda e apenas crível que acabam d'executar, vindo desde Quito, através de mil perigos, combatendo com ignoradas e ferocissimas nações e navegando ao acaso pelo Casca, e Napo, e o caudaloso Amazonas, até sahir no Atlantico.

Pouco depois dessa vinda chega igualmente áquella costa uma náó franceza. *Caramurú*, desejando voltar á sua patria se embarca com *Paraguassú*. As donzellas Indias apaixonadas por elle, seguem-no á nado; e uma dellas chamada *Moema*, que ia adiante das outras, depois de exhalar mil queixumes em sentidissimos versos, cahe em um desmaio e morre afogada. Suas companheiras volvem á terra cheias de dolorosa amargura. Este episodio é digno de ser comparado ao d'Ariadna nas bodas de Tetis e Peleo, e seria mais bello se tivesse a mesma correcção e elegancia do de Catulo.

No resto do poema, Durão descae muito a não ser pelas descrições que o heroe já na Europa, faz dos portentos que viu no Brasil. Segue-se o baptismo e o casamento de *Paraguassú*, celebrado em Paris, de que foi madrinha Catharina de Medicis, que lhe dá o seu nome.

Diogo não quer, apesar dos soffrimentos e agasalhos que recebe do rei de França, ligar-se ao seu serviço, voltando á empregar-se no do rei de Portugal, atravessa de novo o Atlantico, e concorre para a fundação da cidade da Bahia de Todos os Santos, outr'ora theatro das suas mais difficeis e perigosas aventuras, e depois capital de todo o Brasil. *Paraguassú* vê em sonhos a futura gloria da nova colonia, e refere-as mui miudamente; e principalmente as guerras, que tiveram os bahianos com os hollandezes, que conseguem expulsar. Emfim, o poema, ainda que começado prosaicamente acaba ao gosto de todos, porque não só deixa fundada, senão florescente a colonia; os Indios felizes e Diogo e Catharina ainda mais felizes, honrados e queridos nella.

## V.

Aberta por Durão e Gama a vereda da verdadeira poesia nacional, e começando a despertar-se em todos os animos o desejo da independencia, a inspiração se derrama nas almas e apparecem no Brasil um sem numero de poetas, perfectos uns pela fórma classica e elegante do estylo das suas obras, e outros pela sua inspiração e enthusiasmo.

Proclamada a independencia, as obras destes poetas sahem á luz com tal abundancia, que é impossivel sem ser prolixo dar noticia circumstanciada dellas a leitores que não são brasileiros e que não tem grande interesse por estas materias.

Com os nomes só dos poetas brasileiros, que conhecemos, poderíamos encher umas poucas de paginas desta *Revista* (1): e apenas se encontrará um personagem politico, senador, presidente de provincia, gentil-homem da camara do Imperador, medico de fama, lente d'alguma faculdade, que não tenha dado, ou continúe a dar culto ás musas.

Ha, comtudo, poetas que merecem mui particularmente ser conhecidos. Um delles é Gonsalves Dias, que por sua originalidade e fecundidade póde ser chamado o Zorilla do Brasil; suas lendas e canções brasileiras são interessantissimas. Uma dellas, denominada — *Yuca-Pirama*, ou *o que ha de ser morto*, pinta maravilhosamente os ferozes costumes das tribus selvagens.

N'outra poesia intitulada — *A Mãe d'Agua* — se descreve a nayade brasileira, ou o espirito que habita o fundo dos rios, o qual, segundo a crença supersticiosa do Brasil, é uma formosa nympha com bons cabellos d'oiro, que lhe servem de vestido; e com olhos de tão inexplicavel fascinação, e com voz tão harmoniosa, que ninguem, que a oiça, resiste á tentação d'arrojar-se n'agua para vê-la e ouvil-a de perto. Os meninos costumem ser

(1) A difficuldade de citar seus nomes pela mesma extensão. Assim, por exemplo, José Donifacio d'Andrada e Silva, poeta pindarico, Domingos José Gonsalves de Magalhães, poeta miltabundo, á maneira de Lamartine; Francisco Octaviano d'Almeida Rosa, poeta satyrico e digno traductor de Byron; Joaquim Norberto de Sousa e Silva, distincto auctor d'uma engenhosissima e fantastica legenda, intitulada a — *Nebulosa* — (\*)

(\*) Aliás do Snr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo.

victimas dessas crueis sereias e morrem afogados. *O Gigante de Pedra*, titulo d'outra poesia do Snr. Gonsalves Dias, é um enorme penhasco, que se vê á entrada da grande bahia do Rio de Janeiro, erguendo-se até ás nuvens, e parece ali posto como que d'atalaia. Ao cantar o poeta este prodigio da natureza, celebra em elegantes versos o passado do seu paiz, e o brilhante futuro, que o aguarda. *Gosto d'olhos verdes*, é um idyllio delicadissimo. *Marabá* é a triste e melancolica pintura do menospreço com que os Indios tratam aos mestiços. E por ultimo em *Tabyra* nos mostra o poeta os Indios guerreando entre si e destruindo-se pelo dominio do Brasil, como se aquelle vastissimo torrão fosse pequeno para elles; e preparando desta arte a sua conquista pelos portuguezes. Este canto parece, quanto ao metro, uma imitação do admiravel côro do *Carmagnola* de Manzoni. A influencia de Victor Hugo e do Zorilla se nota tambem em Gonsalves Dias muito a miudo; porém este vate americano possúe a ternura, que falta aos nossos poetas europeos. Como tem escripto muito, Gonsalves Dias tem tocado em todos os generos, excepto na poesia dramatica, que se pôde quasi assegurar que ainda não nasceu no Brasil. Gonsalves Dias é o mais popular de todos os poetas brasileiros, porém ha outro muito maior e digno de memoria:— fallamos do Snr. Araujo Porto-Alegre.

Este poeta é tão novo e tão extraordinario, tanto em suas bellezas como em seus defeitos, que não crêmos que até hoje tenha apparecido outro maior poeta no Brasil, e pensamos que as suas obras merecem um capitulo especial, e o mais escrupuloso exame. Araujo Porto-Alegre é o poeta americano por excellencia, e que com mais verdade e entusiasmo nos pinta e exalta as grandezas e formosura do Novo-Mundo. Em seu poema *Colombo* tambem canta as nossas glorias, e fal-o tão dignamente que seria leviandade da nossa parte, e até irreverencia, o fallar delle de passagem, sem examinal-o minuciosamente, ponderando todo o seu valor e merecimento.

JUAN VALERA.

(*Revista Espanola de Ambos los Mundos*).



# POESIA

## À BELLEZA DO BARDO.



### I.

É feliz a mulher, em cujos olhos  
Deos accendeu a electrica centelha,  
Que a alma do Bardo comburando funde-a  
Em arroios de magica harmonia!  
Em quanto as azas no herculineo vôo  
Abysmam tudo no golphão dô nada,  
Sua belleza agrilhoando a morte  
Zomba que o tempo afatigado corra.  
Debruçada do céu na lactea nuvem  
Ouve seu nome reboar no mundo  
Pela extensão dos seculos futuros,  
Como um peso lançado nos abysmos...  
D'alma do Vate as vibrações são chammas  
Que cavam, oh belleza, um fundo surco  
Pela extensão dos tempos  
Só da lyra nos sons revive a gloria!

### II.

Oh Pretrarca, oh Petrarca!  
Inda murmura o écho de tu'harpa  
Na saudosa canção do gondoleiro,

Que singra pelas aguas do Adriatico;  
 E a viração da noute enternecida,  
 Chorar parece ao repetir teu nome  
     Encantadora Laura.  
 Alma afinada pela mão da amante,  
 Um Rei te corôou no Capitolio;  
 Mas a belleza que acendeu-te as chammas  
 Da omnipotente poesia, oh Bardo,  
     Corre contigo os écos!

E tu, Leonor formosa,  
 De teu Vate aos suspiros  
     Inda os amantes choram;  
 E quantas lyras no Universo sôam,  
     Tristes endeixas vertem  
 Do grande Tasso na funeréa lousa;  
 Tua belleza e seu amor fizeram  
 Da Italia o cysne agonisar em ferros;  
 Mas a lagrima quente da saudade  
 Que elle por ti vertia—senão poude  
 Fundir-lhe os élos—abrasando o tempo,  
 Na eternidade abriu um largo surco,  
     Onde escreveu teu nome.  
 Regeitaram-no—infames!— que não sabem  
 Que pesa mais do Bardo o diadema  
     Que mil sceptros ducaes.

Olha— na gruta de Macáu ind'hoje  
 Parece o écho soluçar o nome  
     Da querida Natercia,  
     Que ao Poeta guerreiro  
 Alma em brandas canções evaporava.

Olha— de Beatriz brilhando o astro  
     Na abobada do céo;  
 Sabes tu quem lhe deu tamanho brilho?  
 Ai! foi D. Bernardin, filho do povo,  
     O Poeta do amor,

Que d'um throno os dégrãos subir ousára  
 Para, aos pés d'uma Princeza,  
 Sua paixão confessar.

Gemem os sons da lyra de Gonzaga  
 Lá n'africana areia,  
 E os ventos remurmuram suspirando,  
 Em nossas patrias selvas,  
 As graças peregrinas de Marilia!

## III.

Rolam do tempo as rugidoras vagas  
 Da eternidade nas infindas praias  
 Sem afundar o nome da belleza,  
 Que sóbe tão ligeiro á flôr dos seculos,  
 Como sóbe a cortiça á tona d'agua;  
 Quando na lyra o santifica o Bardo.

Para que o teu, oh virgem tão formosa!  
 Escuta, seja neste mundo eterno,  
 Deixa que a tua fronte fluctuando  
 Pouse nas minhas mãos— qu'esses teus olhos  
 Vertendo a poesia em labaredas  
 Surjam á minha musa!

Quando da noite o astro alvinitente  
 No céu azul se deslizar saudoso  
 No quieto lago reflectindo a imagem,  
 Que outra cerulea abobada simula,  
 Virgem formosa, virgem que eu adoro,  
 Entre os dous céos perdidos n'um barquinho  
 Ao capricho das auras fluctuando  
 Assim triste pousada em meus joelhos  
 Como a hera se agarra ao sêcco tronco  
 C'os niveos braços me cingindo ao cóllo  
 Vendo minh'alma esvoaçar gemendo

Qual no devoto rosmaninho a abelha  
 Pelo humido coral desses teus labios  
 E a negra chuva dos cabellos soltos  
 Vir enchugar-me a face empallecida;  
 Sosinho em nosso amor e a natureza  
 Mais encantos terão a luz e a vida  
 Do vento ao sussurrar ao som das vagas!  
 Que brandos carmes; feiticeiras dulcias,  
 Quebrando a triste soidão das aguas,  
 Hão de ameigar as fibras de noss'alma!

Eu vejo sobre a palpebra orvalhada  
 Já distillando o virginal orvalho  
 E a viração da noite recolhendo  
 Em quebrados suspiros os desejos  
 De nossos corações. — Com que ternura  
 Hão de gemer as cordas sonoras  
 Nas mãos de teu cantor! — Pois cada nota  
 Dessas que d'harpa um teu olhar desprende,  
 O oceano dos seculos varando,  
 Ha de echôar tambem na eternidade,  
 Junto dos nomes de Leonor e Laura!

## IV.

Vê-a no meio dos mares,  
 Se o vento uma onda formou,  
 Como caminha, caminha  
 Até que a praia a quebrou?

Escuta-o, grito melodico,  
 Que uma ave soltou nos ares,  
 Como caminha, caminha  
 Como a vaga pelos mares?

Assim teu nome, oh belleza!  
 Se a harpa do Bardo o desprende,  
 Como a vaga, como o grito  
 Na eternidade se estende!

## BOLETIM BIBLIOGRAPHICO.



*Resumo da Historia do Brásil*—POR HENRIQUE LUIZ DE NIEMEYER BELLEGARDE—  
um volume em 16.º

Acaba de sahir dos prélos do Snr. F. de Paula Brito a quarta edição da muito conhecido *Resumo da Historia do Brasil* pelo fallecido major Bellegarde; e como dissemos alguma cousa ácerca do compendio do Snr. Coruja, pede a justiça que não guardemos silencio á respeito deste livrinho elementar. Esta nova edição está consideravelmente melhorada, e a sua introdução e o additamento, tornam-se recommendaveis pela clareza e exactidão com que são escriptos. E' um verdadeiro serviço pôr ao alcance da juventude os successos mais notaveis dos fastos nacionaes, e fazel-a amar a gloria patria, interessar-se pelo progresso do seu paiz, assim pois consideramos como benemeritos todos os que tomam sobre seus hombros a difficilissima tarefa de escrever compendios, mil vezes mais laboriosa do que a da confecção d'uma obra qualquer, principalmente a d'algum romance de imaginação escripto *ao voar da penna* ou d'agum volume de *trovas*. Honra ao Exm. Snr. general Bellegarde, que movido pelo sentimento d'amizade fraterna, tornou muito mais interessante a obra do seu digno irmão.

*Nova Grammatica Latina*—PELO SNR. DR. ANTONIO CASTRO LOPES.

Posto que ainda não visse a luz publica a obra que ácima annunciamos, tão adiantada se acha a sua impressão que não podemos resistir ao desejo de chamar sobre ella a protecção dos nossos illustrados leitores, pedindo-lhes a sua valiosa coadjuvação em pròl de tão louvavel empreza. O nosso amigo teve a bondade de mostrar-nos algumas lições, que se achavam impressas, e por ellas avaliámos de quanta utilidade será para a mo-

cidade a applicação que se propõe fazer o illustre latinista do methodo de Robertson ao ensino dessa lingua classica, cujo conhecimento se torna indispensavel aos que desejam penetrar no templo das sciencias, ou ainda mesmo conhecer a etymologia das palayras do idioma nacional. Até hoje muita gente recuava ante a difficuldade, que apresentava o estudo do latim, que, cumpre confessar, era o verdadeiro *Cabo Tormentorio* da juventude, passado o qual podia esta, á imitação do Gama, saudar as apraziveis margens do Ganges; agora porém, graças ao Snr. Dr. Castro Lopes, a lingua de Cicero se torna de tão facil comprehensão, como a franceza e a ingleza, e até as nossas jovens patricias poderão lêr no original os melodiosos versos de Virgilio.

Conego—*Dr. Pinheiro.*



# ECONOMIA DOMESTICA E INDUSTRIAL

Extracto do relatorio publicado pelos Secretarios Perpetuos da Academia das Sciencias de Paris.



Desde os fins do anno proximo passado, graças ao decreto do mez de Agosto de 1854, o qual permittiu, mediante um direito minimo, a importação em França das carnes salgadas, ou fumadas, importantes expedições neste genero foram feitas tanto do Rio da Prata, como dos Estados-Unidos. Dunkerque, o Havre, e outros portos receberam porco e vacca salgada em perfectas condições; e numerosas pessoas, da classe dos manufactureiros, se apressaram a fazer o ensaio do uso dessas carnes.

O porco salgado da America do Norte tem-se vendido ao preço de 1 fr., e 1 fr. 20 centimos o kilogramma. A vacca salgada sem osso vende-se ainda á retalho á razão de 60 a 75 cent. o kilogramma.

Admittindo-se que estas carnes offerecem uma alimentação sã e agradável, devêra naturalmente apresentar-se a questão de saber, se, aos preços porque são vendidas, ha vantagem em usar dellas de preferencia á nossa carne de açougue. Por quanto se o poder alimenticio destas carnes fosse muito inferior ao da carne fresca, é evidente que haveria desconveniencia em substituil-as á esta ultima, a qual será sempre de um gosto mais agradável, e de melhor apparencia. E' para resolver esta questão que, á pedido da Sociedade livre de emulação do commercio e da industria do senna inferior, eu emprehendi (com o auxilio dos Srs. Caneaux e Thorel, medico e pharmaceutico em chefe do *Hotel Dieu* de Ruão) uma serie de experiencias, cujos resultados passo a apresentar em resumo.

1.º— Diversas panellas de cosido foram preparadas, ao modo ordinario, com legumes, ou sem elles, contendo umas carne fresca, e outras carne

salgada americana. Eis-aqui os resultados comparativos destas experiencias.

(A) 950 grammas de vacca fresca (de qualidade média), sem ossos; com 750 grammas de legumes; e 50 grammas de sal; deram feita a cosedura— 650 grammas de carne enxuta, a qual depois de sêcca pesou 200 grammas; 100 grammas de gordura; 2,25 kilogrammas de caldo, o qual produziu 80 grammas de extracto sêcco. A carne tinha bello aspecto, e muito bom gosto: o caldo era consistente e de sabor agradável.

(B) 950 grammas de vacca salgada americana, postas de môlho primeiramente em 6 litros d'agua, renovada esta uma vez durante 12 horas; e fazendo-as depois ferver em 6 novos litros d'agua, durante 5 minutos; foram cosidas depois com 750 grammas de legumes, e 50 grammas de sal. Obteve-se o seguinte resultado: — 750 grammas de carne enxuta, a qual reduziu-se pela dessecação a 220 grammas; com alguns vestigios de gordura; e 2,25 kilogrammas de caldo, o qual forneceu 85 grammas de extracto sêcco.

A carne cosida tinha o aspecto de carne velha: era fortemente dene-grida no exterior, e de viva côr vermelha no interior. O seu sabor pouco desenvolvido approximava-se da carne ligeiramente fumada. O comprimento e rigidez das suas fibras dificultavam, e tornavam desagradavel a masticação.

O caldo transparente, e sem traços de gordura, assemelhava-se muito ao caldo da vitella: não tinha máo gosto, mas o seu sabor pouco aromático differia muito do sabor do caldo preparado com a vacca fresca; e era mais salgado do que este.

2.º— Um kilogramma de toucinho indigena foi cosido, comparativamente com outro kilogramma de toucinho salgado americano, com legumes á maneira ordinaria. Feita a cosedura— o toucinho indigena pesou, enxuto, 770 grammas; e o toucinho americano 530.

O toucinho indigena tinha um sabor muito mais delicado do que o americano: a parte adiposa, ou gorda, era excellente no primeiro, e apenas comivel no segundo; mas a parte magra deste era passavel.

3.º— O cosido da vacca indigena custou 1 fr. 93  $\frac{1}{4}$  centimos: e produziu, nas 650 grammas de carne enxuta, 69,55 de *asote*; e nas 2250 grammas de caldo 2,8 de *asote*: ao todo 72,35 grammas de *asote*.

O cosido da vacca salgada americana custou 1 fr. 27 centimos, e em

iguas circumstancias, produziu, nas 750 grammas de carne enxuta, 88,63 gr. de *asote*; e, nas 2250 gr. de caldo, 2,67 gr. de *asote*: ao todo 91,3 gr. de *asote*. 1 gr. de *asote* importou pois, na carne fresca, 26,8 centimos: e, na carne salgada americana, 13,9 cent.

Segue-se destes resultados, que tomando-se a quantidade de *asote* pelo valor representativo da qualidade nutritiva, teria a carne americana a vantagem de alimentar *metade* mais barato, do que a carne fresca. Resta porém averiguar, se uma carne endurecida pelo contacto prolongado do sal, e em parte privada dos principios sapidos, que contribuem essencialmente á completa assimilação dos alimentos, é susceptivel de nutrir tão bem, como a carne que não foi desnaturada, e que conserva todos os principios que determinam o sabor.

Procedendo á uma investigação semelhante nas experiencias feitas com a carne de porco; acha-se, que 1 gr. do *asote*, produzido pelo toucinho indigena, ficou importando 20 cent.; e 49 cent. o que produzira o toucinho americano. Donde se conclue, que a alimentação com o toucinho americano é *duas vezes* mais cara do que póde ter lugar com o toucinho indigena: accrescendo á isto, que o primeiro é muito inferior em qualidade ao segundo, pelo que respeita ao aspecto, e ao sabor.

4.º—A analyse da salmoura, em que fôra lavada a vacca salgada americana, prova que esta carne perdera grande parte dos seus principios nutritivos, tanto dos salinos, como dos organieos. Mr. Liebig pensa que nessa salmoura existe cerca da terça parte, e mesmo metade do liquido contido na carne fresca, no qual se contém todas as partes activas, organicas e mineraes, do melhor caldo. A salga produz pois o mesmo effeito, que a lixiviação por meio da cocção, e mesmo em gráo mais pronunciado, pois que ella separa a albumina, que a acção da agua fervendo conserva na carne, coagulando-a. A salga diminue consequentemente o valor nutritivo, roubando as substancias necessarias á formação do sangue.

Fica assim bem demonstrado, que a salga não é o meio mais proprio para preservar a carne destinada á alimentação do homem; e que seria por consequente conveniente investigar algum outro meio, de utilizar, no interesse do consumidor europêo essa quantidade enorme de carnes, que se perdem na America. *Uma meia cosedura*, feita em boas condições, sendo depois a carne embebida em uma dissolução gelatinosa, e fazendo-se sêccar neste estado ao sol, ou ao calor de um forno, á dupla corrente d'ar, de modo que ficasse a carne protegida como que por uma crusta de verniz,

como já propuzeram Viloris e d'Arcet; valeria semelhante processo muito mais, do que a maceração prolongada em salmoura, como se pratica actualmente. Mas devera attender-se ainda á uma circumstancia importante, para que as carnes exportadas da America fossem mais bem aceitas na Europa; a saber, aproveitar dos animaes sómente as peças de carne de maior valor, divididas como o fazem os nossos carniceiros, á fim de serem exportadas.

Se os especuladores americanos não pozerem mais cuidado em melhorar as suas remessas de carne; e se não descobrirem algum outro agente preferivel ao sal, para preserval-a da putrefacção; deverão elles resignar-se a vêr cair os seus productos neste genero em grande descredito: e é o que já está acontecendo. No momento em que escrevo estas linhas este artigo do commercio tem desaparecido do mercado da nossa cidade, não por falta da mercadoria, mas porque não encontra ella ahi compradores: o consummidor tendo verificado, que esse genero alimenticio offerece uma nutrição pouco appetitosa, e que é na realidade de pouco proveito debaixo do ponto de vista economico, o recusa hoje completamente.

### Conclusões.

Dos factos consignados nesta memoria podemos tirar as seguintes conclusões:

1.º— A carne de vacca salgada da America, não obstante ser mais rica em *asote*, e em acido phosphorico, do que a carne fresca, offerecendo uma quantidade dupla destes principios pelo mesmo preço, é todavia um alimento muito menos succulento, agradavel e saboroso; e por estas razões não póde substituir a carne fresca.

2.º— O toucinho salgado americano é muito inferior, á todos os respeito, ao toucinho indigena; e o seu uso occasiona uma perda notavel para o consummidor.

3.º— Nossas povoações tem renunciado ao emprego das carnes salgadas da America, não em consequencia de preconceitos, ou de capricho irreflectido, mas em resultado de experiencias de muitos mezes, e por motivos ponderosos que nós approvamos.

4.º— Convém informar sobre estes factos aos especuladores, á fim de que elles procurem o meio de remetter-nos carnes da America em condições

taes, que lhes permittam sustentar a concurrencia com as carnes dos nossos açougues.

(*Le Moniteur*, 14 de Novembro de 1855).

---

Offerecendo aos nossos leitores o precedente extracto da interessante memoria de Mr. Girardin (de Ruão), recommendamos com especialidade aos productores de carnes salgadas das Provincias de Minas Geraes, S. Pedro e Ceará, que procurem ensaiar o methodo de conservação das mesmas, sem o emprego do sal, proposto pelo mui distincto chimico Mr. d'Arcet; fazendo á este respeito variadas e perseverantes tentativas, tendentes a descobrir algum processo satisfactorio. E no intuito de os auxiliar nesse louvavel empenho, passamos a suggerir-lhes algumas indicações, que talvez possam encaminhal-os com proveito nas suas investigações sobre este objecto.

1.º— Os animaes, cuja carne fôr destinada ao fim de que se trata, devem estar descansados, e em perfeitas condições de vida e de nutrição.

2.º— A carne deverá ser prompta, e completamente separada dos ossos, em tempo sêcco, e evitando todo o contacto com a agua.

3.º— As peças de carne assim extrahidas, serão expostas á uma corrente de ar, á cuberto do sol; e, depois de enxutas, submittidas á acção de um apparelho pneumatico, e de uma conveniente pressão produzida á vontade por meio de um parafuso, á fim de extrahir della os gazes; embebendo-as ao mesmo tempo em gordura derretida, preparada de fresco, e elevada á conveniente temperatura, a qual será a *graza*, sendo a carne de animal vaccum.

4.º— Feita esta preparação, colloquem-se as peças de carne, tiradas do apparelho pneumatico, depois de esfriarem, em uma barrica (cuja superficie interior tenha sido ligeiramente carbonisada), de modo que cada camada de carne assente sobre uma tona de gordura; sendo ao mesmo tempo submittida á uma dada pressão, para que a gordura vá occupar todos os pequenos intersticios. O fundo e a tampa da barrica deverão assentar sobre uma camada de carvão moído, até meia pollegada de espessura: e a barrica será hermeticamente fechada.

5.º— Na falta de apparelho pneumatico, poder-se-ha talvez supprir a preparação ácima indicada, submettendo as peças de carne (nesse mesmo estado, ou ligeiramente aferventadas) ao calor de um forno, fortemente aquecido, e sobre grelhas, pelo tempo que bastar, para que fique sómente tostada a sua superficie: sendo tiradas então do forno, e embebidas immediatamente na gordura derretida. Feito isto serão as peças de carne embarricadas (depois de esfriarem) como se disse ácima.

(O).



## O MOSTEIRO DE S. BENTO.



Em 1565 chegaram ao Rio de Janeiro alguns missionarios benedictinos; e havendo-lhes Marques Ferreira feito á 7 de Dezembro do mesmo anno doacção de meia legua de terras em Iguassú, só em 1589 foi que os Padres Ferréz e João Porrvalho, enviados da Bahia, foram recebidos pelo governador Salvador Corrêa de Sá, e estabeleceram-se n'antiga capella de Nossa Senhora do O', no local onde hoje se acha a Capella Imperial. Tomaram depois posse da collina, onde erigiram o mosteiro, que ainda existe, sendo-lhe essa montanha e os terrenos adjacentes doados por Manoel de Brito e sua mulher Thomazia de Vasconcellos, comprehendendo os da Prainha até o morro da Conceição. Foi este donativo feito em Março de 1590 e ratificado á 31 de Janeiro de 1620. A primeira pedra do magnifico mosteiro foi lançada no dia 13 de Maio de 1589, sendo a sua dedicacção assignalada por copiosa chuva, que seguiu-se á uma prolongada sècca.

Está situado o mosteiro sobre uma collina donde se goza d'uma bella, extensa e pittoresca vista, dominando d'um lado a cidade, e d'outro grande parte da bahia, e tendo á seus pés o arsenal de marinha e o porto, onde se vêm ancorados numerosos navios mercantes; á esquerda a *Ilha das Cobras*, e defronte a barra com as suas fortalezas; por horisonte o oceano, limitado á direita pelas Ilhas *Redonda e Rasa*. A fachada é despida d'ornatos, á guisa das igrejas construidas pelos jesuitas, notando-se apenas sobre as torres acaterios esphericos no gosto byrantino; as flechas se desenhão em fórma de pyramides quadrangulares, coroadas pela esphera e guião. A porta de entrada não tem caracter architectural; fazendo lembrar o gosto extravagante que despreza igualmente as fórmas puras e regulares da escola grega e as da *renascença*. Franqueando o umbral do edi-

ficio observam-se bellissimas portas de madeira esculpida; letras doiradas com a data de 1671, marcando a época da sua collocação. Sobre a porta principal, que tem 33 palmos d'altura conservam-se figuras e doirados de curioso aspecto.

No seu todo, o interior da igreja respira um caracter verdadeiramente religioso: todavia a restauração feita em 1842, abrindo uma grande claraboia, que inunda o templo de brilhante luz, inimiga do recolhimento que inspira a luz escassa e duvidosa das igrejas gothicas, e a pintura azul-clara das tribunas, contrastam por seu máo gosto com as outras disposições e ornatos deste templo christão. O que causa maior admiração é a profusão de decorações, arabescos, acanthos, flôres, e figuras de madeira esculpida e doirada, de que as tres naves do edificio se acham sobrecarregadas: os arcos, as pilastras, os zimbórios contam innumeraveis figuras de reis, papas, arcebispos da ordem benedictina. E' a historia da congregação disposta em relevo doirado. Os seis altares que se erguem sobre os lados da igreja são de data mais recente e de gosto diverso. A balaustrada, o arco da capella-mór, as duas columnas, que a sustentam sobrecarregadas d'arabescos são obras artisticas. As pinturas das paredes recordam os mais gloriosos factos da vida do patriarcha da ordem. O altar-mór, construido de pedra de cantaria còr de jaspe, é ornado de seis candelabros e um crucifixo de prata massiça de seis palmos d'altura nos dias de grande solemnidade. As lampadas são do mesmo metal. Custaram outr'ora estas ricas alfaias oitenta mil francos, e representam hoje o duplo. Substituiu-se ao antigo granito do ladrilho um mosaico disposto com alguma elegancia; mas que nada accrescenta á severidade do templo dando-lhe antes a apparencia dos palacios e villas de Florença e de Roma.

A capella do Santissimo Sacramento, construida pelo abbade Luciano do Pilar, acha-se do lado do Evangelho. E' perfeita em seu todo e está fechada por uma grade doirada. A lampada, que arde em seu recinto, alli derrama uma luz suave e vacillante, que convida á oração e ao recolhimento do espirito. A sacristia da igreja é vasta, construida de pedra e encerrando uma colleção de quadros no gosto de *André del Sasto*. O ladrilho em mosaico, as paredes ornadas de espelhos e quadros de moldura doirada, dão-lhe uma physionomia alegre. O rico e precioso deposito dos paramentos sacerdotaes, vasos sagrados, e toda a prataria do mosteiro, que é de subido valor, guarda-se em grandes armarios. No centro da sacristia vê-se a credencia d'um só pé coberta de bello marmore preto, que lembra o gosto

classico. O altar-mór no fundo da sacristia é ornado d'um retabulo, que representa Christo, obra primorosa de Fr. Ricardo do Pilar.

O claustro do mosteiro fórma um perystilo quadrangular construido de granito, extrahido da *Ilha das Cobras*, cuja propriedade diz-se que fôra outr'ora injustamente usurpada aos monges. O atrio, solidamente estabelecido de largas pedras de cantaria sobre arcadas, protege uma vasta cisterna coberta para o esgoto das aguas. Sob as arcadas estão as sepulturas dos monges beneditinos, e as do bispo d'Arcopolis e do arcebispo de Samos. No corpo da igreja lêem-se duas inscrições designando os jazigos do primeiro doador Diogo Brito de Lacerda, e da primeira doadora D. Victoria de Sá.

O côro da igreja com o seu tecto doirado, a galeria e o orgão estão em perfeita harmonia com a decoração ornamental do templo. A profusão d'adornos, e a recente restauração da mór parte delles será sempre para os artistas estrangeiros o assumpto predilecto de controversias em materia de gosto,

Vasto é o interior do mosteiro, dividido em cellas e salões espaçosos, accessiveis á luz e á ventilação regular. O refeitório, a bibliotheca (1), o locutorio são salas assoalhadas e forradas com taboas esculpidas com arte no gosto da *renascença*. Dous andares communicando por largas escadas com o aposento e a enfermaria dos escravos, completam este edificio monumental, erecto pela constante actividade dos abbades da ordem, em cujo numero deve fazer-se particular menção de Fr. Antonio da Natividade, que foi um dos mais zelosos fundadores do mosteiro do Rio de Janeiro (2).

Tem o seu principal mosteiro a ordem beneditina na Bahia, do qual immediatamente depende o da capital do imperio, que tem a invocação de *N. S. do Monserrate*. Pela bulla de Leão XII de 1827 foi separada a congregação beneditina brasileira da de Portugal, e dispensada de toda a obediencia para com os seus antigos superiores. Passou esta ordem immensas propriedades nas differentes provincias do imperio, e goza das rendas que lhe proporcionam o trabalho de grande numero de escravos, e

(1) Fallaram muito alguns viajantes estrangeiros da bibliotheca do mosteiro dos beneditinos, e exaltaram a riqueza dos seus manuscriptos; visitando-a porém cuidadosamente não achámos nada de curioso nessa *necropolis* de livros velhos, devorados pelo pó e pelas traças.

(2) Abstemo-nos de fallar dos factos historicos de que foi theatro a montanha, onde se acha sito o mosteiro por occasião do ataque de Dugay, Trouin e da revolta da *Ilha das Cobras*.

o aluguel das casas, que possúe nas principaes cidades e villas. E' a ordem que maior quantidade de prégadores fornecia, e posto que hoje não seja mais o sanctuario exclusivo das sciencias e letras comtudo ainda se distingue pelos poucos monges que cuidam em sustentar a sua antiga reputação, homens verdadeiramente amigos do progresso religioso, que se interessam pelo bem-estar do seu paiz, e sinceramente cooperam para a sua civilisação.

(Extrahido do *Guide Inédite di le Étranger à Rio Janeiro*, par le Dr. J. S.)



*Illm. Sr. F. de Paula Brito.*

Acompanha esta a primeira poesia, que faço no Rio de Janeiro: inspirada pela visão magnifica das rochas representando o Gigante, cuja noticia vai derramada além do Brasil — eu a desenvolvi sob duas novidades — a primeira — a minha partida da Bahia; a segunda — esse repousado Rhodes da barra fluminense.

Compreendi que a gratidão me impunha o dever sagrado de que fosse o primeiro fructo da minha lavra nesta côrte dedicado a quem tão benignamente dispensou-me na terra, que deve gloriar-se de o ter como filho, os primeiros affagos da hospitalidade.

Eu sou muito superior á essa lithographia apaixonada, em que me representam os dissidentes politicos: sei reconhecer as finezas como a honra dos principios — e deixar sem demonstração as que de V. S. tenho aqui recebido, fôra incompativel com a gratidão, quando ha fóros, que de mim a mereçam.

Pedindo-lhe que essa composição aceite como prova do que exponho, consinta que eu lhe peça igualmente que me permita que, para resurgir tão bella, como sempre, a sua admiravel modestia, eu a mate com a publicação desta carta, em que protesto-lhe inquebravel sinceridade, como

De V. S.  
amigo e obrigado venerador  
*Manoel Pessoa da Silva.*

Sua Casa, 12 de Fevereiro de 1856.

— Peço licença á illustre commissão directora do — *Guanabara* — para declarar aqui que, considerando-me em extremo penhorado pelo favor que recebi, insisti, e insisti muito, para que a carta acima não fosse publicada, porque a julgo em tudo superior ao pouco que valho; mas o Sr. Pessoa, fascinado sem duvida pelos encantos d'amizade, impôz a publicação della como condição para que sahisse á luz o seu — *Gigante de Pedra* — e não querendo eu privar o publico de uma poesia tão magestosa e vestida de tão bellas côres, força foi obedecer.

*F. de Paula Brito.*

# O GIGANTE DE PEDRA

POR

**MANOEL PESSOA DA SILVA**

POESIA

DEDICADA AO ILLM. SNR.

**FRANCISCO DE PAULA BRITO.**



## I.

Nunca o lume transpúz, que ao nauta guia  
Por entre os véos de bonançosa noite,  
Ou por ella das sombras denegrída  
De agitada procélla— descorado,  
E tremulo aos fusíz de accêzos raios  
    A anchorar satisfeito  
No lago anil e vasto, que domina  
Magestosa princeza das cidades  
    Minha chara Bahia  
Da alterosa montanha, em qu'assentada,  
A esmeralda lhe enfeita dos arbustos,  
Cobre-lhe por docel um céo de encantos.

## II.

Ali jámais á vista  
As aréas fugiram-me de prata,  
Em qu'a vagã aljofrada se espreguiça  
Com doce murmurío, como doce  
Brincando entre rosaes cicia a brisa

D'ali essa bacia ampla singrando,  
 Que leve enruga apenas,  
 Soprando meigamente a fresca aragem,  
 E onde sempre um sol nítido véte  
 Buliçosos brilhantes, de qu'alçado  
 O seu azul encantador— scintilla  
 Como ás espaduas conchegado manto  
 Do Deos, que tem do mar o senhorio—  
 Não perderam meus olhos  
 O sublime espectáculo dos sitios  
 Deliciosos, que beja  
 A onda de seu mimo enamorada.—  
 Meu berço— essa Bahia,  
 A Athenas no Cruzeiro resurgida,  
 Para vér tuas praias,  
 Terra de Mont'Alverne, a vez primeira  
 Lá deixei— e com ella esses penhores  
 Charos ao coração— mulher e filhos!—

## III.

Um Moço illustrado e justo,  
 Que mais qu'a purpura val,  
 Que ao Diadema real  
 Une as virtudes de Augusto;  
 Que igual de Roma ao portento,  
 Que fez-lhe a delicia outr'ora,  
 Á sombra sua o talento  
 Sempre amparado vigóra:—

O Seraphim, que esposára,  
 Qu'é do céo na terra abono,  
 Bem, que um Deos lhe destinára,  
 Maior que a gloria de um throno;  
 ANJO, que da magestade  
 Põe além dos esplendores  
 O amor da — caridade —  
 Da — caridade — os ardores —

Só por— THEREZA CHRISTINA—  
 Por seu— PEDRO— bem amado  
 Da minha terra divina  
 Sahi do sólo adorado :—  
 Do meu genio co'esses lumes  
 Vim um fructo engrandecer,  
 E valído de dous Numes  
 O meu genio ha de crescer.

IV.

O fado, que traçou-lhe a Providencia,  
 Deve cumprir o Vate ;  
 Por esse, que me deu, graças lhe rendo.—  
 Se a virtude a perfuma, eu préso a purp'ra ;  
 Sem ella não ha merito, que a possa  
 Valer em meu conceito :—  
 Ao Sceptro, ao Diadema, se realça  
 De um Antonino a alma, alma de um Tito,  
 Acato por brasão, amo por timbre,  
 Que á nocivas grandezas não me abato.

V.

Deos— e commigo só, mar e saudade,  
 No meio de um visível horizonte  
 Depois de achar-me— a immensidão das aguas,  
 Que em rôlos se embatiam,  
 Vencida pela quilha cortadora,  
 Eil-o aos meus olhos pasmos  
 O soberbo espectaculo se ostenta  
 Dos magestosos pincaros  
 Das robustas montanhas do Janeiro!—  
 Ante o que não medita  
 Nos portentos de Deos, fôra esse quadro  
 Nada— e tudo p'ra mim é contemplal-o!—

Da mão do Eterno amplíssima esses montes,  
 Arremêdos dos Andes, não cahiram  
 Sem um fim grandioso  
 P'ra bordar essas aguas!

## VI.

Ali 'stá o cordão de altivas rochas,  
 Que assim harmonisadas,  
 O afamado Gigante representam,  
 Que a vista em sua perfeição me empenha!—  
 Não veiu do acaso um tal prodigio:—  
 Na terrea criação a Providencia  
 O Brasil destinando  
 Para assombro do globo,  
 Symbolisal-o quiz n'essa figura,  
 Que, pasmando, enormissima se estende!  
 Para igualar-lhe co'á grandeza o leito,  
 Não lh'o deu sobre a terra,  
 O leito decretou-lhe sobre as vagas;  
 E todas as montanhas orgulhosas,  
 Que perto lhe demoram,  
 E essas, que ahi delle distanciam,  
 Como guardas formára a Providencia  
 Para velar-lhe o somno!

## VII.

Qual da ama desvelada  
 Ao som de um singelo canto  
 Co'a innocencia enganada  
 Nas faces estia o pranto,  
 Té que dorme o tenro infante—  
 Das vagas no abraçar,  
 Assim dorme esse Gigante  
 Ao murmurio do mar,

Não tem bordadas cortinas  
 Sobre o seu leito eternal;  
 Mas tem de estrellas divinas  
 Cheio o seu véo natural :  
 Tem elle nuvens, que o bejam  
 Em vez de mãi extremosa :  
 Sem acordal-o o festejam  
 Na sua frente espantosa.

Entre fachtas envolvido  
 Não 'stá no somno profundo ;  
 Mas elle o passa aquecido  
 D'essa alampada do mundo ;  
 E, magestoso, deitado  
 Sobre esse lago gentil,  
 Tem o seu todo doirado  
 Pelo sol do meu Brazil.

VIII.

E quem sabe nos seculos, que foram,  
 As scenas, que se deram  
 Ahi em tão extranha maravilha,  
 Que abona do meu Deos a Immensidade!  
 Quantas vezes os miseros indigenas,  
 Do canhão aterrados da conquista,  
 Os suspiros de escravos não verteram,  
 Do somno a despertar esse Gigante,  
 E inteiro de lagrimas  
 Co'um diluvio cobrindo-o,  
 Abraçados com elle, não clamaram:  
 « Por Deos, que te formou, desperta, e salva-nos! »

IX.

Pelo valor dos nossos  
 Passados jámais foi que esmorecidos,  
 Villegaignon, tu viste

Em vergonhosa fuga então os Gallos:  
 Mais do qu'esse valor, mais do que essa  
 Ardidez, com que primeiro em Roma  
 Abatteu-os Camillo glorioso—

Bastou esse prodigio  
 Das obras da Eterna Omnipotencia!—

Assim mesmo dormindo,  
 A presença bastou d'esse Gigante  
 Para emfim aterral-os, e correl-os!

## X.

E porque sobre as aguas  
 O pôz deitado Deos, e não erguido?  
 Porque dormindo o pôz, não acordado?

Penetrar os mysterios  
 Do Creator não pôde a mente humana:  
 Se deu-lhe, como penso,  
 Em seu tão longo somno  
 Um sonho em nosso bem; quando elle o finde,  
 E d'ahi levantar-se p'ra cumpril-o,  
 Ao nome do — Brasil — curve-se o mundo!

Rio de Janeiro, 7 de Fevereiro de 1856.



# PHYSICA

Thermometro tetracentigrado de Mr. Walferdin —  
(Academia das Sciencias de Paris).



Os sabios dos diversos paizes empregam actualmente tres differentes maneiras de graduar o thermometro, o que autorisou a Mr. Walferdin, para dizer que nenhuma dellas preenche bem o seu fim. Em França temos adoptado o thermometro centigrado, que marca *zero* na temperatura da fusão do gelo, e *cem grãos* na ebullição da agua pura; todavia aqui mesmo ainda se faz uso do thermometro de Reaumur, cuja graduação é de *oitenta grãos* entre os mesmos pontos fixos. A escala de Reaumur é geralmente usada na parte meridional da Allemanha, na Russia, na Hespanha, n'algumas partes da Italia, e na America Meridional.

Ha além desse o thermometro de Fakrenheit, cuja graduação é por tal modo arbitraria, que torna incommodo o uso desse instrumento. Na temperatura da agua fervendo marca esse thermometro *duzentos e doze grãos*, ao passo que o *zero* da sua escala está collocado trinte e dous desses grãos ábaixo da temperatura do gelo em fusão; correspondendo a dezoito grãos ábaixo do *zero* na escala centigrada.

Nada ha mais fastidioso do que a conversão das indicações de qualquer desses tres thermometros, para ter as equivalentes nos dous outros: e a este respeito não estamos mais avançados, do que ácerca do systema geral de pesos e medidas, cujos graves inconvenientes occupam actualmente a atten-

ção publica. Convém adoptar para todos os paizes a mesma escala thermometrica: nisto estão todos de perfeito accordo, mas cada um pretende que os outros adoptem aquella com que está habituado. Depois de haver maduramente reflectido sobre este objecto, Mr. Walferdin propõe uma transacção, tendo por objecto conciliar as opiniões differentes á tal respeito.

Nossa escala centigrada tem sobre as outras duas a vantagem de subordinar-se ao systema decimal; os seus grãos tem uma extensão conveniente: mas imputa-se-lhe em Inglaterra, e nos Estados-Unidos, o defeito de ter o zero da sua graduação muito elevado, obrigando a computar-se a temperatura ábaixo daquelle termo por *grãos negativos*, que vulgarmente se chamam grãos de frio, como se existira algum limite bem marcado entre o calor e o frio.

Aquelles que se empregam diariamente a fazer observações meteorologicas, notando 5 ou 6 vezes por dia as indicações desse thermometro, reconheceram facilmente, que lhes tem acontecido mais de uma vez confundir os grãos da temperatura que deverão ser notados com o signal *mais* (temperatura acima de zero) com os que deveriam ter o signal *menos* (temperatura ábaixo de zero). Além disso quando se trata de achar a média das observações observadas, comprehendendo indicações de signaes differentes, é manifesto que esta circumstancia torna o calculo mais trabalhoso.

Mr. Walferdin, attendendo a estas considerações, pensa que satisfará a todos os gostos neste objecto, abaixando o zero da escala thermometrica á *quarenta grãos centigrados negativos*. Esta modificação não é arbitraria, como pareceria á primeira vista: o mercurio é o liquido mais adaptado aos usos thermometricos; e quando é submettido á temperatura de *quarenta grãos centigrados ábaixo de zero*, solidifica-se. Se pois o zero da escala thermometrica se fixasse, por geral consentimento, neste ponto, em lugar de representar, como tem lugar actualmente, a temperatura em que se liquidifica o gelo, se reportaria elle á temperatura em que esse mesmo phenomeno se verifica no mercurio. Por cumulo de felicidade o mercurio entra em ebullicão na temperatura de *tresentos e sessenta grãos centigrados*.

Mr. Walferdin pois propõe a adopção de uma nova escala thermometrica de 400 grãos, entre a temperatura minima da solidificação do mercurio e a maxima da sua ebullicão: servindo-se deste mesmo liquido para a composição do seu thermometro. Deste modo poderá conservar-se em uso a escala centigrada, cuja graduação é comparavel com a do thermometro

tetracentigrado; ficando supprimidas as escalas de Reaumur e de Fahrenheit: convindo porém que as indicações daquelle thermometro sejam sempre reportadas ao zero da escala tetracentigrada.

Ignoramos qual seja a repugnancia que possa ainda oppôr-se á adopção geral desse melhoramento; mas cumpre saber-se, que o Observatorio Meteorologico de Versailles adoptára já a nova escala thermometrica, e segundo consta com proveito.

(Extrahido do *Journal des Debats*).

(O).



# A CARIDADE

POEMA-HEROICO PELO SNR. MANOEL PESSOA DA SILVA.



Causa-nos verdadeira surpresa quando vemos annunciar em um seculo de prosa a apparição d'algum poema, maravilha-nos que ainda hajam homens assás corajosos para afrontar o positivismo que com suas densas camadas cobre a superficie da sociedade em que vivemos!! Um desses audazes argonautas, que buscam uma passagem para as regiões da poesia através dos gélos polares da indifferença, é por sem duvida o Illm. Snr. Manoel Pessoa da Silva, natural da cidade da Bahia, a que com razão chamou o Snr. Dr. Magalhães a *Italia do Brasil*. Devemos a sua bondade e umma delicadeza a offerta d'um exemplar do seu poema a — *Caridade* — do qual apenas fizemos a primeira leitura; dizemos— primeira porque á obras de igual quilate costumamos consagrar mais minucioso exame; por acontecer-nos com ellas o mesmo que experimentavamos todas as vezes que visitavamos a famosa basilica de S. Pedro em Roma, onde sempre descobriamos novas bellezas. Desejoso porém de dizer alguma cousa ácerca de tão importante trabalho, communicaremos aos leitores do *Guanabara* o resultado das nossas primeiras impressões.

O poema do Snr. Pessoa póde ser classificado na categoria dos religiosos; trilhou a senda encetada por Milton e Klopstock e entre nós por Fr. Francisco de S. Carlos. A acção é simples, bem conduzida e verdadeiramente epica. Desde a quéda do primeiro homem, arrastado pela soberba de Satan até a sua regeneração pela vinda do Messias, o Creador da Caridade, o

auctor abraçou com admiravel synthese os diversos periodos da historia humana, provando-nos dest'arte que tem nutrido o seu espirito de grandes e proveitosas leituras; é um secular que emboca a tuba sagrada com engenhoso esméro, que perlustra as campinas do dogma espargindo sobre ellas as flôres da poesia, discutindo as mais difficeis questões com um *Padre da Igreja*.

O illustrado Bardo bahiano não podia deixar de pertencer á moderna escola da poesia, invoca portanto a *Musa da Verdade* dizendo:

- « Profano assumpto não me empenha o genio;—
- « Divindades, que fabulas crearam
- « Quando em tempo gentilico á verdade
- « Do homem a razão deu preferencia
- « Ao falso brilho de mentidos quadros
- « — Hoje em Musas não creio — . . . . .

mas si é romantico pelo estylo e pela fôrma, é classico quanto ao desempenho das regras e pelo seu depurado gosto, mostrando-nos que conhece tão bem a Homero como a Dante, a Sophocles como a Shakspeare.

Com toda a razão deu preferencia ao verso solto á rima, e por isso o seu pœma escapa felizmente á pecha de monotono de que tem sido averbado o da *Assumpção*, de S. Carlos, no qual tambem notámos pouco genio inventivo. O Snr. Pessoa tendo de tratar d'um assumpto já por demais trilhado não desanimou, e como homem de verdadeiro talento achou em muitos lugares o meio de ser original. Suas comparações são sempre felizes, e suas pinturas, por mais longas que sejam, não fatigam. Conhece perfeitamente as regras da poetica e semêa com graça os tropos e figuras. Metrifica optimamente, e não encontrámos em todo o poema um só verso duro, ou mal medido.

Digamos agora com franqueza quaes são os trechos de que mais gostamos.

A creação do homem que se lê no canto 1.º, é bellissima:

- « Então que o feito lh'o contemple immenso
- « E porqu'ô goze— o Arbitro Supremo
- « Debuxa o homem na divina ideia

- « A sacra imagem sua: — é Deos, e d'Elle  
 « Só bastando o querer p'ras quanto intente  
 « Toma do barro uma porção, co'um sopro  
 « Parte do seu lhe infunde Eterno Espirito,  
 « E d'entre as suas Mãos o homem surge;—  
 « Ante o seu Creador a fronte humilha,  
 « Seu Creador adora;— pasma, os olhos  
 « Pondo em tudo que o cerca— em posse entra  
 « D'almas delicias que o seu Deos formára. »

A criação da mulher, que se lhe segue, é de igual senão de superior merecimento esthetico, posto que a achemos (perdoe-nos o eximio poeta) um pouco erotica para um poema sagrado.

A morte d'Abel é digna do pincel de Gessner: e a elle se poderiam attribuir estes versos:

- « Talhado ao puro Abel da vida o fio  
 « Vertido sangue a tunica lhe tingem—  
 « Qual do luzente sol ferido aos raios  
 « O mimoso penacho o lirio pende,  
 « Tal do barbaro irmão senece ao golpe  
 « A innocente victima, e sua alma  
 « Na celeste mansão c'roadada fulge.— »

A descripção do diluvio, que se acha no começo do canto terceiro, é tambem de grande merito, e são tão vivas as suas enargueias que parece-nos assistir a esse grande cataclysmo. Esse quadro d'Arca, balouçando-se nas vagas agitadas d'um oceano sem limites, é realmente *byronniano*.

Si o auctor não nos tivesse assegurado que nunca sahira do Brasil diriamos que tinha modelado o seu Moysés pelo de Miguel Angelo, e que escrevera seus sublimes versos na igreja de S. Pedro— *in Vincoti*.

O sonho de José, quando tentado pelo Anjo da Volupia vem em seu soccorro Uriel, é uma das mais felizes concepções do poema. São inimitaes os seguintes versos:

- « Deos que velava attento o homem puro  
 « Logo á elle Uriel do céo despede

- « A' destruir do Orco o fére damno —  
 « Ao leito de José unido o Anjo  
 « Pelas entranhas corruptora a limpha  
 « Já se actúa atroz;— no somno incerto  
 « Um brando rosto de não visto encanto  
 « Afagar se afigura:— Ao coldre eburneo  
 « Do casto amor tomando então o Anjo  
 « Uma aurea flexa — de José no peito  
 « No ponto em qu'a embebe— elle desperta  
 « Salvo á traça infernal;— e vê que a pluma  
 « Que ligeira do Anjo ás mãos lhe escapa,  
 « Era o brando objecto em que tocava.—

Como é simples e tocante o quadro que nos traça o auctor dessa mãe desnaturada que vai ella mesma engeitar seu filho; porque

- « Ante a lembrança da fatal volupia  
 « O filho que á luz deu p'ra ella é nada;  
 « Põe-lhe um entrave á desenvolta vida! »

esse menino, porém, renegado pela auctora de seus dias, encontra refugio na Caridade, e

- « Afagadoras mãos aqui lhe acodem  
 « Promptas, que o alçam ao tranquillo poiso  
 « De seus tenros irmãos na desventura:  
 « Despida a roupa sordida, que o cobre.  
 « Enfaicham-no gentís cuidadas vestes. »

A misera sorte do escravo mereceu a attenção do poeta da Caridade, e tornam-se recommendaveis pela unção religiosa os versos que lhe consagra: assim como aos ultimos momentos do padecente.

Si em todo o decurso do poema assistimos com jubilo o esforço do genio pairando, por cima do Thabor e do Sinai, e devassando com olhos d'aguia o pequeno planeta que habitamos, no sexto e ultimo canto o contemplamos no seu cabo *Sunnio* discutindo com profundeza os mais espinhosos problemas sociaes, como sejam a da escravidão e da abolição da pena de

morte. Homem do progresso não podemos deixar de sympathisar com suas idéas, e apertando-lhe cordialmente a dextra dir-lhe-hemos que admiramos tanto ao poeta como amamos ao philosopho.

Oxalá que o Snr. Pessoa seja estimado, como merece, possa seu poema grangear-lhe protecção, e que, voltando a sua romantica Bahia, se recorde saudoso do nosso patrio Rio. São estes os nossos votos.

*Conego, Dr. Pinheiro.*

# EPILOGO.



Com este numero termina o terceiro numero do *Guanabara*; e assim como fizemos o *exordio* julgámos que tambem deveramos fazer o *epitogo*. Tinhamos as mais bem fundadas esperanças em março de 1855, que a nossa *Revista* pudesse attingir ao gráo de interesse, de que se torna digna, pela Alta Protecção sob que se acha collocada, havendo nós convidado as mais brilhantes pennas do paiz para sua colloboração. Algumas accederam logo ao nosso convite e suas produções, que ficam registadas nas columnas do *Guanabara*, nos dispensam de emitlir sobre ellas o nosso juizo; outras porém por suas numerosas occupações, ou por outro qualquer motivo, que não nos cumpre averiguar, deixaram de corresponder a nossa espectativa, privando assim ao publico de apreciar novamente a belleza e primor dos seus escriptos. A terrivel epidemia do *cholera-morbus*, que nos visitou este anno, como a febre amarella em 1850, foi talvez uma das causas que contribuíram para a pouca animação que se notou nas regiões das letras, e da qual necessariamente devêra participar a nossa *Revista*: fomos porém mais felizes que out'ora, porque não tivemos de interromper a sua publicação, ainda durante o periodo mais assustador, como pódem testificar os nossos assignantes. Era comtudo um viver languido, não se achando ninguem com disposição para escrever, quando não se ouvia fallar senão de postos medicos e ambulancias. Apenas cessou o terror, o *Guanabara* ganhou em interesse, e ninguem contestará que os tres ultimos numeros são merecedores, pelas materias nelles contidas, do favor do publico illustrado.

À mãos mais habeis, que não as nossas, deve estar entregue a primeira *Revista litteraria* do Brasil, receamos que possa ella perecer por insuffi-

ciencia nossa, ainda que nos sobeje a boa vontade de bem servir; assim pois pretendemos supplicar mui humildemente a nossa demissão do honroso cargo de redactor em chefe, e como seja talvez esta a ultima vez que tenhamos de fallar nessa qualidade, aproveitamo-nos della para agradecer á todos que tiveram a bondade de coadjuvar-nos no desempenho da espinhosa tarefa de que nos incumbimos, mal calculando as nossas forças, pedindo mil perdões, infinita indulgencia pelos nossos erros, consignaremos aqui um voto de gratidão ao digno edictor, o Snr. Paula Brito, pelo cavalheirismo com que sempre se houye para commosco.

Conego—*Dr. Pinheiro.*



**ACCIONISTAS**  
**DA**  
**EMPRESA DOUS DE DEZEMBRO**  
**QUE, COMO TAES, RECEBEM O — GUANABARA. —**



S. M. O Imperador.  
S. M. A Imperatriz.  
João Antonio da Trindade.  
João Maria Pereira de Lacerda.  
Vicente Maria de Paula Lacerda.  
Pedro Maria de Lacerda.  
Patricio Ricardo Freire.  
José Maria Palhares.  
João Manoel da Silva.  
José Alves da Silva e Sá.  
Luiz Manoel Bastos.  
Brigadeiro Henrique M. d'O. Lisboa.  
Macieira & Cunha.  
Militão Correia de Sá.  
Dr. João Caldas Vianna.  
Conselheiro Angelo Muniz da Silva Ferraz.  
Joaquim Salomé Ramos.  
Antonio Carlos d'Azeredo Coutinho.  
João Dantas da Gama.  
José Francisco Pereira da Costa.  
Joaquim Maria de Lacerda.  
João Pedro da Veiga.  
Conselheiro Manoel José de Bessa.  
Viuva Barker.

Guarda-Roupa José Joaquim dos Santos.  
Dr. José Florindo de Figueiredo Rocha.  
Viador Manoel Hygino de Figueiredo.  
Marquez de Abrantes.  
Condessa da Piedade.  
Marquez de Mont'Alegre.  
Dr. Domingos d'Azeredo Coutinho Duque-Estrada  
Senador João Antonio de Miranda.  
João José Fernandes d'Azevedo.  
Dr. Carlos Antonio de Carvalho.  
João José de Mello Azevedo Pitada.  
Bernardino de Sousa Ribeiro Guimarães.  
Conego Joaquim de Oliveira Durão.  
Manoel Francisco da Costa Pereira.  
Dr. Ludgero da Rocha Pereira Lapa.  
José Antonio Pinheiro.  
Antonio Fernandes da Costa Junior.  
João Henrique Ulrich.  
Visconde do Rio Bonito.  
Dr. Vicente Joaquim Torres.  
Manoel José Ferreira.  
D. Virginia Busti.  
José Fernandes de Oliveira Penna.  
Joaquim Rodrigues da Costa.  
Manoel Gomes Ferreira.  
João Gomes dos Santos.  
D. J. C. V.  
D. Camilla Leonor de Lacerda.  
Luiz Maria Gonzaga de Lacerda.  
Antonio Ribeiro de Queiroga.  
Antonio Pereira Ribeiro Guimarães.  
Dr. Frederico João Ormerod.  
Manoel Venancio Campos da Paz.  
Viuva do Commendador L. J. d'Almeida.  
Dr. Antonio Angelo Pedroso. . . .  
Viuva Serra.  
Viuva Sá & Filhos.  
Jacques Abrahão Leesne.

Dr. Antonio Pereira Leitão.  
Dr. José Caetano de Oliveira.  
João Lopes Bastos.  
Justino Candido Pereira de Vasconcellos.  
Liborio José de Almeida.  
Antonio Ferreira de Moraes.  
Manoel Joaquim da Costa.  
Sociedade Auxiliadora da Industria.  
Antonio Joaquim Xavier de Mello.  
Feliciano Zeofrido Rangel Maia.  
Barão da Parahyba.  
Antonio José Marques de Sá.  
José Carlos de Carvalho.  
Dr. Joaquim Candido Soares de Meirelles.  
Peregrino Augusto dos Santos.  
Narciso d'Almeida Carvalho.  
D. Theresa Candida d'Almeida Carvalho.  
José Antonio de Sousa Ferreira.  
Marcos José Pereira do Bem-fim.  
Veador José Joaquim de Lima e Silva.  
Gabriel de Medeiros Gomes.  
Padre José Lyra da Silva.  
Luiz Sebastião Fabregas Surigué.  
Camillo Lelis da Silva.  
Manoel Monteiro de Barros.  
Padre Joaquim Ferreira da Cruz Belmonte.  
Antonio José de Freitas Junior.  
Barão de Mauá.  
Manoel Croza.  
Antonio Alves Ferreira.  
D. Maria Theresa de Jesus Lacerda.  
Augusto Henrique Gonzaga.  
Francisco José de Sá Junior.  
D. Adelaide Rosa da Silva Araujo.  
R. P. Bandeira.  
Sebastião Lyra da Silva.  
Antonio Joaquim da Silva Freire.  
Henrique Beaurepaire Rohan.

Joaquim Soares da Costa Guimarães.  
Ricardo Soares da Costa Guimarães.  
Francisco de Paula Guedes Alcoforado.  
Senador Antonio Martiniano de Alencar.  
Drs. J. R. Soares d'Almeida e Matheus da Silva Chaves.  
Francisco José de Mello e Sousa.  
Godinho & C.<sup>a</sup>  
Conselheiro José Maria Velho da Silva.  
Brigadeiro Gregorio José de Castro Moraes.  
João Teixeira Bastos.  
Manoel José da Costa Ludovico.  
Hermenegildo Duarte Monteiro.  
José Joaquim da Silva Brum.  
Jeronymo Elias dos Reis.  
Herculano Luiz de Lima.  
Commendador Joaquim José de Sousa Breves.  
Dr. J. J. de Oliveira Mafra.

(Cóm estes Srs. Accionistas distribuem-se regularmente 120 *Guanabaras* ).



# ASSIGNANTES.



Emilio Nunes Correia de Menezes.  
Francisco Antonio da Silva Lessa.  
Domingos Marques de Oliveira.  
Luiz Delphino dos Santos.  
Filippe Antonio Cardoso da Silva Cruz.  
Bernardino José Gonsalves Bastos.  
Capitão Drumond.  
Bernardo José de Oliveira.  
Francisco Luiz Gomes.  
Padre José Gonsalves Ferreira.  
Joaquim Ignacio Xavier.  
José Pinto Ribeiro Pereira de Sampaio.  
Francisco Antonio Domingues.  
Carlos José Moreira Barbosa Junior.  
Manoel Francisco da Costa Tibáu.  
Sociedade Litteraria da Bahia.  
Dr. Joaquim Antonio de Oliveira Seabra.  
José Pinheiro de Siqueira.  
Joaquim Pedro Loesch.  
Padre Mariano João de Jesus Franco.  
Antonio da Costa Machado.  
Vicente Pereira Dias.  
José Antonio Lyra.  
Antonio Fernando Pereira Portugal.  
A. F. Brandão.  
Barão de Cayrá.  
Bibliotheca Fluminense.  
Bento Raphael de Sousa Leão.  
Conselheiro Luiz Pedreira do Couto Ferraz.

Visconde de Sapucahy.  
Visconde de Maranguape.  
Marechal Francisco de Paula Vasconcellos.  
Dr. F. Octaviano d'Almeida Rosa.  
Gabinete Portuguez de Leitura.  
Conselheiro José Maria da Silva Paranhos.  
Marquez de Paraná.  
Dr. José Carlos d'Almeida Arêas.  
Dr. José Pereira Rego.  
José Joaquim Maia.  
João Maria da Costa Velho.  
João José de Sousa Silva Rios.  
Dr. J. F. Sigaud.  
Conselheiro Josino do Nascimento e Silva.  
José Firmo Vellez.  
Conselheiro José Thomaz Nabuco d'Araujo.  
Dr. José Ribeiro de Sousa Fontes.  
Dezembargador Luiz Fortunato de Brito.  
Lino José de Sousa.  
Lucas Antonio d'Oliveira.  
Matheus Alves de Andrade.  
Dr. Manoel do Valladão Pimentel.  
Marcellino da Costa e Sá.  
Dr. F. de Paula Menezes.  
Manoel José dos Reis Motta.  
Manoel José Pereira dos Santos Motta.  
Padre Manoel da Silva Lopes.  
Pereira Pinto.  
Querino Antonio Vieira.  
Dr. Thomaz Gomes dos Santos.  
Thomaz Alves.  
Joaquim Antonio Alves Ribeiro.  
João José Duarte.  
Fernando Halfeld.  
Miguel da Rocha Freitas Travassos.